



LUCY
CLARKE

NA JANELA
ESTÁ UMA PALAVRA.

CASA

OLHO COM MAIS ATENÇÃO.
NÃO É UMA PALAVRA.
É UMA FRASE.

ESTOU NA TUA CASA

THRILLER



Ficha Técnica

Título original: You Let Me In

Autor: Lucy Clarke

Tradução: Luís Filipe Silva

Revisão: Isabel Garcia

ISBN: 9789897801167

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Lucy Clarke, 2018

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Lucy Clarke

ESTOU NA TUA CASA

Tradução
Luís Filipe Silva

Para os meus pais, Jane e Tony.

Prólogo

Quero dar-vos um conselho. É irrisório. Não se aplicará a todos vós – mas é importante.

Ele mudou a minha vida.

Trata-se do seguinte: se estão a ponderar abrir a porta a outra pessoa, parem. Pensem.

Pensem no que significa entregar as chaves da vossa casa a um estranho – ou a mais do que um.

Pensem que ele irá espreitar a vossa casa; enfiar as mãos nas gavetas; passar os dedos pelo conteúdo do guarda-roupa; abrir o armário da casa de banho e examiná-lo.

Pensem no que contemplará aquele olhar; as vossas fotografias, e as dos vossos familiares, penduradas nas paredes; o calendário na cozinha que contém os vossos planos; a pasta guardada no fundo do baú.

Pensem nele deitado na vossa cama; no colchão que se molda ao corpo quente; largando pequenas células de pele nos lençóis; respirando na vossa almofada.

O que deixará para trás, esse estranho?

E o que descobrirá a vosso respeito?

Elle

*Num romance, os acontecimentos do primeiro capítulo
devem formar uma seta que aponta para o capítulo final.*

Elle Fielding (autora)

Quando entro na curva do acesso à minha casa, abrando a velocidade e sinto o carro ressaltar nos sulcos e nas valas, projetando cascalho com os pneus.

O trilho começa a subir. Endireito as costas e espreito por cima das sebes para ver o mar. Na luz esbatida do crepúsculo, descubro ondas de espuma branca a mergulhar na água, quando o mar é incitado pelo vento. A minha respiração acalma-se de imediato.

Desligo o rádio, para evitar que a voz do locutor estrague o momento seguinte. Um momento muito esperado durante a longa viagem de carro entre Londres e a Cornualha.

Ao curvar, ei-la: a casa no cimo da falésia, construída no final do trilho como uma promessa.

Estaciono em frente, desligo o carro e fico ali parada, com o motor ainda a soltar estalidos.

É aqui que eu vivo; este pensamento ainda me deixa completamente perplexa.

Na primeira conversa com o arquiteto, nem sequer fazia ideia do que queria, além do número de divisões e de ter um espaço para escrever. Mas ao longo dos meses, as ideias desgarradas uniram-se numa visão, que agora se manifesta diante de mim, com três pisos e vista para a baía castigada pelas ondas.

A casa foi pintada de um tom cinzento-pomba, e tem janelas amplas com caixilhos de madeira natural. «Património contemporâneo do litoral», descrevera o arquiteto. Alegro-me que as tábuas do revestimento já comecem a perder o aspeto novo, e que as janelas tenham uma película de sal colada que é agradável à vista. Mesmo assim, o exterior ainda precisa de ser mais suave, talvez plantar uma glicínia para envolver a entrada – se sobreviver aos fortes ventos marítimos.

É a primeira casa a que posso chamar minha. Ou apartamento. Sempre vivi em espaços alugados, juntamente com a mana e a nossa mãe. Palavras como *casa* e *hipoteca* aplicavam-se aos outros, não a nós.

Saio do carro, a porta abre-se por completo, o vento marítimo levanta-me o vestido e depois cola-mo às pernas.

Atravesso o acesso, pisando o cascalho, com a mala a arrastar pelos degraus de laje, e reviro as entranhas da bolsa à procura das chaves. Sou uma dessas pessoas que traz sempre coisas a mais – carteira, telefone, canetas, um romance, um caderno para apontamentos.

O caderno anda sempre comigo.

Enfio a chave da porta na fechadura, mas hesito.

Regressar a casa quando esta albergou pessoas estranhas é algo perturbante. Passei as duas semanas em França consternada com a decisão de ter colocado o meu espaço no Airbnb, e inclusive, por duas vezes, subi ao terraço do telhado da quinta à procura de rede de telemóvel. Felizmente, não recebera pedidos de ajuda, nem da parte dessas pessoas nem da minha irmã.

Ali parada, diante da porta, assola-me a sensação enervante de que a vou abrir e encontrar a casa ainda ocupada pela família que a alugou. A mãe – uma mulher atraente com um penteado aparentemente caro, de acordo com o seu perfil no Airbnb – estará ao lavatório, com a água molhando as mãos brancas que seguram um jarro medidor de plástico. Imagino, atrás dela, um

bebé sentado numa cadeirinha de refeição, a enfiar um morango na boca com os dedos rechonchudos. Ao balcão da cozinha, o pai cortará as torradas para ficarem com a figura de soldadinhos, que depois alinha num dos meus pratos de faiança e leva para uma menina de três ou quatro anos, a qual estica o dedo para contar criteriosamente todos os pedaços.

Haverá música no ar. Risos e conversas. Os passos dos pais, que se desviam de um carrinho de brinquedo esquecido no chão. Toda aquela energia, ruído e movimento gerados por uma família a latejarem na minha casa.

Sinto um aperto no coração: devia ser a minha família.

Quando abro a porta de entrada, fico imediatamente ciente do novo odor. Um cheiro a terra e humidade, misturado com o resíduo dos cozinhados alheios.

O vento fecha a porta com um estrondo nas minhas costas, assustando-me.

Depois, o silêncio.

Ninguém a quem me anunciar. Ninguém que me receba.

Pouso a mala no banco antigo de carvalho, ao lado do monte de correio que alguém empilhou de forma ordeira. Olho de relance para a conta no cimo, e desvio a vista. Retiro os sapatos e entro descalça na cozinha.

O mar e o céu preenchem as janelas. A luz é incrível, mesmo no crepúsculo. Duas gaivotas rodopiam despreocupadas no vento e, em baixo, o mar está agitado. Foi o que me fez apaixonar pela casa – na altura, uma cabana de pescador degradada que não tivera obras desde os anos sessenta.

Li algures que a beleza de uma paisagem marítima está na sua natureza sempre mutável e que difere de dia para dia. Parecia uma afirmação pretensiosa – mas, afinal, é mesmo verdade.

Afastando-me do cenário marítimo, perscruto a cozinha. A comprida superfície de granito encontra-se limpa e vazia. Há uma nota enfiada debaixo de um canto de um vaso de terracota com manjerição. Reconheço a letra da minha irmã:

Bom regresso a casa! O Airbnb correu bem em todos os aspetos. Vem tomar um copo de vinho connosco quando estiveres despachada. Fiona.

Tinha saudades dela. E de Drake. Passarei por casa deles amanhã, e talvez sugira um passeio pela praia ou almoçar num local que tenha um espaço infantil para Drake poder brincar à vontade.

Mas, agora, mal tenho energias para tomar um banho demorado com o meu livro.

Retiro um copo do armário, mas quando o aproximo da torneira, um movimento junto aos meus dedos faz-me largá-lo. Desfaz-se em pedaços no lava-louça. Uma aranha com patas grossas foge por entre os estilhaços e esconde-se no ralo.

Arrepio-me toda. Não suporto a forma como as aranhas se deslocam – o bambolear das patas articuladas. Suspirando, resigno-me ao trabalho de expulsar o inseto de casa. Capturo-o, usando outro copo, e dirijo-me para a porta.

Os degraus de laje, que piso descalça, estão um perfeito gelo. Retraída, atravesso o cascalho até ao fundo remoto do acesso. Esta sacaninha não voltará a entrar. Pouso o copo no chão e faço-o tombar com o dedo do pé, antes de saltar para trás. A aranha permanece quieta durante alguns momentos, mas depois agita as patas pretas e desaparece, veloz.

Viro-me para casa, a tempo de ver a porta de entrada fechar-se com um estrondo, levada pela ventania.

– Não! – Corro pelo acesso, agarro no puxador, que torço sem resultado. Dou palmadas na porta; fico furiosa comigo mesma.

A minha mala está em cima do banco da entrada, contendo as chaves e o telemóvel. E o casaco, pendurado no suporte. *Idiota!*

Fiona tem uma chave extra, mas a casa dela fica a meia hora a pé. Não consigo lá chegar descalça e sem casaco em pleno novembro – morreria de frio pelo caminho.

Espreito por cima do ombro para o bangaló que se esconde atrás da minha casa. É a única outra propriedade no cimo da falésia, e pertence a Frank e Enid, um casal reformado que ali vive há trinta anos.

Recordo a primeira vez em que me aproximei da porta deles, de mão dada com Flynn, cheia de antecipação e entusiasmo pelo facto de sermos donos de uma moradia, e estarmos prestes a conhecer os *vizinhos*. Uma situação impossivelmente adulta, como se fôssemos atores numa peça. Frank tinha maneiras bruscas e mirou-nos pelo canto do olho, como se tentasse medir-

nos de cima a baixo. Enid desculpou-se pelo facto de o chá estar demasiado forte e pela louça do pequeno-almoço ainda por lavar. Mas Flynn tinha uma postura naturalmente afável e descontraída, e no final da visita já éramos amigos.

Agora as visitas tinham acabado. Há meses que não entro na casa deles. Se nos cruzamos no acesso em que só passa um carro, Frank força-me a fazer marcha atrás, e se me vê despejar o lixo, faz questão de desviar a vista.

Desconsolada, atravesso a estrada, tentando pensar como é que vou pedir ajuda.

O cabelo fustiga-me a cara e apanho-o com a mão. Ia tocar à campainha quando a porta se abre e surge um homem, vestindo um blusão de cabedal preto.

Para abruptamente, fixando o olhar no meu.

– Oh! Olá – digo, apanhada de surpresa. – Sou a Elle. Vivo na casa ao lado.

O olhar dele, sob uma cortina de cabelo grosso e negro, desliza para a minha casa. A sua postura muda, fica mais tensa. Aparenta ter menos alguns anos do que eu – talvez esteja a entrar nos trintas –, já com os primeiros vincos de expressão em volta dos olhos, barba rala no maxilar.

– A escritora. – O tom de voz fá-lo parecer um insulto.

– Sim, sou eu. É o filho da Enid e do Frank?

– Mark.

Exatamente. Eles haviam mencionado o filho no passado – quando ainda falávamos. Creio que Enid terá dito que ele saiu da Cornualha por causa do trabalho, mas não me lembro dos pormenores.

– Mark, o problema é este. Encontrei uma aranha... estava a expulsá-la de casa, quando o vento me apanhou desprevenida e a porta se fechou nas minhas costas. Estupidamente, deixei as chaves e o telemóvel no interior.

O olhar dele varre o meu corpo, de cima a baixo, o vestido de verão, as pernas bronzeadas, parando nos pés descalços, que uni, as unhas pintadas com um tom pérola brilhante. Apetece-me explicar, *Não tenho por hábito vestir-me assim em novembro. Acabo de chegar do aeroporto. E...*

– Sapatos.

Pestanejo.

– Os sapatos também ficaram em casa?

– Oh! Sim. Ficaram. – Aperto os braços em volta do peito. – Importa-se que use o seu telefone para chamar a minha irmã? Ela tem outra chave.

Ele aguarda um segundo, depois desvia-se e segura a porta aberta. Passo por ele e entro no *hall* apertado.

O cheiro a cebola frita paira no ar, misturado com algo acre. *Marijuana*, percebo, assolada de repente por lembranças acolhedoras.

– A Enid ou o Frank estão em casa?

– Não. – Mark fecha a porta com um som pesado e posiciona-se de costas para ela.

Fico alerta. Preciso sempre de saber onde fica a saída, como é que fujo de um determinado espaço – hábito que adquiri nos tempos da universidade e do qual não consigo livrar-me. O meu olhar viaja para a fechadura. É do tipo Yale. Não vejo a chave no lado de dentro.

– Veio passar alguns dias aqui? Vive na cidade, correto? – pergunto, um tom amigável ocultando o primeiro despertar do medo. – O que faz na vida? A sua mãe disse-me que tinha a ver com informática, ou se calhar estou a imaginar.

– Porque é que havia de imaginar?

Remexo-me, incomodada com o olhar dele. Tenho trinta e três anos. Não preciso que ele goste de mim. Só quero usar o telefone.

Encontro o telefone fixo numa mesinha apropriada, à moda antiga, debaixo de um espelho com moldura de bronze.

– Importa-se?

– Não funciona.

– Tem telemóvel?

Ele hesita antes de levar a mão ao bolso e retirar o aparelho. Escreve a palavra-passe e estende-mo. Noto um estranho instante de resistência nele – meio segundo, não mais – antes de o passar para a minha mão.

Aflita, procuro lembrar-me do número de Fiona. Não quero olhar para cima, embora esteja certa de que Mark me observa com atenção. Sinto o rubor acumular-se nas faces.

– Não me lembro do número dela. Costumava saber de cor os números de toda a gente mas agora estão gravados nos telemóveis, não é?

Ele não se pronuncia.

Pigarreio. Começo a marcar um número, e automaticamente, pelo ritmo, o resto surge-me na memória. Aliviada, encosto o aparelho ao ouvido e ouço o toque. Silenciosamente, rezo para que Fiona atenda.

O cabedal do blusão de Mark range quando ele se encosta à porta e confere o relógio de pulso.

– Sim? – diz Fiona num murmúrio. Drake deve estar a dormir.

– Oh, graças a Deus! Atendeste! Estou a ligar do telefone de outra pessoa. Ouve, fiquei fechada fora de casa. Diz-me que ainda tens um duplicado da minha chave? E que estás em casa?

– Estou em casa e tenho a chave.

– Podias vir ter comigo? Ou vou ao teu encontro de táxi se o Drake estiver na cama?

– O Bill está em casa. Posso ir. Assim livro-me de dar banho ao puto.

– Perfeito, muito obrigada.

– De quem é este telefone?

– Depois explico.

Imagino a expressão de Fiona ao contar a Bill que tem de ir salvar a irmã. Novamente. Ficar fechada fora de casa não é o tipo de situação que lhe aconteça. Teria precavido a eventualidade, escondendo uma chave extra meticulosamente num lugar qualquer, ou espalhado cópias pelos vizinhos.

Devolvo o telefone a Mark.

– A minha irmã vem a caminho. Demora uns dez minutos.

Seguem-se vários instantes de silêncio. Mark diz:

– Vou chegar atrasado.

– Quer... quer que eu espere lá fora?

Não responde, mas abre a porta da despensa situada debaixo das escadas e perde algum tempo a vasculhá-la. Vira-se para mim com um blusão púrpura de mulher.

Depois, abre a porta. Não pergunta sequer se preciso de sapatos. Saio para o cimento gelado, notando que o crepúsculo se tornou noite.

Enfio os braços nas mangas, e um aroma a alfazema e a mofo enche-me as narinas.

– Depois devolvo-lhe o blusão, obrigada.

Ele encolhe os ombros, passando por mim, e fecha a porta atrás de si.

Uma mota preta aguarda ao fundo da propriedade. Quase me rio. Claro que ele só podia conduzir uma mota! Vejo-o colocar o capacete, sentar-se e

ligar o motor.

Atravesso o acesso, aliviada porque a luz de segurança se acendeu. Encavalito-me nos degraus da entrada, e as lajes enregelam-me as nádegas.

– Despacha-te – murmuro para mim mesma, imaginando a minha irmã compenetrada ao volante, cumprindo escrupulosamente os limites de velocidade.

Aperto o blusão contra mim, cabeça encolhida nos ombros.

Sinto a presença da casa nas minhas costas, imponente, vazia. Pergunto-me se aquilo é um castigo por a ter abandonado – como um cão que, largado no canil, ignora os donos quando estes regressam.

A luz de segurança apaga-se e fico a tremer no escuro.

Anteriormente

O acesso, em que só passa um carro, separa as altas sebes e ascende até ao cimo da falésia.

– Fica mesmo no fim da estrada – informo o taxista.

O piso está cheio de cascalho branco e cinzento, sem dúvida escolhido para combinar com a pintura exterior e os acabamentos de madeira natural.

A casa aguarda, imponente, no cimo da falésia, apoiada em vigas de aço perfuradas na rocha; é como se a parte virada para o mar estivesse suspensa sobre o abismo. É estranho o contraste entre o aspeto acolhedor da moradia e a escarpa funesta do rochedo em baixo. Um feito arquitetural deveras impressionante.

– Que bela casa que você tem – diz o motorista, parando o táxi.

– Realmente é – respondo com um sorriso privado.

Pago ao homem, dando-lhe uma gorjeta mais generosa do que o necessário.

Transporto o saco até à porta, pouso-o nos degraus de laje. Espero até o táxi dar a volta e desaparecer pelo acesso. Depois, dirijo-me ao perímetro da propriedade onde, conforme descrito no e-mail, encontro os caixotes de lixo com rodinhas, delimitados por uma área discreta com vedação.

Afasto o caixote de reciclagem, que tilinta, cheio de garrafas. Debaixo dele, encontro uma pedra grande. Levanto-a com cuidado, qual criança

que vira as pedras para vislumbrar joaninhas ou outros insetos.

Ei-la: a chave da casa.

Volto a colocar o caixote no lugar, e atravesso o acesso até à entrada. Apalpo a madeira sólida da porta, pintada num tom verde-acinzentado como o do mar, com a ponta dos dedos. Paro por um instante, ciente da magnitude deste momento que se abre perante mim e faz disparar o meu coração.

Espreito uma vez por cima do ombro, para garantir que ninguém me vê. Respiro fundo e enfio a chave na fechadura.

Elle

– Graças a Deus que estavas em casa – disse eu, voltando a encher de vinho o copo de Fiona e afundando-me no sofá.

– E se não estivesse?

– O Flynn é quem tem a outra cópia da chave.

– Ele ainda tem as chaves da casa?

Encolho os ombros.

– Seria rude pedir-lhe para as devolver.

Fiona não faz comentários. Nem precisa. As sobrancelhas – escuras e angulares – manifestam-se por ela.

– O Drake reagiu bem aos pais do Bill? – pergunto. – Tenho saudades dele. E se ele passar comigo o fim de semana? Trouxe-lhe uma prendinha da minha viagem.

– Ele precisa é de receber menos prendas. Os pais do Bill deixaram-no ver desenhos animados duas horas por dia... e levavam-no a comer gelado todas as tardes. Até me espanta que não lhes pedisse para ser formalmente adotado.

– Mas tiveste muitas saudades dele.

– Deves estar a brincar... Dormia a sesta. Não tive de preparar comida para ninguém. Despachei mais trabalho do que conseguia há meses. Já lhes perguntei se queriam repetir esta visita todos os anos.

– A sério? – pergunto, arqueando as sobrancelhas. Drake fez dois anos recentemente e foi a primeira vez que dormiu fora de casa. Bill passara meses a negociar, com todos os cuidados, uma visita aos pais em Norfolk.

– Então, e tu? França, como foi?

– Oh, tudo bem. – Tinha sido convidada como oradora para um retiro de escritores. Ponderara se devia ir, ansiosa com a aproximação do prazo do livro, mas o retiro era tão bem pago que teria sido um erro recusar. – Enfiaram-nos numa fabulosa quinta antiga no meio do campo. Com uma piscina encantadora. Todas as manhãs dava umas braçadas.

– Se voltaste mais magra do que quando partiste, é porque não comeste queijo suficiente.

– Comia queijo ao pequeno-almoço.

– Assim é que é – diz ela, dando um gole no vinho. – Como eram os convidados?

– Interessantes, inteligentes e loucos por livros. Um ou dois, um tudonada intensos demais. Levavam o número de palavras muito a sério. Deitavam-se às dez da noite. – Fiz uma pausa. – Haverias de gostar deles.

Fiona ri-se – um riso que sempre adorei, expansivo e sem reservas.

– Sim, mas algum deles levava os apontamentos das aulas para o duche?

Ao estudar para os exames nacionais, ela guardava os textos dentro de uma capa plástica para poder continuar a ler enquanto tomava duche. Entre nós, era Fiona quem tinha a capacidade de concentração e a ambição.

– Que eu visse, não.

– E então... – Fiona faz uma pausa dramática – ... a obra em curso?

Olho de relance para a janela, cuja vidraça escura refletia o candeeiro. Bastava-me pensar no meu segundo romance para sentir um aperto no estômago.

– Continua perdido no deserto.

– E o prazo, vais cumpri-lo?

Encolho os ombros.

– É daqui a seis semanas.

Fiona perscruta-me com cautela.

– E se não conseguires?

– Perco o contrato de edição.

E depois perco esta casa, penso, sentindo o pânico a esvoaçar contra o meu peito. Não posso permitir que isso aconteça.

Fiona tem noção da energia que investi nesta casa, do demorado processo dos conceitos arquiteturais e do planeamento das obras, dos meses e meses com os construtores a percorrer os andaimes, montando enormes painéis de vidro, furando o rochedo para encaixar as vigas de ferro, as horas que perdi a examinar os soalhos e as combinações de tintas e os acessórios da casa de banho.

Era tão contrário à minha natureza – de quem atravessou o período entre os vinte e os trinta anos com pouco mais pertences do que aqueles que cabiam numa mochila. Mas eu queria aquela casa, mais do que tudo na vida. Fiona estava na Cornualha. *Uma casa com vista para o mar* sempre tinha sido o sonho da nossa mãe. Significava criar raízes, estabilizar.

Um dia, estando as obras a meio, ao voltar para o nosso apartamento alugado em Bristol, Flynn fizera o seguinte comentário, sem se virar para mim, atento às labaredas da lareira:

– Às vezes pergunto-me se não estás a despender demasiadas energias com aquela casa.

Aquela casa. Nunca a nossa casa.

Oxalá tivesse reparado neste pormenor, então.

Respondera:

– Quero que fique perfeita para nunca termos de nos mudar.

*

– Obrigada por cuidares das coisas na minha ausência – disse para Fiona. – A casa está imaculada.

– Espantada?

– Muito.

– Na verdade, nem tive de fazer nada. Ficou limpíssima.

– A sério? Andava tão preocupada. Era estranho saber que havia alguém a viver na minha casa que não fosse *eu*.

– Eu já desconfiava.

A bem dizer, a sugestão partira de Bill.

– Sabes, se estás apertada de dinheiro – começara ele numa vez em que fazíamos um churrasco junto à baía –, devias considerar pôr a casa a alugar pelo Airbnb durante o verão.

– Lembras-te da minha amiga Kirsty da faculdade? – perguntara Fiona.

Devo ter feito uma expressão vazia.

– A professora de inglês. A que estava a ter sexo com o reitor no gabinete dele, quando um pai entrou.

– *Essa Kirsty!*

– Tem uma casa de quatro assoalhadas em Twickenham. Viaja durante as férias letivas e aluga-a nesta altura, cobrando duas mil libras por semana.

– Duas mil? – agachara-me para examinar a concha que Drake me tinha trazido. – É muito bonita, meu querido – disse, beijando a delicada curva da testa do miúdo, depois prendendo a concha nos dedos. Ele afastou-se aos saltinhos em busca de mais.

– Hoje em dia é bastante comum – dissera Bill. – É dinheiro fácil.

– Sim, mas estamos a falar da Elle – Fiona lançara-me um olhar. – Ela demorou três dias a escolher os puxadores das portas.

– Ninguém me está a obrigar – respondera eu, com um sorriso.

– Bem, mas não lhe enfies ideias na cabeça, Bill. Sabes bem quem é que fica com o trabalho quando ela partir noutra digressão para promover o livro e uma editora pornográfica decidir usar a casa para gravar...

– Não digas essas coisas! – ri-me.

– Nesse caso, contrata quem a limpe – disse Bill.

– A Kirsty arruma as coisas valiosas no escritório e tranca a porta. É fácil – Fiona retirou um pedaço de menta do copo de Pimm's e desfê-la entre os dentes. – Estás a ver aquela casa em que o Bill e eu ficámos quando quisemos conhecer Pembrokeshire? Encontrámo-la pelo Airbnb. Deixaram tudo à mostra. O guarda-fato estava cheio com a roupa da dona. Deve ter sido dançarina de salão.

– Diz-me que experimentaste um vestido com lantejoulas.

– Eram mais do tamanho do Bill.

– Adoro usar *lycra* – disse ele, dando palmadinhas no estômago. – Agora a sério, podes cobrar uma fortuna por aquela casa. Devias pensar nisso.

E pensei. Pensei quando recebi a última fatura dos construtores e escrevi os números na calculadora com os dedos trémulos. Fiona e Bill não sabiam – e ainda não sabem – que tive de contrair um segundo empréstimo para pagar as obras.

Logo, este primeiro aluguer pelo Airbnb foi uma experiência, uma tentativa. A intenção é voltar a alugar a casa durante o verão quando for de férias. As minhas duas melhores amigas vivem no outro lado do mundo;

Nadia mudou-se para o Dubai para ensinar inglês e a Sadie vive numa quinta na Tasmânia com a família do marido.

Virei-me para Fiona e perguntei:

– Como era a família que a alugou?

– Normal – disse ela, pousando o copo de vinho na mesa da sala.

– Tinham bom ar?

– Só os vi uma vez.

Detetei uma tensão na voz dela que me levou a perguntar:

– Correu tudo bem?

– Sim, perfeitamente. Não partiram nada. Transferi a caução de volta. Deixaram ficar algumas coisas – ao ver Fiona levantar-se do sofá, reparo que perdeu peso. Sempre fomos magras, mas agora tem um aspeto angular na linha dos ombros, com o esterno mais pronunciado no decote da *t-shirt*.

Fiona aproxima-se do aparador e pega num boião de creme para as assaduras de fralda, bem como numa girafa de plástico muito roída.

– Só encontrei isto – diz ela, apertando a girafa até esta guinchar.

Sinto uma tristeza inesperada encher-me o peito.

– Lavei as roupas da cama... com água a ferver – acrescenta com um piscar de olhos – e trouxe de volta a cadeira de refeição do Drake.

– É verdade, obrigada pelo empréstimo.

– Fui deixá-la antes de eles virem, e ia tendo um ataque de coração porque encontrei o alarme ligado. Tinhas-me avisado e eu esqueci-me.

– Conseguiste desligá-lo?

– À sexta tentativa. Fiquei com os tímpanos a doer. Pronto – diz Fiona, atravessando a sala em direção à porta –, tenho de ir. Disse ao Bill que só me demoraria meia hora.

– Desculpa ter-te empatado.

– Não faz mal, ele tem a companhia da televisão. Quando é assim, estou a mais.

Levanto-me para dar um beijo à minha irmã. As nossas maçãs do rosto embatem uma na outra.

Tranco a porta depois de ela sair, volto à cozinha e acendo todas as luzes, bem como a telefonia.

Tiro o caderno da mala e coloco-o ao lado de um lápis. Recuo um passo, mirando o enquadramento através da câmara do telemóvel. Disparo a fotografia e publico-a no Facebook com a legenda:

Depois de quinze dias a dar aulas de escrita num retiro para autores, voltei para casa e estou com MUITA vontade de trabalhar no meu romance. Em casa neste instante #estouaescrever #vidadeautora

Depois, guardo os adereços.

Abro o frigorífico e inspeciono o conteúdo, rezando para que Fiona tivesse deixado uma embalagem de leite e umas fatias de pão – mas está vazio.

Demasiado cansada para pensar em conduzir, reviro a dispensa até encontrar um saco de quinoa pré-cozinhada e misturo-lhe pasta de sésamo e sumo de limão. Como de pé, enquanto espreito as cartas por abrir.

Vejo as contas, tentando ignorar as palavras ÚLTIMO AVISO estampadas no extrato da eletricidade. Seguem-se dois embrulhos do meu agente literário contendo provas de livros de outros autores a solicitarem um comentário elogioso. O resto do correio inclui peditórios para caridade, duas cartas de fãs encaminhadas pelo meu editor, e o convite para a festa de anos de uma amiga. Quase no fundo da pilha as minhas mãos encontram um envelope creme e grosso com um logótipo dourado. Remetido pelo advogado de Flynn.

Em França recordei a primeira viagem que tínhamos feito juntos, aos vinte e cinco anos, quando apanhámos o barco para Bilbau e depois conduzimos para norte em direção a Hossegor no *Seat Ibiza* desconjuntado de Flynn com uma prancha de *surf* atada ao tejadilho e uma tenda na bagageira. Tínhamos acampado à sombra de pinheiros grandes e alimentávamo-nos de massa chinesa e baguetes acabadas de fazer. Bebíamos cerveja barata e vinho que se vendia em embalagens de cartão, passávamos os finais de tarde a jogar às cartas com lanternas de campismo na cabeça ou deitados na tenda, a entrada aberta, com sal e protetor solar a brilhar nos nossos membros entrelaçados.

Durante essa viagem, Flynn indicara todos os lugares que queria visitar – e eu dissera que sim a tudo, sabendo que preferia estar em qualquer lado menos em casa. Quando estava com ele, o resto da minha vida acontecera a

uma outra pessoa, felizmente abandonada no *campus* da cidade universitária a que não regressaria.

Raspo os restos da quinoa para o lixo, pego na mala de viagem e subo as escadas. Acendo a luz do quarto e paro à entrada, fitando a cama.

Fiona tinha obviamente deixado o trabalho a meio. As almofadas não foram afofadas, a manta devia cobrir a cama totalmente e não apenas os pés. Estes pequenos detalhes lembram-me de que não fui a última pessoa a dormir nesta casa – mas sim outra mulher com o seu marido.

Pouso a mala, depois percorro o quarto, examinando as superfícies limpas. Deslizo a porta do armário; as minhas roupas continuam a ocupar um dos lados, tal como as deixara, libertando o resto do espaço para os fatos do casal. Aproximo-me da mesinha de cabeceira e abro a gaveta. Vazia, tal como a deixara – oh, com exceção de uma pequena embalagem de cera de cabelo masculina, enfiada ao fundo. Rodo a tampa e, vendo que está praticamente gasta, deito-a no caixote do lixo.

Pego no meu estojo e desloco-me para o espelho de pé ao fundo da cama. Despejo desmaquilhante num algodão e deslizo-o gentilmente pelo rosto. Apanhara um pouco de sol em França, e como resultado fiquei com o cabelo um pouco mais claro, adquirindo um tom caramelo.

É quando me inclino que noto: dedadas. Maiores do que as minhas. Olho de perto: alguém espalmou a mão no vidro e sujou-o com a marca de pele alheia.

Perante o reflexo do quarto atrás de mim, sou assolada por uma sensação incómoda. Alguém esteve naquele quarto. Na minha casa. A arrendatária – Joanna – ter-se-á colocado neste preciso lugar, vendo a imagem refletida no espelho. É como se o olhar da pessoa estranha ainda me espreitasse.

Dou um passo atrás e uma dor forte invade-me o calcanhar.

Levanto o pé, apoiando-me na parede. Vejo uma ferida profunda no centro exato do calcanhar, uma gota de sangue surgindo à superfície. Mas o que foi que eu pisei? Agacho-me, passando as mãos pela carpete até sentir algo raspar.

Um pedaço de vidro, afiado como uma faca, está enterrado na carpete grossa. Agarro-o entre os dedos e puxo com cautela. O candeeiro do teto ilumina um bonito pingente azul, vagamente familiar na forma como reluz.

Terão partido alguma coisa minha? Não me ocorre nenhum objeto no quarto de onde pudesse vir aquele fragmento. Mantenho a superfície da

mesinha de cabeceira sempre desimpedida, com exceção do candeeiro de tripé e do jarro de flores. Os meus perfumes foram guardados juntamente com outros objetos perecíveis e valiosos, e trancados à chave no escritório onde costumo escrever. Perturba-me não ser capaz de identificar este pedaço de vidro letal.

Envolvo-o num lenço de papel e deito-o no caixote de lixo, notando que a carpete creme ficou manchada com o tom vermelho do meu sangue.

Anteriormente

Carvalho, jasmim e um pouco de citrino – o aroma que me acolhe à entrada. O ar tem uma qualidade limpa e fresca diferente da minha casa: é seco, sem os cheiros da cozinha nem a humidade deixada pela roupa a secar no radiador.

Não consigo evitar.

– Ó de casa?

Obviamente, não recebo resposta. Sorrio. O silêncio é belo, amansado pelo rumor distante do mar.

O meu saco preto é incongruente no sólido chão de carvalho. Descalço os sapatos e largo-os sem os arrumar. Os teus, reparo, estão dispostos com todos os preceitos debaixo do banco antigo de carvalho.

Atravesso o corredor, que conduz diretamente para a cozinha espaçosa. As paredes foram pintadas num tom branco acolhedor; creio que a tinta contém partículas difusoras de luz para criar a sensação de que as paredes enchem a divisão de ar. As cores que quebram o branco – tons pastel e amarelados – advêm dos armários de madeira pintada, dos quadros escolhidos com gosto, dos vasos devidamente espaçados.

O estilo é gracioso, apaziguador. É como se a paleta de cores fosse baseada nas pedrinhas descoloridas pelo mar. As linhas modernas e elegantes das gavetas sem puxadores e uma superfície de granito trabalhado foram combinadas com uma mesa rural antiga, cuja madeira

cheia de nós apresenta o ar gasto da idade. Um banco comprido encosta-se à parede, coberto de almofadas de linho. É uma mesa concebida para uma família ou para jantares. Não para uma só pessoa.

Sorrio ao notar que a cadeira de refeição do bebé, tal como pedi, se encontra ao fundo da mesa – embora não vá ter uso, obviamente. Sobre o balcão da cozinha encontro um ramalhete de flores silvestres num boião de mel, atado com um cordel castanho. Encostado a ele está um postal escrito à mão, destinado a Joanna e sua família.

Um toque atencioso.

Pego no postal, percorrendo a escrita elegante com o dedo, mas não o abro.

Voltando a pousá-lo, passo por um aparador pintado num azul ovo de pato, onde se encontram canecas de barro penduradas em ganchos metálicos. Há tachos arrumados com preceito por entre frascos com nozes, leguminosas secas e atraentes espirais e fitas de massa. Abro a gaveta deslizante do aparador e, ao enfiar a mão, tenho a imediata sensação de que alguém a fechará com força nos meus dedos, qual criança apanhada a bisbilhotar.

É quase uma transgressão. E contudo, no bolso, está a presença pequena mas sólida da chave da porta de entrada apertada contra a minha perna.

Isto não é transgressão nenhuma, lembro-me. Abriste-me a porta.

Elle

*Se vais atirar uma bomba-relógio para dentro da história,
acende o rastilho no início e começa a contagem decrescente.*

Elle Fielding (autora)

São três da manhã, está escuro que nem breu e continuo acordada. O golpe no calcanhar lateja; é de onde a minha pulsação parece originar-se.

Ao longo dos anos tenho tentado um manancial de sugestões e truques para aliviar a tormenta das insónias: banhar-me com essências de alfazema; ouvir um audiolivro; fechar completamente as persianas; uma bebida láctea e morna antes de me deitar; a treta da *app* de meditação que nunca mais funcionou; não perder tempo em frente ao ecrã; não comer açúcares depois do jantar; soporíferos; remédios homeopáticos; acupuntura. Tudo. Tentei de tudo.

O que as pessoas não compreendem é que o problema não passa por *adormecer* mas por *ficar* a dormir.

Se ao menos a minha mente tivesse um interruptor, uma forma de se desligar, ou um botão para baixar o volume; mas à medida que a noite avança, as preocupações agitam-se, alongam-se, acordam. Acontecimentos inócuos, inofensivos, assumem figuras distintas – projetam sombras que se alongam sem fim.

O *chef* com quem trabalhei quando servia às mesas num bar chamava-lhe «nervoso miudinho».

– Não confies nos teus pensamentos entre as duas e as cinco da manhã. É como falar com uma cópia de nós que está bêbada.

Recordar o conselho não me conforta esta noite. Inspiro e expiro devagar, acompanhando o ritmo da minha respiração.

Mas não deixo de senti-la: a ponta afiada daquele estilhaço de vidro que me cortou a pele.

Recosto-me no balcão da cozinha a apreciar o gorgolejar manso da máquina de café enquanto a água aquece. O que faria se não existisse café? Acabei por mergulhar num sono profundo e sem sonhos por volta das cinco horas, e agora sinto-me letárgica, deslocada.

Do lado de lá da janela um manto de nuvens brancas esconde o céu azul, que espreita mais acima, aos poucos. Um caiaque atravessa a baía, o remo subindo e descendo com uma fluidez agradável de contemplar.

Junto à margem, encontra-se um observador de pássaros solitário, com a gola levantada no pescoço, binóculos virados para a falésia. Admiro a imobilidade daquelas pessoas – é adorável aquele encanto imenso pela vida das aves, a ponto de dedicarem horas do dia para simplesmente as observarem.

Sigo a direção do olhar do observador de pássaros, à procura do alvo da sua atenção.

Ao acompanhar o ângulo dos binóculos, um arrepio angustiado percorre-me a espinha. Pois a figura não observa a falésia, mas um ponto mais acima.

A minha casa.

Uma memória acende-se como um fósforo, ilumina-me os pensamentos: os olhos negros, conhecedores, que me seguiram, como os de um falcão, com um foco preciso; o prazer da sua voz quando pronunciou o meu nome.

Apago a memória com um piscar de olhos, sem poder enxotar o arrepio que deixou neste instante.

Obviamente, não estará a observar a casa, digo a mim mesma. Os binóculos estarão apontados a um pássaro; as andorinhas-das-barreiras

fazem ninho nas proximidades, e em raras ocasiões é possível avistar um par de falcões peregrinos.

O cabelo da pessoa encontra-se tapado por um chapéu enterrado até às orelhas, mas algo na sua postura retesada, nos ombros estreitos, me faz pensar que é uma mulher.

A pessoa parece notar-me à janela, pois baixa os binóculos e, por um instante, cruzamos o olhar. Decorre um instante – meros segundos – em que nos entreolhamos. Depois, vira-se e afasta-se.

Puxando o telemóvel para junto de mim, vejo o nome da minha editora a piscar.

Traço um sorriso no rosto.

– Jane. Olá.

Trocamos palavras amáveis sobre o meu retiro de escrita e a visita de Jane à feira do livro de Frankfurt, e então ela suspira, assinalando a inevitável transição da conversa de circunstância para um tema profissional.

– Bem, só queria confirmar se vamos conseguir cumprir o prazo do próximo mês.

Sinto os ombros ficarem tensos. A entrega do livro está atrasada vários meses. Usei a renovação da casa e as dificuldades matrimoniais como desculpa – e, para ser justa, Jane mostrou-se bastante compreensiva, adiando por duas vezes o prazo. Mas a paciência dela começa a esgotar-se – e não posso censurá-la. Tínhamos marcado o dia dez de dezembro como a derradeira data e, se não entregar o novo romance, entrarei em incumprimento contratual.

Durante o retiro de escrita, arranjei tempo para pensar no romance que me encontro a escrever – ou, mais precisamente, que não me encontro a escrever. Há meses que hesito entre ideias, e com tantas falsas partidas perdi a confiança e o instinto. As ideias não são suficientemente imponentes, nem irão prender os leitores. Se não me encontro inspirada nem entusiasmada com uma história – por que motivo ficarão os leitores?

Síndrome do segundo romance, segundo a designação de David, outro tutor no retiro de escrita.

– Se tiveste um grande sucesso – comentara, enquanto untava *brie* morno do sol numa bolacha de água e sal – é como se todos aqueles generosos

elogios dos críticos e dos leitores formassem uma barreira diante de ti. A tua estreia foi um *best-seller* internacional, arrebatando tudo o que era prémio. Os leitores estão desesperados por ler o que se segue. Não é de espantar que, quando tentas escrever, as expectativas sejam maiores do que a página. Escreves sob a sombra de outro livro.

Sombra de outro livro, pensara mais tarde na frescura do meu quarto, a cabeça turva do vinho tinto, persianas abertas para poder ouvir o canto dos pássaros lá fora.

– Está a correr bem – respondo agora a Jane, sentindo a tensão das omoplatas deslizar pela espinha.

– Estamos cheios de vontade de o ler – diz Jane com fervor. – Importavas-te de enviar aquilo que já escreveste para eu poder ter uma ideia? Queria dar já alguns elementos para a capa ao nosso departamento gráfico.

Revejo mentalmente o caderno preto, o emaranhado de palavras agrupadas em parágrafos, frases riscadas, páginas inteiras anuladas com um risco corrido do lápis.

– Pensando bem, estou a meio de rever uma trama importante. Se não te importares, mantemos o dia dez de dezembro.

Jane aceita – que alternativa lhe resta? Falamos um pouco sobre a próxima entrevista que o assessor de imprensa tenta assegurar com a revista *Red*, em data a confirmar. Antes de Jane desligar, diz:

– Aguardo com expectativa a tua estreia no *Facebook Live*.

Espreito para o relógio. Falta menos de uma hora.

Antes de ter partido para França, Jane convenceu-me a realizar uma série de vídeos em direto, afirmando que seria uma boa forma de manter o contacto com os leitores e despertar o interesse antes da publicação.

Quando me mostrei indecisa sobre o que havia de dizer, ela respondeu com espanto genuíno.

– Elle, és uma jovem eloquente e cheia de confiança. Vai correr bem. Os leitores só querem conhecer-te melhor... de onde surgem as tuas ideias, como é o teu processo de escrita. Esse tipo de coisas. Uma conversa informal... Por exemplo, começa todas as semanas com uma dica de escrita, sabes, «aquilo que aprendi como autora». Depois responde às perguntas.

Não encontrei um bom motivo para recusar.

Agora ela diz-me:

– Temos estado a divulgar o evento nas várias redes sociais, pelo que esperamos um público de milhares de pessoas. Estamos a torcer por ti na editora.

Toda aquela gente a observar-me. A colocar-me perguntas. Em direto. Sem margem para erros. Sem poder emendar-me. Sem sítio para me esconder. Apenas eu – Elle Fielding, autora – no meu escritório.

Pouso o telefone, e percebo que comecei a suar.

Dou-me conta de que está mais fresco no andar de cima da casa, quando subo as escadas.

Mantive o escritório trancado durante o período do arrendamento; era uma forma de guardar os meus objetos valiosos – além de não me agradar a ideia de uma pessoa estranha sentada à minha secretária. Um pensamento bizarro, eu sei.

Retiro a chave do bolso e perco alguns instantes a debater-me com a fechadura, virando-a para um lado e para o outro, até sentir a tranca abrir-se. Empurro a porta e abro-a por completo.

O espaço encontra-se repleto de luz, as ondulações brilhantes do mar atravessam a janela envidraçada, banhando os tacos de madeira do soalho e as paredes brancas. Quando concebi esta divisão, imaginei um espaço no qual a minha imaginação viajasse para além de uma secretária, de um ecrã de computador, das paredes da casa – enfim, pudesse navegar rumo à infinita promessa do horizonte.

Mantive o ambiente propositadamente espartano e simples. As únicas peças de mobília são uma secretária de carvalho antiga, uma estante simples construída a partir de tábuas de andaimes recuperados, na qual repousam os meus romances preferidos e um queimador de óleos aromáticos feito de cerâmica. Um cadeirão no canto, ao fundo da parede, está virado para a vista, e, ao lado deste, um baú de carvalho com cadernos, fotografias e diários.

Atravesso o espaço, espantada por sentir o aroma salgado do mar. Pensei que a divisão ganharia um travo a mofo, ao fim de quinze dias fechada.

É então que reparo: a janelinha no recanto do vidro encontra-se aberta. O que me surpreende – verifico sempre duas vezes as portas e as janelas.

Deve ter-me escapado. Sei que ninguém terá entrado no quarto durante o Airbnb porque deixei a porta trancada e levei a única chave.

Afasto o pensamento quando me sento à secretária. Adoro-a. Encontrei-a no mercado de Kempton há quatro anos. Na época, Flynn e eu ocupávamos um apartamento alugado em Bristol, e eu começara a escrever o meu primeiro romance – roubando tempo aos intervalos do almoço, ou quando regressava de um turno. Mantive essa ambição secreta – só contei a Flynn – porque o sonho era demasiado recente e frágil para ser anunciado, como se um comentário fugaz o danificasse. Ao sairmos do mercado de Kempton, dissera a Flynn:

– Se conseguir vender o livro, a primeira coisa que vou comprar é uma secretária para escrever.

Sem o meu conhecimento, Flynn ligara ao vendedor e combinara a entrega da secretária antiga na garagem da mãe. Aos fins de semana quando a ia visitar, passava horas a restaurar a secretária, a livrá-la de térmitas, a lixar a superfície, salientando os entalhes das pernas decoradas, retirando as camadas de verniz que tinham sido aplicadas repetidamente ao longo dos anos. Mudara os puxadores, encerara as corrediças e tapara as fendas.

Um ano depois, quando terminei por fim o romance, imprimi seis cópias para enviar aos eventuais agentes literários. Foi quando Flynn me levou a mostrar a secretária.

– Queria esperar até assinares o teu primeiro contrato de edição – disse ele, ao entrarmos na garagem da mãe, com o pujante cheiro de aguarrás no ar – mas talvez este dia seja mais importante. Acabaste o livro, Elle. Seja este aquele que publicarás, ou o próximo, ou o seguinte... és uma escritora.

O cronómetro do telemóvel apita.

Falta um minuto.

O meu estômago revira-se de nervosismo. *Milhares de pessoas vão assistir ao vivo.*

Endireito-me no assento, estico as costas. Sei o que tenho de fazer. O que esperam de mim.

Recupero o meu foco, baixando a vista para o portátil. A minha própria cara devolve-me o olhar no ecrã através da câmara incorporada. Talvez seja

da inclinação ou da forma como a luz entra no quarto, mas por um instante não me reconheço.

Procuro o rato, pairando sobre o botão EMITIR EM DIRETO.

Pressiono-o.

O meu sorriso enche-me o rosto. Sinto-o na voz que diz:

– Bom dia a todos. Chamo-me Elle Fielding e estou em direto a partir do meu escritório na Cornualha. Muito obrigada por estarem aí. Para quem não me conhece, sou a autora de *Medo Selvagem*, um *thriller* psicológico lançado no ano passado.

»Ao longo das próximas semanas planeio falar do meu percurso de escrita, partilhando dicas sobre o que entretanto aprendi e respondendo às vossas perguntas.

»Pronto, creio que uma boa forma de começar possa ser com a dica de escrita de hoje. É algo muito simples que está à mão de todos: arranjem um caderno de apontamentos. Tem de estar sempre à mão. A nossa memória de curto prazo guarda informação durante três minutos, portanto, se não escrevermos as ideias, arriscamo-nos a perdê-las. Este é o meu caderno atual. – Levanto-o, é um bloco de notas preto e simples. – Levo-o sempre na mala, e guardo-o na minha cama. Acompanha-me para toda a parte. Faz-me recordar que sou escritora, esteja onde estiver, faça o que fizer.

À cautela, não o abro.

Para não mostrar o que se encontra no interior.

Respiro fundo.

– Pronto, aguardo as vossas perguntas. – Espreito para o lado esquerdo do ecrã na zona em que aparecem as mensagens em tempo real do público. – Vou tentar responder ao máximo que puder. A primeira vem da Cheryl Down. Pergunta ela: «O seu livro de estreia foi um *best-seller* internacional. Está a sentir muita pressão para escrever o segundo romance?»

Sei que Jane está a assistir com a sua equipa.

– Sim, sinto alguma... mas a boa notícia é que comecei a escrever o segundo romance antes de publicar o *Medo Selvagem*, e nessa altura a minha expectativa era nula. Devo admitir que me atrasei na entrega, após a mudança de casa e a grande *tournee* de promoção do outro livro, mas as coisas estão a acalmar e, portanto, preparo-me para meter mãos ao trabalho.

Tique.

– A seguir, o Adam Grant pergunta: «O que fazia antes de ser escritora?»
– sorrio. – Fiz de tudo. Fui empregada de mesa, servi cafés, fui rececionista, trabalhei no bengaleiro de um clube noturno, limpei escritórios. Viajei tanto quanto me permitiu o dinheiro disponível. Vivi na Nova Zelândia durante algum tempo, e depois no Canadá. Basicamente, entre os vinte e os trinta anos, andei a saltitar à procura do que queria fazer.

De quem queria ser.

– E por fim descobri: escrever. Foi imediato. Senti-me estúpida por não ter percebido mais cedo. Mal comecei a escrever, amei o que fazia. Não sabia se era boa, ou sequer se poria comida na mesa. Mas sabia que adorava escrever.

É pura verdade.

Respondo a mais meia dúzia de perguntas, depois bebo água e espreito para o relógio.

– Só temos tempo para mais duas questões. A Amy Werden quer saber se eu «tenho rituais de escrita. PS: a sua vida é perfeita!»

»Vida perfeita?! Devo usar demasiados filtros! No que toca aos meus rituais de escrita, é importante para mim anotar à mão as ideias iniciais. A gestação da ideia é demasiado preciosa e delicada para nascer através do teclado num ecrã de computador e ali ficar presa. Gosto das curvas das palavras na página, na falta de uniformidade, do raspar do lápis no papel creme. Deixar as ideias fluírem e encontrarem ritmo.

Se Fiona estiver a assistir, é neste ponto que revira os olhos.

– A última pergunta chega-nos de Adorolivros101. – Reconheço imediatamente o nome. A imagem de perfil da utilizadora é uma bicicleta com o cesto de vime cheio de livros. Adorolivros101 segue-me desde o início, comentando todos os textos que coloco no Facebook. Envia-me *tweets*, mensagens diretas, e até cartões escritos à mão através da editora.

– «Já que sou a tua maior fã» – leio – «queria saber se, para escrever livros tenebrosos, a autora precisa de ter uma mente tenebrosa?»

Devia ter passado por cima desta pergunta e escolhido outra.

Sustenho o sorriso.

– Na verdade, o que tem de ter – respondo devagar, dando-me tempo para pensar e exprimir-me corretamente – é um espírito curioso. Ser capaz de analisar qualquer situação e procurar as sombras que nela existam. Perguntar sempre: *E se?*

Acabo ali. Agradeço novamente a todos por terem assistido e lembro-lhes de que estarei em direto dali a uma semana novamente.

O meu rosto apaga-se do ecrã.

Fico parada durante algum tempo e respiro fundo várias vezes. Penso que foi quase perfeito. Jane ficará satisfeita.

Depois, ponho-me de pé, afastando-me da secretária e abro mais a janela. Enfio o dedo na gola do meu *top* e abano-a para que o ar fresco banhe a minha pele ruborizada.

Deixo-me estar, perscrutando as ondas, à espera que o coração se acalme.

2003

Sentada no lugar do passageiro do velho *Renault* da mãe, Ele não parava de mexer no *piercing* em forma de estrela na cartilagem no alto da orelha. Rodava-o e rodava-o, como se fosse um rosário, percorrendo mentalmente todas as suas arrelias. *As novas colegas iriam gostar dela? Teria saudades de casa? Teria escolhido o curso correto? Estaria bem vestida?*

Não sabia ainda, ao descer o vidro do carro enquanto percorriam a ponte Severn, expondo a cara à brisa salgada dos pântanos, que essas perguntas não eram as que devia colocar.

O acontecimento que tudo mudaria estava guardado para mais tarde. Durante algum tempo andou contente e satisfeita, a vida pronta a florir.

Portanto, foi apanhada totalmente desprevenida.

Ele foi a primeira a chegar. Estacionaram no passeio, deixando os piscas ligados enquanto iam transportando para trás e para diante os seus pertences: um edredão que tentava escapar de um saco do lixo rasgado, uma caixa de cartão carregadíssima com comida saqueada da despensa caseira, um candeeiro de lava embrulhado numa toalha, um saco desportivo a transbordar de roupas, dois pósteres enrolados em tubos que acabaram por se dobrar no carro.

Não lhe importava que fosse uma velha casa de estudantes, com paredes revestidas a argamassa e cujas traseiras davam para a linha férrea, nem que atrás da cama houvesse uma mancha de humidade na parede. Olhando para a residência de estudantes, via a liberdade.

A mãe ajudou-a aplicar os pioneses nos pósteres do Bob Marley e do Lenny Kravitz e nos postais de Fiona, que estagiava numa redação em Santiago.

– Vais ser tão feliz aqui – disse a mãe, afagando a cara de Elle nas mãos.
– Estou tão orgulhosa de ti. Espero que te diga isto vezes sem parar.

Elle percebeu a emoção da mãe. Iria voltar para uma casa vazia pela primeira vez após duas décadas.

– Sabes, mãe, também podias fazer isto. Estudar. Arranjar tempo para escrever. Pedias um empréstimo para os estudos...

A mãe abanou a mão no ar.

– Esta é a tua vez. Aprecia todos os momentos.

E Elle assim faria.

Até o ter conhecido.

Elle

Nas trevas rasgadas pelo luar da lua da madrugada, viro-me para o lado, puxando o cobertor até ao queixo.

Quando era pequena, e se não conseguia adormecer, enfiava-me na cama da minha mãe e pedia-lhe para me contar uma história. Ela arrancaria personagens frescas dos ramos da sua imaginação e eu ficava deitada com os olhos arregalados, uma floresta de leopardos da neve ou fadas dos malmequeres a dançar no teto.

Passaram-se quatro anos desde que morreu e, mesmo assim, há noites em que não consigo crer que tenha partido.

Nas semanas terríveis que se seguiram à morte dela, comigo e Fiona abaladas ainda do choque, lera tudo o que pudera a respeito da septicemia. Pegava no telefone, ultrajada, para contar a Fiona: *sabias que oito milhões de pessoas morrem por ano no mundo inteiro de septicemia? Como? Como é que não sabíamos disso? Como é que a nossa mãe pode ter perdido a vida por causa de uma mera infeção do trato urinário?*

Acendo a luz, demasiado agitada para dormir. Retiro um exemplar do *Medo Selvagem* da gaveta da mesinha de cabeceira e viro para mim a capa.

Leio a dedicatória.

Para a minha mãe.

Passo o dedo debaixo das palavras.

A sua mãe teria tanto orgulho em si, dissera uma leitora numa sessão de autógrafos.

Estava enganada.

O vento afunila-se pelas paredes da casa quando saio pelas traseiras, recebendo o frio mordaz da manhã. Estou descalça e as pedras da calçada parecem gelo. Apertando o cordão do meu roupão, sinto o beijo polido do fato de banho que trago por baixo.

No fim do trilho, há uns degraus privados esculpidos na face rochosa que partilho com a propriedade de Enid. Concentro-me nos degraus um a um, evitando as poças de água do mar acumuladas nos recantos e as bermas cobertas de limos.

Ontem à noite só consegui ter uma ou duas horas de sono. Era como se houvesse um eixo desalinhado na minha mente, que empurrava o meu pensamento quase impercetivelmente numa direção e, por muito que andasse, acabava por voltar ao início.

Mas aqui fora, assolada pelas rajadas mordazes de ar salgado, a minha cabeça começa a clarear. Alcançando a praia, noto que a areia forma uma superfície compacta que me arrefece os pés. Ondas de espuma branca sobem e tombam sob as nuvens tempestuosas.

– És louca – diz-me Fiona sempre que descobre que fui nadar no inverno.
– Ninguém sabe que estás ali. Nem sequer levas um fato de mergulho. E se acontece alguma coisa?

– Não acontece nada – respondo, confiando na minha capacidade de avaliar as condições e conhecer os meus limites. Sempre adorei nadar, mas há algo inebriante quando o faço em pleno inverno. Ao mudar-me para a Cornualha, prometi a mim mesma que havia de entrar na água uma vez por semana, durante todo o ano.

Em pequena, passávamos as férias na Cornualha, alugando uma caravana perto da praia. Recordo um dia de abril, com livros e mantas espalhados pela caravana, e uma sensação de inquietude depois de muitas horas passadas dentro de paredes. Levantara os olhos do livro para observar um grupo de idosos em fatos de banho reunidos à beira da água. Sem queixumes, sem hesitações, sem problemas. Limitaram-se a entrar na água e nadar.

– Isto é resultado da demência – declarou Fiona, subindo para o sofá ao meu lado e pondo-se a ver.

– São corajosos – contrapus, com o queixo assente nos braços.

– São para aí uns cem. Vão apanhar uma pneumonia.

A minha mãe, que escrevia algo no caderno com margens douradas que lhe tínhamos oferecido no Natal, olhou para cima.

– A água fria origina a criação de glóbulos brancos porque o corpo é obrigado a reagir à mudança de condições. Faz bem à saúde. – Ela tinha o condão de enriquecer qualquer conversa com factos relevantes e concisos.

Fiona virou-se para mim com os olhos a brilhar.

– Desafio-te a juntares-te a eles.

Quatro anos mais velha do que eu, era difícil conquistar a sua aprovação. Imaginei a violência do frio, a sensação das ondas geladas levantando-me e deixando-me cair, a minha pele eriçada com arrepios. Coloquei um marcador no livro.

– É para já.

Durou minuto e meio, com o frio apertando-me os pulmões e impedindo-me de respirar, mas Fiona aplaudiu e aclamou da praia, fazendo-me sentir uma heroína. Depois a minha mãe fez-me uma chávena de chocolate quente e eu sentei-me de pernas cruzadas diante do aquecedor elétrico a ver os traços vermelhos de calor, as mãos envolvendo a caneca, um jorro de endorfinas pulsando no meu corpo.

Agora, à beira da água, dispo o roupão e o frio morde-me a pele. Pouso-o na areia molhada, depois tiro uma fotografia, e escrevo uma entrada rápida:

A minha forma preferida de pôr as células cinzentas em ação.
#nadarselvagem

Depois, largo o telemóvel, e fico a sós com o mar.

O truque, aprendi, era o de não ter pressa. Caminhar pausadamente. Avanço determinada para a margem e depois entro no mar. Não penso no frio que me agarra os tornozelos: concentro-me na respiração, que mantenho constante enquanto a água sobe até à cintura.

Mergulho, afastando-me da praia. O mar severo envolve-me, e rouba todos os pensamentos do meu espírito. Recordo que tenho de respirar.

Tenho o cuidado de não me afastar da margem, para não arriscar ser levada por uma das fortes correntes que puxam para o horizonte. Provo o sal nos lábios, sinto o seu ardor agradável contra a pele.

Olho para trás, e contemplo a minha casa. Vejo que deixei a luz acesa no escritório e consigo ver o interior, e a secretária vazia que me vigia.

Por um instante, parece que alguém passa atrás dela.

Agito-me, tentando limpar a água salgada dos olhos, observando com mais atenção. Terá sido um truque da luz. Um reflexo estranho, pois a sombra já desapareceu.

A primeira vez que vi a casa no cimo da colina estava com o Flynn. Tínhamos vindo à Cornualha para conhecer Drake, então com dez dias de vida. Fiona estava em choque, sem querer acreditar que aquela criaturinha rosada com punhos muito cerrados era sua. Passeava pela casa atordoada, com uma toalha ao ombro e a *t-shirt* manchada com leite.

– Pega nele – suplicou Fiona, quando passei uma tarde pelo quarto do bebé e a vi embalá-lo, exausta.

Encostando-o ao peito, tracei círculos com a palma da mão nas costas pequeninas. Comecei a cantar numa voz baixa, um mero sussurro, palavras de uma cantiga distante ensinada pela nossa mãe. O ritmo acalmou-o, e pousei os lábios na cabeça macia, respirando fundo. Uma saudade imensa assolou-me o sangue e subiu à superfície da minha pele.

Virei-me e descobri que Fiona nos observava, à entrada do quarto. Tinha os olhos brilhantes de lágrimas que não jorravam.

– Eu nem consigo fazê-lo parar de chorar.

– Não fazes nada de errado. Mas estás exausta. Vai descansar. Acordo-te quando ele tiver fome.

Fiona não pareceu ouvir-me. Tinha o olhar fixo no berço vazio.

– Tenho tantas perguntas para colocar à mãe. Ela cuidou de nós as duas, sozinha – abanou a cabeça. – O pai saiu de casa quando tinhas seis semanas. Como é que ela conseguiu aguentar duas miúdas sem apoio, e longe da família? Nem imagino sequer. Era uma heroína mas eu não... não

lhe disse que era incrível... só agora – retesou os lábios, como se exibisse os dentes. – Tenho tantas saudades dela.

– Eu sei que tens – sussurrei.

Não era de espantar que a crueldade da ausência da nossa mãe nos revisitasse com o nascimento de Drake, pois a vida e a morte perseguem-se mutuamente. Ela teria adorado embalar Drake nos braços até adormecer, examinar os dedos dos pés tão pequeninos e rosados, despi-lo e vesti-lo com todos os cuidados, dar-lhe banho, lavar as mantinhas que ele usava, os macacões que ele sujava, as toalhas que ele bolçava. Teria feito comida até encher o frigorífico, esvaziado os caixotes de lixo, arrumado a roupa lavada. Teria elogiado a competência fácil de Bill quando mudava as fraldas, ou manuseava o esterilizador. Teria visto em Fiona sinais de que a falta de sono começava a desgastá-la, que a depressão pós-parto ameaçava tornar-se séria.

Teria feito tudo aquilo, porque também era mãe e sabia.

Tentei desempenhar esse papel o melhor que pude, mas sempre que deitava Drake nos braços, as minhas saudades aumentavam. Flynn, percebendo que eu precisava de uma interrupção, retirou a pilha de roupa lavada e os casacos de lã que dobrava, pegou-me nos dedos e disse-me:

– Vamos dar um passeio.

Descemos por um trilho que serpenteava até à costa, alcançando por fim um caminho íngreme cheio de curvas que dava para uma pequena baía ladeada por encostas.

Lembrava-me vagamente ter visitado esta praia há anos. Recordava-me das borlas vermelhas de uma toalha de piquenique, a minha mãe sentada com a mão a tapar o sol da vista, encantada com o que estava a ver. Imaginava as pedras negras que ficam expostas, a pingar água, quando a maré baixasse.

Enquanto caminhávamos, Flynn disse:

– Há de vir a nossa vez.

Enfiei a mão no bolso traseiro das suas calças de ganga, encostando-me a ele.

– Já se passou um ano.

– Talvez precisemos de consultar um médico.

Senti-me ficar tensa, retraída. Mas também queria respostas.

Quando chegámos ao fundo da baía, olhámos para cima, e vimos a casa do pescador no cimo da colina.

– Que bela vista.

– Tem uma tabuleta... está para venda – disse ele, apontando para o cartaz vermelho na esquina.

A proprietária estava em casa – uma enfermeira reformada que não se importou que um casal de jovens lhe batesse à porta – e convidou-nos a entrar. A casa estava num estado lastimável, o telhado vergava, o papel de parede a enrolava-se nas pontas, mas era um espaço mágico.

– Imagina que vivíamos aqui – dissera Flynn quando ficámos sozinhos, virando-me para apreciar a vista, envolvendo-me pela cintura, pousando o queixo no meu ombro. – Podíamos, não podíamos?

O valor do meu adiantamento acabara de cair na nossa conta, e Flynn possuía algumas poupanças de uma herança familiar.

– Sim, parece-me que podíamos. Mas a Cornualha? E o teu emprego?

– Posso cuidar de árvores em qualquer lugar – disse ele. – É aqui que queres estar, não é? Perto da tua irmã e do Drake.

Pensei em Fiona com o filho nos braços; pensei no sonho da nossa mãe de ter uma casa perto da praia; pensei no acaso de nos termos deparado com a casa e a dona estar disponível. Parecia o destino.

– Sim – dissera eu a Flynn. – É mesmo.

Doze semanas depois, estávamos na posse das chaves. Mudámo-nos, e dormimos num colchão no chão enquanto traçávamos planos. Pintar as paredes. Uma lareira de lenha. Cortinados novos. Mudar as carpetes. Tudo de que precisávamos.

Agora, observando a casa no cimo da colina enquanto nado, pergunto-me, caso tivéssemos mantido o plano – se não me tivesse deixado apoderar pela ideia da casa –, se o nosso casamento teria tido mais hipóteses de sobreviver.

Agora, encontro-me sozinha, aqui, com uma casa que já não posso pagar e uma carreira que, também ela, parece à beira do abismo.

Os meus pés estão completamente brancos, sem pinga de sangue, contrastando com a rocha preta ao subir os degraus talhados na encosta, a

tremer de frio apesar do roupão. O cabelo molhado cola-se ao pescoço e sinto-me já a antecipar o calor do duche.

Ao seguir pelo caminho estreito ao lado da casa, um saco de plástico surge, soprado pelo vento, e roça o meu calcanhar nu. Tento agarrá-lo mas uma rajada afasta-o. Corro atrás dele e, alcançando o fim do caminho, paro de repente.

O acesso encontra-se pejado de lixo. Rolos de cozinha usados, latas vazias, caixas de plástico e embalagens de cereais espalham-se pelo cascalho. Folhas de jornais dançam ao sabor dos remoinhos de vento, e algumas colam-se à cerca. Uma página amarrotada de um caderno passa por mim. Ao fundo do acesso, o caixote de lixo está tombado com a tampa aberta. Embora haja vento, sei que não seria suficientemente forte para o ter virado.

Apresso-me, sentindo o cascalho espetar-se nos pés, e com algum esforço, endireito o caixote. Volto a atar o cordão do meu roupão e ponho-me a apanhar o lixo. O cabelo molhado fustiga-me o rosto, largando marcas de sal.

Afasto o cabelo sentindo, de repente, que já não estou sozinha.

Do outro lado do acesso, descubro Mark à porta da casa dos pais, com um cigarro entre os dedos.

– Raposas – diz.

Apaga a beata contra a parede da casa, vira-se e desaparece no interior.

Fico boquiaberta. Aquilo acabou de acontecer? Ele – um homem adulto – tinha virado o caixote?

Solto um risinho incrédulo. Será vingança pelas obras da casa – uma retaliação por ter comprometido a vista da casa da família? Recordo a terrível visita após termos comprado a casa, quando desenrolei os planos do arquiteto na mesa de cozinha de Frank e Enid.

– Disseram que iam renovar, não reconstruir! – Frank explodira, ficando subitamente muito vermelho.

Quando me mostrei preocupada com a reação dos vizinhos, as minhas amigas tranquilizaram-me: *Ninguém é dono da vista! Outro comprador teria feito o mesmo!* Embora tivessem razão, não mitigara a culpa que me assolou pelo corpo acima.

Enid tinha-se aproximado da janela da cozinha, mãos crispadas de preocupação, retorcendo a ponta do casaco de malha. Olhava para o mar

como se nunca mais o pudesse ver. A vontade que eu tive de reconsiderar desaparecera nesse instante.

Acabo de recolher o lixo, depois arrasto o caixote de volta ao lugar ao fundo do acesso. No meu lugar, Fiona teria ido falar com Mark e exigir um pedido de desculpas, mas não tenho forças para um confronto desses.

Penso no meu romance. É nele que tenho de me concentrar.

Sento-me à secretária com uma caneca de café bem quente e o cabelo ainda húmido. Estou preparada. Abro a gaveta para tirar um lápis – mas não encontro nenhum. Abro completamente a gaveta, passando a mão pela confusão de canetas, marcadores, *post-its* e bisnagas de cola. Vejo um furador, uma calculadora, uma caixa com pioneses e o acendedor do queimador de óleos – mas nenhum lápis.

É um pormenor estúpido mas irrita-me: tenho sempre vários a mais.

Desço as escadas e fisgo um lápis das profundezas da minha mala. Sinto-me irritadiça quando regresso ao escritório. Abro a janela e sento-me pela segunda vez. Mantenho um dicionário bastante usado ao meu lado. O vento levanta-lhe a capa e vira-lhe as páginas.

Há qualquer coisa errada. Tento não ceder a esta sensação – não quero tornar-me uma dessas autoras que só escrevem quando o ambiente é o correto – mas não consigo livrar-me do pensamento que não se encontra tudo onde devia.

Depois percebo. O dicionário... Mantenho-o seguro com um pisa-papéis – um lindo globo de vidro que a minha mãe comprou durante a viagem a Malta, três anos antes de morrer.

– Parece que tem o mar dentro dele – dissera-me ela com um olhar melancólico. Fica sempre em cima do dicionário. Hoje, estranhamente, encontra-se ao seu lado.

Pego no pisa-papéis, rodando-o na mão, sentindo a solidez e a frieza contra a pele. A luz do sol reflete-se na pintas prateadas, fazendo-o brilhar como a superfície do mar. Ao rodá-lo, sinto uma aresta.

Aproximando o globo da cara, noto a fratura – uma racha do tamanho de uma unha.

Não me recordo de o ter partido.

Uma sensação perturbante assola-me a nuca e invade-me a mente. Começo a andar pelo escritório, tentando descobrir a origem.

Então percebo: o pedaço de vidro que me furou o pé. Parecia um pingente pequeno e fatal. Da mesma cor do pisa-papéis.

Saio a correr do escritório, desço as escadas, com o pisa-papéis na mão. Escancaro a porta do quarto, dirijo-me diretamente para o cesto de papéis ao lado do espelho. Vasculho-o e retiro o lenço dobrado.

Abrindo-o com cautela, pego no vidro afiado que estava espetado no tapete.

Pressiono o fragmento perdido contra o pisa-papéis.

Encaixa na perfeição, como uma chave na fechadura.

Anteriormente

Só alguém totalmente desprovido de curiosidade é que não se interroga como será o dono da casa em que pernoita. Há pistas por todo o lado – as fotografias que foram escolhidas para figurarem nas paredes, as roupas penduradas no guarda-roupa que ocupa a parede inteira, os remédios do armário da casa de banho, a pasta de arquivo de documentos no escritório, o correio que chega com a morada escrita à mão.

Não tenho pressa, vou apreciando estas descobertas pois a tua casa, por enquanto, é minha.

Passo da cozinha para a sala de estar, admirando a sensação de continuidade, a transição entre os espaços. Tudo está composto com um gosto encantador: o sofá de cor creme de costas baixas, ladeado por duas poltronas estofadas, posicionadas cuidadosamente para observar a vista exterior. Os tons neutros e as linhas simples orientam naturalmente o olhar para o mar. Mesmo num dia cinzento como este, a água tem uma qualidade hipnótica. Em dias mais quentes, imagino as portas de fole abertas, eliminando uma parede para criar a ilusão de que casa e mar ficam a um mero passo de distância.

É uma casa verdadeiramente linda. Acredito que as pessoas prontamente acrescentariam:

– Bem, sim, é fácil para quem tem dinheiro.

Discordo. É preciso ter visão.

Eu jamais seria capaz de criar isto.

O meu olhar é atraído por uma dobra no assento do teu sofá, uma ligeira depressão no tecido. É onde te sentas. A vista desloca-se para a mesinha de café adjacente, na qual se notam marcas roçadas na berma onde costumavas pousar os pés, sem dúvida.

Desço para o lugar tão familiar para ti. Descubro que a minha mão desliza pelo sofá. São os recantos esquecidos de uma casa os mais reveladores. Sinto a aspereza da areia e de migalhas debaixo das unhas. Os dedos esbarram com algo firme e estreito, e retiro um lápis. Não tem ponta, a grafite espreita pelo invólucro de madeira. Como se o lápis tivesse sido partido em dois.

Um acidente?

Levanto-me e dou meia-volta. Atrás do sofá encontra-se uma estante com livros. Objetos de cerâmica criteriosamente escolhidos pontilham as fileiras de volumes com a graça de vírgulas devidamente colocadas. Passo instantes a contemplar as tuas escolhas literárias, clássicos na sua maioria: Hemingway, Shakespeare, Brontë e Austen. Talvez previsíveis, mas ainda assim agradáveis.

Aproximo-me e passo o dedo pelas lombadas usadas da estante de ficção, ao longo de thrillers psicológicos, novelas românticas, romances literários – mas, não... não o vejo. Procuro até ter a certeza.

Há apenas uma ausência notável nestas estantes: o teu livro.

Elle

Largo o último pedaço de *naan* na boca e recolho os pratos, seguindo Fiona para a cozinha.

– Não olhes – adverte Fiona, dirigindo-se para o lavatório empilhado com louça suja. – Esta semana foi um caos.

– Eu trato disso. É rápido.

– Nem penses – interpõe-se entre mim e o lava-louça. – Mas podes voltar a encher os nossos copos.

A atitude de mandona implacável da minha irmã desperta-me a nostalgia. É um hábito antigo deixá-la comandar as minhas ações, como se eu fosse mero fluido destinado a rodopiar à volta de Fiona.

– Tenho estado para perguntar – digo, vendo-a passar por água os pratos da refeição que encomendáramos, antes de os enfiar no lixo, empurrando uma embalagem de cereais para abrir espaço. – Quando foste limpar a minha casa, depois da malta do Airbnb, entraste no meu escritório?

– Oh, céus, não me digas que também o devia ter limpo? – Empurra com força a tampa do caixote para se fechar. – Tive uma semana tão ocupada que só consegui despender uma hora. Já agora, não volto a repetir. Da próxima vez, contrata alguém para limpar.

– Não, não é isso... acontece que quando entrei no escritório, a janela estava semiaberta e pareceu-me que a divisão estava diferente.

– Diferente?

– Como se alguém tivesse mexido nas coisas.

Fiona vira-se.

– Como assim?

– Tenho um pisa-papéis de vidro sobre a secretária. Lembras-te? Aquele que a mãe nos trouxe de Malta.

– Sim, com os remoinhos de tinta.

– Está lascado. Encontrei o pedaço em falta no tapete do quarto.

– E daí?

– Só pode ter acontecido na minha ausência.

– Não trancaste a porta desse quarto?

– Sim.

– Portanto, desconfias que as pessoas do Airbnb arrombaram a porta, lascaram o pisa-papéis e atiraram depois o pedaço de vidro para o teu quarto? – diz Fiona, de sobrolho arqueado.

A reação é tal qual a antecipei: desdenhosa, imperturbável. Precisamente o motivo pelo qual decidi contar-lhe.

Fiona prossegue:

– O vidro provavelmente colou-se à sola do teu sapato enquanto passeavas pela casa, e soltou-se no quarto. – Enfia uma pastilha de detergente na máquina de lavar-louça e fecha a porta com mais intensidade do que a necessária. – Eu sabia que ias ficar assim por alugar a casa. Precisas de um cão.

– Não preciso de cão nenhum.

Retiro uma garrafa de vinho branco do frigorífico e volto a encher os copos. A porta do eletrodoméstico está cheia de fotografias, apontamentos e o primeiro rabisco de Drake com lápis de cor. A minha vista detém-se na fotografia em que eu e Flynn pousamos diante da nossa autocaravana, ao lado de Bill e de uma Fiona bastante grávida.

Tenho saudades da autocaravana. Uma velha *Mercedes Sprinter* que Flynn passara meses a converter. Estacionávamos nas praias desertas e cozinhá-vamos o jantar com a porta aberta.

Retiro a fotografia do frigorífico, olhando com mais atenção. Lembro-me da primeira vez que vira Flynn – o cabelo comprido da cor da areia, o rosto bronzeado, a prancha de *skate* debaixo do braço, a curva descontraída do sorriso. O meu estômago contorcera-se de desejo quando lhe servi o café,

deixando um biscoito a mais no pires. Ele voltara ao café todos os dias durante uma semana até reunir coragem de me perguntar:

– Apetece-te dar um passeio quando acabares o turno?

Eu tinha vinte e quatro anos e sentia-me impossivelmente perdida. Fazia vários turnos em cafés e bares, deitando-me a más horas e mal saindo do apartamento alugado a não ser para trabalhar. Sentia-me debaixo de água... a vida acontecia aos outros e eu observava à distância. Perdera o contacto com os amigos da escola e distanciara-me de Fiona e da nossa mãe. Não sabia o que eu queria da vida até, numa terça-feira de primavera pela manhã, Flynn Fielding entrar pelo café dentro com a sua prancha de *skate*. E eu voltei à superfície. Pude respirar novamente.

Fiona aproxima-se do meu ombro.

– Relembra-me por que motivo te vais divorciar?

Lanço-lhe um olhar admoestador: *Cala-te*.

– Queres saber o que eu penso? – diz Fiona, enquanto eu penduro a foto novamente no lugar.

– Lá vamos nós.

– Tens de começar a sair com alguém.

– Pensei que precisava de um cão.

– Sais com um tipo que tenha cão.

– Eu é que decido.

Levamos o vinho de regresso à sala de estar e ocupamos os sofás. No calor do espaço, sinto os bocejos dominarem-me, as pálpebras pesadas. Ainda nem são dez horas.

– Fala-me dos inquilinos. Como é que eram?

– Quem?

– A Joanna e a família dela. Os que alugaram a casa. Quando os recebeste, pareceram-te boas pessoas? daquelas que não partem pisa-papéis alheios?

Uma expressão percorre o rosto de Fiona. Ela examina o pé do copo de vinho.

– Sim, pareciam normais.

Conheço a minha irmã.

– O que tens para me contar?

– Absolutamente nada.

– Fiona...

Faz-se uma pausa de três ou quatro segundos antes de Fiona olhar para cima, para os meus olhos.

– Ouve. Peço desculpa mas não me encontrei com eles.

– O quê?

– Apareci na manhã em que chegaram, tal como combináramos, mas haviam saído... portanto, deixei uma mensagem com o meu número de telefone. Planeava voltar uns dias depois mas a semana foi complicada e...

– Disseste-me que os tinhas conhecido! – Dou uma pancada forte no braço do sofá, o que nos espanta às duas.

É próprio da minha irmã não levar até ao fim algo que não a beneficie diretamente.

Sob luz brilhante da casa de banho de Fiona, diretamente por cima da cabeça, vejo-me confrontada com o meu aspeto cansado – os papos debaixo dos olhos parecem nódoas negras. Já aprendi que não vale a pena queixarmo-nos de cansaço a uma mãe que cuida sozinha de um bebé.

Lavo as mãos, esquecendo-me que a torneira da água fria solta borrifos e molho o *top*. Não conseguindo encontrar toalhas, seco as mãos no roupão pendurado na porta.

Lembro-me de me ter oferecido para pagar umas obras de renovação da casa de banho – quando o adiantamento do livro parecia inesgotável – mas Fiona lançou-me um dos seus olhares letais e altivos, e percebi que não devia oferecer mais nada. De certa forma, estou contente. Há um certo conforto nos champôs e condicionadores de cabelo alinhados da banheira, e nos patinhos e barcos de plástico que espreitavam de um cesto de rede afixado aos azulejos; há escovas de dentes numa caneca lascada, uma taça com pequenas embalagens de gel de duche sonegadas dos hotéis. Não há armários escondidos para artigos de higiene, nem cestos com toalhas devidamente dobradas. Tem um ar habitado, e portanto acolhedor.

Sempre considerei que as pessoas que conhecem Fiona num ambiente profissional – e estejam habituadas à sua eficiência pragmática e direta – ficariam muito espantadas ao verem a sua casa. Funciona como válvula, uma pequena bolsa de caos para aliviar a pressão da abordagem precisa ao trabalho.

Nesse sentido, creio que somos o oposto uma da outra. A minha casa é um santuário: sóbria e ordeira. Tudo no seu lugar – o que me dá uma sensação de segurança e paz.

O caos existe no resto da minha vida.

Avançando para o patamar, paro à porta do quarto de Drake. Está aberta e o meu coração regozija-se ao pensar no seu corpinho envolvido no pijama, no cheio a biscoitos do pescoço, no ligeiro ressonar. Sinto-me tentada a esgueirar-me para o quarto, para ver se está bem tapado, garantir que tem a mantinha ao alcance da mão – mas não arrisco acordá-lo. Fiona demorou uma hora a adormecê-lo e não quero ser alvo da raiva dela se tiver de repetir o processo.

O quarto em frente é o estúdio de Fiona, e está iluminado por um candeeiro de mesa. Serve de arrecadação – o suposto quarto do bebé, se Fiona quisesse ter outro filho (não quer). A secretária dela encontra-se atolada de papéis, cadernos e artigos, e por cima destes destroços flutua um monitor de computador.

Fiona foi durante anos jornalista em Londres, e escrevia reportagens reveladoras sobre certos empresários. Perseguia esses homens e mulheres como um cão de caça atrás de um cheiro, revelando transferências ilegais de fundos, evasões fiscais ou qualquer suspeita de desigualdades no tratamento dos funcionários. O trabalho apelava à sua noção exigente de justiça e prosperava num setor afamado pela dedicação horária e pelo stresse elevado.

Mudar para a Cornualha e tornar-se mãe não foi, para ela, propriamente uma viragem de sentido mas um travar a fundo, um queimar de pneus no asfalto e fazer meia-volta em plena derrapagem. Era impossível dedicar-se às duas tarefas; o trabalho dela dependia dos contactos, das entrevistas e das fontes – as quais só existiam em Londres.

O trabalho de Fiona sempre fora fundamental para a sua identidade, portanto, quer Bill quer eu ficámos contentes quando, ao terminar a festa de primeiro aniversário de Drake e enquanto empilhávamos os pratos, Fiona anunciou que iria tornar-se redatora publicitária em regime *freelancer*.

Agora dedica as horas laborais à procura da palavra perfeita, da expressão vívida que atraia clientes, que os chame para uma determinada marca. Tem

um quadro com pioneses fixo na parede por cima da secretária, repleto de comunicados, imagens e diretrizes contendo as preferências linguísticas dos clientes. No centro, encontra-se um postal. Reconheço a minha caligrafia.

És tão corajosa e talentosa que EU SEI que correrá bem. Que não parem de sair Textos Fabulosos!

Sorrio, sensibilizada por ter descoberto que a minha irmã afixou a minha mensagem por cima do seu espaço de trabalho.

As tábuas do chão rangem nas minhas costas.

– Não é o mesmo que uma vista para o mar, pois não? – Fiona encontra-se à porta.

– Adoro este espaço.

– O que estás a ver?

– Guardaste este postal que te enviei.

– Guardei? Até me tinha esquecido.

Depois, atrás de Fiona, ouve-se um choro.

– Mamã!

A porta da frente abre-se e Bill entra em casa, perseguido por uma rajada de ar frio.

Deixa cair um saco desportivo e coloca o casaco por cima dele. Traz a camisa desabotoada no colarinho, sem gravata.

– Olá, você é a autora famosa? – Sorri da sua piada muito usada, depois abre os braços e a camisa estica-se sobre o peito cilíndrico. – Pareceu-me ter visto o teu carro.

Abraçamo-nos. Sinto o aroma do ambientador do carro e de pastilhas de menta – bem como o traço subtil do tabaco. Fiona proibiu-o de fumar quando ela, há seis anos, também parou, mas todos sabemos que Bill gosta de fumar um cigarro de vez em quando. E inclusive Fiona.

– Sabem melhor quando são fumados em segredo – Fiona explicara-me uma vez. – Como se vivêssemos perigosamente.

– Então, onde está a tua mana linda?

– Lá em cima. O Drake acordou.

– Ah! – Repara no menu da entrega ao domicílio. – Fiona voltou a preparar-te comida *gourmet*?

– Faz um *korma* maravilhoso. Desculpa, não sabíamos que irias regressar tão cedo. Teríamos guardado um pouco.

– Fico bem com uma destas – diz Bill, entrando na cozinha comigo na esteira. Tira uma garrafa de cerveja do frigorífico, puxa a tampa e faz *tchim-tchim* contra o meu copo de vinho. – Um brinde a mais uma semana findada.

– A mais uma semana findada – concordo, embora não partilhe do mesmo entusiasmo. Amanhã irei participar num encontro na biblioteca da região e não descansarei até o ver pelas costas.

Bill pega num pacote de pistachos e despeja-o numa taça. Oferece-os primeiramente a mim antes de começar a partir-lhes a casca, deitar o conteúdo na boca e engoli-lo com cerveja.

– Como estava França?

– Bem. Gostei... ainda que estivesse cheia de vontade para voltar para casa.

– A casa continua de pé?

– Sim, ainda bem.

– A Fiona disse-me que o Airbnb correu bem.

– Parece-me que sim.

– Da próxima vez que quiseres alugá-la, não te esqueças de me avisar. Não me importava de escapar do caos desta casa durante alguns dias. – Ri-se, com os olhos a brilhar.

Lembro-me de quando o conheci. Fiona vivia em Londres. Ele encontrava-se ao lava-louça, com os braços fortes mergulhados na água e detergente, e a luz da cozinha refletindo-se na curva da calvície. Julguei que era o pai de uma das suas colegas da residência.

Bill era tão diferente dos académicos macilentos com quem a minha irmã costumava namorar que lhes previ uma breve existência – Fiona, que se enfadava facilmente, logo perderia o interesse.

– Sabes que ele tem um emprego a sério – dissera-me Fiona mais tarde, quando estávamos sozinhas. – Relacionado com vendas. Deram-lhe um carro. Uma coisa grande, prateada e feia, com janelas horrivelmente coloridas. – Falava do relacionamento com um tom leve de divertimento, como se não acreditasse na paixão que sentia por ele. – Há dois anos que o

Bill não pega num livro. Mas assiste a partidas de *snooker*. Para ele, passar bem a noite implica ver um espetáculo de comédia. Tem doze anos a mais do que eu. Usa joias... e não me refiro a *piercings*. Joias, mesmo. Uma corrente de ouro ao pescoço. E um anel de sinete.

Olhei-a com muita atenção.

– Gostas realmente dele, não é?

Ela sorriu, desviando o olhar – uma expressão amenizada que raramente encontrava na minha irmã.

– Sim, acho que sim.

Agora, Bill pergunta:

– Está tudo bem? Minha querida, pareces um pouco cansada.

Adoro a capacidade de Bill perceber quando estou de rastos.

– Não tenho dormido bem ultimamente, só isso.

– Ah, a serpente da insónia. Tens muitas coisas a acontecerem na tua vida, não é? O Flynn. O prazo para acabares o livro. Talvez também estejas a tentar ajustar-te à nova casa.

Indico que sim, recordando-me de que Bill é bastante intuitivo.

– Sabes que estamos aqui se precisares – diz, pousando uma mão grande no meu ombro. Aperta-me com um pouco de força a mais.

– Bem me parecia ter ouvido a porta – diz Fiona, atravessando a cozinha e beijando Bill na boca. – Não havia trânsito?

– Tive uma reunião em Bristol. Acabou a tempo. Vim logo para aqui. O Drake está bem?

– Sim... mas será todo teu durante o fim de semana.

– Desde que também sejas minha durante o fim de semana – diz ele, puxando Fiona para os seus braços e enfiando a cara no pescoço.

Avanço para a cadeira em que deixei o casaco e a mala.

– Estou no ir.

– Não sejas parva! Fica! – diz Bill, soltando Fiona.

– Vou dar uma palestra na biblioteca amanhã de manhã.

– Vi os cartazes – diz Fiona. – Vamos tentar aparecer.

– Vamos? – pergunta Bill.

– Não se atrevam! – digo.

Fiona afasta a minha resistência com um gesto.

- Às onze horas, se não estou errada?
 - Por favor, vocês têm coisas melhores para fazerem no fim de semana.
 - Somos pessoas muito entediadas, Elle.
 - E seja como for – acrescenta Bill –, queremos sentar-nos no meio do público e mostrar que somos da tua família.
 - Mas não façam perguntas embaraçosas, está bem?
- Bill passa o braço pelo de Fiona, revirando as sobrancelhas enquanto comenta:
- Quem, nós?!

Afasto-me do calor daquela casa e atravesso a rua em direção ao meu carro. Fiona e Bill observam da entrada, garantindo que alcanço o veículo em segurança.

Ligo o motor, aciono o aquecimento, acendo a rádio. Levanto a mão para lhes acenar mas eles já viraram as costas.

Bill fecha a porta com firmeza, trancando a família no interior.

2003

A pele de Elle adquirira o bronzado profundo de umas férias de verão livres de compromissos. Estava atrasada, ainda confusa com os caminhos do enorme *campus*, e enfiou-se no fundo do auditório, sem pinta de fôlego.

Vasculhou o mar de cabeças à procura de um lugar vazio, mas só havia na primeira fila, para seu desconsolo. Desceu os degraus da coxia central em bicos dos pés, tentando tornar-se invisível, e o professor parou a meio do discurso.

Sentava-se na berma da secretária, com o ecrã iluminado atrás de si com as palavras *As Tragédias de Shakespeare*. Tinha cabelo castanho muito bem penteado e usava um casaco de bombazina por cima de calças de ganga escuras.

– Devo indicar – disse o jovem professor – que quem chega atrasado fica encarregado de ser meu assistente no final da aula e distribuir os apontamentos do dia. Portanto – disse, com o olhar encontrando o dela – esse papel hoje cabe-lhe a si. – Sorriu. Um sorriso arrapazado que iluminou o rosto dele, formando rugas em redor dos olhos.

A atenção do auditório virou-se para ela, com pares de olhos acompanhando os dele. Talvez por ter dezanove anos, talvez por ainda sentir o efeito da bebida que só parara de tomar às quatro da manhã, ela – ali mesmo, diante de um auditório repleto de alunos de literatura inglesa – sorriu e fez-lhe uma vénia.

– Ao seu dispor.

Chamava-se Luke Linden, «mas podem tratar-me por Luke». Era daqueles professores, descobriria ela mais tarde, que abandonavam o pódio e se punham a vaguear pelo auditório com grandes passadas. Tinha o hábito de fazer pausas para criar *suspense*, e até os estudantes mais distraídos despertavam nesse instante, como se convocados pelo silêncio. Luke Linden era capaz de dissertar apaixonadamente sobre semântica e os ideais de amor romântico da Inglaterra jacobina – e, no entanto, parecia ser uma pessoa igual às outras.

Mas não era.

E foi aqui que Elle cometeu o primeiro erro.

Elle

*A melhor história para contar – a única para contar –
é aquela que vive dentro de nós,
que nos habita e insiste em ser ouvida.*

Elle Fielding (autora)

Abro a porta do carro e saio para a escuridão, sinto os meus passos apressados no acesso endurecido pela geada.

Diante da porta, rebusco a mala em busca da chave.

Talvez devesse ter tomado mais um copo de vinho e adormecido no sofá de Fiona e Bill, ao invés de voltar para uma casa vazia.

Enfio a chave na fechadura e entro apressadamente, trancando a porta.

Ei-lo: o silêncio. Agarra-me, martela-me os ouvidos com o seu estrondo sem voz.

Odeio regressar para uma casa sem gente – especialmente depois de anoitecer. Céus, talvez Fiona tenha razão: preciso de um cão.

Não deixo de ter saudades da confusão da minha antiga vida em Bristol; do burburinho constante do trânsito, das lojas abertas durante a noite, dos ruídos das vidas alheias que perpassavam as paredes do nosso apartamento – vozes, televisões, autoclismos que se enchem, pratos que se arrumam, risos.

Forço-me a percorrer rapidamente a casa, acendendo as luzes, a rádio, a televisão.

Será o primeiro inverno que aqui passarei, e desconheço como decorrerá. O aquecimento do soalho não é tão eficaz como uma lareira. Tenho de começar a usar a lareira metálica – mas sempre que me imagino a montá-la, sou assolada pela ausência de Flynn. Era uma tarefa sua.

A última casa que alugámos tinha uma lareira exposta. Recordo-me de que Flynn escolhia criteriosamente a lenha todas as noites, dizendo-me se era macieira, vidoeiro-branco, ou de uma ameixoeira abatida durante um trabalho que ele realizara no ano anterior. E indicaria o tempo que cada madeira demorava a arder, qual o cheiro, quantos anos a árvore demorara a formar-se.

Antes de conseguir convencer-me a parar, retiro o telemóvel do bolso e marco o número dele. Quero ouvir-lhe a voz. Quero contar-lhe: *Estou a pensar acender a lareira metálica que tu escolheste*. Quero dizer-lhe: *Tenho saudades tuas*. Ouvi-lo responder: *Perdoo-te*.

Quando ele atende, noto o som abafado de música. Muddy Waters. Um dos músicos de *blues* preferidos dele. Toca sempre o álbum em vinil num gira-discos que pertencia ao pai. Adora o ritual de pousar a agulha e ouvir o breve raspar quando o disco começa a girar.

– Elle?

– Eu... pensei... cumprimentar-te. – Olho para o relógio. É meia-noite de sexta-feira. *Merda*.

– Está bem. Olá – diz Flynn, algo divertido.

Encaixando o telemóvel entre orelha e ombro, avanço para a cozinha, de modo a conferir que a porta dos fundos se encontra trancada. Depois, acompanho o perímetro, verificando todas as janelas e, por fim, a adega.

Conto a Flynn como decorreu o serão na casa de Fiona e Bill enquanto entro na sala, espreitando atrás do sofá, passando a mão pelos cortinados até sentir a parede. Todas as divisões têm de ser verificadas. Todas as janelas. Fico mais tranquila.

Quando me certifico de que a casa se encontra segura, entro no quarto, afundo-me na cama, caio de costas, com a cabeça embatendo na almofada com um baque macio.

Apertando o telefone contra a orelha, ouço a respiração lenta de Flynn, imagino-o sentado no sofá, com a lareira acesa, uma garrafa de cerveja vazia na mesa de apoio, as luzes semiapagadas.

O disco de Muddy Waters chega ao fim e a nossa conversa faz uma pausa confortável. Deixo as pálpebras fecharem-se. Na nossa vida passada – a versão de nós que corre paralela à deste mundo – descubro-me esticada no sofá, pés assentes no colo dele, o calor da lareira nos calcanhares. Faríamos planos para o fim de semana seguinte, talvez passear no bosque e almoçar no *pub*, ou ir de carro até à costa para visitar amigos.

Através das ondulações do telefone, ouço uma porta a abrir e depois passos. Rápidos e ligeiros. O murmúrio de uma voz feminina em tom baixo, pesaroso.

– Oh! – digo, endireitando-me, com a mão apertando o peito. – Tens companhia.

Ele aproxima a boca do telefone.

– Escuta, Elle, não sabia que estavas...

Procuro encontrar palavras para minimizar a situação, mas não sei o que dizer nem o que fazer perante esta descoberta súbita e arrasadora.

Portanto, faço o que me ocorre: desligo.

Dou voltas ao quarto, revivendo o telefonema vezes sem fim.

Flynn.

Flynn com outra mulher.

Um murro no estômago.

Atiro o telemóvel para a cama. Ressalta, bate na mesa de cabeceira e aterra no tapete.

Preparo um banho, despejo-lhe óleo com essências, deixo a água cobrir-me o corpo até subir à minha cara. Concentro-me em respirar, em tentar relaxar.

Mas não consigo. Saio, salpicando de água no chão da casa de banho.

Envolvo-me num roupão, depois olho para a cama. Não vale a pena tentar adormecer quando me sinto tão agitada e enervada.

Decido escrever.

O candeeiro lança um foco de luz esbranquiçada sobre a minha secretária. Atrás de mim, o resto do escritório continua mergulhado na escuridão.

Respiro fundo. Desloco o rato para o documento Word intitulado LIVRO 2.

Está a correr bem, dissera eu a Jane.

Cinco semanas e meia até acabar o prazo.

Imagino a pilha de contas por pagar sobre a escrivaninha do piso inferior, a prestação do empréstimo da casa que não paguei este mês. Tudo depende deste livro, tudo espera por mim. Penso na última mensagem da Adorolivros101 na página do Facebook. O ícone de uma mulher sentada diante de uma máquina de escrever, rosto possesso, teclas a ressaltar com força. *Espero que esteja a trabalhar intensamente. Lembre-se de que a sua fã número 1 aguarda J.*

Clico.

O documento abre-se na página do título:

LIVRO 2 de Elle Fielding

E a seguir, nada.

O branco.

Aquele espaço em branco a mirar-me, pedindo para ser preenchido. É como enfrentar um buraco negro – embora branco –, como se pudesse ser engolida por ele, perder-me no vasto alvor.

O meu pé agita-se, nervoso, debaixo da secretária.

Lembro-me do quanto me sentia inspirada e repleta de entusiasmo, antes da publicação. Quando escrevia sem expectativas nem prazos – apenas para mim própria. Havia uma liberdade imensa. Não percebi isso então, pois só queria ser publicada, mas era uma forma maravilhosa de escrever – à solta, sem contratos.

Agora, milhares de leitores aguardam ansiosos pelo meu próximo romance, uma editora está pronta a lançá-lo, a segurança da minha casa depende dele. Esfrego a pele abaixo da clavícula, com o peito contraído pelo stresse.

Não antecipei nada disto.

Nada é como devia ser.

– Vai correr bem – digo em voz alta para a sala vazia, com a minha voz estranhamente animada. – Vais conseguir. Só tens de concentrar-te e afastares as dúvidas. Não penses demais, Elle. Escreve, nada mais.

Um discurso motivador para mim mesma.

Céus, tanto silêncio. Não admira que esteja a falar sozinha. Ponho música a tocar, e aumento o som. Depois, ligo também o candeeiro de teto. *Assim está melhor*, penso eu, andando pela sala.

Se alguém estiver na baía, vê-me aqui dentro, sozinha.

Pego no pisa-papéis que está na secretária e passo o polegar pela fenda. Quase sinto a aresta afiada do pedaço em falta como se ainda estivesse espetado no calcanhar.

Aquela sensação, aquela inspiração de medo.

Sento-me na cadeira, e pouso o pisa-papéis a meu lado. A luz do candeeiro incide nele e vejo a minha imagem ali refletida, distorcida pela curvatura do vidro.

Eu sei que história devo escrever. E julgo que sempre soube.

Está toda aqui dentro, dentro de mim. As personagens vivem sob a minha pele. Só tenho de despejá-las e fixá-las na página.

Ponho-me a imaginá-las, sintonizo as suas vozes, convido-as a entrar.

E começo a escrever.

2003

Elle cometeu o segundo erro mais tarde.

Olhou para cima, para confirmar se a bibliotecária continuava concentrada na tarefa de arrumar os livros que trazia no carrinho, e regressou ao pacote de *crunchies*, mordendo a ponta de chocolate e chupando o caramelo até ficar com a boca pegajosa.

A colega da residência, Louise, sentada diante de si, sussurrava-lhe que tencionava pintar com tinta de *spray* um rolo de plástico-bolha e fazer com ele um vestido para a festa espacial dessa noite.

Louise calou-se a meio da frase, com o olhar fixo num ponto por cima do ombro de Elle.

– Lá vai ele.

Elle retirou o *crunchie* da boca e virou-se no assento.

Luke Linden atravessava a biblioteca com passadas compridas e ágeis, com o jornal enfiado debaixo do braço. Uma onda de atenção seguia-o. Um grupo de alunos sentados na mesa da esquerda chamou-o com gestos. Ele parou para ouvir uma pergunta e anuiu ligeiramente. O grupo calou-se, atento na resposta. Um segundo depois, ele prosseguiu.

Ao passar pela mesa em que Elle se sentava, o olhar cruzou-se com o dela. Sorriu, com o canto da boca recurvado, e depois continuou a andar até desaparecer.

Assentando os cotovelos na mesa, Louise sussurrou:

- Vou fazer um mestrado, só para poder olhar para ele mais um ano.
- Tira uma fotografia. Fica mais barato.
- Não me digas que não estás apaixonada por ele.
- Não... não estou apaixonada por ele.
- Mas dormirias com ele num estalar de dedos, não?

Elle encolheu os ombros.

- Claro que dormirias, claro que sim!

Mais tarde, Elle ponderaria na resposta que deu a este comentário; se a dissera com intenção, e como mudara a sua vida. Quis voltar atrás e alterar a memória. Reescrever aquele ínfimo pormenor na história dela porque – embora fosse uma mera frase – tornar-se-ia fundamental.

Tornar-se-ia o gancho com o qual se ia enforçar.

Mas, naquela época, Elle não passava de uma adolescente, com o cabelo até à cintura, pele lisa, ainda reluzindo com a promessa de uma vida por florescer.

Susteve fixamente o olhar no de Louise e anunciou:

- Sim, dormiria, sem sombra de dúvida. Aliás – acrescentou, com a boca abrindo-se num sorriso –, talvez ainda o faça.

Elle

Na escuridão das quatro da manhã, viro-me de lado. Os lençóis formam um nó quente em torno da minha cintura. No meu pensamento a serpente está acordada, de olhos bem abertos.

Escuto a casa. Quero ouvir os ruídos de gente – o ressonar felino de um filho a dormir no seu quartinho, o estalido de ferro forjado da lareira metálica que se abre, um toro de lenha lançado às chamas.

Mas existo apenas eu. O meu respirar. A minha pulsação, veloz.

E também os meus pensamentos. Não silenciosos, mas altos e barulhentos, qual bêbado maldispuesto. Como se ecoassem no meu espírito, enchendo-me a cabeça com ruído e desprezo.

Convidaste a tua história e as tuas personagens para entrarem no teu pensamento – mas o que acontecerá quando se recusam a sair?

Endireito-me. Abro os olhos no escuro.

Sinto-me gasta esta manhã, com a cabeça oca. Com a mesma sensação de vazio de quando se chora muito. Escrevi cinco mil palavras ontem à noite. Não conseguia parar. Ainda não sou capaz. Não me apetece dar a palestra na biblioteca, mas ficar em casa e escrever a história.

Enfiando o casaco de inverno, detenho-me na entrada, e examino-me no espelho. Céus, que aspeto horrível. O meu tom de pele não está uniforme e tenho papos roxos debaixo dos olhos.

Olho de relance para o relógio de pulso. Mais uma hora e estarei na biblioteca a discorrer sobre a minha vida como escritora.

Porque é que concordei em fazê-lo?

Obviamente que sei porquê. Preciso de me envolver mais na vida deste local, assentar raízes. Ter demolido a casa original do pescador não foi uma decisão popular, e estou certa de que as pessoas pensarão que sou apenas mais uma convencida da cidade. Quero fazer amizades na vizinhança, tornar a Cornualha a minha casa.

Preciso disto.

Abro o fecho da mala e confirmo, pela segunda ou terceira vez, que guardei os apontamentos dentro do meu romance.

Antecipo o frio da rua e aconchego o casaco ao pescoço. Noto algo de errado. Os meus dedos encontram um espaço vazio na lapela, onde uso sempre o broche. Pertencia à minha mãe – um gavião de prata em voo – e nunca o retirei do casaco. Tinha-o da última vez que vesti o casaco. Foi no dia em que parti para França. Desde então que o casaco tem estado pendurado na entrada. Agacho-me, observo a fila de sapatos sob o bengaleiro e abano-os um a um – mas estão vazios.

Não tenho tempo para mais indagações, mas não gosto de sair de casa sem ele. É perturbante, um mau sinal.

Ao levantar-me, a imagem de Joanna entra no meu pensamento: uma mão pálida que se acerca da lapela do meu casaco, os dedos compridos encontrando a asa prateada do pássaro, seguidos de um movimento lesto para retirar o broche e esconder o metal frio na mão.

*

Pegando na caixa de livros que se encontra no assento traseiro, fecho a porta do carro com um movimento da anca e luto com o comando do alarme.

A biblioteca de cimento, erguida num relvado cheio de requinte, apresenta um ar cansado nesta manhã. Atravesso o acesso empedrado até à

entrada. Um rasto de glicínia, com folhas há muito ressequidas, serpenteia pela parede, e dejetos de pássaros mancham o cimento por debaixo dela.

Abro a porta com o ombro e inspiro o acolhedor cheiro a papel de livros.

Uma jovem bibliotecária, usando uma camisa de xadrez apertada no busto e no estômago, abandona o carrinho dos livros e corre para mim.

– Seja bem-vinda! Deixe-me ajudá-la! – diz, retirando a caixa das minhas mãos. – Sou a Laura. A propósito, adorei o *Medo Selvagem*. Literalmente, adorei! Recomendei-o, sei lá, a toda a gente!

– É muito simpático da sua parte, Laura. Obrigada – sorrio.

Ela orienta-me para uma área com cadeiras dispostas em semicírculo diante de uma pequena mesa.

– Assim está bem? – pergunta Laura com um leve sotaque da Cornualha. Tem as faces coradas e pequenas madeixas soltaram-se do rabo de cavalo. – Coloquei um jarro de água na mesa. Tem um microfone ao lado se precisar... embora algumas pessoas prefiram não o usar. A Maeve disse que temos um leitoril na arrecadação, se preferir?

– Está perfeito tal como está. Obrigada. – A minha atenção deriva para a janela, para o mar que reluz à distância. Sou assolada por uma enorme vontade de me encontrar lá, na água, ter o sal na pele.

– Oh, desculpe! As janelas não abrem mas se julgar que ficará abafado, posso abrir a saída de emergência. Que lhe parece? Abro já?

– A temperatura parece-me adequada. Adoro o cartaz do evento – digo, reparando no painel dos comunicados.

– Acabei de imprimir alguns – diz Laura, levando as mãos ao peito, contente.

Dispo o casaco e penduro-o nas costas da cadeira. Pouso o meu exemplar na mesa, abrindo-o e confiro os apontamentos.

– Oh, veja! Aí vem a nossa diretora, a Maeve. Julgo que ainda não se conhecem.

Aparece uma senhora pequena e de meia-idade, usando um vestido de peitilho e um lenço estampado com pássaros azuis atado à cabeça, sobre um cabelo profundamente ruivo e abundante. O seu olhar verde-pálido fixa-se em mim.

– Olá – sorri.

– Prazer em conhecê-la – digo, estendendo a mão.

A dela é fresca e macia. Há algo familiar nela.

- Igualmente.
- Obrigada por ter preparado este evento.
- Foi a Laura quem tratou de tudo.

Laura rebrilha de contentamento.

– O prazer é todo meu. Não é todos os dias que uma autora de sucesso se muda para a nossa vila. Estamos todos entusiasmados com a palestra. Vai esgotar – diz, virando-se para os lugares, que são ocupados lentamente.

As portas da biblioteca abrem-se e entra Fiona, desabotoando o casaco de gola subida, e perscrutando a multidão. Veste preto, com um traço de batom vermelho acrescentando cor num rosto sem maquilhagem, e tem uma mala volumosa pendurada ao ombro. O seu aspeto prático contrasta fortemente com o cenário mofento da biblioteca. Ao ver-me, levanta os dedos no ar e atravessa a sala ao meu encontro. Trocamos um beijo, e sinto o aroma de *croissants* e café.

- Esta é a Fiona, a minha irmã – digo, apresentando-a a Laura e Maeve.
- Conhecemo-nos todas – explica Maeve a sorrir. – Do clube de leitura.
- Este mês é na tua casa, certo? – pergunta Laura a Fiona.
- Oh, céus, tens razão! Tenho de vos avisar de que *brownies* de caramelo salgado não constarão no encontro. Mas garanto que haverá um mar de álcool.

- E as massas descerão dos céus – diz Maeve.

Laura vira-se para mim.

- Frequenta algum clube de leitura, Elle?
- Não. – Fiona já me tinha falado no clube de leitura, mas não fiquei ofendida por não me convidar: sempre mantivemos vidas sociais separadas.
- Então, devia juntar-se ao nosso! – diz Laura, baloiçando nos calcanhares. – Seria maravilhoso contar com a presença de uma verdadeira autora. Este mês estamos a ler *A História Secreta*. Devo ser a única que ainda não tinha lido aquele livro. Devia aparecer. Eu adoraria. Todas nós!
- Sim, vem – diz Fiona, e eu tenho dificuldade em perceber se ela me quer realmente presente.

– Está bem. – Olhando por cima do ombro, verifico que a sala se encheu. As pessoas esforçam-se por encontrar um lugar, penduram os casacos de inverno nas costas das cadeiras e pousam as malas no colo. Duas jovens acomodam-se numa das filas da frente, com os cadernos equilibrados nos joelhos, cabeças inclinadas em conversa. Penso: *Foi ainda ontem que era*

como elas. A ouvir outros autores a falar e suplicando: «Por favor, que um dia seja eu».

Maeve e Laura desaparecem para distribuírem formulários de inscrição e Fiona diz:

– O Bill pede desculpa mas o Drake estava desesperado para ir à praia.

– Não faz mal. – Fiona podia tê-los acompanhado, mas quis dar-me apoio. Estendo a mão e aperto-lhe os dedos. – Obrigada por teres vindo.

Fiona olha para baixo.

– Estás a suar?

– Nervos.

Ela lança-me um olhar penetrante, como se descascasse camada por camada da minha pessoa, até alcançar uma profundidade que mais ninguém conhecia.

– Juliet. Sandy. A Virgem Maria. Eras a atriz principal de todas as peças da escola. Dominavas o palco.

– Isso foi há anos. E encarnava uma personagem. Tinha um guião.

– Então assume uma personagem agora. És uma escritora de sucesso internacional. Tens uma das casas mais cobiçadas da Cornualha. És jovem, linda e bem-sucedida. E, em cima de tudo, tens uma irmã fantástica como tudo.

Encarando-me no espelho da casa de banho da biblioteca, reservo um momento para me recompor. Tenho o pescoço vermelho e aperto mais um botão da camisa, ciente de que as mãos me tremem.

Vou ser capaz. Já fiz o mesmo dúzias de vezes na digressão promocional, nos festivais literários e nas entrevistas.

Revejo mentalmente o plano da palestra. Planeio abordar ao de leve as férias na Cornualha quando era criança, saltando por cima da estranha nuvem escura que pairou sobre os meus vinte e poucos anos, e passo de imediato para o período seguinte. Explicarei a vaga insatisfação que me acompanhava, os vários empregos que tive, mas sem encontrar nenhum que fosse um escape para uma inquietude crescente. Depois, transitarei para as viagens com Flynn (devo mencionar o nome dele? Decido que não, para não arriscar o possível tremor da voz) – e como se implantou a ideia de

escrever, e que, quando voltei para casa, aluguei um apartamento no coração de Bristol.

– Encontrei um curso noturno – começara Flynn enquanto comíamos a piza que encomendáramos para jantar, diretamente da embalagem. – É de escrita criativa. Começou na semana passada... mas só perdeste uma sessão. Trouxe o panfleto. Toma – disse ele, enfiando-o na minha mão.

Mostrava uma imagem abstrata de uma asa a cortar o céu azul. *Deixe a sua imaginação voar*, dizia o título numa letra estilizada cinzenta.

– Pensei – dissera Flynn à cautela – que podia oferecer-to. Prenda de aniversário. Se estiveres interessada. – Flynn acabara de assumir o seu primeiro cargo pago como engenheiro florestal, regressando a casa todas as noites com lascas de madeira agarradas à malha do pulôver, e manchas de cortiça nas calças de ganga.

– É dado por uma mulher – continuara. – Escreveu alguns livros. Devias averiguá-la.

Deitara-me na banheira naquela noite, com velas acesas e óleos de essências formando uma película na superfície da água. Durante as nossas viagens mantive um diário, enchendo inúmeras páginas com descrições de experiências novas e lugares interessantes. Instantes de profunda paz em que me encontrei sentada de pernas cruzadas na praia, ou nas traseiras da caravana, lápis riscando a página macia do diário. Mas nunca tinha considerado levar a paixão de escrever mais longe.

A ficção pertencia ao mundo da mãe. Ela trabalhava como professora-assistente porque o cargo adequava-se ao nosso horário escolar, mas normalmente programava o despertador para acordar mais cedo, de modo a «tirar o melhor partido do velho cérebro» antes de o dia começar. Ao longo dos anos publicara vários contos em revistas, mas quando Fiona lhe perguntara se sonhava tornar-se escritora, ela respondia: «Não escrevo para publicar. Escrevo porque não posso passar sem escrever.»

– Sim – respondera eu a Flynn, envolta numa toalha e com os pés molhados no chão de linóleo. – Gostava de participar no curso.

Os fins de tarde de quarta-feira tornaram-se o melhor período da semana. Adorava a orientadora, uma mulher de cerca de cinquenta anos, cabelo ruivo curto e uma coleção ilimitada de lenços com padrões de animais. Tinha um sentido de humor sardónico e perverso, e enchia o espaço com a sua paixão pelas palavras. Os alunos eram uma mescla de idades: dois

homens recentemente divorciados que escreviam histórias de aventuras inspirados por Wilbur Smith; uma licenciada de literatura inglesa que perdera a irmã gêmea; três amigas reformadas que costumavam encontrar-se para jantar antes das aulas e traziam, agarrado, o cheiro a especiarias tailandesas ou a vinho. As quartas-feiras eram o farol deste grupo.

Foi durante o curso que desenvolvi a ideia para o meu primeiro romance. Não surgiu numa inspiração relampejante; tive simplesmente uma imagem. Imaginei duas mulheres à beira de água, mãos dadas, olhando atentamente para longe. Quis descobrir para onde ou para quem olhavam. Encorajando a minha mente a aproximar-se da imagem, apercebi-me de outros pormenores: dois rapazes na água; o vislumbre de um salva-vidas cor de laranja; um rapaz que volta vivo para a praia – não dois.

Quando a ideia ganhou raízes, desenvolvi-a fervorosamente. Na época trabalhava como rececionista e o bloco de notas ao lado do telefone do escritório encheu-se de ideias para o enredo e apontamentos para personagens. Passava os intervalos do almoço no assento traseiro do carro, a escrever, não querendo usar a sala de convívio para evitar interrupções. Seguindo o exemplo da minha mãe, marcava o despertador para uma hora antes, para escrever com calma; nessa mansa hora matinal, abandonava as paredes do apartamento e voava pelos ares.

Aos poucos, o romance começou a ganhar forma. Tinha apenas pedaços soltos e dispersos, mas havia nele uma promessa.

Os autores costumam falar sobre o momento mágico em que assinam o contrato de edição do primeiro livro – e eu recordo-o com todos os pormenores. Tendo sido convidada para me encontrar com uma editora interessada, sentei-me com o meu agente no espaçoso átrio da receção da empresa, fitando a escultura metálica de um globo suspensa do teto, uma bola de discoteca longe das festas. O meu fato, que passara a tarde inteira a escolher – saia de bombazina amarela com bordados e um *top* de seda verde – parecia-me agora bizarro e provinciano.

Observei os outros visitantes que entravam no átrio, passando pelos seguranças: malas e pastas eram pousadas na esteira rolante e perscrutadas ao raio-X, e penduravam fitas com cartões de identificação ao pescoço. Era tão distante do processo de escrever o livro que subitamente me senti no lugar errado. Levei a mão ao bolso, retirando a caneta de aparo da minha mãe. Rodei-a nos dedos, explorando a zona baça na ponta, que perdera o

brilho pelo uso. Lembrei-me de como a mãe a usava para escrever, a inclinação da mão, o cotovelo a deslizar pela berma da mesa. Quando era miúda, deixava-me fascinar pelos cartuchos vazios de tinta preta, que continham uma conta pequena de vidro como o olho de um arganaz.

Segurando-a na ponta dos dedos, sabia que a minha mãe teria orgulho do caminho por mim percorrido – que eu, Elle Fielding, ex-empregada de bar e de mesa e andarilha por terras estrangeiras, tivesse escrito algo suficientemente bom para atrair a atenção de um editor.

O meu agente literário e eu fomos atendidos por um assistente, acompanhados ao longo dos doze pisos no elevador e depositados numa sala de reuniões com portas de vidro e vista para um escritório de espaço aberto. Nunca vira tantas pessoas juntas a trabalharem no mesmo lugar.

Poucos minutos depois, uma mulher num vestido azul simples e botas de cano curto entrou com a mão cheia de papéis.

– Elle, sou a Jane, uma das diretoras editoriais. Muito prazer – cumprimentou-me calorosamente com um beijo. Gostei dela prontamente. Era sincera, inteligente, e tinha paixão por livros.

– Deixe-me dizer-lhe já que *adorei* a sua história. Embrenhei-me nas personagens. Aquelas mulheres... apetecia-me pegar no telefone e ligar-lhes. Tem uma magnífica capacidade para observar.

Um repente de deleite percorreu-me e comecei a descontraír, percorrendo imperturbada sobre a origem da ideia, e porque finalizei a história daquela maneira. O meu agente sorriu-me com entusiasmo. Sim, corria bem.

Jane informou-me dos passos seguintes: iria apresentar o livro na reunião editorial daquela semana.

– Uma das perguntas que colocarão – disse Jane – é que outras ideias você tem.

Tinha despejado toda a minha energia naquela história, naquelas personagens. Não ousara sair delas, para que não fechassem a porta nas minhas costas.

– Se tiver alguma coisa que possa partilhar comigo antes da reunião – disse Jane –, mesmo se forem apenas apontamentos soltos... iria realmente ajudar a minha apresentação. Seremos capazes de olhar mais em frente e consolidar a sua marca no mercado.

Mercado. Aquisições. Marca. O meu estômago tremia de entusiasmo. Permiti-me sentir a mais ínfima sensação de esperança: este era o começo.

Agora, na casa de banho da biblioteca, seco as palmas húmidas das mãos nas calças de ganga. Respiro fundo, sinto os ombros retesados.

– Olá, sou a Elle Fielding – anuncio ao espelho, fixando o sorriso.

Observo-me, pensando em que tipo de escritora o público esperava encontrar. Uma trintona com uma carreira bem-sucedida. Uma mulher confiante, serena, feliz.

Mas o que vejo eu? Interrogo-me, inclinando-me para o espelho, espreitando para o centro escuro das minhas íris, notando a rede de traços vermelhos que as cercam.

Pisco os olhos. Afasto aquela pessoa.

– Olá, sou a Elle Fielding – anuncio novamente, com a voz mais animada, com mais volume. – É com prazer que aceitei o convite...

Paro de repente quando ouço um autoclismo a ser descarregado. Abre-se a porta do cubículo e surge a Maeve.

O olhar dela encontra o meu no espelho.

Sinto-me como se tivesse sido apanhada em flagrante

– Aquecimento – digo.

Maeve aproxima-se do lavatório, deixando a água fria banhar-lhe as costas das mãos. Fecha a torneira com o pulso, depois limpa-se cuidadosamente com toalhas de papel.

– Não se alcança a perfeição sem treino.

Anteriormente

Mesmo sem estares em casa, sinto-te próxima.

Existem vestígios de ti em toda a parte. Há pouco encontrei um cabelo teu preso na manga da minha camisa. Observei-o contra o candeeiro, vendo o tom cor de caramelo, e a raiz surpreendente grisalha.

No lixo, encontrei um post-it amarrotado com a indicação: «Concentra-te! Desliga a Internet!» Sorrio porque imagino a autodisciplina que um autor deve precisar. A pressão que deves sentir para que o segundo romance seja excecional.

Aguardamo-lo com ansiedade.

Lembro-me de quando li o teu livro de estreia pela primeira vez. Foi avassalador. Li-o de uma assentada, sem me levantar do assento. A beleza e maestria da tua história, o ritmo acelerado... Deixou-me sem fôlego.

Autografaste o meu exemplar na primeira página, uma assinatura cheia de volteios com um beijo.

Apareci numa das tuas sessões de autógrafos, fiquei a ver-te do fundo de uma fila serpenteante.

Examinei a inclinação da tua cabeça, sempre que te baixavas para mais um autógrafo, o cabelo caindo sobre o ombro. Sorrias ao falares com os leitores, perguntando-lhes o nome, a quem dedicarias o livro.

Foi só quando olhei com mais atenção que reparei – a forma como as tuas pernas tremiam debaixo da mesa.

Elle

*Um romance retrata sempre a verdade:
não só a vê como a descreve.*
Elle Fielding (autora)

– É com enorme prazer – diz Laura, dirigindo-se ao público – que apresento a autora da Cornualha, Elle Fielding. O seu primeiro livro vendeu mais de meio milhão de exemplares e foi traduzido para uma dúzia de línguas.

O meu olhar percorre a sala, absorvendo as pessoas. Todos os lugares estão ocupados e aqueles que chegaram tarde ficaram de pé a obstruir a saída.

Respira, digo a mim mesma. *Sorri*.

Perscrutando a multidão, um rosto na primeira fila faz-me parar. Mark está sentado com um braço por cima das costas da cadeira, tornozelo descontraidamente apoiado no joelho. Mostra um sorriso lânguido.

Mas que porra faz ele aqui?

Despego o olhar. Laura diz:

– A Elle é uma das escritoras mais vendidas, e se a seguirem no Facebook, ficarão a saber que adora nadar no mar e que tem um excelente gosto para decoração de interiores. Fica o aviso: a inveja da casa dela é um efeito secundário.

Passa uma onda de risos pelo público. Não preciso de olhar para Mark para saber que ostenta um ar trocista.

– Além disso, se houver algum aspirante a escritor na sala, tal como eu – acrescenta Laura com um risinho –, a Elle oferece conselhos brilhantes de escrita nos vídeos semanais do Facebook Live, pelo que aconselho que vão ver – aproveita para respirar. – Antes de parecer ainda mais a fã derretida que sou, por favor uma salva de aplausos para a adorável e incrivelmente talentosa Elle Fielding!

Dou um passo em frente, agradecendo a Laura com um gesto de cabeça, e posiciono-me ao lado da pequena mesa em que o livro e o jarro de água se encontram colocados. Sentindo os aplausos amansarem, procuro os meus apontamentos.

Não os encontro.

Insurge-se uma onda de pânico, ardente e veloz.

Folheio as páginas do livro, tentando manter o sorriso. Os apontamentos encontravam-se dentro da capa quando cheguei – tinha verificado.

Sinto o coração bater contra as costelas. *Não consigo avançar sem eles.*

– Só um instante... – peço, baixando-me e procurando os papéis debaixo da mesa, caso tivessem deslizado para o chão. Confiro depois na minha mala mas também não os encontro. Sentindo continuamente a atenção coletiva do público concentrada nas minhas costas.

Os meus apontamentos estavam no livro quando o pousei sobre a mesa – tenho a certeza. Alguém os deve ter retirado.

Levanto-me. Encaro as pessoas.

Será que foi alguma delas?

– Parece que perdi os meus apontamentos.

Mark encontra o meu olhar e sorri.

– Foi você quem os tirou? – As palavras escapam-se da minha boca antes que possa impedi-las.

A atenção da sala vira-se para ele.

Ele abre as mãos.

– Claro que não.

Alguém pigarreia com força. Viro-me e noto que Laura torce o berloque do colar, acenando levemente com a cabeça como se dissesse, *Siga em frente.*

– Mas quem é que precisa de apontamentos? – digo, tentando parecer descontraída mas as expressões do público informam-me que não fui feliz.

Respira. Sorri. Fala devagar.

Preciso de recuperar o controlo dos meus nervos, de ter um minuto para pensar.

– De onde veem as ideias? – pergunto, lançando a pergunta à sala.

Cem pares de olhos encaram-me com expressões vazias. Talvez a pergunta precisasse de contexto. O suor acumula-se debaixo dos meus braços.

– Eu... gostava de falar sobre a origem das ideias, e como é que formam uma história. De onde é que, na vossa opinião, os escritores, todos os autores, artistas e músicos e... e outras pessoas retiram as ideias?

Um murmúrio percorre o público, que parece ponderar na resposta. Por fim, ergue-se um braço na primeira fila. Pelo canto do olho percebo que se trata de Mark. Aguardo alguns instantes mas não se levantam outras mãos, e portanto tenho de dizer:

– Sim?

– No mar.

Uma onda de antecipação viaja pelas pessoas.

Numa voz fria e arrastada, Mark continua:

– Li algures que o mar ajuda à criatividade. Aparentemente, é saudável e incentiva a criatividade ter uma paisagem marítima.

Murmuro algo em resposta. Nem sei bem o quê. Sinto uma pressão formar-se no peito. Olho para a saída – mas encontra-se bloqueada pela pequena multidão de pé no fundo da sala. A pressão aperta-me, sobe à garganta, constringe-me. Não consigo respirar.

Todos me observam. Aguardam que fale. Que seja Elle Fielding, a autora que vende muito. Mas estou muda. Essa pessoa abandonou-me.

– Talvez – adianta alguém no público – as ideias surjam de quem conhecemos.

É Fiona.

– Pode ser um pedaço de uma conversa que se escuta – sugere, procurando salvar-me – ou uma história que alguém conta.

– Sim. – Agarro-me a esse apoio, afastando-me do precipício. – Tens razão. Uma dessas coisas pode servir de faísca. Irei falar hoje sobre a ideia

que inspirou o meu primeiro livro, portanto, talvez deva, primeiramente, ler-vos o começo.

O ritmo familiar das palavras incute confiança na minha voz, amansa os meus nervos. Concentro-me em falar devagar, em recuperar o controlo da respiração. Sou capaz. Já fiz isto inúmeras vezes, para públicos maiores.

E lá me aguento, firmando os pés, exprimindo-me de uma forma clara, esticando os ombros. Mas quando começo a pensar que vai correr bem, o meu olhar encontra uma marca na página. Uma palavra que foi assinalada com um círculo desenhado por uma caneta vermelha.

Não me lembro minimamente de ter feito aquilo nem porquê. Nunca rabisco os meus livros – a página impressa é sacrossanta.

Apresso-me a ler em voz alta as últimas linhas, embora o meu pensamento não tenha largado aquela palavra estranhamente destacada.

Tu.

A sessão prossegue, enquanto eu deslizo e salto entre tópicos, parando apenas para recuperar o fôlego. É a adrenalina que me impele; sinto a tensão acumulada nos ombros, nas vértebras na base do pescoço.

Segue-se a fase das perguntas, mas a audiência – talvez pressentindo a minha ânsia de fugir – não coloca muitas. Depois, uma pequena fila de leitores quer autógrafos, seguindo-se os agradecimentos e despedidas das funcionárias da biblioteca, e por fim... por fim, fico em liberdade.

O ar fresco arrepia a minha pele, com a camisa suada e fria nas minhas costas. Estacionei o carro na berma da estrada, debaixo de uma fileira de choupos, e ao retirar as chaves da mala, encontro Fiona com um cigarro nos dedos.

– Queres uma passa?

Anuo, encosto-me ao carro e encho demoradamente os pulmões de tabaco. Há muitos anos que não partilhávamos um cigarro, e a energia da nicotina enche-me a cabeça.

– A quem é que sacaste isto?

Ela toca no nariz.

Dou nova passa, antes de devolver o cigarro.

– Não vais dizer um comentário positivo sobre a minha sessão, do tipo, *até tiveste uns bons momentos em que correu bem?*

– Precisas que diga isso?

Solto o ar com força.

– Preciso de uma bebida.

– Não foi tão mau quanto julgas.

– Obrigada pela ajuda.

– O que aconteceu aos teus apontamentos?

– Estavam dentro do livro que trouxe, aquele que deixei sobre a mesa da biblioteca. Alguém os deve ter tirado.

Fiona arqueia o sobrolho.

– Quem, o homem da primeira fila que tu acusaste?

– Não o acusei. Só lhe perguntei. É o Mark... o filho da Enid e do Frank.

– Oh! Aquele que virou os caixotes de lixo.

Noto o gracejo ligeiro na voz e não sei dizer se me ajuda ou se irrita.

– Nem acredito que ele teve a lata de se sentar na primeira fila. Sem dúvida que adorou ver a minha figura de parva.

– Podia estar genuinamente interessado no que tinhas para dizer.

– Não há nada de genuíno nele.

– Falai no diabo – diz Fiona, inclinando a cabeça.

Mark aproxima-se de nós, com o olhar fixo em mim.

As mãos de Fiona sobem à cabeça, e prende o cabelo solto para não ser fustigado pelo vento.

– Uma palestra deveras interessante – diz ele, sem sorrir.

– Não fazia ideia de que estivesse tão interessado na minha carreira de escritora – respondo com uma delicadeza gélida.

– É importante apoiar a comunidade cá da zona, não concorda?

– Pensei que vivia em Londres.

– Esta é a minha casa.

Surge uma pausa e o olhar transita para Fiona. Estende a mão.

– Sou o Mark, vizinho da Elle.

Fiona enfia o cigarro entre os lábios, e aperta-lhe a mão.

– Fiona.

Um sorriso privado surge nos cantos da boca dele.

– Chegou a encontrar os seus apontamentos? – pergunta, virando-se para mim.

– Foi você quem os tirou, não foi?

Ele ri-se, baloiçando ligeiramente sobre os calcanhares.

– Quem me dera ter pensado nisso. Ia sendo complicado para si, estou certo?

Depois levanta a mão para um aceno de despedida e passa por nós.

– Imbecil – murmuro em surdina.

– Um imbecil muito atraente – diz Fiona, largando o cigarro sobre o passeio e pisando-o com o calcanhar da bota. – Pronto, é melhor ir ter com os rapazes.

Tento não senti-la, mas ei-la: a ligeira sensação de inveja pela minha irmã ter uma vida familiar.

– Bom fim de semana para vocês – desejo, e dou um beijo a Fiona um pouco mais intenso como compensação.

Ao sentar-me no lugar do condutor noto o estalido de papel no bolso traseiro das calças.

Os meus apontamentos.

Retiro-os. Pouso o papel morno e amarrotado sobre o joelho. Sinto-me corar: devo ter levado os apontamentos comigo para a casa de banho, para uma última leitura.

Baixo a cabeça até encostar a testa no volante frio. A buzina solta uma demorada nota de exclamação.

Abro a porta de entrada, mas hesito. Algo está diferente. Pressinto-o de imediato. O ar encontra-se acutilante. Uma corrente de ar sai da casa, passando por mim.

Sem despir o casaco, atravesso o corredor, trespassando-me o abdómen uma sensação funesta. Não deve passar das duas da tarde, mas o céu carregado já roubou a luz ao dia.

Paro à entrada da sala, à escuta. Um ligeiro raspar emana do interior. Uma brisa desliza por debaixo da porta e envolve-me os tornozelos.

Quero virar-me e partir. Mas obrigo-me a escancarar a porta, com movimentos contidos, e não ousados, como se antecipasse alguém a vir contra mim.

A sala está gelada. Os cortinados esvoaçam ao sabor da brisa e prendem-se ao parapeito. Do lugar em que estou, vejo a janela de cima totalmente aberta, por onde sopra o ar com força. Os postais sobre a cornija caíram ao chão.

Normalmente, verifico com todo o preceito que as portas e as janelas estão todas trancadas antes de sair de casa, mas nesta manhã andava atordoada, efeitos de outra noite sem dormir.

Obrigo-me a percorrer a sala e fechar a janela com firmeza. Faço uma breve pausa, à escuta. Mas só consigo ouvir o pulsar do meu coração, acompanhado do silêncio.

Entro em ação, examinando o resto do piso térreo. Só quando acabo de verificar duas vezes que todas as portas e janelas estão fechadas é que me dou por satisfeita e dispo o casaco.

Na cozinha retiro uma garrafa de vinho do frigorífico e encho um copo grande. Emborco metade do conteúdo sem me afastar do aparelho, até sentir a tensão entre as omoplatas começar a ceder.

Fiona está certa: preciso de um cão. A casa seria muito mais acolhedora se um animal me esperasse, se corresse em volta de mim excitado, e se aninhasse comigo no sofá, ou se se deitasse a meus pés enquanto escrevo. Flynn sugerira comprar um cão há dois anos, mas eu resistira a essa ideia – como se tê-lo fosse admitir que jamais haveria um bebé.

Termino o copo de vinho e encho outro. Há que acalmar os nervos. Céus, a sessão na biblioteca foi humilhante – falhar assim à vista de todos. Assolada por um ataque de pânico. Não foram apenas os apontamentos perdidos que me desnortearam, mas a estranheza de ver a palavra *Tu* marcada no meu livro.

Abrindo a mala, retiro o meu exemplar do *Medo Selvagem* e procuro a primeira página da história. Ali está ela, totalmente nítida, a palavra de duas letras destacada com um círculo vermelho.

Tu.

Porquê? Porque teria eu feito aquilo? Algo tão irrisório – e contudo, é incontornável a estranheza da sua existência.

Percorro rapidamente as páginas seguintes, à procura exaustivamente de mais marcas de caneta vermelha, de palavras com círculos ou sublinhados, mas não encontro outras anotações. Talvez tenha sido eu quando me preparava para a palestra – assinalando o limite da minha leitura pública. Céus, outro efeito prejudicial da insónia? Perder apontamentos, deixar janelas abertas, existir sem notar as horas do dia.

Continuo a folhear o livro, mas ao alcançar o fim, um vislumbre vermelho capta-me a atenção. Na derradeira página do último capítulo, foi

assinalada outra palavra a vermelho.

Fico hirta.

Fecho os olhos com força, e depois abro-os para confirmar.

Mentiste.

Passo da primeira para a última página, o sangue fugindo-me do rosto ao notar aqueles dois olhos vermelhos que me encaram.

Tu Mentiste.

No negrume das quatro da manhã de um rigoroso inverno, endireito-me e afasto o cabelo da cara. O suor escorre-me entre os seios. Afasto o edredão. Respiro profundamente, como se tivesse acabado uma corrida.

Tu Mentiste.

As palavras assinaladas não me largam o pensamento. Perseguem-me, encontrando-me nos sonhos, cada vez mais próximas, até me alcançarem.

Vejo uma mão pálida – a mesma que desprendeu o broche – mas desta vez segura uma caneta vermelha. A mão paira por um segundo antes de baixar para a página, assinalando aquelas palavras a vermelho.

Deixando-me uma mensagem.

Levanto-me da cama, atravesso o quarto, abro com força as portas da varanda. Dou um passo para o exterior. O piso está húmido do orvalho. O frio súbito agride a minha pele. Agarro o corrimão com força. *Respira.*

O mar retorce-se no escuro, irrequieto. Pressinto que a maré estará cheia, engolindo a baía, escondendo-se nas rochas.

Estico-me sobre os dedos dos pés, espreito para o fundo, contemplando a pedra negra e, além desta, o ímpeto do mar.

Sinto o eco da presença de outra pessoa aqui antes de mim. Joanna? O marido dela? Novamente a mão pálida, crispada no corrimão, avaliando a distância entre o lugar em que assentam os meus pés e a dureza das pedras lá em baixo.

Anteriormente

O espelho da tua casa de banho é maior do que a minha porta de entrada. Encostada descontraidamente na parede, a moldura de prata trabalhada está corroída nas bermas.

Há nuvens carregadas no céu mas o espelho reflete aquela qualidade peculiar da luz que é própria do litoral, e distribui-a alegremente pelo espaço. Bate na tua cama de casal com os lençóis cremes e as almofadas fofas.

Dou um passo em frente para ficar diante do espelho. Pés virados para ele, sentindo a riqueza do teu tapete macio entre os dedos. Estou no preciso local em que te colocas para te maquilhares – percebo-o pela mancha de base no vidro, quando te inclinaste perto de mais.

Será que gostas do que vês?

O resto do mundo gosta. Ontem percorri os teus textos do Facebook e li os comentários dos leitores.

És fantástica, Elle. Continua nesse rumo!

Li o teu livro TRÊS VEZES. És a minha nova autora preferida.

Tens um sorriso muito bonito ☺

Faço deslizar a porta do armário e encontro um espaço vazio no suporte para pendurar os meus pertences. Não consigo imaginar a minha roupa ali.

Gosto mais de gavetas.

Descubro um vestido que te dá abaixo dos joelhos. Deve ser feito de seda, e os meus dedos percorrem o decote, apreciando o material. Não percebo muito de moda mas sei que é adequado à tua figura graciosa e que fará sobressair os tons caramelo do teu cabelo. Sei que as cabeças se irão virar quando entrares numa sala.

Não são meras suposições: sei, porque já te vi usar aquele vestido.

Elle

A maré baixou e a areia compacta brilha na leve luz da manhã. Drake corre ao fundo, perseguindo a espuma do mar soprada pelo vento. Fiona e eu vemo-lo descobrir um montículo que se abana na berma da água, e saltar sobre ele, as botas impermeáveis vermelhas projetando espuma no ar.

Dois surfistas atravessam a praia à nossa frente, correndo com as pranchas debaixo do braço, com o olhar atento às ondas, estudando os padrões do mar, traçando o caminho para entrarem na água.

Enterro as mãos nos bolsos do casaco e estico os ombros, respirando fundo. Encho os pulmões com o ar fresco cheio de sal. Há dias que não sentia a cabeça tão leve. Depois de ter passado horas acordada na noite passada acabei por desistir da cama e sentei-me diante da televisão, tentando afogar o barulho íntimo. Acordei de manhã com o pescoço dorido e as mãos frias, sem pinta de sangue.

Depois de engolir dois cafés, obriguei-me a sentar-me à secretária, mas não fui capaz de escrever nada de jeito. Perdi o meu ritmo, hesito no que escrevo, como se não estivesse pronta a regressar à história. Por fim, liguei a Fiona e sugeri um passeio.

– Elle?

Viro-me, descobrindo que Fiona me observa.

– Desculpa, estava distraída.

– Perguntei-te se tens notícias do Flynn?

– Liguei-lhe na sexta-feira à noite... depois de ter jantado na vossa casa. Ouvi a voz de uma mulher.

– Oh!

– O Flynn referiu ao Bill que tinha alguém?

Fiona desviou a vista.

– Já percebi que sim.

– Se queres saber, posso contar-te. Mas Elle – diz, abrindo as mãos –, queres mesmo saber?

– Quero.

Fiona suspira.

– O que o Bill me contou foi que, da última vez que falaram, o Flynn disse que queria passar menos tempo em casa. Queria conhecer pessoas.

Conhecer mulheres, é o que penso, e o meu estômago dobra-se sobre si mesmo.

– O Flynn tem estado em baixo. Na minha opinião foi um bom conselho.

– Conselho? Queres dizer que o Bill disse ao Flynn para andar à solta? A dormir com esta e com outra?

– São amigos. O Bill ficou preocupado com ele.

– E que tal preocupar-se comigo?

Drake chama-lhe a atenção naquele instante, pois tenta levar uma mão cheia de espuma à cara, desenhando uma barba feita de bolhas.

– Não ponhas isso na boca!

Ele sacode a cabeça, largando uma chuva branca de espuma. Vendo-o recortado contra o sol, sorrio, pois é belo e cheio de vida. Sempre que questiono a decisão de me ter mudado para a Cornualha, Drake é a única coisa que faz todo o sentido. Quero pertencer à vida dele, testemunhar as pequenas transições do seu desenvolvimento, tornar-me alguém a quem possa recorrer quando for mais crescido.

Retiro o telemóvel do bolso e centro-o na câmara. Tiro uma foto.

– Não ouses colocar isso no Facebook.

– Claro que não – respondo, magoada.

– Ainda bem, sabe-se lá quem é que tem acesso às fotografias que colocas. Seja como for – diz Fiona –, por que razão ligaste ao Flynn à meia-noite?

Voltámos ao tema de Flynn.

– Apeteceu-me ouvir a voz dele.

- Se te sentes sozinha...
- Não disse que me sentia sozinha.

Arqueou uma sobrancelha.

– Deixa-me dizer de outra forma. Se te apetecer companhia, o sofá-cama está sempre à tua disposição. Aparece quando quiseres. Convém saberes que o Drake vai usar a tua cabeça como almofada quando forem seis da manhã e pôr os desenhos animados aos berros.

- É tentador.
- É assim a minha vida. Muito tentadora.

A minha irmã está diferente hoje – há uma tensão, como se tivesse sido levada ao limite.

- O Bill vai passar a semana fora?

Ela anui.

- Sou outra vez mãe solteira
- Se quiseres folgar uma noite, sabes que adoraria ficar com o Drake.
- Quando acabo de deitar o miúdo, só me apetece cair na cama... mas por outro lado, começo a pensar, *Este é o pouco tempo que tenho para mim mesma*, e sinto que devia aproveitá-lo, mesmo que seja apenas tomar um copo de vinho na banheira, entendes?

Indico que sim – embora obviamente não entenda. Tenho todo o tempo que quero para mim mesma. Demasiado tempo. Como são diferentes as nossas vidas, hoje em dia. Pergunto:

- Como vai a escrita para publicidade?
- Desafiadora. Interessante. Estimulante.
- A sério?
- Estou a compor brochuras para um cruzeiro. Uso palavras como *aspiração* e *bem equipado*. O que te parece?
- Pensei que estavas a gostar deste trabalho.
- Apenas porque preciso do dinheiro. Não é um desafio minimamente intelectual. Seja como for, devo terminar daqui a uns dias.
- Não podias fazer jornalismo em regime *freelancer*, mais parecido com o que fazias antigamente?
- Viver na Cornualha é como estar num continente diferente. E ser mãe não dourou o meu currículo. Nem sempre temos a vida que imaginámos.

A forma como Fiona solta este último comentário, com o olhar distante e o tom de voz apagado e sério, faz-me calar. Ponderar no que este

comentário significa para ela.

– Fiona – começo a dizer.

Mas ela avança na direção de Drake, que está ao pulinhos, a informar:

– Fazer chichi!

Observo a minha irmã desfazer as camadas de roupas do filho. Ainda me apanha desprevenida, ver Fiona a agir como mãe. Depois de tanto dizer que não queria filhos, que não tinha vontade de casar – e ei-la agora, casada e com prole.

Viro-me lentamente no meu lugar, apreciando a vista. Quando éramos pequenas e vínhamos à Cornualha de férias, adorávamos que surgisse um clima de baixas pressões para incentivar as ondas e torná-las grandes, fustigando a praia, os estrondos enchendo a nossa caravana. Depois as ondas amansavam e a praia enchia-se de detritos e tesouros arrancados ao fundo do mar. Íamos então, Fiona e eu, vasculhar a areia. Num dado outono, Fiona descobriu uma lata com o rótulo em japonês por abrir, ainda intacta. Trouxe-a com cuidado para a caravana e colocou-a no centro da mesa como adorno, e passámos horas a especular sobre o possível conteúdo. Era atraente por ser exótica – e também por demonstrar que, de algum modo, através do oceano, o mundo inteiro estava ligado.

Sem qualquer cerimónia, Fiona abriu a lata mistério, espreitou para dentro, com as sobrancelhas unidas. Saltou para trás, tapando a boca com a mão.

– Que nojo! – exclamou por entre os dedos.

Espreitei para o conteúdo exposto e descobri uma massa que parecia um molusco. Despejei-a numa taça para examinar melhor, usando um palito para espetá-la e exibi-la contra a luz. Fiona insistira que me livrasse daquilo imediatamente. Lembro-me de levar estas estranhas criaturas mortas para a porta, com Fiona dramaticamente enojada ao meu lado. Ao sairmos, houve um problema. O vento prendeu a porta, ou talvez eu tivesse calculado mal a distância, mas lembro-me de cambalear, com a taça a balançar nas mãos, o líquido saltando por cima da berma e caindo nas canelas de Fiona, deslizando pela costura das suas novas *Dr. Martens* púrpuras.

Ouviu-se um berro, um grande drama de botas descalçadas à pressa, acusações de que eu fizera de propósito. Houve inúmeras desculpas e tentativas de limpar as botas, mas a disposição de Fiona continuou amarga – até, ao tentar calçar as minhas próprias botas, descobri-las cheias do

conteúdo inteiro de uma lata de atum. E mesmo enquanto Fiona recebia o sermão da mãe, lançou-me um sorriso satisfeito, como se dissesse, *tiveste o que merecias*.

A memória é afastada pelo toque do telemóvel. Trata-se da minha editora. Sinto-me tentada a deixar que a chamada se encaminhe para a caixa de voz, mas atendo no derradeiro minuto.

A voz de Jane é abrupta:

– Elle, está tudo bem? O editor da revista *Red* acabou de ligar. Não compareceste à entrevista.

Entrevista? A minha pele enrubesce. Sabia que estava para breve, mas não me lembrava que fosse hoje.

– Não ias enviar-me mais detalhes?

– E enviei, na semana passada.

Não me lembro de os ter recebido.

– Desculpa, mas não recebi nada, Jane.

Ela faz uma pausa.

– Resondeste, Elle. Dizendo que aceitavas ir.

Respondi? Pondero a enchente de mensagens de correio que recebera nos últimos dias e semanas, e destas, a quantidade que aguardava resposta. Lembro-me agora de pegar num punhado a meio da noite, sem conseguir dormir. Devo ter respondido mecanicamente e não anotei na agenda.

– Peço imensa desculpa, Jane. Parvoíce minha. Tenho estado concentrada no manuscrito. Eu ligo à *Red* e peço desculpas.

– Sim, faz isso.

A chamada termina. Praguejo baixinho, furiosa comigo mesma.

Fiona voltou para o meu lado. Drake continua a brincar junto à água.

– O que foi?

– Devia estar em Londres neste preciso instante. Faltei a uma entrevista com a revista *Red* – digo, com os olhos fixos no ecrã do telemóvel, percorrendo os meus *e-mails*, procurando a prova da minha resposta.

Ali está. Enviada há vários dias.

Para: Jane Riley

Data: Sexta-feira, 5 de novembro

Assunto: RE: Entrevista com a revista *Red*

Obrigada pela oportunidade, Jane. Parece ótimo.

Estou ansiosa por ir.
Elle.

Inclino a cabeça para trás com um gemido. Sei que é complicado marcar estas coisas. As hipóteses de reagendar são baixíssimas.

– Estás bem?

Passo a mão pela cara.

– Nem acredito que me esqueci. A Jane parecia lixada comigo.

– Ter esquecimentos é normal.

– Tu nunca faltaste a uma marcação na tua vida – digo, embora tenha saído com um tom brusco. – Desculpa, estou esgotada. Detesto não conseguir pensar com clareza e cometer erros. Malditas insónias.

– Este mau bocado há de passar – diz ela com ar tranquilizador. – É apenas a pressão do teu prazo.

– Sim – respondo, desviando o olhar.

Subimos pelo trilho das dunas, de volta ao carro de Fiona. Tento sacudir a sensação desagradável deixada pela circunstância da entrevista, e concentro-me na mão de Drake que aperta a minha, para o ajudar nas subidas mais inclinadas.

Fiona mantém a conversa fluida, tentando animar-me.

– Pensas acompanhar-me ao clube de leitura na quinta-feira?

É a primeira vez que ela menciona o clube desde o convite de Laura e Maeve no encontro da biblioteca.

– Gostava de ir. Desde que não te importes.

– Porque havia de me importar?

– Tens aqui a tua vida. Não quero que sintas que quero apanhar boleia.

– Não sejas parva. Não te convidei antes porque pensei que considerarias o clube demasiado provinciano, agora que és um talento literário internacional.

– Vais servir comida?

– É preciso ter alguma coisa para acompanhar o Bollinger.

Drake solta a mão da minha e corre pela duna acima, com o pompom do gorro a baloiçar.

O trilho fica mais largo e Fiona põe-se ao meu lado para caminharmos juntas. Poucos minutos depois entramos nos carros. Fiona e Drake de volta para casa deles, e eu para a minha.

Penso no silêncio que me aguarda dentro de casa. As paredes caiadas de branco ecoam-no. Não quero estar ali, percebo-o. Procuo motivos para não voltar.

Não sei o que me faz sentir assim. A casa no cimo da falésia sempre foi o meu santuário. E no entanto... desde que voltei de França, está diferente. Como se já não me pertencesse.

Viro-me para Fiona.

– Não te contei, mas o broche da mãe desapareceu.

– O gavião de prata?

Confirmo.

– Penso que deve ter sido levado por quem alugou o Airbnb.

– O quê? – exclama ela, chocada. – Onde estava? Na tua caixa de jóias?

– Não, preso ao casaco. Deixei-o pendurado no corredor quando fui para França.

A preocupação dela é substituída por divertimento.

– Não é mais provável que tenha apenas caído?

– É possível, mas tenho este pressentimento...

– Pressentimento?

Fiona não lida com pressentimentos. Lida com factos. Jamais usaria as palavras, *Tenho este pressentimento...*

– Não consigo explicar. Sinto que foi roubado. Mas não é apenas o broche... é o pisa-papéis rachado, e...

Preparo-me para contar-lhe sobre as duas palavras assinaladas no meu romance, *Tu Mentiste*, mas fico calada.

Coloca demasiadas questões.

Pelo contrário, indico:

– Estou a pensar entrar em contacto com a Joanna.

– Para dizeres o quê?

– Não sei. Só quero... ter uma ideia de como ela é. Ter a certeza de que é normal?

– Normal? Elle, percebes que isso é uma parvoíce? A Joanna e a família dormiram na tua casa, pagaram a conta, deixaram-na num estado impecável. E agora propões-te investigá-la?

- Investigá-la, não. Contactar com ela. Apenas para meu descanso.
- Sei que é difícil para ti viveres naquela casa sem companhia. É natural que andes sobressaltada. Mas não te percas na tua imaginação, está bem?
- O que significa isso?
- Olha, não vou armar-me em condescendente e dizer que estás a tirar demasiadas ilações dos pormenores, mas também não quero incentivar os teus medos porque... não passam de receios. És uma autora, Elle. A imaginação é a tua ferramenta.

Preciso de tirar a ideia do pensamento, digo a mim mesma, ao regressar a casa e abrir o portátil. Acedo à conta do Airbnb e encontro a correspondência mais recente com Joanna, na qual finalizava os pormenores do aluguer e transmitia o número de Fiona caso houvesse problemas na minha ausência. Joanna respondera a agradecer, indicando que a família estava entusiasmadíssima com a viagem.

Continuando o fluxo de mensagens, comecei a escrever.

Olá, Joanna,

Lembrei-me de lhe dar uma palavrinha para perguntar se tinha gostado da casa. Espero que o tempo tenha estado bom para si e para a sua família. Esteja à vontade para escrever um comentário, se tiver oportunidade.

Só queria informar que deixou ficar creme para as assaduras de fralda e uma girafa de brinquedo. Lamento não ter escrito antes. Diga-me a sua morada para lhe enviar as coisas pelo correio.

Melhores cumprimentos,
Elle

Só quero estabelecer contacto, nada mais.

Começo a arrumar o portátil quando uma mensagem automática faz *ping* na minha caixa de correio. Diz apenas: *este utilizador já não é membro da Airbnb*.

A conta de Joanna não se encontra mais ativa. A respetiva informação foi apagada.

Os meus dedos tamborilam na secretária. Não me agrada.

Haverá outra forma de entrar em contacto com ela? Toda a nossa comunicação decorreu através do *site*. Nunca falámos por telefone nem tive

qualquer necessidade da morada dela.

Escrevo *Joanna Elmer, Winchester*, no Google. A pesquisa mostra várias Joanna Elmer: uma enfermeira de psiquiatria, uma Joanna de dezassete anos fazendo beicinho com *lip gloss* púrpura no Facebook, uma criadora de cães *pug* com sessenta e muitos anos. Mas nenhuma imagem que corresponda ao perfil de Joanna no Airbnb.

A seguir, abro o *site* do meu banco para confirmar se há alguma informação relativa a transferências. Encontro as datas: duas transferências, conforme as condições estabelecidas, nas datas certas. A única discrepância é de não terem sido feitas por uma Joanna Elmer, mas por C. Elmer. Obviamente, o montante poderia ter saído da conta do marido, o que não é invulgar.

Não descobri nada que fosse esclarecedor. Passo o nó do dedo pelo lábio. Que mais posso fazer? Se a Joanna encerrou a conta dela, não posso pedir ao Airbnb para a encontrar. Não tenho nenhuma queixa.

Fecho a tampa do portátil. É ridículo especular sobre o assunto quando devia estar a escrever. Tenho de tirar isto da cabeça e concentrar-me.

Contudo, um desconforto pulsante continua a bater-me no peito: Joanna desativou a conta. Não há qualquer vestígio da sua presença na Internet. É como se tivesse deixado de existir.

2003

Elle terminou o turno às três da manhã, e saiu do clube noturno para se deparar com o passeio molhado e com os ouvidos a retinir. Enfiou o capuz do casaco na cabeça para se abrigar da chuva miudinha e enterrou as mãos nos bolsos.

Passara seis horas sentada num banco de plástico no que era, afinal, um armário enorme, a entregar talões de depósito para os clientes que horas depois procurariam esses retângulos de papel nas bolsas e nos recantos com fecho das malas e nos bolsos de algodão cheios de trocos, antes de lhe suplicarem, *Por favor, dê-me o casaco. É aquele. Ali. O vermelho. Com forro de pele. Tem um emblema na lapela. Tenho a certeza de que o entreguei no bengaleiro. Não? Afinal talvez tenha trazido a parca. Posso entrar e dar uma vista de olhos?*

Um táxi, ao passar, levantou um arco de água. O sinal «livre» era apelativo. Mas a bandeirada custava metade do ordenado dela. Nem sequer podia considerá-lo como hipótese.

Enquanto caminhava, pensou na mãe, se ela se sentiria sozinha no apartamento alugado com os quartos vazios. Amanhã iria ligar-lhe, perguntar-lhe se queria aparecer durante o fim de semana. Podiam fazer um piquenique no parque Bute. Ou talvez, se a mãe trouxesse o carro, passariam o dia no Gower para dar um passeio na praia.

Um veículo abrandou ao lado dela, com os limpa-vidros a girar. Imaginou que seria outro táxi mas, virando-se, deparou-se com um carro escuro, faróis refletindo a superfície negra de uma poça.

Ouviu-se um zumbido elétrico: o vidro a descer.

Ficou tensa. A rua estava vazia. Não tinha nenhum amigo em Cardiff com carro.

– Elle?

Reconheceu o timbre da voz – o mesmo que escutara no ar seco do auditório.

Desviou o capuz para espreitar melhor. Luke Linden inclinava-se pela janela aberta.

– És tu – sorriu. – Queres uma boleia?

Olhando para a noite acima dela, sentiu a chuva bater-lhe na testa e nas faces. Depois observou o calor seco do carro, e Luke Linden todo sorridente.

Não parecia ser uma decisão importante. Apenas um sim ou não. Meses depois, quando regressasse a Bristol, tentando esquecer Luke Linden, voltaria a pensar naquele instante e como teria sido a sua vida, se tivesse continuado a caminhar, ao invés de sorrir e dizer:

– Sim, muito obrigada.

Deu a volta ao carro pela parte de trás e entrou.

O carro cheirava a tabaco, uma marca com mentol que lhe fazia arder os olhos. A rádio tocava Pearl Jam. Ele inclinou-se e baixou o volume. O aquecimento cuspiu ar, e suspirou ao encaixar o cinto de segurança.

– Turno difícil?

Ela encarou-o.

– Trabalhas no clube – indicou, apontando para a fita identificadora que ela trazia ao pescoço.

– Oito horas – disse ela. – Estou encarregue do bengaleiro. E depois vou para casa a pé, debaixo de chuva.

– Ainda bem que te apanhei.

Ela não lhe perguntou o que fazia junto ao clube às três da manhã, nem por que motivo abrandara quando a viu.

Ele arrancou, e ela observou na mão no manípulo uma aliança de ouro rebrilhando no reflexo passageiro dos candeeiros.

Apenas tinha encontrado Luke Linden no auditório, na biblioteca, no corredor da faculdade – locais prechos de profissionalismo que a faziam lembrar-se de que ele era o professor, e ela, a aluna.

Mas, ali no carro dele, nas horas recônditas da noite, a pele ensopada da chuva – era outro, o ambiente.

Ele lançou-lhe um olhar de relance, uma única vez. Não perguntou se ela estava a gostar do segundo semestre, nem do que pensava do curso. Não disse nada – nem ela. Viajaram em silêncio, e sentia-se uma possibilidade, uma tensão inaudita.

– Então – disse ele, parando o carro à porta da residência de estudantes –, é aqui que vives.

Elle

*Quando conceberes o teu vilão, recorda-te do velho truísmo:
«trata-se normalmente de alguém que conheces».*

*A função da escritora é explorar até que ponto
o protagonista realmente conhecia essa pessoa.*

Elle Fielding (autora)

Percorro a sala de estar, oferecendo vinho e lustrosas azeitonas com chili numa taça de madeira. No meu sofá encontram-se duas mulheres com os joelhos virados uma para a outra, a rirem. Uma mulher com uma saia justa e elegante pousa o copo de vinho na estante enquanto fala entusiasmada com uma artista de St. Ives. Música enche o piso inferior mas a conversa sobrepõe-se-lhe, misturada com risos.

Sinto-me como se observasse a cena debaixo de água, em que tudo adquire uma ligeira qualidade refratada. Não pensei que fariam a sessão na minha casa. Não imaginara a minha casa subitamente cheia de gente estranha.

– Ouve – dissera Fiona quando ligara há pouco –, o nosso sistema de aquecimento central avariou-se. A casa parece o ártico. Além disso, anda um vírus à solta no infantário do Drake e estou apavorada que o tenha apanhado. Não posso ser a culpada de pôr todo o clube doente. Mesmo se

sobreviverem ao vírus, vão ficar com hipotermia depois de um serão nesta casa gelada. Temos de usar a tua.

Comecei a protestar, mas Fiona interrompeu-me.

– Não tens de fazer nada. Nadinha. Tenho tudo preparado: vinho, queijo, aqueles pauzinhos de chocolate pelos quais as mulheres até choram. Só tens de abrir a porta e sentar as pessoas em lugares que não estejam armadilhados com brinquedos. Diz que sim.

A minha irmã nunca gostou de ter pessoas em casa. Quando os pais de Bill apareciam no verão, despachava-os para uma albergaria ao fundo da rua.

– Faz algum mal termos a nossa privacidade? – retorquia quando Bill a contestava.

Não me espantaria nada se o aquecimento central não tivesse problema nenhum.

– Alguém quer mais vinho? – pergunto, aproximando-me de Maeve e Laura, que conversam juntas à lareira.

– Vou conduzir – informa Maeve.

– Não tentes levar a mulher de um polícia por maus caminhos – diz Laura, esticando o copo.

Laura deve ter vinte e poucos anos. Não deixo de pensar se não teria outras atividades para fazer nestas noites. Volto a encher-lhe o copo, depois abro a janela e deixo soprar pela sala uma brisa marítima refrescante.

– Que sorte a tua, viveres junto à falésia – diz Maeve. – Durante o dia a vista deve ser incrível.

– É a primeira vez que vivo ao pé do mar... e fiquei completamente apaixonada.

– A casa é *fabulosa* – diz Laura. – Bem, eu já sabia que era porque vi no Facebook... mas ao vivo é ainda mais bonita.

Acompanha-nos uma terceira mulher, Ana, dona de um café na vila. Tem pele luminescente e um admirável cabelo louro. Os pulsos estão envoltos em cordões de prata, que tilintam quando levanta o copo de vinho e o embate no meu.

– Um brinde ao novo membro do clube de leitura. Isso é que é aptidão para recrutar – comenta ela para Maeve e Laura.

– É tão bom receber pessoas em casa – digo, com sinceridade. Estou a gostar que a minha casa tenha sido invadida por pessoas, ruído e risos.

Desde que me mudei para cá, tem-me sido difícil fazer amizades. Não trabalho com ninguém. Não tenho um companheiro que me arraste para o seu grupo de amigos. Não tenho filhos para estabelecer as ligações fáceis que florescem entre as mães. Talvez devesse pedir o Drake emprestado, e levá-lo a um daqueles parques infantis aonde Fiona se recusa entrar para não ficar maluca.

Rio-me, e solto uma fungadela breve. Céus, já estarei bêbada? É bastante provável. Bebi dois copos de vinho antes de os membros do clube de leitura aparecerem, para me ajudar a descontrair e preparar-me para o serão.

Ana enfia a mão no bolso das amplas calças indianas, com o tecido azul índigo formando um balão em volta da sua pequena estatura.

– Agora que nos deixaste entrar, vais ter uma trabalhadeira para te veres livre de nós – sorri e vira-se para Maeve, dizendo: – Acho que não tínhamos falado desde o teu retiro. Como foi?

– Maravilhoso. Uma semana inteira sem cozinhar nem limpar nem andar atrás de uma adolescente.

– Que tipo de retiro é esse? – pergunto.

– A Ana tem uma amiga diretora de um centro da vida selvagem em Devon. Costuma organizar um retiro anual na última semana de outubro. É uma oportunidade para me refugiar no bosque e fingir que faço ioga e medito. A bem dizer, são apenas umas férias da vida quotidiana.

– Bem que precisávamos disso – diz Laura.

Concordo, embora haja algo na forma como Laura o diz – triste, melancólica – que me torna curiosa a respeito do seu verdadeiro sentido.

O resto da conversa decorre à minha volta. Observo a curva da boca de Ana ao sorrir, a forma como Maeve espreita pelo canto do olho ao ouvir. Os pormenores acumulam-se na minha atenção e começo a pensar, *Escreverei sobre isto no futuro*.

Quando a campainha da porta toca, saio para o corredor.

– Estás atrasada.

Fiona passa pela ombreira, largando o casaco.

– Desculpem, desculpem. Já cheguei – diz, com lábios pintados de vermelho. Mostra um saco de compras com vinho branco morno e vários pacotes de batatas fritas e molhos. – Está tudo bem?

– Perfeitamente. Avança. Já te levo uma bebida.

Na cozinha, pego num copo de pé alto e encho-o com o vinho que Fiona trouxe, para lhe dar. Depois esvazio um pacote de batatas fritas com sal e pimenta numa taça, levando duas à boca. Sinto-me dançar um pouco, e não é totalmente desagradável.

Pego no telemóvel e tiro uma fotografia do vinho e da taça com as batatas fritas, e publico um texto rápido sobre o clube de leitura.

Não começámos ainda a falar do livro, mas o vinho escorrega que é uma maravilha. #clubedeleitura #clubedevinho

Guardo o telemóvel e volto para a sala. Percorrendo a casa, olho em volta, como se a visse pela primeira vez. A sua dimensão costuma apanhar-me desprevenida. O tamanho e a beleza tornam-se prodigiosos, quase uma vertigem. É demasiado.

Não a mereço.

Alcançando o corredor, paro de repente, percebendo que alguém me observa. Maeve desce as escadas, com uma mão deslizando pelo corrimão. Tem o cabelo preso no alto, atado com um lenço, e que atrai o olhar para o seu pequeno porte.

– A casa de banho de baixo estava ocupada.

Sorrio.

– Claro.

– Obrigada por nos teres recebido à última hora. Já percebeste que vamos querer voltar todos os meses para o clube de leitura?

Rio, e sigo Maeve de volta para a sala de estar, no preciso instante em que Laura sai.

– Tenho mesmo de fazer um chichi! Não comecem a falar do livro sem mim!

Fiona ancorou-se à lareira. Tem os ombros tensos, o queixo levantado.

– Obrigada – diz, aceitando o vinho. Inclina-se para mim e murmura: – Espero que me tenhas servido a treta que eu comprei.

– Servi – sorrio.

– Os vizinhos chamaram a polícia – conta Ana. – A minha cabeleireira teve de apanhar um voo para voltar mais cedo das férias. Quando abriu a porta de casa, desatou aos berros. Nem sequer tentaram limpá-la. Havia copos partidos no lavatório, beatas apagadas na carpete, a mesa de jantar

estava toda riscada porque as raparigas dançaram sobre ela com saltos altos. Nem vos conto o que ela disse sobre o estado do quarto.

– Não costumas omitires pormenores – diz Fiona com um sorriso irónico.

Ana faz um esgar sem humor.

– Ouve-se cada história terrível a respeito dos alugueres do Airbnb – comenta a mulher com a saia justa. Katherine, eis como se chama. É assistente da diretora da escola secundária da zona, e não evito imaginá-la a patrulhar o recreio com as costas muito direitas e uma disciplina calada. – Li um artigo em que a mulher, quando voltou para casa, descobriu que a sala fora transformada num cenário para uma sessão de fotografias pornográficas.

– Bem, assim voltar para casa até vale a pena – diz Ana.

– Não assustemos a Elle – diz Fiona. – Ela ainda está a recuperar por ter colocado esta casa no Airbnb.

– Esta?! – pergunta Ana, espantada. – Não acredito que alugaste esta casa. Como correu?

– Deixaram-na imaculada – respondo.

– Não sei se gosto da ideia de ter pessoas estranhas a viver na minha casa – comenta Katherine. – Foste muito corajosa.

– Foi apenas uma experiência. Uns meros quinze dias.

– Fala-lhes do pisa-papéis – diz Fiona.

Lanço-lhe um olhar – não quero que as minhas ansiedades se tornem anedotas – mas é tarde demais; a atenção da sala virou-se para mim.

– Oh, não é nada. É que tenho um pisa-papéis que nunca tiro do meu escritório. Quando voltei para casa, estava rachado. Só isso. Imagino que em qualquer aluguer haja sempre um problema ou outro.

– Mas o problema não foi o facto de estar partido, pois não? – diz Fiona.

– Elle guarda o pisa-papéis no escritório, e deixou-o *trancado*.

– Desconfias que os arrendatários arrombaram a porta? – pergunta Ana.

– Não, não penso isso. Deve ter acontecido antes de eu partir. Quando falei no assunto à Fiona, especulava, deixei a imaginação à solta. O que, tal como indicaste, é a minha profissão – digo, inclinando a cabeça na direção da minha irmã.

Todas se riem.

– O que não posso crer – comenta Ana, voltando-se para Fiona – é que temos um clube de leitura há tanto tempo e nunca referiste que a tua irmã

era escritora!

Não referiu?

– Nem eu própria sabia – diz Fiona. – A Elle manteve as suas atividades literárias muito secretas, não foi?

– Ninguém acredita que vai ser publicado quando começa a escrever. A última coisa que eu queria era anunciar a toda a gente que trabalhava num livro.

– Mas eu não sou toda a gente.

A minha irmã está num dos seus dias provocadores. Desconfio que deve ter discutido com Bill antes de sair e não se libertou ainda do reflexo de víbora.

– É verdade que é melhor escrever sobre aquilo que já se conhece? – pergunta Maeve.

A pergunta interrompe-me e faz-me ponderar na resposta.

– Talvez contribua para alguma credibilidade... para uma sensação de vivacidade e emoção, se for algo que se experimentou diretamente. Mas não acredito que os escritores devam ficar limitados por isso.

Katherine diz:

– Li um artigo fascinante sobre os atores que usam esse método e que vão a extremos para encarnarem a personagem. Viste a série *The Fall*?

Abano a cabeça.

– Oh, tens de ver. É uma série tenebrosa sobre um assassino em série. O ator, acho que é o Jamie Dornan, queria experimentar a emoção da caça. Um final de dia, no metro, seguiu uma mulher ao sair da carruagem. Aparentemente, manteve-se longe pelo que ela não percebeu que estava a ser seguida, mas foi atrás dela durante várias ruas, para sentir a experiência de perseguir uma pessoa.

– Isso é assustador – comenta Laura, arrepiada.

Não discordo, embora perceba por que motivo o fez – o benefício de poder viver aquela experiência emocional, depois canalizar a sensação para desempenhar o papel.

– Então, sempre quiseste ser escritora? – pergunta Ana.

– Acho que não sabia o que queria até há muito pouco tempo.

– Oh, por favor – exclama Fiona. – Sempre tiveste tendência para a ficção. Mesmo nos teus diários.

– Nos meus diários?

– Não te lembras da fase em que escrevias acontecimentos inventados nos teus diários?

Explico à sala:

– Desconfiava que a minha mãe os lesse, portanto, comecei a enchê-los de ficções para a apanhar em falso.

Fiona informa as outras mulheres:

– A Elle inventava histórias fabulosas sobre um rapaz da escola que estaria apaixonadíssimo por ela. Se não me engano, referias-te a ele usando um código... supostamente para provocar a máxima especulação a respeito da sua identidade.

Sinto o calor incendiar-me as faces quando recorro alguns excertos. Começaram como laivos ficcionais de miúda, concentrando-me nas palavras cheias de doçura que ele me sussurrava, ou na forma como passava a mão ao de leve na minha se nos cruzássemos no corredor. Aos poucos, a ficção tornou-se uma história de beijos roubados e uma declaração de amor.

A armadilha funcionou. Recorro a tarde em que a minha mãe me chamou para a cozinha. Tinha colocado duas chávenas de chá na mesa e uma fatia de bolo de limão, que sempre me dava água na boca. A mãe iniciou a conversa com a frase: «Contou-me um passarinho...» Parecia ser uma forma parva de começar, mas deixei-a falar. Explicou que ficara preocupada com o facto de uma rapaz mais velha se mostrar tão interessado em mim.

Aguardava o momento propício para lhe dizer «Apanhei-te! Andaste a ler o meu diário». Contudo, pressenti que se explicasse que tinha inventado tudo – que não passava de uma história imaginária – quem ficaria em mauslençóis seria eu. Seja como for, a história era simpática. Gostava de a viver. Portanto, disse no fim:

– Sim, compreendo.

A minha mãe mostrara um ar espantado, e por fim aliviado. Abraçámo-nos e partilhámos uma segunda fatia de bolo de limão.

A partir daí, comecei a criar novos textos em que me afastava de «R». Detalhei por palavras a nossa separação lacrimante e a longa carta que ele enfiou no meu cacifo. A minha mãe deixou de me observar com tanta vigilância, o que significava que seguia cada capítulo de perto.

Agora, respondo a Fiona:

– Nunca me contaste que as tinhas lido.

– Privilégios da mana mais velha – diz com um piscar de olho. – Seja como for, gostei muito dos teus contos. Quem diria que um dia ganharias assim a vida?

Sorrio, mas algo nesta conversa deixa-me humilhada. Não é apenas uma questão de Fiona ter lido os meus diários. É por ter sido exposta como mentirosa.

– As inúmeras referências a Homero e Platão tornam-se entediantes – diz Laura, quando finalmente damos início ao debate sobre o livro.

Analizamos o clássico de Donna Tartt, *A História Secreta*.

– Para mim, foi o que mais gostei no livro – contrapõe Ana.

– De ti, já se esperava – diz Maeve. – Não tiraste um mestrado em grego antigo ou teologia?

– Filosofia – corrige Ana. – Sirvo cafés só para disfarçar; tenho alma de filósofa – sorri.

Gosto de Ana, e espero que as duas nos tornemos amigas.

– Estudaste literatura inglesa? – pergunta Laura, virando-se para mim.

Hesito, querendo responder corretamente.

– Comecei a tirar o curso de literatura inglesa na Universidade de Cardiff, mas não gostava daquilo, portanto desisti no final do primeiro ano. – Faço questão de ter a voz descontraída, de adornar as frases com um sorriso, pois, na minha experiência, mal as pessoas detetem uma hesitação, começam a querer sondá-la e escavá-la.

Desloco-me para a janela, abrindo-a um pouco mais. Tenho de desprender a bainha do cortinado, pois no interior do tecido surge um rumor de movimentos que sobe até à minha cintura. Sinto-as: asas que batem contra a minha cara.

Tenho uma reação imediata e instintiva. Grito, salto para trás, com os braços rasgando o ar.

Não estou a pensar no silêncio que tomba sobre a sala, nem como todas elas se viraram para ver o que aconteceu, sobressaltadas pelos meus movimentos bruscos. Não penso em mais nada a não ser no pânico quente, branco, cego.

Colei-me contra a parede.

Ouçó a voz de Fiona emanar algures do outro lado da sala, apaziguante, calma, dizendo:

– Está tudo bem, Elle. Estás bem. Eu faço-o sair – levantou-se, dirigindo-se para a janela. – Tem fobia de traças – informa as outras, a leveza da voz tentando minimizar a minha reação.

Por cima do latejar ensurdecador nos ouvidos, digo a mim mesma que estou salva, que não é preciso ter medo. A minha respiração continua agitada, pestanejo sem parar, mas o resto do corpo continua hirto.

Vejo Fiona capturar a traça nas mãos e fechá-las em concha. Os meus olhos não largam a gaiola dos seus dedos, observando a libertação da traça pela janela aberta, que Fiona depois fecha e tranca.

A traça bate as asas de encontro ao vidro, durante alguns segundos, e desaparece na noite.

Fico a observar durante outros segundos, até soltar a respiração presa.

Quando me viro estão todas a olhar para mim.

Balbucio uma desculpa qualquer, sentindo as faces arderem de vergonha e a voz trémula.

– Fobia de traças – diz Laura. – Nem sequer sabia que isso existia.

– Motefobia – diz Ana, dando-lhe um nome. – Sempre sofreste disso? – pergunta com delicadeza.

Não olho Ana nos olhos ao responder:

– Sim.

– Mas quando era pequena não tinha – corrige Fiona, que gosta de responder com precisão. – Eras a rainha das caçadas de insetos. Capturavas tudo o que coubesse na caixinha de aumentar: formigas, aranhas, joaninhas.

– Era? – pergunto vagamente. – Então devo ter desenvolvido mais tarde esta fobia.

Fiona volta a encher o meu copo com vinho e entrega-mo.

– Emborca tudo.

– Não posso acreditar que tens medo de traças – comenta Laura, não com indelicadeza mas como se estivesse completamente siderada pelo facto. – Não te podem magoar.

Lembro-me que devo sorrir.

– Eu sei.

Sucedem-se a dança das despedidas – bebidas que se terminam, malas que se recolhem, casacos que se vestem, agradecimentos trocados. Acompanho-as até à porta, e ali fico, ancorada à ombreira, ainda enervada com o choque do inseto.

Vejo a minha casa esvaziar-se de convidadas, e apetece-me chamá-las de volta, para ficarem mais um pouco, para não me deixarem ali sozinha.

Laura é a última a partir, e para na entrada, virando-se para mim.

– Quase me ia esquecendo. Comprei-te uma coisa. Chama-lhe uma prenda para a casa ou de boas-vindas à Cornualha, ou o que lhe quiseres chamar.

Vasculha na mala, e tira um pacote delicadamente embrulhado.

– Laura... – começo a dizer, mas ela sacode a mão.

– Encontrei isto e sabia que ias adorar.

Desembrulho com cuidado, constrangida com o facto de Laura – que não deve ganhar muito mais do que o ordenado mínimo na biblioteca – ter decidido gastar dinheiro comigo.

– Vês – diz ela, quando eu retiro uma caneca creme –, tinha de comprá-la para ti.

Impressa num tipo de letra preto a imitar o de uma máquina de escrever, está a frase, *Cuidado ou incluo-te no meu próximo romance*.

– Muito obrigada.

Ficou com uma expressão séria.

– Tenho de fazer esta pergunta: qual é o teu segredo?

Pestanejo, focando a minha atenção na pergunta.

Os olhos de Laura brilham do vinho.

– Escondes-nos alguma coisa. Só queria saber o que é.

Abano a cabeça.

– Eu...

– Ou seja, deves ter trinta e poucos anos, és proprietária desta casa e ainda és uma escritora de sucesso. Quem é que mataste para teres esta vida?

Ouçõ o rolar manso das ondas ao fundo, o som de uma porta de carro a bater no fim do acesso – e depois a boca de Laura abre-se num sorriso.

É uma brincadeira; claro que é uma brincadeira.

Correspondo ao sorriso dela.

– Todas as minhas matanças só acontecem no papel.

– Bem, sou a tua fã número um, e por isso pensei que seria meu dever perguntar! – Laura acena alegremente, vira-se e atravessa o acesso, subindo para o carro de Maeve.

O motor é ligado, os faróis acendem-se, todas regressam às suas casas para os maridos e famílias. Fico a observar da entrada, com o ar o frio enregelando-me as faces.

Permaneço ali até o último carro ter desaparecido na estrada esburacada. Ao fazer menção de fechar a porta atrás de mim, sinto um arrepio na nuca.

Viro-me de repente, convicta de que alguém me observa.

As luzes de segurança já se apagaram, envolvendo a estrada na escuridão. O vento sobe a face da escarpa, entrando pela porta aberta enquanto ali estou, iluminada no degrau.

Não vejo ninguém. São apenas os meus nervos à flor da pele.

Mas depois noto – um brilho fátuo laranja na periferia da visão, apenas uma sugestão de luz. Semicerro as pálpebras, tentando focar a vista.

Subitamente, a luz de segurança dos vizinhos acende-se, iluminando a fachada da respetiva casa, e descubro Mark. Encostado à sua porta, cigarro nos lábios e olhar preso em mim.

Não sorri. Não cumprimenta. Apenas aquela expressão funesta que atravessa a noite, fixa em mim.

Passam-se vários segundos enquanto nos entreolhamos.

Ergue lentamente a mão direita. Por instantes, parece-me que me aponta dois dedos, como se fosse um disparo destinado à minha cabeça.

A minha respiração contrai-se.

Pisco os olhos. Quando volto a olhar, tem a palma da mão aberta num aceno.

Elle

No breu das quatro da manhã, negro como as profundezas do oceano, o silêncio devora-me.

Há poucas horas, a casa estava repleta de ruído e da animação do clube de leitura. Agora que elas me deixaram, a quietude ficou profunda e sólida.

Sozinha nesta cama que parece uma ilha, continuo a pensar em Flynn.

Oxalá estivesse aqui comigo.

Quando nos conhecemos, Flynn vivia numa casa alugada com mais três amigos e ocupava a arrecadação – uma cama de solteiro com um cabide para pendurar os dois pares de calças e o punhado de pulôveres que possuía. Dormimos entrelaçados na cama estreita durante quatro meses. Colava-me às suas costas, joelhos na dobra quente dos joelhos dele, sentindo o ritmo daquela respiração acalmando a minha.

Adormecia sem quaisquer problemas.

Mas esta cama... esta cama é demasiado grande. E um lado do colchão é demasiado frio.

– Foda-se – disse para ninguém, para o nada, afastando o edredão.

Atiro as pernas para fora, sento-me na berma da cama, com as palmas comprimidas contra as órbitas oculares. Uma noite mal dormida vai pesar no dia seguinte e comprime-se sob o peso do cansaço. Mais um dia alimentado a cafeína, mais um dia de sonambulismo.

Revejo as minhas opções imediatas: posso ver um filme ou ouvir música. Depois, lembro-me das provas do último romance de Clare Mackintosh que deixei no escritório. Mergulharei nele, para me perder nas palavras alheias.

Envolvendo-me num roupão macio, subo as escadas, o ar esfriando nitidamente nos pisos superiores.

Ao entrar no escritório, acendo o candeeiro da secretária e vejo a minha própria imagem refletida na parede envidraçada. Durante o dia, o espaço flutuante deste quarto parece tranquilo, um santuário, mas à noite a escuridão torna-o aviltante e exposto. Não tem cortinados nem recantos acolhedores. Aqui em cima, o rugido do mar fica mais próximo, como se as ondas batessem contra o vidro.

A minha mão desliza para o pisa-papéis na secretária, traçando o lenho profundo no centro com o dedo. Pego nele, sentindo o peso frio contra a palma da mão. Foi tão estranho encontrar o fragmento perdido entranhado no tapete do quarto – precisamente diante do espelho.

É como se alguém soubesse onde costumo ficar. Como se alguém se tivesse posicionado ali.

Sinto um arrepio e pouso o objeto.

Viro-me, abarcando o escritório. E se alguém aqui esteve, o que teria visto, pergunto? Onde procuraria?

Algures lá em baixo surge uma batida indistinta. Fico hirta, com a cabeça inclinada para o ruído.

Foi no piso térreo?

Não é a aldraba da porta. É demasiado indistinto. Aguardo à escuta, com a pulsação acelerada.

Volta a surgir, duas ou três batidas ligeiras, como nós de dedos contra uma janela.

Sobe-me pela espinha uma sensação de desconforto.

Os meus pensamentos viajam para Mark, a rondar a casa, o olhar fixo em mim. Depois, aquele estranho aceno.

Teria estado à espreita, vendo-me regressar a casa sozinha?

Mais uma batida – mas desta vez o som é mais nítido, fazendo-se acompanhar de um raspar. Baixo o olhar para a varanda do quarto, no piso em baixo. Na escuridão, distingo as ramagens do louro que tenho num vaso vergarem-se com o vento e rasparem contra as portas de vidro.

Rio-me para aliviar a tensão, mas é um riso inseguro na solidão do quarto.

Atravesso o escritório, dirigindo-me para o baú de carvalho. Ajoelho-me e levanto a pesada tampa.

Está repleto de álbuns de fotografias antigas, uma pilha de diários, um punhado de cadernos com capas rasgadas e rabiscos nas margens. Os meus dedos descobrem um maço de postais atados com um elástico, e acabo por pousá-los no colo.

Guardei todos os postais que Flynn me havia escrito. Soltando o elástico, penso que talvez seja este o verdadeiro motivo para ter subido para o escritório – apetecia-me vê-los.

O primeiro está ilustrado com rosas, «Feliz Aniversário» escrito numa letra prateada e cheia de volteios. O gosto de Flynn para postais nunca foi notável.

Querida Elle, Feliz Aniversário. Lembra-te de que tenho os recibos. Vantagens de não ter ido fazer compras nas instituições de caridade (este ano). Flynn

Sorrio, a leveza das palavras acalmando o meu íntimo. O próximo postal foi montado num papel verde delicado. Na frente encontra-se uma fotografia minha sentada ao colo de Flynn num banco de piquenique, olhos fixos no chão, o meu cabelo comprido caindo como um cortinado sobre uma das faces, os braços bronzeados dele envolvendo-me, descontraídos. Ao fundo, veem-se troncos grossos de pau-brasil e a cúpula verde de uma tenda. A legenda indica: *Fazemos 3 anos hoje!*

Depois de 1 continente, 2 países, 4 províncias, 8 estados, 13 500 quilómetros, 10 000 picadas de mosquitos e 1 cartão mal-amanhado, continuamos loucamente apaixonados. Feliz aniversário, meu amor.

O meu rosto abre-se num sorriso mas os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Isto, isto é que é verdadeiro, penso.

Entre os postais, encontro outra foto nossa. Observo a expansão do sorriso dele, a forma como a luz se reflete no canto dos olhos, observando-me sorridente. A foto foi tirada na noite em que assinei os contratos com a editora. Flynn encontrara-se comigo depois do trabalho, e acabámos num

bar no centro de Bristol com amigos. Lembro-me de Flynn não parar de me beijar, dizendo que estava muito orgulhoso de mim, que eu era fabulosa. *Conseguiste!*

Recordo outro fragmento desse serão – teriam sido meros minutos no máximo – em que saí para a rua, desapareci como uma cena de uma história que jamais seria lida. Era tarde, já passava da meia-noite, e o esforço de sorrir pusera-me o maxilar dorido. Saíra do bar, mostrando o interior do pulso para o porteiro, que anuiu uma vez ao conferir a marca do carimbo. Os saltos altos pontuaram a estrada quando a atravesssei, com o vestido roçando nas minhas coxas. A chuva miúda entrançou-se no meu cabelo, qual coroa de pérolas líquidas.

Avancei para o multibanco – mas no último instante desviei-me dele, enfiando-me num beco estreito e escuro ao lado do edifício. Encostei as omoplatas ao tijolo húmido, a arfar, ofegando com rapidez. Uni as mãos em forma de concha e respirei por elas, reunindo o ar expelido e voltando a inspirá-lo.

Por fim, a minha pulsação desvairada começou a amansar. Inclinei a cabeça para trás, recebi os pingos de chuva banhados pelos candeeiros da rua, poeira cadente que cobria a minha pele com orvalho. Regressaria ao bar, regressaria a Flynn e aos nossos amigos. Agiria como se nada tivesse mudado.

Foi a decisão que tomei – e com a qual tenho de viver.

Ao guardar os postais e as fotografias de Flynn, os meus dedos sentiram uma pasta com capa de pele. O coração tropeça, tomba. Sei exatamente o que contém. Sei que não a vou abrir nem espreitar.

É um risco continuar a guardá-la – e contudo, tem de ser. Empurro-a mais para o fundo do baú e baixo a tampa.

Não, não foi o livro nem os postais de Flynn que me trouxeram ao escritório, hoje. Foi aquela pasta. Precisava de vê-la. Confirmar que ainda estava aqui.

Finalmente preparada para regressar à cama, agarro nas provas do livro, e estico o braço para desligar o candeeiro. Mas engano-me e embato nele com

o cotovelo, atirando-o para o chão.

Felizmente, a lâmpada não se parte. Dobro-me para o apanhar e os meus olhos acompanham o feixe de luz que banha a perna da secretária. Descubro uma marca na madeira que não tinha ainda visto. A minha visão demora instantes a ajustar-se, e quando consigo focar, encontro letras gravadas no carvalho desbotado, como nas carteiras das escolas em que os alunos gravam nomes e declarações de amor com os bicos dos compassos.

Aproximo-me e inclino a cabeça para ler.

Os cabelos da minha nuca eriçam-se imediatamente. Pestanejo, mas a palavra continua diante de mim, gravada em maiúsculas.

Embora a secretária fosse comprada em segunda mão, o Flynn passou horas e horas de volta dela. Lixara as pernas – contara-me que teve dificuldade em retirar o verniz antigo das curvas dos entalhes. As letras gravadas parecem recentes, a madeira arrancada está mais branca do que a circundante.

Passo as pontas dos dedos pelas outras pernas, à procura de outros sulcos e incisões. Viro o candeeiro para o fundo da secretária, examinando-o de perto. Mas não vejo mais nada, nem gravações nem marcas. Apenas aquela palavra singela a arder no meu pensamento.

MENTIROSA.

2004

No semestre da primavera, as horas do dia esvaíam-se num remoinho de palestras e sestas, e tardes passadas a atirar *frisbees* no parque. Só quando caía a noite, quando terminava o turno ou não havia uma festa aonde estar, é que Elle finalmente abria os manuais de estudo e pensava, *Vamos lá fazer o trabalho*.

Tentava concentrar-se, beliscando as sobrancelhas. Procurava escrever algo discursivo sobre o pós-modernismo, mas sentia-se irrequieta e desconcentrada. Talvez devesse sair e tomar uma bebida com as colegas da residência na associação de estudantes.

Vasculhando o guarda-roupa, escolheu o vestido azul-escuro novo que podia usar com os *Converse*.

Foi quando se tentava enfiar no vestido que tomou consciência – aquela sensação de estar a ser observada. Os pelos da nuca eriçaram-se e o olhar viajou para a janela. A casa dela tinha as traseiras viradas para uma linha de comboio, onde o lixo se acumulava na base dos arbustos.

Demorou algum tempo até a vista se ajustar à escuridão, e depois viu a silhueta de alguém a caminhar ao longo da via férrea, correndo depois para os arbustos e desaparecendo nas trevas.

Um estudante bêbado a caminho de uma festa? Alguém que seguia um atalho para casa? E qual era o problema de a terem visto a trocar de roupa? Deixá-los olhar. Tinha dezanove anos e uma beleza recém-adquirida.

Desabrochara tarde – aparelho dentário, uma relação curta mas intensa com o acne, e uma franja que a desfavorecia tinham-na mantido afastada dos radares masculinos – mas nos últimos dezoito meses acontecera uma metamorfose. Dentes muito brancos e direitos emergiram das camadas metálicas, a pele hormonal foi substituída pelo brilho lúcido da juventude, e a franja crescera, criando ondulações compridas de cabelo louro-caramelo.

Já completamente vestida, regressou à secretária e verificou o prazo para entregar o trabalho, afastando do pensamento a figura na via férrea. Ainda tinha mais um par de dias para fazer o trabalho. Hoje iria à festa. Amanhã logo trataria dele. Se fosse preciso, faria uma direta – a pressão do prazo a findar ajudava-a a concentrar-se. Era um bom plano.

Afinal, a nota do trabalho deixaria de ter qualquer importância. Tal como as notas dos outros trabalhos e inclusive dos exames.

Claro que ainda não sabia disso.

Tal como não sabia, ao admirar-se no espelho, com a mão apoiada na anca, que usaria aquele vestido novo só mais uma vez. E que, depois, se iria desfazer dele como quem muda de pele, enfiando-o no fundo do caixote do lixo. Pois Elle iria querer enterrar para sempre a rapariga com o vestido azul-escuro.

Elle

*A cada revelação, coloca uma nova pergunta.
São as intrigas que os fazem virar as páginas.*
Elle Fielding (autora)

Na escuridão camuflada da uma da manhã continuo acordada, imaginando-a. A rapariga que eu fui aos vinte anos. Aquela que abandonou Cardiff e se mudou para uma casa partilhada em Bristol. Que cortou o cabelo ao nível do queixo, e salientava os olhos com lápis *kohl*. A rapariga que se manteve num quarto sem cortinados – não importava se havia luz ou não, pois raramente dormia.

Recordo a rapariga, sem dúvida acordada a meio da noite tal como estou agora. Voltar atrás dez, doze anos e aqui estaria ela, deitada sozinha na cama de solteira, com as molas do colchão espetando-se nas suas costas, olhos abertos na escuridão. A insónia já começou, arrasta-se debaixo das suas pálpebras, ganhando raízes na sua mente.

O que diria àquela rapariga se pudesse falar com ela? Mostrar-lhe-ia a linda casa em que viveria um dia, com a cama de casal enorme e as almofadas de penas de pato. Contar-lhe-ia que teria uma carreira literária e prémios em que constaria o seu nome. Apontar-lhe-ia para o mar que se vê da janela e diria: «Olha, olha onde estou. Vai tudo correr bem».

Mas ela não se deixaria enganar. Ela perguntaria, *Então porque é que não consegues dormir?*

A manhã chega, por fim. Arrasto-me da cama, com os sentidos desordenados como se tivessem sofrido um abalo. Alguns demasiado acesos, outros entorpecidos. A luz do dia está demasiado intensa e o chuveiro crava agulhas na minha pele.

Depois, desço ao piso inferior e vejo café diante de mim que nem me lembro de preparar. Escaldo os lábios não esperando que arrefeça.

Uma hora depois, encontro-me sentada num gabinete sem janelas a conversar com o gerente da agência bancária. Suor acumula-se no fundo das costas ao vê-lo percorrer com os olhos claros os documentos sobre a mesa.

O homem abana a cabeça e o meu estômago contorce-se.

– Tenho aqui a indicação de que já alterámos a prestação do seu crédito hipotecário para que pague apenas juros durante um período fixo de doze meses. Mas como não pagou as duas últimas prestações...

– Os construtores enviaram-me a última fatura – interrompo, sem conseguir manter o tom de voz neutro. Nunca gostei de lidar com estas coisas: bancos, documentos, folhas de cálculo. – Não tinha percebido que eles precisavam do montante completo. No próximo mês voltarei a pagar regularmente. – Tento sorrir despreocupadamente.

– Sou obrigado a avisá-la, senhora Fielding, de que, se não cumprir com os pagamentos do seu crédito, o banco reserva-se no direito legal de penhorar a sua casa.

Absorvo a enormidade desta declaração. Eu sabia disto. Já tinha lido esta frase nas cartas que empurrei para o fundo da gaveta da cozinha. Mas eis-me aqui, frente a frente com o gerente do banco ao qual pedi emprestado uma quantia de trazer lágrimas aos olhos.

Na minha segunda década de vida, Flynn e eu raramente recebíamos mais do que o salário mínimo – mas subsistíamos com o que tínhamos; até era motivo de orgulho. Contudo, quando apareceu a casa no cimo da falésia, a razão foi devorada pelo desejo de criar a perfeita residência de escritor. Para quê, pergunto-me? Para provar a mim mesma que é verdade? Que vale a pena ter sacrificado tanto?

Um pensamento rebelde insurge-se em mim: talvez haja uma parte da minha pessoa que *queira* descarrilar. É como se me encontrasse à beira do caminho de ferro, esperando sentir o vento da composição contra a pele, que se aproxima veloz e perigosamente. Basta um passo em frente.

Fiona lidaria de forma diferente com a situação. Não permitiria que este homem ameaçasse algo que amava e de que precisava. Endireito-me.

– Mostrei-lhe o contrato de edição do meu livro. No próximo mês recebo a segunda metade do meu adiantamento. Se pudessem aguentar até lá.

O gerente empurra os óculos pela cana estreita do nariz enquanto examina o documento.

– Sim, estou a ver. Mas o que me preocupa é esta cláusula aqui, onde indica que, se não entregar o manuscrito na data indicada, pode ter de devolver o adiantamento inicial, e que representa – faz uma pausa, olhando para cima – um valor considerável.

Respira. Só tens de respirar.

– Pode garantir-me, senhora Fielding, que será realmente capaz de entregar o livro na data indicada, a qual, pelos meus cálculos, ocorrerá daqui a vinte e um dias?

Penso no manuscrito que me aguarda, o esqueleto de uma história que me assombra, me perturba o sono, chamando-me para um lugar aonde não quero voltar. Mas sei que tenho de voltar. Tenho de encerrá-lo de uma vez por todas.

Abro os lábios num sorriso.

– Claro, entregarei o livro dentro do prazo.

*

Saio da agência bancária para o frio mordaz da tarde. São apenas catorze horas, mas as luzes citadinas cintilam à minha volta com um brilho laranja e baço, quebrando o céu que escurece.

Devia dirigir-me de imediato para casa, sentar-me à secretária. Escrever. Mas a reunião deixou-me ansiosa e com os pensamentos dispersos.

Avanço na direção oposta ao carro, desviando-me do dono da loja de chaves que está a montar uma bancada de madeira. Paro em frente à florista, olhando para os caixotes de madeira no passeio repletos de urzes. A promessa mansa das flores traz consigo uma sensação de paz e solidez.

A porta pintada de amarelo-narciso tem uma campainha que toca quando a abro. O ar cheira a flores e pólen maduro. A formalidade rígida do banco desvanece-se enquanto percorro o mostruário, encantada pela beleza das pétalas delicadas, os frágeis estames rosados, os repentes de aromas.

– Já vou ter consigo, querida – saúda-me a florista, ocupada a embrulhar um ramo de flores para o cliente ao balcão.

O cliente também se vira: é Mark. Olha-me desinteressadamente, como se não me reconhecesse, e retoma a conversa com a florista.

– Talvez animem o quarto dela.

– Claro que vão animar. E se eu arredondar tudo isto para dez libras?

– É simpático da sua parte, Marg. Obrigado.

Desloco-me para o canto afastado da loja e coloco-me diante das flores envasadas: rosas clássicas, um toque de margaridas de caule comprido, frísias de tom púrpura. Ouço o esticar da fita-cola, o restolhar do papel.

– Como está a sua mãe?

– Na mesma. Continua sem mexer o braço direito. Os médicos não sabem se voltará a mexê-lo.

– Maldito AVC. Nunca se espera, pois não?

A Enid teve um acidente vascular cerebral? Meu Deus, coitada da mulher. Explica o súbito regresso de Mark à Cornualha – e porque não via a Enid nem o Frank há dias. Gostava de enviar um postal. Seria adequado? Apesar das nossas desavenças a respeito da reconstrução da casa, gosto da Enid. É minha vizinha... claro que lhe posso enviar um postal.

A voz de Mark é bastante nítida ao dizer:

– Aparentemente, o stresse é a principal causa dos AVC.

– Já me tinha constado. Os seus pais tiveram problemas com a casa no cimo da falésia, não foi?

Fico muito quieta.

– Foi comprada por uma pessoa de fora.

– Bem me parecia. Vi o que fizeram com aquilo. Ficou uma coisa grandalhona, não foi?

– Tapou-lhes metade da vista. Roubou-lhes quase toda a luz.

A florista solta um ruído gutural de desaprovação.

– Bem, ouça, dê um beijo à sua mãe da minha parte. Quando ela voltar para casa, levo-lhe um bolo de cenoura, pode ser?

Ouço o tilintar da caixa registadora, o deslizar de um recibo a ser guardado na carteira, o restolhar do papel quando ele pega nas flores. Retiro várias rosas de um buquê, fingindo estar profundamente absorta nelas.

Os passos de Mark avançam determinados para a porta. Depois, ouço-o voltar e subitamente encontra-se junto ao meu ombro, debruçado.

– São bonitas – diz ele olhando para as rosas que tenho na mão. – Destinam-se a alguém em especial?

– Não. São para mim.

– Não se considera especial? – pergunta com aquele olhar negro, penetrante. – Olhe que não transmite essa ideia.

Sinto o calor invadir o meu pescoço e faces.

– Rosas. Escolha clássica. Ficarão perfeitas na sua mesinha de cabeceira. Ao lado do candeeiro creme.

A minha boca abre-se de espanto, mas antes de ter possibilidade de encontrar uma resposta adequada ele partiu.

O Toad and Otter cheira a tabaco bafiento que há muito impregnou a carpete velha. Peço um copo grande de vinho branco e aguardo no bar, descascando as pontas de uma base para copos, com o pensamento em rodopio.

Ficarão perfeitas na sua mesinha de cabeceira. Ao lado do candeeiro creme.

Implicou que tinha entrado na minha casa – no meu quarto, mais propriamente. Mas como? A Enid e o Frank não entraram na minha casa desde que comecei a renovação, portanto não lhe poderiam ter contado nada.

As janelas do quarto encontram-se viradas para o mar mas Mark não conseguiria espreitar para o interior a partir da casa dos pais. E se estivesse na praia?

– Que mal é que isto lhe fez?

Olho para cima. O empregado sorri ironicamente, apontando para a base de copos que desfiz em dezenas de pedacinhos.

– Peço imensa desculpa – digo, reunindo os bocados e enfiando-os no bolso do casaco. Levo o copo de vinho para uma mesa vazia ao lado da máquina de jogo, reparando que as mãos me tremem. Tento recostar-me no

assento, mas sinto o corpo tenso, obstinado. Levo o copo à boca e emborco metade do conteúdo.

Se Mark tivesse sabido que eu coloquei a minha casa no Airbnb, teria espreitado por curiosidade. Lembro-me de fotografar todos os quartos, preparando-os com preceito e escolhendo os melhores ângulos para conferir uma sensação de espaço e luz.

Retirando o telemóvel da mala, percorro a galeria de imagens à procura das fotos que tirei para o aluguer do Airbnb. Ao encontrar a imagem do quarto, o meu olhar viaja para a cama cuidadosamente arrumada com os lençóis cremes e as almofadas afofadas, mas o ângulo da câmara não apanha a mesinha de cabeceira e o candeeiro. Sei que nunca partilhei uma imagem do meu quarto nas redes sociais, portanto, o comentário de Mark terá sido uma suposição.

A não ser, penso, congeminando outra hipótese, que Mark tenha entrado na casa durante o aluguer do Airbnb. Recordo a palavra *MENTIROSA* gravada na minha secretária. Terá sido ele? É possível que conhecesse Joanna e a sua família. Talvez tenha sido ele a sugerir a Joanna o aluguer. Mas ao pensar no assunto, não me parece provável.

Aperto as têmporas. Talvez Mark se tenha apresentado à família de Joanna, e dito que tomava conta da manutenção da propriedade, e queria conferir o tanque de água ou outro pormenor qualquer. Faz sentido.

Mas mesmo se Mark tivesse encontrado forma de entrar na minha casa, no meu quarto e no meu escritório, a pergunta que me perturba é: *porquê?*

Não devia ter pedido o segundo copo. Nem o terceiro. Acabei por deixar o carro na vila e voltei a pé pela praia. É uma mistura tóxica, a bebida e a insónia; tudo parece distorcido e muito distante.

Não estou vestida para andar na praia: os sapatos de pele absorvem água da areia húmida, e debaixo do meu casaco fino tenho a pele toda arrepiada.

Ouçó o marulhar da água que cria regatos na areia. Está a subir ou a descer? Tenho de habituar-me a verificar a tabela. Com a luz baixa e o brilho do mar, deduzo que a água ainda se encontra distante. Vou manter o passo rápido. A casa não fica longe.

Quando Flynn e eu comprámos a casa do cimo da falésia, um dos atrativos do local fora a hipótese de jantarmos num *pub* da vila, e depois

voltarmos a pé pela baía. A ideia parecera-nos romântica, caminhar de mãos dadas, o vento pelas costas, as ondas banhando a praia.

Agora, é o medo que se instala no meu peito, ao apressar o andamento, com os pés húmidos e gelados nos sapatos encharcados.

Acabo por atravessar a praia a bom ritmo, e quando alcanço os degraus de pedra tiro o telemóvel e uso-o como lanterna. Vejo que o mar se encontra bastante próximo – mais vinte minutos e o acesso aos degraus estaria cortado. A sola do sapato escorrega na rocha molhada e desequilibro-me, caindo para diante. Lanço as mãos para me segurar, mas bato com os joelhos contra a pedra.

Solto um grito. O joelho direito queixa-se de dor. Fazendo um esforço para me endireitar, agarro no telemóvel e subo os restantes degraus ao pé-coxinho, com a respiração entrecortada. Acompanhando o caminho de pedra até à porta lateral, atrapalho-me com as chaves, mas consigo entrar e fico na cozinha, às escuras, com o coração aos pulos e os joelhos esfolados. Foi estúpido vir pela praia durante a noite. Podia ter sido a cabeça a tombar nos degraus, e não o telemóvel.

Só tomo más decisões.

Deslizo a mão pela parede até encontrar o interruptor, que acendo, e as lâmpadas do teto encham a cozinha de luz. Coxeio até ao frigorífico e encho um copo de vinho até à borda.

Quero sacudir do espírito a sensação do raspar da rocha contra a pele, a humidade quente do sangue a espalhar-se, portanto tiro o telemóvel e percorro a minha página do Facebook, concentrando-me em responder às novas mensagens dos leitores.

Imediatamente noto que Adorolivros101 voltou a escrever:

Preocupas-me. Parece que perdeste peso.

Não deixes que este livro te derrube.

As minhas costas retesam-se com o tom da mensagem. É um comentário intrusivo. Assume que há intimidade entre nós.

Verifico as últimas fotos que publiquei. São imagens das minhas pegadas na areia, do meu cadeirão no escritório ao sol, do meu perfil quando rio.

Não, não pareço ter perdido peso nem que esteja a ceder à pressão. Garanti que não haveria nada disso.

A minha vida parece idílica.

Tiro uma fotografia rápida do copo de vinho. Depois carrego-a para o Facebook, acrescentando: *Celebrando um dia intenso de escrita com um copo de vinho. A três semanas do prazo e em contagem decrescentes #livro2 #estáquase*

Depois, apago a mensagem de Adorolivros101 e guardo o telemóvel no bolso.

Saio da cozinha e atravesso o corredor. Vou acendendo as luzes à medida que passo. Nas escadas, faço uma pausa junto à janela. Consigo ver a casa de Frank e Enid. Há quanto tempo estará a mulher no hospital? E Frank far-lhe-á companhia? Se for assim, Mark estará em casa, sozinho. Imagino-o a percorrer as divisões silenciosas do bangaló, parando na janela da cozinha no escuro, cigarro a arder entre os dedos. A vigiar.

Se olhar para aqui neste instante, irá ver-me enquadrada pela luz. Dou um passo para trás, e ao fazê-lo reparo num pormenor. A janela tem a marca de uma dedada. Espreitando com mais atenção, consigo perceber uma palavra escrita na condensação ligeira.

Casa

Enquanto pondero na palavra, algo dentro de mim enregela, como farpas de gelo que se expandem e ramificam na base da nuca, pela espinha abaixo.

Não se trata de uma única palavra.

É uma frase completa.

*Estou
na tua
casa*

O mundo para. Saliva acumula-se no fundo da minha garganta. Lembro-me de engolir. Respira.

Pestanejo e regresso às palavras. A minha cabeça parece andar às voltas, como se o próprio solo me fugisse dos pés.

Atiro-me para a frente, usando a manga do casaco para limpar o vidro.

Pronto, já se foi. Não resta nada para ver. Encaro o vidro limpo: até parece que imaginei.

A mensagem podia estar ali há vários dias, digo para a mim mesma. Uma brincadeira escrita por alguém de visita. Talvez até uma das participantes do clube de leitura? Porém, porque haviam de escrever algo tão tenebroso e pérfido?

Por cima do troar do sangue na minha cabeça, ouço um ruído, o deslizar de madeira contra madeira.

Aguardo e escuto.

A pulsação intensifica-se.

Ei-lo. Novamente. O som vem do cimo das escadas. Do meu escritório. Assemelha-se a uma gaveta a ser fechada.

As casas soltam ruídos, digo a mim mesma firmemente. Não está ali ninguém. É apenas a minha imaginação. Os meus sentidos encontram-se bem despertos, amplificando as coisas, é apenas isso.

Não surgem mais sons vindos de cima.

Solto a respiração que estava presa.

Ao afastar-me da janela, volto a ouvir: o ranger demorado de uma tábua do soalho a ser premida contra a viga, depois, o lento deslizar do ar quando a porta é aberta.

Está alguém dentro de casa.

Anteriormente

Gosto de estar na tua casa.

Vagueio pela tua cozinha, sem pressas, abrindo todos os armários, inspecionando os copos de vinho requintados, a porcelana Wedgwood clássica, os pesados tachos Le Creuset. Abro a torneira com arejador para observar a água cair no teu lava-louça generoso. Sem vestígio de má drenagem. Sem uma única marca de um tabuleiro quente cheio de batatas fritas que nele tivesse caído.

Detenho-me ao alcançar a janela. Encosto as mãos abertas contra o vidro. Percebo que os traços e desenhos das minhas impressões digitais ficarão aqui gravados, como se reivindicasse tudo em que toco.

Esta vista. É como se estivesse em suspensão no ar. Faz-me esticar os ombros para trás, crescer, sentir-me leve.

A fome atíça-me, e sinto alguma curiosidade em descobrir se resta comida no frigorífico; caso contrário, terei de fazer as minhas próprias compras. Abrindo a vasta porta, noto que arrumaste a tua comida nas duas prateleiras de cima, deixando-me espaço para as minhas coisas. Tens gostos caros: biscoitos com pedaços de laranja e cobertos de chocolate; uma embalagem de azeitonas com recheio de alho; uma fatia generosa de brie defumado, por abrir; duas embalagens de iogurte de coco orgânico.

O teu congelador contém meia dúzia de refeições pré-cozinhadas. Gostas de feta, espinafres e tarte de pinhão, e de peito de frango recheado com

pesto e mozzarella. Abro a gaveta do fundo e rio-me: guardas aqui três lagostas. A maioria das pessoas tem douradinhos de peixe e um saco de ervilhas no congelador – mas tu tens lagostas! E há mais peixe; uma posta inteira de sargo, ou talvez seja perca, e uma embalagem de caldeirada.

Convém termos cuidado com o peixe congelado, penso, enquanto apalpo o fundo do congelador até encontrar a tomada.

Elle

Fico muito quieta, quase sem respirar. Estou bem ciente da minha pele, retesada sobre a clavícula, os arrepios no antebraço, a pressão das unhas nas palmas das minhas mãos.

A audição está atenta e amplificada.

Mais passos, pesados, por cima de mim.

O sangue pulsa nos meus ouvidos. *Saberão que estou em casa?*

Tenho de sair daqui. O carro continua estacionado na vila, portanto, só posso fugir a pé. A maré está a subir – não posso arriscar descer à praia. Resta-me a estrada. Quase um quilómetro de acesso, ladeada por sebes. Sem lugar para me esconder.

Muito devagar, desço as escadas às arrecuas, agarrando o corrimão com firmeza. Tudo me parece perigosamente sonoro, o deslizar da madeira debaixo da minha palma suada, a pulsação na garganta. Quero correr, gritar, mas obrigo-me a mexer-me devagar.

Procurando o fundo das escadas, faço uma pausa à escuta.

Por cima, o som dos passos atravessa o patamar diante do escritório. O medo acorda nas minhas veias. Não se trata de imaginação: é real.

Os passos fazem uma pausa.

Imagino o intruso parado, à escuta.

Ter-me-á ouvido?

Depois, sinto o gemido da madeira quando começa a descer os degraus, em direção a mim.

Subitamente, dou meia-volta, corro para a cozinha. Deslizo pelo chão de madeira, agarrando o puxador da porta dos fundos.

Merda! Tranquei-a quando entrei. Onde pus as putas das chaves?

O meu coração golpeia-me o peito enquanto as procuro na cozinha. Nem sombra de chaves.

Ainda há tempo para voltar para trás e tentar a porta da frente?

Ouçó a mudança dos passos quando o intruso alcança o fundo das escadas. Cortou-me a fuga.

Agindo por instinto, agarro numa faca do suporte, o cabo de metal silvando na minha mão.

Desta vez, tenho de lutar e não de fugir.

O som dos passos aumenta de volume à medida que se dirige para a cozinha.

Para mim.

O medo consolida-se em raiva, retesa-me os músculos, bombeia sangue fervente pelas minhas veias.

Sou forte. Sou capaz de tudo.

Seguro a faca contra mim, os músculos encolhidos, prontos a saltar.

Vem aí.

Quando a figura alcança a porta da cozinha atiro-me em frente com a faca levantada.

— Não te aproximes!

A figura cambaleia para trás, com as mãos erguidas.

— Elle, sou eu. Sou eu!

O meu nome parece tão distante e estranho que demoro segundos a perceber que se trata de Flynn.

— O que estás a fazer aqui? — pergunto, ofegante, com a faca apontada para ele.

— Desculpa, não queria assustar-te. Tentei ligar. Esperei uma hora no carro. Mas ainda tinha a chave, e por isso... — Baixa as mãos. — Peço imensa desculpa por te ter assustado. Não pensei que isto fosse acontecer.

Tenho o carro estacionado ali em frente e os meus sapatos e o casaco estão no corredor.

– Entrei pela porta lateral.

– Desculpa – pede novamente. – Não ouvi o teu carro.

– Deixei-o na vila. – Encaro-o, com o coração ainda a bater com força no peito.

– Estás a tremer, Elle.

– Estavas no meu escritório.

– Procurava as nossas fotos.

– Porquê? – pergunto, baixando por enfim a faca. Encarando-o com atenção, reparo que tem os olhos vermelhos e os lábios raiados de cor.

Flynn aperta as pálpebras, belisca a cana do nariz.

Arrumo a faca e aproximo-me dele, pousando as mãos nos seus braços. Cheira a lascas de madeira e um travo almiscarado.

– O que aconteceu?

Aperto os braços em volta dos joelhos, sentando-me sobre os calcanhares, vendo Flynn escolher outro pedaço de lenha do cesto. Ele vira-o nas mãos volumosas, e deposita-o na lareira. As labaredas tremeluzem e aumentam, enquanto ele ajusta a intensidade da chama, com a luz dançando no seu rosto.

– Estou contente por teres vindo – digo. Ele senta-se no chão ao meu lado. Estamos ambos encostados à base do sofá.

– Foi o que pensei quando me atacaste com a faca.

Fitámos as chamas bruxuleantes, ouvindo o estalar da madeira e as fagulhas das cinzas.

Flynn começa a falar num tom baixo, com o olhar fixo no fogo.

– Aneurisma na aorta. Nem sequer conhecia. Estava no trabalho quando recebi a chamada. Com o barulho da serra nem conseguia ouvir. Não parava de dizer, *O quê? O quê?* O telefonema não era do hospital. Foi o James Fells, lembraste dele? O talhante.

Indico que sim.

– Foi onde aconteceu. Pensou que a mãe tinha desmaiado pois tombou contra o balcão. Chamou uma ambulância. Disse que os paramédicos apareceram poucos minutos depois, mas já foi tarde.

Imagino Alison a deslizar contra o vidro curvo do balcão, as carnes rosadas a brilharem no gelo; James com o avental manchado de sangue a tentar usar o telefone; o ruído da cortina de correntes metálicas quando os paramédicos entraram apressados.

Lágrimas escorrem pelas faces de Flynn, e mergulham na barba escura e espessa.

– Tenho de pensar nos preparativos para o funeral – diz, com os olhos nunca abandonando as chamas.

– A tua mãe tinha preferência?

– Ser enterrada ao lado do pai.

– Obviamente.

– Vou aguardar que a Rea chegue. Depois faremos planos. – Flynn não é particularmente chegado à irmã Rea; têm sete anos de diferença. Ela foi para a Califórnia estudar arqueologia e conheceu um homem com quem casou, tendo ido depois viver para a casa da família dele no Minnesota. Sempre gostei dela; é determinada e séria mas partilha o sentido aventureiro de Flynn.

– Quando é que ela chega?

– Amanhã.

– Já contaste a muitas pessoas?

Flynn abana a cabeça.

– Não sou capaz. Ainda não me parece real.

– Oxalá tivesse continuado a falar com a tua mãe – admito.

– Ela sabia que gostavas muito dela.

Alison era uma mulher inteligente e leal que adorava Flynn mas também tinha noção do desafio que representava estar casada com ele. Nunca interferia, nunca dava opiniões a não ser que lhe fossem pedidas, contudo, o apoio esteve sempre implícito. Íamos visitá-la a Truro pelo menos uma vez por mês, e Alison socorria-se de uma pilha de receitas que guardava das revistas, insistido que não era incómodo nenhum. Depois das refeições, Flynn ia à casa de banho e eu e Alison sentávamo-nos juntas nos cadeirões da marquise a falar de livros. Ela tinha todas as edições estrangeiras do meu romance em exibição na sala.

Um toro desfaz-se e solta fagulhas para o ar.

– Sei que tudo está... diferente entre nós – comento – mas, Flynn, se precisares, estarei aqui, está bem? Mesmo se não prestarmos como casal,

continuas a ser o meu melhor amigo. Isso não mudou.

Ele mantém o olhar fixo na lareira, mas sinto o abanar do ombro contra o meu. Pego nas suas mãos e aperto-as.

Tenho saudades daquelas mãos. O polegar tem uma cicatriz de quando uma serra elétrica deu um coice ao cortar uma árvore na casa de Alison. Sinto o vinco saliente que atravessa o segundo e terceiro nó dos dedos que resultou de esmurrar a parede da casa de banho do bar, frustrado, após uma discussão calorosa entre nós, aquelas que nos mantinham unidos quando tínhamos vinte anos. Lembro-me do corte que fez na ponta do dedo com o raio da roda da minha velha bicicleta que ele tentava arranjar depois de eu me ter recusado a desfazer-me dela.

Quantas vezes estas mãos, penso enquanto as seguro com firmeza, se entrelaçaram nas minhas. Imaginara as mãos dele na curva do meu abdómen, a sentir os pontapés do nosso bebé. Imaginei-as pousadas no braço da filha enquanto a levava ao altar ou agarrando o filho contra si. Imaginei-as com rugas e crispadas, mas ainda agarradas às minhas.

Percorro o espaço livre no dedo onde estive a aliança de casado.

– Onde é que a tens?

Ele encara-me com o sorriso de esguelha.

– No porta-luvas da carrinha.

Levanto a sobrancelha e rio-me.

– É totalmente seguro.

– Entre as multas de estacionamento, moedas, CD que não ouves, mapas que insistes em guardar.

– É verdade. – Levanta a minha mão esquerda e inspeciona o anelar. – E a tua?

– Na caixinha de joias.

– Voltaste a usá-la?

Abano a cabeça.

– E tu?

– Alguns dias, sim.

Passo o dedo pela extensão do dele. É um sentimento incrivelmente terno e devastador. Sem pensar, levo a mão dele à minha boca e pouso os lábios no espaço vazio em que já não se encontra o anel.

Sinto os olhos dele em mim.

O ar transforma-se como se estivesse cheio de eletricidade. Sinto os nossos corpos atraírem-se mutuamente, magnéticos e irresistíveis, lábios inquisidores, bocas macias e esfomeadas.

Já me tinha esquecido da sensação ardente dos seus lábios nos meus, o raspar da barba rala na minha face, aquelas mãos grandes deslocando-se para a minha nuca, para o meu pescoço. Saboreio o sal das suas lágrimas.

Afundamo-nos um no outro, abandonados num lugar tão familiar e belo que não entendo porque tivemos de partir.

Quando acordo, estou sozinha. É a primeira noite das últimas semanas em que dormi sem interrupções.

Flynn encontra-se na cozinha, no piso térreo. Ouço o ranger da porta de um armário que se abre, uma caneca que é retirada, a água a correr.

Fico deitada, escutando estes ruídos que enchem a casa. Depois dos meses e meses de trabalho que investi na renovação, ainda me espanta que Flynn nunca tenha vivido aqui. Nas etapas de planeamento – quando as palavras *separação* e *divórcio* e *irreconciliáveis* não tinham ainda sido proferidas e eram palavras destinadas aos outros casais, aos que já não faziam amor, aos que só tinham azedume e amargura – tentei conceber como iríamos usar a casa, eu e Flynn. Imaginei-nos a descer os degraus no rochedo descalços, à primeira luz do dia quando o orvalho ainda não secara, para nadarmos juntos na baía. Imaginei botinhas impermeáveis deixadas à entrada, um rasto de areia serpenteando pelo soalho, um quarto cheio de tapetes animados, uma despensa debaixo das escadas com o tamanho para guardar um carrinho. Faríamos churrascos no verão e assados para o jantar no inverno. Haveria amigos e família e risos. E o meu escritório encimaria tudo isto, qual retiro de paz.

Afasto o edredão e salto da cama. Enfio o roupão e desço as escadas.

Parada à entrada da cozinha observo Flynn de costas, com uma chave de parafusos encostada à dobradiça do armário. Noto as veias salientes dos antebraços enquanto aperta o parafuso.

– Lembrei-me de consertar a porta – diz sem se virar.

Tive intenções de consertar a dobradiça com a ajuda de um vídeo no YouTube e o enorme conjunto de ferramentas que Fiona e Bill me tinham

oferecido pelo aniversário. Mas fico grata por Flynn resolver este pequeno assunto para mim.

Aproximo-me dele.

– Como te sentes?

Ele respira fundo, como se quisesse falar, mas não diz nada. É uma pergunta demasiado complicada, entendo.

Experimenta a porta do armário, que se abre e fecha na perfeição. Depois vira-se para mim.

Instintivamente estico os braços e envolvo-o.

– Elle – diz baixinho, com os lábios encostados ao meu cabelo. – Não devíamos ter deixado que a noite passada acontecesse.

As palavras representam um golpe duro. Recuo, fingindo examinar a dobradiça.

– Sim, está bem.

– Tenho o pensamento cheio de coisas. Não posso complicar a minha vida...

– Obviamente.

Nenhum de nós abre a boca durante algum tempo. Atiro-me à tarefa de preparar o café, tirar pãezinhos de leite do congelador e aquecê-los no forno.

Sentamo-nos na barra do pequeno-almoço olhando para a vista enquanto bebemos o café.

– A casa está com bom aspeto – diz ele, surpreendendo-me. – Fizeste um trabalho incrível.

– Não fui apenas eu... – começo, mas ele corrige-me.

– Foste. Tu é que conduziste tudo isto. Tinhas uma visão que eu nunca consegui perceber. Nem sabia se queria isto.

Nem se me querias a mim.

– Seja como for, só queria dizer... bom trabalho.

– Obrigada. – Penso por uns instantes. – Tem graça, pensamos que queremos uma coisa, e depois, quando a alcançamos, não é como se imaginava.

Ele observa-me, com uma expressão interrogadora.

– Ainda não entreguei o meu segundo livro. Tem de estar concluído no próximo mês.

– E entregarás a tempo?

Abano a cabeça.

– Talvez fosses a minha musa.

Ele não ri.

– Elle...

– Estou bem, a sério. Vai correr bem. Aliás, tens coisas mais importantes em que pensar.

Ele enche os pulmões de ar.

– Devia regressar, sim. E começar a pensar na organização do funeral. Virás, certo?

Acompanho-o à porta. Vejo-o colocar o casaco que lhe comprei há dois Natais sobre os ombros, aquele que tem um rasgão na manga onde ficou preso num painel partido da cerca da mãe que ele reparava. Irá lembrar-se disso quando olhar para a manga? Será um dos milhares de motivos que despertará saudades da mãe?

Vira-se para mim.

– Obrigado pelo apoio.

Abraçamo-nos e os meus dedos agarraram o tecido áspero do casaco. O meu peito aflige-se com a ideia de o deixar partir.

– Serás sempre bem-vindo.

– Mas da próxima vez, não me apontes uma faca.

Rio-me, e a brincadeira alivia a tensão. Largamo-nos.

– Flynn, quero fazer-te uma pergunta muito estranha – digo, precisando de confirmar o assunto antes que ele parta. – Escreveste alguma frase na janela das escadas?

– Uma frase?

– Na condensação do vidro.

– Porque faria isso?

– Havia ali uma mensagem. Descobri-a com a luz a incidir, ontem à noite. Pode estar ali há muito tempo.

– O que dizia?

Hesito. De certa forma, dizê-lo em voz alta torna-o ridículo.

– *Estou na tua casa.*

Os olhos de Flynn estreitam-se.

– Em qual janela? Deixa-me ver.

– Limpei-a.

– Alguma visita que pregou uma partida.

Anuo, embora as únicas pessoas que estiveram nesta casa durante o último mês tenham sido as do clube de leitura. Ou, então, encontra-se ali desde o aluguer do Airbnb.

Ouve-se o retinir do ferro atrás de nós, quando o correio é enfiado na caixa. Flynn pega no monte caído no chão e entrega-mo. Depois, abre a porta e sai.

O sol apareceu, prometendo ser um dia bonito. Alegro-me. Flynn precisa de bom tempo para o regresso a casa. Reparo no seu rosto banhado pelo sol. A passagem do tempo encaixa-se confortavelmente nos vincos da testa, na explosão de traços ao redor dos olhos.

O olhar dele desce para o monte de cartas que tenho na mão. Acompanho-o, notando as letras maiúsculas de cor vermelha *Último Aviso* carimbadas num envelope castanho.

– Está tudo bem? – pergunta.

Escondo as cartas debaixo do braço.

– Tudo. Está tudo bem.

Ele fita-me com aquela expressão cândida que diz: *Eu conheço-te, Elle Fielding*.

– Queria ter falado contigo há mais tempo sobre este assunto – faz uma pausa, olha para os pés.

Sinto a minha pulsação acelerar, esperançosa...

Ele volta a olhar para cima, diretamente para mim.

– Sim?

– Tens tido cuidado com as coisas que partilhas nas redes sociais?

Pestanejo.

– Nas redes sociais?

– Dei uma espreitadela ao teu mural. Partilhas tantos pormenores sobre o que fazes, fotografas todos os recantos da casa, os lugares por onde andas, os passeios que dás. Acabas por convidar pessoas estranhas para a tua vida, que acabam por ter esta... esta intimidade contigo.

Recordo o último comentário do Adorolivros101 e sinto um arrepio trespassar-me.

– É a natureza das redes sociais – digo em minha defesa. – As pessoas querem ter um vislumbre de como vivemos.

– E se quiserem mais do que isso? Anuncias que vais fazer uma corrida... depois colocas uma imagem da praia em que corres. Não é preciso grande esforço para quem conheça a zona perceber onde estás, e que vais sozinha. Ou que a tua casa ficou vazia.

– Ninguém sabe onde vivo.

– Não? Partilhaste dúzias de imagens desta vista. Qualquer pessoa pode reconhecer a baía e que a tua casa é a que fica no cimo da falésia.

– O que é isto? Queres assustar-me?

A sua expressão condói-se.

– Claro que não. Apenas quero que estejas segura. Tudo o que escreves e partilhas, não vai desaparecer. Deixa sempre um rasto.

– Obrigada pelo esclarecimento, senhor agente – sorrio, tentando aligeirar a conversa. – Seja como for, porque andas a bisbilhotar no Facebook? Pensei que odiavas aquilo.

– Que queres que diga? Que espreito de vez em quando para saber como estás?

O meu coração aperta-se ao pensar que ele tem de aceder à minha vida através do ecrã.

Ele faz uma pausa, remexendo-se irrequieto.

– É difícil quando os nossos amigos sabem mais da tua vida do que eu. A Heather e o Nick é que me contaram que foste a França, que entraste num clube de leitura. Que fazes emissões em direto ou algo parecido. E não paravam de dizer que parecias feliz.

– Sabes que isso faz parte do cenário, não sabes? Mostro às pessoas o que elas querem ver. Julgas que teria tantos seguidores se só partilhasse os aspetos mundanos? Se só escrevesse a verdade?

Uma sombra percorre a expressão de Flynn.

Verdade. A palavra que não devia ter usado. A palavra que derrubara o nosso casamento.

– Só estou a dizer que ninguém quer ver fotos minhas despenteada depois de uma noite sem dormir, ou das canecas de café ao lado do meu manuscrito em branco. Sei bem que é tudo tretas, esta vida com o filtro da perfeição, mas faz parte do trabalho. É algo que tenho de fazer.

– Tens mesmo?

Flynn recorre sempre a estas duas palavras – obrigando-se a fazer uma pausa e duvidar de mim mesma. É tão irritante que nem lhe respondo.

– Se a tua editora não precisasse que fizesses isso, amanhã serias capaz de abandonar as redes sociais?

– Mas faz alguma diferença?

– Não critico a tua escolha. Apenas questiono se é bom para ti, ou mesmo para nós. Porque, pensando bem, será que precisas disso?

– Ajuda as pessoas a ficarem ligadas entre si.

– Isso é o que nos dizem: façam mais ligações. Mas não sei, Ele – comenta, abanando a cabeça. – Parece-me que as pessoas estão cada vez mais desligadas. Entramos num bar ou num restaurante e vemos pessoas sentadas em frente umas das outras, mas prestam atenção apenas aos telemóveis. Vês pessoas, não apenas adolescentes mas também adultos, a caminharem pela rua com os pescoços curvados para os ecrãs. Será isso saudável?

Não respondo nem ele espera resposta.

– Quando acontece uma coisa como esta, como perder a nossa mãe, tudo o resto se torna banal. Inútil. – Os olhos rebrilham. – A vida não devia ser reduzida a imagens com filtros e legendas, pois não? Contém o nascimento e a morte e aquele intervalo de tempo entre os dois, tão belo quanto brutal.

Anteriormente

Agora que estou na tua casa, é curioso rever as fotografias que colocaste nas redes sociais. Tens preferência por planos aproximados: uma concha colocada com preceito sobre uma pilha de livros; um jarro de água e copo na ponta da secretária; um vaso de flores na estante ao lado do aquecedor a óleo. Noto que manipulaste algumas fotos, eliminando o radiador inestético, uma tomada elétrica ou a maçaneta da porta.

Que outras coisas terás escolhido eliminar da tua vida?

Li um estudo interessante sobre a forma como as redes sociais nos tornam extremamente infelizes. Os cientistas indicaram que uma em cada três pessoas sentem-se insatisfeitas com as suas vidas depois de percorrerem o Facebook. Ativa o comportamento da procura, e afeta em grande medida os níveis de dopamina bem como as rotas neuronais do cérebro após alguns minutos de uso. Imagina só. Mark Zuckerberg criou algo tão poderoso que é capaz de alterar a química do cérebro.

Preocupa-me que a autoestima seja cada vez mais medida em termos de Gostos ou de Seguidores ou de coraçõezinhos a pular no ecrã. Captar a atenção é cada vez mais difícil. Os publicitários usam termos como Choques por Minuto para nos inundarem com mais informação.

Pressinto que virá um tempo em que as pessoas se revoltarão contra as redes sociais, em que quererão expurgar da Internet os pormenores íntimos que partilharam. Não perceberão que a informação vai sempre existir

algures? Imagino aranhas a arrastarem-se pela Internet, à procura dos redutos de informação, que ali jazem como moscas apanhadas na teia.

Espanta-me imenso o que as pessoas continuam a partilhar. O quanto divulgam de si mesmas. Nomeadamente tu, Elle. Porque será? Penso que é o ego a sobrepor-se ao bom senso. Precisamos de conhecer os pequenos hábitos e rituais do teu dia? Talvez a resposta seja sim, senão, porque estaríamos tão atraídos?

Para quem tenha a inclinação de percorrer o historial dos teus posts, eis o que nos contaste: sabemos que carro conduzes. Sabemos que tomas dois cafés por dia preparados na máquina Nespresso da cozinha. Sabemos que pintaste o aparador em que penduras as canecas. Sabemos que o teu escritório é o teu retiro, o teu refúgio criativo.

Quero dizer aos teus seguidores para não se sentirem frustrados com as suas vidas, pois o que poucos percebem é que os teus escritos são pouco mais do que cenas inventadas por ti.

Não representam a tua vida real, pois não, Elle?

A bem dizer, são a tua maior ficção.

Elle

Sinto o atrito dos pneus contra o asfalto quando curvo. As sebes passam velozes por mim, espessas paredes verdejantes. Ao aproximar-me da casa de Fiona, percorro mentalmente o meu plano. Bill ausente, Drake no infantário. Estará em casa, ocupada a trabalhar. Serei um breve incómodo. Só preciso de sair de casa. Tenho de lhe contar sobre Flynn e a mãe dele.

Ao entrar na rua de Fiona, imagino a chaleira acesa, o conforto do velho sofá flácido. Estaciono na estrada diante da casa e saio.

Estou praticamente à porta de Fiona quando esta se abre e um homem sai para a rua – não é Bill, mas alguém mais delgado, que veste um casaco escuro, e traz a cabeça baixa.

Fiona está a falar com ele, pés descalços e cara enrubescida.

O homem vira-se e os meus lábios abrem-se de espanto.

No rosto de Mark nasce um sorriso indolente.

– Bom dia – diz-me com um ligeiro aceno de cabeça.

Vejo-o subir para a motorizada, enfiar o capacete, ligar o motor e desaparecer pela rua.

Fiona cruzou os braços sobre o peito e esticou o queixo.

– O Mark estava só a ajudar-me com uma coisa.

– Com o quê?

– O lava-louça avariou-se.

Fico a mirá-la. Reconheço aquela expressão determinada e fria, o ligeiro tremor das pestanas.

– Isso é tanga. – Sigo para a entrada e passo por Fiona, em direção à cozinha.

Ela segue-me.

– O Bill não está em casa, pois não?

– Não.

– E o Drake está no infantário?

– Sim.

– Que coincidência de agendas. – Já tinha suspeitado que houvesse outros homens além de Bill, mas nunca vira provas disso nem nunca quis ver.

– Antes de te armares em santa, é apenas sexo.

– E se fosse o Bill a dizer-te isso?

Fiona desconsidera o comentário como se fosse uma parvoíce.

– Sei que não gostas do Mark. Se isto ajuda, não fazia ideia de que fosse filho dos teus vizinhos.

– Quando é que começou?

– Nada *começou*. Foram só algumas vezes.

– Quantas?

– Três, quatro. Não sei. Já acabou. Não significou nada.

– Como é que o conheceste?

– No aniversário da Yvonne.

Fiona convidara-me para a festa, mas realizava-se no dia em que parti para o retiro de escritores em França.

– Tem, quantos, dez anos a menos do que tu?

– Obrigada pelo comentário. São sete anos.

Cruzo os braços, com o meu olhar deslocando-se de Fiona para a montagem de fotografias no frigorífico. Descubro-me a olhar para uma imagem de Drake a sorrir debaixo de um chapéu de festa dourado.

– Não faças essa cara – pede Fiona.

– Que cara?

– Essa. A que estás a fazer agora. Lábios enrugados. Ombros com esse jeitinho cheio de honra. Estás a pensar no Drake e no Bill e a censurar-me.

– Parece-me que estás a arriscar demais. Não te basta o que tens?

Fiona ri-se.

– Oh, Elle! Sempre tiveste uma ideia muito romântica da maternidade. O Drake é sem dúvida a coisa mais importante da minha vida, e tudo seria mais pobre sem ele, mas a maternidade não «basta» por si mesma. Ser mãe é uma boa parte de quem sou hoje, mas também preciso de uma parte minha, só para mim. E isso é complicado de alcançar. O Bill passa mais tempo ausente do que em casa. Sou obrigada a reajustar-me e a descobrir que pessoa sou, naquele pedacinho de tempo em que o Drake dorme ou está no infantário durante a manhã. A ideia do que «basta» é muito limitada, Elle. Qualquer pessoa que queira mais do que isso... que queira trabalhar, ter tempo para si mesma, e passar alguns dias com amigos... sente que lhe falta alguma coisa. O que quero é sentir-me completa. Igual a mim *mesma*.

– Precisas, então, de foder o Mark para te sentires igual a ti *mesma*?

Passam-se vários instantes de silêncio.

– Foi um erro. E já acabou. Foi o que disse ao Mark – abana a cabeça. – Amo o Bill. Tu sabes isso.

A tensão na cozinha suaviza-se. Desloco-me para o lavatório, tiro um copo do escorredor e encho-o. Algo me morde o pensamento e tem que ver com a sequência de acontecimentos. Onde teria Fiona dormido com Mark da primeira vez? Ele vivia na casa dos pais, e Bill estaria em casa com Drake – onde, então? Na festa?

Então, fez-se luz. Fiona tinha a chave da minha casa. Os arrendatários não chegariam antes do dia seguinte.

Viro-me.

– Levaste o Mark para a minha casa, não foi?

Fiona pisca os olhos, e um relampejo de pânico percorre-lhe a expressão. Abre a boca para falar mas volta a fechá-la. Espanto-me ao ver duas coroas vermelhas espalharem-se pelas suas bochechas.

– Tinhas as chaves da minha casa. Foi nessa noite que levaste a cadeira do bebé, não foi? Contaste-me que a tinhas levado antes de os arrendatários aparecerem.

Fiona segue-me o olhar. Muito devagar, deixa cair a cabeça e indica que sim.

– Levaste-o para a minha casa. Deixaste o cabrão de um estranho entrar na minha casa sem a minha autorização e...

– Elle...

– Céus! Foi assim que ele ficou a conhecer o meu quarto. Sabia que eu tinha um candeeiro creme, porque o deixaste entrar!

– Não, não. Ele nem sequer subiu as escadas. Ficámo-nos pela sala de estar. Não foi... não planeei nada. Tinha a cadeira de bebé no carro. Disse-lhe que precisava de deixá-la na tua casa. Ele veio comigo. Disse que a casa era muito bonita. Eu quis mostrar-lhe a vista... a paisagem da baía. E depois acabámos... – Fiona olha para os pés.

– Onde?

Fiona comprime os lábios.

– Onde foi que fizeram sexo?

– Queres mesmo saber?

– Sim.

Ela suspira.

– Na sala.

– Foram para o meu quarto?

– Não!

– Saíste da presença dele... mesmo por alguns instantes?

– Não. Foi só entrar e sair – responde, e depois solta um esgar ao aperceber-se do que tinha dito. – Quero dizer, eu... fui à casa de banho para me lavar. Mas não me demorei...

– Foi o Mark. Eu sabia. – Cerro os punhos e sinto o nó de tensão no maxilar. Imagino-o a vasculhar a minha casa, subindo as escadas e parando para escrever na janela. *Estou na tua casa.*

Enquanto Fiona se encontrava na casa de banho, ele podia ter aberto a porta do meu quarto. Imagino-o a passar as mãos pela berma da minha cama. Terá visto o seu reflexo no espelho? Percebeu que era um intruso? Ou terá gostado de se ver ali, no meu quarto? Ter-me-á imaginado ali deitada?

Talvez fizesse parte de um plano: seduzir Fiona, convencê-la a deixá-lo entrar na minha casa. Se Mark me culpa pelo AVC da mãe, isto pode ser um mero jogo de intimidação. O intuito é subitamente óbvio: quer que me vá embora.

– Ele entrou no meu escritório...

– Oh, não sejas dramática! Estive na casa de banho poucos minutos. Julgas mesmo que isso terá dado tempo suficiente ao Mark para andar a espreitar tudo, perceber que tinhas trancado uma porta e arrombá-la? E depois fazer o quê? Partir um pisa-papéis sem eu ouvir?

Fico boquiaberta.

– Sei que fiz asneira por o ter levado para a tua casa, e lamento imenso isso, mas o resto, Elle, está apenas na tua cabeça.

Está apenas na tua cabeça.

As palavras são um eco do passado. Ignoro o chamamento da memória. É demasiado arriscado.

Levanto o queixo.

– Quero que me devolvas a chave.

– Perdão?

– A chave extra. Aquela que te dei.

Fiona funga de desdém.

– Não confias em mim? Que julgas que vou fazer? Que entro na tua casa para dar umas quecas sempre que não estás?

– Talvez.

Fiona cruza os braços.

– Suponho que pediste ao Flynn a chave dele?

Não respondo.

– Não te parece que ele é a pessoa a quem devias pedir? Sabes, a pessoa que ficou tão zangada e magoada com o que aconteceu que se quis divorciar. Aquele que vive num cubículo enquanto tu gozas da tua mansão à beira-mar. Essa pessoa.

Ela tem razão. Flynn entrara sem ser convidado. Simplesmente abriu a porta. Dirigiu-se para o escritório... à procura de fotografias, segundo explicou.

– É o que tenciono fazer.

– Seja como for, podes retirar-me da tua lista... já nem tenho sequer a tua chave extra. Deixei-a na taça da tua escrivaninha quando ficaste trancada fora de casa. Conte-te.

Coro. Fiona tem razão. Contara-me.

E eu esqueci-me.

– Mas obrigada pelo voto de confiança.

Viro para o acesso, deslizando no cascalho. Puxo o travão com força, a fumegar de raiva. Só me faltava zangar-me com a minha irmã!

Cabrão do Mark, fervilho de raiva. Quando Fiona o levou para a minha casa, ele sabia perfeitamente a quem pertencia. Aposto que gostou de bisbilhotar, mexer nas minhas coisas – e depois foi uma questão de esperar até ter oportunidade de insinuar que tinha entrado.

Batendo com a porta do carro, avanço a passos largos para a casa de Frank e Enid e esmurro a porta.

Mark vem à porta, com um sorriso ligeiramente divertido nos lábios.

– É sempre um prazer.

– Quero falar consigo.

– Entre, então.

Atravesso pela sala de estar, onde um jogo de computador está em modo de pausa, e homens muscudos com cortes de cabelo à escovinha e armas apareciam no ecrã.

Inclina-se para me falar ao ouvido.

– Podemos jogar a dois.

Ignoro o comentário e dirijo-me para a cozinha. Encontra-se limpa e arrumada com o ligeiro aroma a pães de passas tostados. Vejo um frasco de água do filtro na mesa e um prato de biscoitos. Têm um aspeto tão caseiro e inócuo que, por instantes, hesito.

Depois, viro-me e encontro-o a fitar-me – e a minha raiva insurge-se de repente.

– Sei que estive na minha casa. A Fiona contou-me.

Ele não responde.

– Não vai funcionar, tem consciência disso.

– O quê?

– As suas patéticas tentativas para me intimidar. Aparecer na minha palestra da biblioteca...

– Considerou *isso* intimidatório?

– Sabe bem que derrubou o meu caixote do lixo e que tem estado a vigiar a casa. É assustador. Um comportamento bizarro.

– Se assim o diz.

Consigo sentir os derradeiros resquícios de autocontrolo a cederem ante aquela postura tão irreverente.

– E a mensagem na minha janela... qual foi o propósito?

– Mensagem? Agora é que me perdi.

– Escreveu: *Estou na tua casa*.

Arregala os olhos. Depois desata às gargalhadas.

Cerro os punhos, com os braços retesados contra o corpo e as palmas das mãos a ficar vermelhas.

– Eu sei que foi você!

– Não sabe nada.

– Não me minta! – berro.

Ele levanta as mãos, como se quisesse apaziguar-me.

– Tem de se acalmar. Parece uma doida.

– Como se atreve...?

– Ouça, posso ter virado o seu caixote do lixo, está bem? Estava chateado consigo e queria que soubesse. Apareci na sua sessão da biblioteca porque queria ver como você é. Já agora, foi uma porcaria.

Um nervo começa a tremer sob o meu olho.

– Não sou seu fã. Sei que é uma dessas pessoas que fica ultrajada quando alguém não gosta dela... mas conforme-se. É uma cabra emproada... e nem toda a gente gosta disso. Aparece vinda da cidade com resmas de dinheiro e abocanha a casa da encosta. A minha mãe disse-me ao telefone que tinha uns vizinhos maravilhosos, um casal jovem que queria restaurar a casa e criar nela uma família. Você até disse à minha mãe que planeava manter algumas das características originais da casa. Ela ficou muito entusiasmada com isso. Mas depois, ora que surpresa, derruba tudo aquilo. Tenta ludibriar os meus pais com as plantas do arquiteto, prometendo que vai respeitar o conceito. Mas respeitar o quê?

Fico muito quieta.

– É gente convencida como você que arruína a Cornualha. Compram propriedades à fartazana, constroem casas de férias com três andares, depois desaparecerem durante metade do ano e as lojas da região ficam às moscas. Mais uma vila que se foi.

– Não é uma casa de férias.

– Para já, não... mas sempre quero ver a sua opinião da Cornualha depois de passar aqui um inverno inteiro. – Abana a cabeça. – As pessoas que cresceram aqui veem-se forçadas a partir. Não temos dinheiro para vivermos ao pé dos nossos pais, nem de ajudarmos a tratar deles, porque vocês fizeram subir os preços das casas. Agora, a minha mãe adoeceu e eu tive de usar as férias deste ano para lhe dar apoio. O que vai acontecer da próxima vez que ela precisar de mim... ou se o meu pai adoecer?

A tensão retira a cor ao seu cenho enquanto fala, os lábios comprimindo-se em volta das palavras. Nunca o ouvi dizer mais do que uma ou duas frases, e agora é como se não conseguisse calar-se.

– Portanto, sim, tem muita razão quando diz que quero que se vá embora daqui. Não quero pessoas como você a viverem ao lado dos meus pais.

– Não sabe nada sobre mim.

– Não? Sei que a minha mãe sofreu um AVC e, no entanto, você nem perguntou como ela estava, nem se ofereceu para preparar uma refeição ao meu pai, ou para ajudar no que quer que fosse. Coisas que os vizinhos daqui costumam fazer. Ela quase morreu! – A saliva voa dos cantos da boca, com a excitação. – Podia ter ficado sem ela!

– Mas não ficaste.

O meu olhar vira-se para a porta.

A Enid encontra-se ali sustendo-se com a mão pálida à ombreira. Tem um ar pequeno e frágil numa camisa de noite de algodão branco, e o cabelo grisalho despenteado, quais fiapos de uma teia de aranha.

– Lamento... não fazia ideia que estivesse em casa. Falávamos demasiado alto.

– É assim que costuma ser uma discussão – diz ela de forma lenta, baixando a voz nos finais das palavras.

A postura de Mark suaviza-se na presença da mãe.

– Desculpa, mãezinha – diz ele, pousando um beijo no cimo da cabeça da mulher. – Não queríamos perturbar-te.

Tenho uma visão dele quando era miúdo – a correr pela baía, a querer mostrar à mãe a concha que tinha apanhado. Consigo imaginar a intensidade do seu sorriso quando a mãe lhe disse que iria guardar a concha.

– Lamento imenso que tenha tido um AVC – digo a Enid. – O Mark tem razão... devia ter-lhe feito uma visita, oferecido a minha ajuda. Como é que se sente agora?

– Contento por estar em casa. – Virando-se para Mark diz: – Vim pedir algo para beber.

– Claro. Água? Chá? Aqui não há enfermeiras, por isso se quiseses posso preparar um xerez.

Ela solta uns risinhos animados.

– Basta água.

Ele enche um copo pequeno, depois ajuda a mãe a sentar-se e pouso-o diante dela com uma palhinha.

Enid bebe em golinhos delicados.

– Sente-se – indica-me quando termina.

Obedeço, puxando uma cadeira da cozinha com uma almofada floral. Olho para cima, pela janela, notando com ar culpado que a paisagem está parcialmente tapada pelo sótão da minha casa.

– Peço desculpa, mas não pude deixar de ouvir a vossa conversa. Lamento o que aconteceu ao caixote de lixo, Elle. Estou certa de que o Mark quer pedir desculpa.

Ele olha para mim.

– Peço desculpa.

– E relativamente ao restante, tiveste a ver com o assunto, Mark?

– Não.

Ela examina o filho, mas anui convencida.

– Então, talvez tenha sido a sua visita – diz-me Enid.

– Visita?

– A pessoa que tomou conta da casa na sua ausência.

– Ah, sim. Aluguei-a durante quinze dias. – Consciente dos comentários de Mark sobre as casas de férias, apresso-me a acrescentar: – Mas não é algo que pretenda fazer rotineiramente. Foi uma exceção. Creio que era uma boa família. Espero que não vos tenham dado trabalho.

– Uma família? Isso espanta-me.

O meu cenho franze-se.

– Porquê?

– O lugar estava praticamente deserto. Nunca vimos ninguém usar a praia. Nem sequer um carro no acesso. Não sei como conseguiam desenvencilhar-se sem um carro neste lugar.

Não faz sentido algum. No *e-mail* da Joanna ela tinha expressamente indicado que viriam de carro desde Winchester, motivo pelo qual pedira para que eu deixasse a chave à entrada.

– Mas viu-os?

– Apenas uma pessoa. O Mark e eu estávamos na praia juntos, não foi? Foi no dia... antes do AVC. Tinha dito que ia partir em viagem, portanto fiquei espantada por encontrar alguém à janela.

Fico hirta.

– Qual janela?

– Aquela no cimo da casa. O quarto envidraçado. Era como se alguém estivesse com as palmas encostadas ao vidro, a espreitar para fora.

Sinto a pulsação na minha garganta: alguém entrou no meu escritório.

Anteriormente

Subo as escadas, com os dedos dos pés agarrando a madeira. Cuidado, muito cuidado. Tropeçar seria mau, ou mesmo fatal. Ninguém sabe que estou aqui. Quem me descobriria se eu caísse?

Tu?

Não, isso não pode acontecer.

Não paro no primeiro andar – já explorei todos estes quartos – portanto, prossigo, subindo as escadas até ao cimo. Paro no patamar, de onde vejo as duas únicas portas.

Abro a primeira, que conduz a uma casa de banho. Um lavatório flutuante é encimado por um espelho náutico com moldura de bronze. Lanternas de pescador de cada lado. Uma escada pintada de branco serve também como suporte para toalhas, um conjunto perfeitamente dobrado em tons complementares. Na prateleira ao alto, há um cesto de corda com produtos de higiene, soltando o débil aroma de baunilha no ar.

Esta não é a divisão que me interessa, portanto, saio e viro a atenção para a outra porta. Atrás desta fica a paisagem em torno da qual idealizaste esta casa, tantas vezes partilhada no Facebook, em que nos espicaças com uma visão do teu mundo.

Esta porta conduz ao teu escritório.

Envolver a maçaneta nos dedos, antecipação a crescer-me na garganta.

Empurro para baixo – mas não cede.

Tento novamente.

Trancada.

A irritação contorce-me o maxilar.

Assento as mãos abertas na sólida porta de carvalho, sentindo a pressão da madeira.

Agora captaste a minha atenção, pois comecei a questionar: o que está aqui dentro que não queres que se saiba?

Elle

Escrever não é uma fuga. Quando encaramos uma página em branco estamos a olhar para nós mesmas.

Elle Fielding (autora)

Encontro-me ao fundo do meu escritório, com as palmas encostadas ao frio vidro observando a baía. A maré está baixa, expondo o fundo do mar raiado, pontilhado com aglomerações de pedras negras afiladas.

Fiquei espantada por encontrar alguém à janela.

Qual janela?

Aquela no cimo da casa. O quarto envidraçado. Era como se alguém estivesse com as palmas encostadas ao vidro, a espreitar para fora.

Enquanto estive em França, houve outra pessoa que se posicionou aqui, onde agora me encontro.

Sinto o coração a pulsar-me na garganta, desgovernado.

Como terão entrado? Deixei a chave da casa principal aos inquilinos, mas levei comigo a única chave do escritório.

A manhã da minha partida foi uma correria. Demorei mais do que tinha previsto a desmanchar e refazer as camas, a esvaziar as últimas gavetas do guarda-fatos, a percorrer a casa à procura de objetos valiosos ou perecíveis. Depois, percebi que não tinha deixado instruções, portanto escrevinhei uns apontamentos a explicar como se usava o lava-louça, o forno e o sistema

central de aquecimento. Depois corri para o cimo da casa para trancar a porta do escritório, já com meia hora de atraso. Talvez com a pressa, tivesse ficado com a sensação de que a trancara.

Peso esta suposição por instantes – mas ponho-a de parte. Tinha trancado a porta, sim. Sei que o fiz. Quase consigo ouvir o deslizar do ferrolho de metal e a mão no puxador pesado de peltre para verificar que estava trancado

O que implica que a Joanna – ou quem estivesse aqui com ela – tinha arrombado a porta.

Recordo a mensagem que a Joanna enviou na véspera da sua vinda, indicando que os planos de viagem tinham sido alterados e que só chegariam ao final da noite, perguntando *se eu podia deixar a chave num lugar seguro*. Um pedido inocente, pensara eu então.

Contudo, talvez tivesse sido propositado.

No dia após a chegada de Joanna, Fiona aparecera em casa para a apresentação pessoal – encontrando-a vazia.

Mas, e se estivesse alguém cá dentro? E se Joanna observasse da janela das escadas, à espera que Fiona partisse? E se ela não tencionara ser vista?

Recordo a foto do perfil de Joanna: meia-idade, atraente, cabelo louro como se tivesse sido cortado por um estilista luxuoso. Uma fotografia escolhida pelo seu ar conservador, uma forma de sugerir que a casa ficaria em boas mãos e seria bem tratada.

Forma-se agora uma imagem distinta: a silhueta de uma pessoa estranha curvada diante de um computador a criar um falso perfil no Airbnb. É bastante fácil indicar um nome falso num formulário na Internet, depois vasculhar as imagens do Google e escolher a fotografia de uma desconhecida para acrescentar a esse perfil. Teria a pessoa então decidido adicionar um marido e dois filhos ao formulário, sabendo que tornaria o aluguer mais plausível? Talvez tivesse percebido que as datas não se encaixavam nas férias escolares, e portanto indicara que um dos filhos ainda usava fraldas e o outro começaria a escola no ano seguinte. Teria regozijado consigo mesma por se lembrar desse pormenor?

O meu coração acelera ao imaginar essa pessoa chegar à última secção do formulário, a qual permite que se peça informação ao proprietário. Talvez estivesse muito contente com a sua esperteza, dedos pairando sobre o teclado a congeminar no que Joanna diria, acrescentando uma pergunta

simples fácil de responder: *tem uma cadeira de refeição para bebés ou devo trazer a minha?*

Olho pela parede envidraçada para o mar. Sob a derme prateada, a água lateja de energia, formando ondas que banham a costa. Imparáveis, insinuantes.

O mar encara-me de volta com o seu olhar cinzento e vigilante.

O que viste tu?

Aqui sentada, chego à conclusão que é bem possível que a Joanna nunca tenha existido – e que outra pessoa tenha ocupado o seu lugar na minha casa.

O que Flynn disse ecoa no meu pensamento. Incitara-me a ser mais cuidadosa com o que partilho nas redes sociais. *Tudo o que escreves deixa rasto.* Relembro as fotografias do Facebook e respetivas legendas, qual pista de migalhas num conto de fadas. Terei inadvertidamente criado um trilho até à minha porta?

Pego no telemóvel e abro o Facebook, percorrendo dúzias das minhas anteriores entradas, até encontrar a que procuro.

Ei-la. Partilhei o folheto do retiro de escrita criativa em França.

Alguém que juntar-se a mim para quinze dias de queijo e vinho? Ah, e escrita. Escrita, não me posso esquecer.

O folheto informa as datas e locais do retiro; logo, qualquer pessoa podia descobrir quanto tempo estaria ausente. A minha boca fica ressequida.

Continuo a percorrer a minha *timeline*, à procura de mais coisas.

Aqui está. Releio o texto, palavras que escrevi no meu telemóvel sem as pesar.

Passei a manhã a fotografar a casa para o Airbnb. Sem dúvida, mereço um copo de vinho.

Fecho os olhos. Grande parva. Qualquer dos meus seguidores teria visto as datas do meu retiro de escrita, descoberto a minha zona de residência, e que a casa estaria disponível para arrendar no Airbnb. Tenho mais de cinquenta mil seguidores. Basta um.

Se estiver certa de que alguém criou um perfil falso no Airbnb, e de que nem a Joanna nem a sua família existem, fica a pergunta: quem esteve aqui em casa?

Na parede envidraçada, noto o resto do escritório refletido nas minhas costas: a minha secretária, o cadeirão, a estante, o baú de carvalho. Ali. É nele que o meu olhar pousa.

Fico muito quieta, a observá-lo, a pensar: que mais saberão eles?

Avanço para a secretária, levanto a tampa do portátil com o pensamento acelerado. Acedo à página do Airbnb e desço para o separador «Contactos». Não encontro, obviamente um número de telefone ao qual ligar. Pelo contrário, sou encaminhada para o Centro de Ajuda, no qual uma série de menus em cascata não me ajuda a encontrar o problema que preciso de resolver.

Os meus dedos esmagam as teclas, ao digitar a pergunta na caixa retangular. *Como posso entrar em contacto com a pessoa que alugou a minha casa mas que entretanto desativou a conta?*

Carrego em *Submeter*, depois afasto a cadeira e levanto-me. Ninguém me vai responder. Apetece-me gritar com esta falta de comunicação. Porque é que não posso ligar para um número de telefone e pedir ajuda? Falar com um ser humano. É pedir demais?

Desligados. A palavra que Flynn usou. Tem razão. O maldito mundo está desligado.

A Airbnb jamais me ajudará a encontrar a pessoa que alugou a minha casa. Se eu quiser descobrir a verdadeira identidade de Joanna, terei de meter mãos à obra por mim mesma.

– Quem és tu? – perguntei a ninguém, rodando sobre mim mesma, como se a rapidez me permitisse antever o intruso.

Percorro o quarto, a murmurar sozinha:

– Porquê? Porque estiveste aqui?

Ao voltar para trás, o meu olhar encontra a perna de madeira da secretária, e detém-se na palavra gravada. MENTIROSA.

Sou assolada pela memória. Tento afastá-la, mantê-la selada, mas consegue esgueirar-se...

Cartas amontoadas à entrada da residência de estudantes. Um vislumbre de um cartão creme. MENTIROSA escrito com batom vermelho.

Sufoco a memória. Num ápice, abro a gaveta da secretária, afasto canetas, tubos de cola, *post-its* – até descobrir a tesoura.

Agacho-me, encostando uma das lâminas contra a perna da secretária, começando a raspar a madeira, desgastando as marcas, soltando lascas no chão. Enfio a lâmina com mais força, cada vez mais fundo, com os dentes cerrados.

Sinto a respiração entrecortada. Estou frenética, enquanto raspo a madeira com o metal.

Solta-se o cheiro de serradura fresca. As veias das mãos esticam-se contra a pele.

Mentirosa. É o que sou?

Foi o que as pessoas me disseram.

Foi o que me tornei.

Acelero – tem de desaparecer.

Ser apagado.

Por fim, termino.

Largo a tesoura e tombo no soalho, peito a subir e descer pesadamente. Encaro a ferida esbranquiçada na perna da secretária, tentando sentir alguma coisa – experimentar uma pontada de satisfação – mas nada me assola.

Não interessa ter desaparecido dali. Está para sempre na minha cabeça.

Ponho-me de pé, sabendo que preciso de escrever. De soltar os pensamentos, expulsá-los para a página antes que se entranhem mais em mim e alimentem a podridão.

Sento-me na cadeira e abro o manuscrito.

Tenho de voltar lá.

2003

Foi a Elle quem marcou a discussão do trabalho dela. Sentiu uma ligeira pontada de entusiasmo quando fixaram a data.

A porta do gabinete de Luke Linden já se encontrava aberta. Mesmo assim, bateu para se anunciar.

– Entra.

– Quer que a feche ou deixo-a aberta?

– É contigo.

Ela encolheu os ombros. Fechou a porta. Sentou-se.

Era capaz de sentir o perfume dela e, debaixo deste, a doçura ténue de protetor solar. Passara a tarde no parque com as colegas da residência, a rir-se do facto de Louise ter sido convidada a abandonar a associação de estudantes por ter bebido de mais – um feito inaudito na história da dita associação.

Quando ela olhou para cima, Linden observava-a atentamente.

– Estás ao sol.

Ela olhou para os braços expostos.

– Nas tuas bochechas.

Ela pousou ali as pontas dos dedos.

– Oh!

Trouxera o cabelo solto, e passou-o por cima do ombro ao reclinar-se na cadeira. Cruzou uma perna sobre a outra, ciente dos joelhos expostos, bronzeados e lisos.

Discutiram o trabalho dela, *O Papel das Mulheres nas Tragédias de Shakespeare*. Linden informou-a de que a primeira versão tinha potencial mas que precisava de ser mais explícita na sua argumentação, escrever o texto mais convictamente e sustentado na teoria.

Ela contemplou-o enquanto falava, admirando a confiança patente na demora das suas pausas. Exprimia-se de forma comedida, com as palavras bem colocadas, a postura da sala de aula posta de lado. Inclinou-se para a frente – tão perto dela que conseguia sentir o bafo de tabaco na boca dele – e continuou a falar demoradamente, como se o que discutiam fosse de grande interesse para si.

Ela considerou que ele era um pouco pálido demais. Tinha ombros magrinhos comparados com os rapazes do ginásio com quem ela costumava estar. Mas havia algo no seu olhar que apreciava – nunca abandonava o olhar dela.

Ele fez deslizar o trabalho pela mesa.

– Marquemos novo encontro... veremos o que é capaz de fazer com a nova versão. Daqui a três semanas. Tenho uma vaga às nove da manhã na sexta-feira.

– Perfeito.

Ele nunca chegou a anotar na agenda. Não houve prova formal do encontro.

Mas ficou assim marcada, a data que separaria a sua vida num *antes* e num *depois*.

Elle

Na escuridão sufocante das três da manhã, o som de um esgaravatar entra no meu sonho. Corro para algures, com os pés sobre betão. É cedo, a luz no sonho é brilhante e vívida. Quando olho para baixo, vejo a franja de um vestido azul-escuro a bater-me nas coxas. As pernas ficam mais pesadas, as solas dos sapatos arrastam-se pelo chão. Um parque. Estou num parque. Conheço este parque.

No sonho, viro-me e, por cima do ombro, vejo um jardineiro a escavar com uma espátula, a levantar a terra negra, ouço o raspar metálico da ferramenta quando encontra pedra...

Sento-me de repente na cama com a boca aberta, a ofegar.

Um sonho, um pesadelo, digo a mim mesma. Estou em casa, na minha cama. A salvo.

O pijama cola-se à minha pele. Sinto a dobra dos joelhos molhada do suor.

Afasto o edredão e deixo-me envolver pelo ar.

Espreito para o relógio.

Três da manhã. Noite profunda. Faltam horas até nascer o dia.

Depois ouço o ruído novamente, um esgaravatar ligeiro. Não pertencia ao meu sonho. Está na minha casa.

Todas as células da minha pele se enregelam.

Fico hirta, à escuta. Ouço a minha respiração acelerada, o marulhar distante das ondas lá fora, enquanto aguardo novamente pelo som.

Sozinha no escuro, o medo constringe-me, encurralando os meus pensamentos nos cantos mais negros da minha mente.

Ei-lo. O esgaravatar. Unhas contra madeira.

Ponho-me de pé imediatamente, agarro no telemóvel, e desloco-me para a porta do quarto. Sinto o tapete felpudo e macio debaixo dos pés, mas avanço devagar, tensa, antecipando o momento de dor aguda, a sensação do vidro espetado na carne.

Alcanço a porta, com a mão espalmada contra a madeira e respiração suspensa, à escuta.

Antes de me deitar, fiz a minha inspeção noturna. Sei que as portas externas estão trancadas, as janelas fechadas e seguras. Espreitei atrás dos sofás, apalpei os cortinados, olhei para dentro da despensa, e debaixo dos armários.

Verifiquei. Duas vezes. Não há mais ninguém em casa, além de mim.

Trata-se apenas do espigão do meu pesadelo a trespassar os pensamentos despertos.

De novo o som, o esgaravatar. Um passo arrastado. Em baixo. Nas fundações da casa, como se estivesse sob ou dentro dela.

Depois constato: a adega. É dali que provém o som.

Verifiquei a porta e estava trancada, como sempre faço. Mas há semanas que não entro na adega. Prefiro guardar o vinho no armário da cozinha para não precisar de descer para a cave sem janelas. É demasiado frio e recôndito. Um lugar para traças viverem e reproduzirem-se na escuridão húmida. Foi um erro tê-la construído. O arquiteto convenceu-me, insinuando que uma renovação àquela escala devia incluir uma adega para melhorar o potencial de revenda.

Contudo, sei que, se quiser voltar a adormecer, terei de verificar. Abrir a porta. Espreitar o interior.

Respiro fundo, coloco as mãos no puxador, viro-o sem fazer barulho. Entretanto, vou dizendo a mim mesma que não se encontra ali ninguém, ainda que a minha pulsação bata furiosa. Sinto a sua intensidade como se o coração tentasse escapar do peito.

Atravesso o patamar às escuras, e começo a descer as escadas. Estou ciente do perigo de escorregar, sozinha. Do embate do crânio na madeira.

Assola-me uma vertigem, e agarro-me ao corrimão até me equilibrar, recuperando o fôlego.

Alcanço o fundo das escadas em segurança. Ainda não quero acender as luzes – ficarei demasiado exposta.

Entrando, em bicos dos pés na cozinha, invade-me o silêncio. Nada. Nem luz nem ruídos da adega.

Coloco-me diante da porta e marco o 112 no telemóvel, tendo o cuidado de não ligar. Depois experimento o puxador. Penso nas traças. Nos corpos esbatidos, alados, fechados na escuridão.

Obrigo-me a virar a fechadura – depois puxo a porta rapidamente, com força.

Abre-se com um baque sonoro. Acende-se a luz – é despertada por um sensor – e o brilho encadeia-me momentaneamente. Os meus olhos demoram segundos a ajustarem-se, depois encaro os degraus de cimento, que dão para um espaço sombrio e apertado. Ar frio sobe lá de baixo.

Preciso de entrar e verificar o nicho da parede, ter a certeza.

Os meus pés pisam o cimento frio com o coração sobressaltado. Desço três degraus para a adega, telemóvel bem seguro na mão, e viro a cabeça, espreitando o nicho.

Não vejo nada.

No canto, noto um monte de dejetos de rato ou de ratazana, e um jornal rasgado. Será que os ouvi no piso de cima – roedores a treparem pelas paredes, patinhas correndo pela canalização e pelas vigas?

Não havia ali nada, apenas a escuridão e o cheiro a terra húmida do subsolo. Quero rir-me, dizer: *Elle, não há nada!* Mas o medo subsiste. Estou elétrica de pavor.

Viro-me, e começo a subir os degraus. É quando o descubro, no degrau de cimento. Um cigarro de mentol, por fumar. A marca de que *ele* gostava. É raro encontrarem-se à venda.

O cheiro do fumo de tabaco misturado com a menta enche-me as narinas.

Fecho os olhos, ouço o troar do sangue nos ouvidos. Sou percorrida pelo pânico e é como se me afundasse nele.

Sei – SEI – que não pode ser. Não na minha casa, não aqui. Impossível.

Respira.

O cigarro deve estar na adega há semanas, provavelmente deixado cair por um dos construtores. Tenho noção disso. Sinceramente. Contudo,

parece uma ameaça...

Nem consigo convencer-me a pegar nele e deitá-lo no lixo.

Não quero tocar naquilo. Um cigarro. A merda de um cigarro!

Por causa dele.

Tenho de sair da casa.

Tenho de sair da puta da minha cabeça!

Fecho a porta. Tranco-a.

Chaves, casaco, mala. Agarro neste trio, abro com força a porta de entrada e corro pela noite, para o meu carro.

Bato a porta atrás de mim e carrego no botão que tranca todas as portas.

Ligo o motor, com os faróis inundando a minha casa de luz, quais holofotes. Saio do acesso, com o coração aos pulos, sem fazer ideia para onde ir.

Agradeço a Deus por existirem supermercados que nunca fecham, nem durante a noite.

Vagueio pelos corredores, escolhendo produtos de que não necessito e colocando-os no carrinho metálico. Há uma natureza imensamente tranquilizante na iluminação intensa como se fosse dia, nas prateleiras arrumadas e ordenadas, nos produtos embalados e lustrosos que associo a chefes foliões e modelos sorridentes.

O casaco que me dá pelos joelhos está abotoado até ao pescoço, mas tenho as calças do pijama à mostra, o algodão cor-de-rosa encavalitado nas botas de pele rija.

Uma mulher passa por mim num dos corredores, sapatilhas brancas a guinchar debaixo da farda azul. Deve ser enfermeira. Ela sorri-me timidamente, uma cumplicidade fugaz, porque estamos ambas neste supermercado, a estas bizarras horas da madrugada.

Por fim, quando não consigo mais prolongar o percurso das compras, encaminho o carrinho para a caixa.

– Trabalhou até tarde ou vai começar agora? – pergunta a rapariga na caixa enquanto regista as minhas compras. Não reparou no meu pijama. Enquadrou-me no grupo de clientes legítimos das horas tardias que trabalham em turnos invulgares... embora não me associe, penso com alívio, ao outro grupo que usa esta loja, com os corredores bem iluminados

e a temperatura controlada centralmente, enquanto zona segura. Um refúgio.

– Até tarde – respondo com um sorriso.

– Bem, tenha um bom descanso.

Descarrego os sacos de compras no lugar do passageiro, depois entro no carro e tranco as portas.

Agora que o meu medo se dissipou, sinto o cansaço apoderar-se de mim, numa maré cheia e pesada. Retiro uma baguete de um dos sacos, parto a ponta estaladiça e mastigo-a com a boca seca. Abro uma embalagem de leite e engulo, para humedecer o pão.

Embrulhada no casaco, fico sentada no estacionamento iluminado, deixando a cabeça tombar para trás e os olhos cerrarem-se.

O cansaço abate-se sobre as minhas pálpebras, o sono ascende e puxa-me para o fundo. Aqui, num parque de estacionamento de supermercado, trancada no carro, adormeço por fim.

Descubro a cara de um homem encostada à janela, a poucos centímetros da minha. Ouço o bater do puxador quando ele tenta abrir a porta.

Grito, assustada. Procuro afastar-me – mas o cinto prende-me ao assento.

Desorientada, demoro instantes a lembrar-me de que estou no carro. É dia. Estou presa pelo cinto.

O homem acena. Está a falar.

Pisco os olhos, tento orientar-me, e descubro que é o Bill. A tentar falar comigo através do vidro.

Com os dedos pesados, atrapalho-me a descobrir o comando central para destrancar as portas e libertar o cinto, mas lá consigo abrir a porta e arrastar-me para fora, à plena luz do dia. Procuro sorrir, ostentar uma expressão que aparente normalidade.

– Vi o teu carro – disse. Está elegante no seu fato, a caminho do trabalho. Barbeado. Tomou banho. – Sentes-te bem? Estavas... a dormir?

– Estava a descansar um pouco, só isso – digo com as bochechas a arder. Olho para baixo, notando que tinha o casaco cheio de migalhas. Sacudo-as.

Bill observa-me por um instante.

– Tens... um pijama vestido? – Lança um pseudossorriso, estupefacto.

– Saí a correr. Nem pensei vestir-me.

– Espero que os *paparazzi* literários não te encontrem. Fariam todo o tipo de especulações sobre os teus hábitos de escrita.

Obrigo-me a sorrir.

Não devo ser muito convincente pois Bill observa-me com mais atenção.

– Está tudo bem?

Anuo com vigor.

– Perfeito.

– Bem, então está bem – diz ele, ainda indeciso. Bill deseja-me um bom dia e abraça-me. É um aperto forte, cuja força me rouba o ar dos pulmões.

De regresso a casa, pouso os sacos de compras no balcão da cozinha.

Abro a porta da adega, o ritmo da minha pulsação mal se alterando. Entro sem hesitar, mergulhando no frio. Não é aterrador como uma tumba. Afinal, é uma mera adega.

Tentando prová-lo a mim mesma, pego no cigarro, parto-o em dois e atiro-o diretamente no lixo. Já está. Não representa nada.

À luz do dia, as ações da noite passada parecem ridículas e empoladas.

E, contudo, durante a noite é como se fosse uma casa diferente.

Sinto-me uma pessoa diferente.

Uma notificação apita no meu telemóvel, alertando-me que faltam apenas quinze minutos para a próxima conversa ao vivo com a autora no Facebook Live.

Tomo um café forte enquanto me maquilho com uma dose generosa de base.

Depois, sento-me diante do computador, com a câmara ligada, a rir, a falar.

– Sou a escritora Elle Fielding, em direto do meu escritório. Hoje irei falar sobre as reviravoltas do enredo.

Enquanto falo, observo o meu próprio rosto no ecrã, lábios que se mexem, olhos brilhantes e animados, e sinto haver duas versões de mim: a autora, que vejo atuar num papel tão natural e confiante, e a outra, aquela que não dorme durante a noite, que se deixou adormecer no parque de estacionamento do supermercado, que ainda usa as calças de pijama, intercetíveis debaixo da secretária, fora do enquadramento da câmara. Aquela que lentamente se desfia.

Anteriormente

A pesquisa «como abrir uma fechadura» devolve como resultado cento e nove milhões de possibilidades em 0,59 segundos, uma maravilha de eficiência. Bastou-me escolher o primeiro link e entrei num site que ensinava os truques precisos para arrombar uma fechadura, e as ferramentas de que necessitaria.

Assim, eis-me no teu escritório.

Tudo é luz e oceano e céu. Entra por este espaço adentro. Basta-me estar aqui, com os pés nos tacos do soalho, para me sentir leve. Um espaço próprio para criar. Fazes noção – sequer uma ideia – da sorte que tens?

Aproximo-me da tua secretária. É aqui que tudo acontece. Puxo a cadeira estofada e sento-me nela, encaixando as pernas debaixo da secretária. Olho para cima – para o mar.

Esta vista...

Passo os dedos pela berma lisa da secretária. Não encontro o portátil – tê-lo-ás levado contigo, obviamente – mas noto o local em que assenta na secretária, a marca ligeira ao ser pousado no lugar adequado.

Um dicionário de capa dura com aspeto usado encontra-se debaixo da secretária – usa-lo para apoiares os pés. Tens um bonito jarro de água – creme escuro. Os vasos têm um ar gasto e antiquado. Começo a perceber o teu estilo e como organizas todos os elementos. Aprecias os toques modernos do minimalismo e gostas de os misturar com os tons pastéis

baços e materiais que envelheceram naturalmente. É acolhedor. E reconfortante.

É tão estranho pensar que não tinhas nada – e agora tens tudo isto.

Assento as mãos na secretária, e permito-me durante um momento, sentada nesta cadeira, imaginar o que será ter a tua vida.

Elle

*Escreve. Mesmo quando sentes
que não resta nada dentro de ti: escreve.*

Tens de insistir.

*Tens de te forçar – e à tua história – até ao extremo.
Só então a tua narrativa se erguerá da página, viva.*

Elle Fielding (autora)

O tempo parece esticar-se e contrair-se, e a semana passa num torpor de escrita e insónias. Deixou de haver fronteira entre dia e noite. Misturaram-se, indistinguíveis.

Os meus dedos pairam sobre o teclado, à espera. Cerro as pálpebras, evitando o ecrã, e o mar brilhante e prateado ao fundo. As palavras encontram-se na ponta dos pensamentos. Tive-as aqui, há instantes.

Quais eram?

Abro os olhos uma fração de segundo, volto a ler a frase incompleta no ecrã, tentando evocar o resto. Mas desfez-se numa nuvem de fumo.

As pernas da cadeira raspam na madeira quando me levanto.

Inclino a cabeça para trás, soltando um grunhido profundo de frustração. Passei aqui o dia mas não sai, não quer formar-se. É como se cada palavra e cada frase tivessem de ser seduzidas, convencidas, bajuladas para entrarem na página.

Escrevi cinquenta mil palavras – mas apenas vou a meio. Sinto a aproximação do prazo como se estivesse no mar enquanto a maré sobe, já me alcança a cintura; em breve ficarei sem respirar.

Aproximo-me da parede de vidro, abro a janela, deixo entrar o vento frio e salgado no escritório. A minha pele arrepia-se por completo, mas o gelo mordaz da brisa marítima não expulsa o nevoeiro do meu espírito.

Sei que a insónia destrói a capacidade mental – li vários artigos deprimentes nas horas desesperadas da noite. Sei que uma boa noite de sono é indispensável à consolidação da memória – e sem esta consolidação, a memória não se forma. Sei que terei reações mais lentas e funcionarei menos eficientemente. Sei que aumenta a ansiedade e que abro a porta à depressão. Sei tudo isto – mas o que posso eu fazer?

Quero dormir. Estou desesperada por dormir.

Preciso de dormir para escrever e para terminar o livro.

Ou talvez seja mais uma desculpa a acrescentar à lista. *A renovação da casa. A promoção do livro. O meu divórcio. A insónia.*

Talvez não seja nada disto.

Talvez seja eu.

Para escrever o primeiro romance, encontrei sempre tempo: quer no meu carro na hora de almoço, com o caderno equilibrado no volante; quer mentalmente durante os turnos calmos em que me perderia numa conversa entre duas personagens; quer ao final da noite com o ruído da rua penetrando no quarto, os pensamentos estavam repletos de ideias. Não havia, então, um contrato de edição, nem prazo, nem expectativas, nem a obrigação de reproduzir o êxito. Escrevia para mim mesma – e por causa disso não tinha inibições.

Mas com este livro é totalmente diferente.

*

Comida, decido. Tenho de comer. *Alimenta o corpo, alimentarás o cérebro*, dizia a minha mãe.

Na cozinha, vasculho o congelador e descubro uma embalagem de caldeirada, a qual escolho com pouca vontade. Agora que cozinho só para mim, não me cuido tanto e já notei que tenho as faces encovadas e a clavícula demasiado proeminente.

Apesar da falta de apetite, refogo alho com chalotas, depois misturo a caldeirada de peixe, acrescentando uma dose generosa de vinho e uma colher de natas. Gostava de cozinhar com Flynn, de nos sentir às voltas um do outro na cozinha pequena do apartamento alugado. Não tínhamos exaustor e as janelas embaciavam-se rapidamente; portanto, Flynn insistia em despir tudo, menos as calças, enquanto cozinhas.

A lembrança faz-me sorrir.

Tiro o telemóvel do bolso e ligo-lhe. Falámos duas vezes desde que a mãe morreu mas apenas conversas breves, superficiais, distraídas. Nunca tivemos uma boa dinâmica ao telefone. Flynn pode parecer reticente, e prefiro ver a expressão das pessoas enquanto falam, captar as subtilezas e as *nuances* da comunicação. Os telefonemas retiram muitas camadas sensoriais.

A chamada é desviada para o atendedor automático. Deixo uma mensagem breve para indicar que me lembrei dele e que prevejo chegar cedo ao funeral, amanhã, caso precise de mim. Tento ignorar a onda de pânico perante outro dia afastada da escrita.

Despejo o peixe no refogado, baixo o lume e encavalito-me no banco da cozinha.

Fiona envia um SMS a perguntar como vai o livro – fico na dúvida se Bill lhe contou que me viu na semana passada a dormir no carro. Respondo rapidamente, depois percorro a página do Facebook, olhando para o que publiquei pela manhã, o caderno pousado na praia, o sol a banhar a água ao fundo. Recebeu mais de dois mil *Gostos* e sessenta e três comentários.

SJBurns81: Ena! Que bela praia.

DonnaG: Mal posso esperar pelo novo livro.

Adorolivros101: A minha escritora preferida na minha praia favorita.

Hesito. Releio o último comentário.

A minha escritora preferida na minha praia favorita.

Sinto um súbito incómodo.

Espreito pela janela da cozinha. O crepúsculo encerra a luz do dia.

Adorolivros101 conhece esta praia.

Já publiquei inúmeras fotos da vista da minha casa. Se Adorolivros101 conhece realmente esta baía então saberá precisamente onde vivo.

Passo o nó do dedo pelo lábio, começando a perceber que tenho sido muito tola.

Inquieta, vou debicando o peixe enquanto ouço o noticiário na telefonia.

Engulo algumas garfadas antes de despejar o resto no lixo. Ao abandonar a cozinha, ouço uma entrevista a um grupo de estudantes na rádio sobre a proposta de aumento das propinas, e se na opinião deles a universidade vale o investimento financeiro. Têm vozes animadas e brilhantes, cheias da bravata da juventude.

– É preciso pesar as coisas, ‘tá a ver. O que for melhor para nós. Mas sim, adoro a faculdade. A licenciatura não é tudo.

Imagino-me naquela idade – cabelo até à cintura, lábios carnudos, pele fofa e lisa. O que teria eu, caloirá, respondido quando a vida ainda era brilhante e imaculada?

Levo a pergunta no pensamento ao subir as escadas para o meu escritório.

Detenho-me junto à janela do patamar, atenta a um movimento na periferia da visão. Paro, deixando os olhos ajustarem-se à escuridão exterior. Talvez seja uma raposa ou uma gaivota.

Preparo-me para subir, quando noto uma sombra no fim do acesso, como se alguém aguardasse sentado no chão.

Fico muito quieta, ciente da respiração acelerada.

Ei-la. Uma pessoa. Levanta-se agora, corre pelo perímetro do acesso. Alta, ombros largos. Quase certamente um homem.

O sangue pulsa, forte nos ouvidos. Recordo a figura que há semanas vi à beira da água, binóculos virados para a casa.

Estarei a ser observada?

A minha escritora preferida na minha praia favorita.

Sinto-me presa neste lugar, com a respiração suspensa e a concentração fixa na figura em movimento.

Usa um casaco de inverno, com o capuz levantado, uma fita refletora na gola. Quando se mexe, ativa a iluminação exterior.

A figura para. Durante um segundo, vira a cara para a casa como se olhasse para mim. Nesse instante, antes de desaparecer em passo de corrida

pelo acesso, reparo nas suas feições.

A minha respiração fica suspensa de espanto.

Não posso garantir, mas pareceu-me que era o Bill.

Sinto a pele a ferver e a cabeça a zumbir de confusão. O que faria o Bill à volta da minha casa? Certamente bateria à porta...

Belisco o cenho, tentando clarear os meus pensamentos. Recentemente tenho cometido erros, sei bem disso. Trata-se de Bill, por amor de Deus! Não há motivo nenhum para se esconder à entrada da minha casa.

Mas algo desperta, levemente, na base dos meus pensamentos: foi o Bill que sugeriu que eu colocasse a casa no Airbnb.

Mas o que significa isso?

Nada.

Da próxima vez que quiseres alugá-la, não te esqueças de me avisar. Não me importava de escapar deste caos de casa durante alguns dias

Um gracejo, nada mais.

Contudo, descubro que já peguei no telemóvel e que ligo a Fiona. É hora de deitar o Drake, portanto Bill deve estar em casa a dar-lhe banho ou contar-lhe histórias. Apenas uma chamada rápida – para me tranquilizar.

O telefone toca e toca.

Finalmente, Fiona atente num atropelo de palavras.

– Não posso falar! Estou a navegar no caos. O Drake acabou de fazer cocó no banho e estou a usar um barquinho de plástico para retirar aquilo da água.

Rio-me. Não consigo evitar. Esquecera-me de como era bom.

– Ainda bem que lhe achas graça. Não sei se conseguirei voltar a apreciar um banho de espuma novamente.

– Onde está o monstinho do cocó? O Bill está a contar-lhe uma história?

– A pergunta é tão ligeira que é como se não tivesse sido colocada.

– Devia estar... só que andou tão mal-humorado durante a tarde que o mandei sair para comprar uma garrafa de vinho. Terá ido a França colher as uvas porque nunca mais aparece. Logo no dia em que precisava... – Ouve-se um estrondo ao fundo, seguido por um gritinho de deleite. – Tenho de ir – diz ela com um suspiro.

O barulho e a energia daquela casa desaparecem quando desligo o telefone.

Fico em silêncio, espreitando para o acesso vazio e escuro.

Regresso à secretária, com as ideias agitadas, imersas em Bill.

Será que foi ele quem vi?

Tento concentrar-me no manuscrito, mergulhando na história mas não consigo mantê-la no espírito.

Arqueio as costas, procurando libertar a tensão. Sinto o latejar da dor no pulso esquerdo, um velho namoro com uma tendinite. A minha cabeça está quente e sinto-me desconfortável, tenho um nó no estômago.

Bebo um golo de água – e, nesse instante, uma onda de cólicas assola-me o tronco e dobro-me para a frente, apertando a barriga. Passa após alguns minutos, mas a sensação de ardor no estômago permanece. Deve ser ansiedade, penso, respirando várias vezes profundamente. Escrever não servirá de nada, se me encontro assim tão abatida pela tensão.

Escolho uma seleção de música que criei para a protagonista. As canções ajudam-me a encontrar a sua voz – visualizar a postura dos ombros dela, o tom da fala. Fecho os olhos. A música cobre-me e imagino-a. Uma jovem num vestido de algodão largo.

Descubro-me a pôr-me de pé, a deslocar-me pelo quarto como a minha personagem: as costas direitas, o deslizar dos passos, o olhar estreito. Preciso de a sentir, para que possa transcrevê-la nas páginas.

Regresso ao portátil brevemente, inclinando-me para ler as palavras no ecrã.

– Não acreditarei nisso – enuncio em voz alta no quarto, experimentando a voz da personagem. Fecho os olhos e repito as palavras, à espera de escutar o que ela dirá a seguir. Enquanto as escuto, e as sinto brotar da minha boca, uma nova onda de cólicas ataca-me o estômago. Procuro as costas da cadeira para me apoiar. A náusea apanha-me desprevenida e levo a mão à boca.

Meu Deus, vou vomitar. Mal o pensamento me atinge, corro para a porta e entro na casa de banho.

Os meus dedos agarram o lavatório de cerâmica, nós dos dedos brancos quando regurgito, sentindo o conteúdo do estômago subir pela garganta.

Sei imediatamente que foi o peixe. Não me lembro há quanto tempo estava no congelador. Talvez não o tenha descongelado devidamente...

A próxima cólica impede-me de pensar.

Resume-se à crispação das mãos contra o lavatório, a curva das costas, o impulso ascendente dos músculos abdominais.

Depois, agarro-me ao lavatório, exausta, ofegante. Uma madeixa de cabelo abana, brilhante com o vômito. Encaro-me ao espelho: a pele está pálida, os olhos raiados de sangue, os lábios manchados. Tenho uma película de suor na testa.

Abro a torneira de água fria e inclino-me para a corrente gelada. Bebo um golo pequeno – mas o meu estômago fecha-se num punho e volto a vomitar, com os tendões da garganta orgulhosos do esforço.

E repete-se sem parar – a urgência profunda e dolorosa para expelir o conteúdo do estômago. Os meus pensamentos afastam-se do prazo do livro – de tudo – e concentro-me em respirar, em ficar muito quieta, para não piorar o punho que se contorce no meu âmago.

Os azulejos estão frígidos quando me deixo tombar no chão da casa de banho. Arrasto o tapete para mais perto, e deito a cabeça nele. Enrolo-me de lado, abraçando os joelhos contra o peito. Sozinha...

A luz escorre da casa de banho enquanto vou adormecendo e acordando. Sonhos correm em paralelo com pensamentos despertos, um fluxo de imagens perturbantes que penetram no meu espírito. Sinto as mãos quentes da minha mãe contra as faces, mas ao tentar vê-la noto que uma caneta vermelha rebentou no bolso do peito, como se sangrasse do coração. Flynn aparece no meu sonho vestido num fato preto, olhar baço – mas não me ouve – mesmo quando grito o nome dele, não ouve. Vejo as páginas vazias do meu diário a serem rasgadas, apagadas – páginas brancas a meus pés, espalhadas, subindo e descendo como ondas. Vejo a cara de um homem colada à janela da casa, mãos em concha, uma traça a bater as asas na jaula dos seus dedos.

Respiro com dificuldade, acordando a tremer numa escuridão pesada. Deslizo a mão pelo chão, até sentir a base do suporte das toalhas. Depois, trepo por ele até descobrir o tecido macio de uma toalha de banho, a qual puxo para me tapar.

Tenho a vaga consciência do som de uma porta que se abre no piso inferior. De passos, talvez. Ou será apenas o vento? Procuro explorar a

forma do ruído, examiná-lo com atenção mas os olhos começam a cerrar-se e o pensamento é levado pelo sono que me conquista.

Anteriormente

Passei os dois últimos dias praticamente no teu escritório. Atrai-me, tem algo de inebriante.

Por vezes, como agora, coloco-me junto à parede envidraçada a observar a baía. Começo a familiarizar-me com os padrões das marés, a aguardar a subida ao final da tarde, antes de a luz diminuir. Não sei identificar os pássaros que a visitam – haverá certamente ostraceiros com compridos bicos cor de laranja e plumagem branca – mas se eu aqui vivesse, faria por aprender.

Sei que montar esta divisão terá tido o seu custo. Lembro-me do que havia aqui dantes – a bizarra cabana do pescador com a velha chaminé a soltar nuvens de fumo no céu. Prometeste que manterias a cabana original, e apenas a irias reconstruir para garantir a sua integridade. Mas, mal a escritura ficou no teu nome, foi derrubada e trocada por algo mais novo e elegante.

Agora entendo o motivo.

Um casal passeia na praia, de braço dado. Quando se aproximam, noto pelas suas posturas que o homem é muito mais jovem do que a mulher. Ela avança lentamente, hesitante, curvada nos ombros. Olha nesta direção e fico na dúvida se me terá visto junto à janela. Percebo que quero que ela

veja. Sinto vontade de bater no vidro, berrar «Olha para mim! Olha onde estou!»

Viro-me, regressando ao interior do escritório. No canto, posicionada diante da paisagem, encontra-se uma cadeira de leitura. A curva das pernas e o elegante pormenor da talha dá-lhe um ar antigo, mas foi estofada com um luxuoso tecido azul-ovo de pato. Escolho não me sentar ali mas ajoelhar-me ao lado, colocando-me diante do baú antigo de madeira.

A madeira tem vários riscos, as dobradiças encontram-se ferrugentas. Um prego avermelhado espreita das costas, dobrado e enferrujado. Abro a tampa, sentindo o cheiro a pó e a papéis velhos.

É a arca do tesouro das tuas coisas. Como se afastasse a tua pele para descobrir o que contém, pois nesta arca existe tudo. Uma dúzia de diários e cadernos amontoados numa caixa de cartão, um monte de cartas e postais presos com elástico, uma lata de contas e botões, um saco de pétalas secas com uma nota que indica, «Do meu ramo de noiva», um conjunto de cassetes de música – identificadas com uma caligrafia infantil.

Devia fechar a tampa e afastar-me.

Mas não o faço. Sinto curiosidade.

Retiro um artigo de cada vez, tendo a cautela de recordar o local preciso em que se encontrava para poder voltar a guardá-lo, qual enigma montado ao contrário.

Tens uma caligrafia escorreita, brusca. Rapidamente percebo que mantiveste diários entre os doze e os dezoito anos, e depois houve um intervalo de cinco anos, antes de retomares aos vinte e poucos anos.

Não tens nada escrito dos teus tempos da faculdade.

Pormenor que me parece particularmente interessante.

Preparo-me para fechar o baú quando um envelope branco me chama a atenção.

Na frente está uma data escrita a caneta. Não indica mais nada. A curiosidade faz-me virá-lo e abrir o conteúdo.

O papel fotográfico é liso e escorregadio, e treme ligeiramente quando o seguro, examinando a forma da cabeça do feto, a curvinha do nariz, as

pernas ainda por formar encostadas ao peito. Uma marca automática indica: 16 semanas, 3 dias.

Viro o envelope. Reconfirmo a data.

Coloco a imagem de novo no envelope, guardo-o no baú de madeira e fecho a tampa.

Elle

*Para uma escritora, não há más situações –
apenas material inspirador.*
Elle Fielding (autora)

Quando acordo, a luz do dia banha o chão da casa de banho. Sinto a boca seca, a língua inchada. Levanto a cabeça e as têmporas latejam intensamente.

Água. Preciso de água. Consigo pôr-me de pé, com as pernas fracas e inseguras. Bebo da torneira, obrigando-me a engolir em golos pequenos. O estômago está convoluto e sensível, mas felizmente não vomito a água.

Sentindo-me mais firme de pé, banho o rosto, refrescada pelo frio que corta a respiração. Seco a pele e depois verifico o relógio. Três horas. Pisco os olhos, confusa. Três?! Devo ter dormido toda a manhã.

Para mim, isto é algo... bastante invulgar.

Não me larga uma sensação incómoda enquanto apanho a toalha do chão da casa de banho, a dobro e volto a pousar no suporte.

O funeral!

O funeral da mãe de Flynn é hoje. O serviço realizou-se às duas.

Volto a olhar para o relógio, embora saiba que horas são. Perdi-o!

Os meus dedos enterram-se nas raízes do cabelo, e apertam-nas. Como pude faltar a algo tão importante?

Talvez ainda consiga apanhar Flynn na cerimónia ulterior. São quarenta e cinco minutos de carro até ao *pub* em que se realiza. Se partir agora, talvez chegue a tempo.

Não tenho tempo para tomar um duche. Lavo os dentes, enfio um vestido preto e saio a correr de casa.

Lanço o carro pelo acesso estreito. O veículo saltita e agita-se ao passar pelos buracos, o chassis soltando queixumes sempre que embate num monte de cascalho. Mal alcanço a estrada principal, piso o acelerador e tento ignorar a dor de cabeça lancinante que abrange as duas têmporas.

Quarenta minutos depois, chego ao estacionamento do *pub*. Fico sentada no carro durante instantes, atordoada. Não me lembro da segunda metade desta viagem. Conduzi em autopiloto, percebo, enervada.

Tenho a garganta áspera e seca e procuro no chão por uma garrafa de água, mas não encontro nada. Tranco o carro, entro no *pub* e dirijo-me diretamente para a sala de receções. O único indício de uma cerimónia fúnebre é a pilha de pratos cheios de migalhas e os dois tabuleiros com sanduíches secas, cujas côdeas já se mostram ressequidas no ar aquecido centralmente.

Atravesso o bar principal, depois desço por um corredor de laje decorado com ilustrações de cães a usarem boinas em molduras douradas. A dor de cabeça desceu das têmporas para a base do crânio e caminho à cautela, tentando minimizar o impacto dos passos.

Viro a esquina e desço para o recanto das traseiras do *pub* – ali o encontro.

Flynn trouxe o mesmo fato cinzento-carvão que usou no funeral da minha mãe. Desabotoou o botão de cima da camisa e alargou a gravata. Uma mulher idosa que não reconheço segura-lhe a cara como se tentasse transmitir uma mensagem importantíssima. Depois, deposita um beijo na sua testa antes de o soltar e sair do local.

Flynn levanta os olhos e vê-me. Tem a expressão vazia.

Aproximando-se de mim, noto o ligeiro ceder da postura, o ar frouxo nos cantos da boca – e percebo imediatamente que está bêbado.

– Flynn.

– Então – diz ele. – Sempre vieste.

Rea, a irmã, com o marido dela, Ian, levantam-se e também se aproximam. Rea dá-me um beijo na cara.

– É tão bom encontrar-te! – diz ela, apertando as minhas mãos. Estivemos juntas pela última vez no dia de Ano Novo há dois anos, quando Flynn e eu ainda estávamos firmemente casados. Nós as duas embebedáramo-nos com *White Russians*.

– Vamos sair para fumar – diz Rea. – Mas falamos depois?

– Sim – respondo. – Gostava muito.

Ela transita o olhar de mim para Flynn. Comprime os lábios. Anui uma vez.

Sozinho no recanto, Flynn afunda-se numa cadeira de madeira, sem largar um copo de *whisky*. Puxo numa segunda cadeira, sento-me com os joelhos quase a tocar os dele. Tento não trair o meu choque ao notar as olheiras vincadas nem o tom macilento da pele.

Desconfio que o meu aspeto não será melhor.

– Peço imensa desculpa por ter perdido o funeral, Flynn. Queria ter estado presente. Tive uma intoxicação alimentar. Passei horas na casa de banho.

– Ou seja, no teu escritório?

Retraio-me, a rapidez do golpe apanhando-me desprevenida.

– Isso não é justo.

Flynn acaba a bebida e pousa o copo sem delicadezas. É um bêbado maldisposto – o álcool afasta as suas melhores partes.

– A Fiona e o Bill mandam um abraço. O Bill disse que quando voltar a Bristol, paga a cerveja que te deve.

Um sorriso ténue percorre a boca de Flynn.

– E muitas outras. Têm anos, as suas dívidas do *squash*.

Sinto uma pontada de alívio. Este é o Flynn que reconheço.

Encara-me.

– E o Drake, como está?

– Bem. Já anda no infantário. Ainda fala daquela onda em que o levaste na prancha.

– Seria bom voltar a vê-lo... a todos eles.

– Eu sei.

Ele respira fundo.

– Já começámos a inventariar as coisas da mãe. Pensei que seria melhor aproveitar a vinda da Rea.

Não lhes invejo a tarefa. Quando perdi a minha mãe, recorro a mágoa que foi limpar os pertences dela. Fiona tratou do assunto com eficiência ríspida, mascarando a profundidade assoladora do seu desgosto. Apareceu carregada com caixas de cartão, sacos grandes e um arquivo de plástico completo com etiquetas e marcadores. Uma carrinha de mudanças Sue Ryder tinha sido contratada para tratar dos artigos mais volumosos, e tudo o mais foi arrumado em caixas.

Sentia-me atordoada, como se só quisesse permanecer naquele espaço e recordar, gravar todas as imagens na minha mente para reunir os pedaços que restavam da minha mãe. Cada pertence seu – um colar, as botas de caminhar, uma caneca com uma pena pintada à mão – era uma relíquia da nossa vida familiar. Fiona não tinha paciência para aquilo. Discutimos. Chamei-a de insensível, uma acusação cruel e errada. Depois, percebi que Fiona simplesmente não era capaz de estar no apartamento sem a presença da mãe.

Durante a limpeza, enchi o meu carro com todas as caixas que lá couberam. Flynn não disse nada quando enchi uma despensa do apartamento com as coisas da minha mãe.

– Ontem dedicámo-nos ao estúdio da mãe – diz-me Flynn. – Sabes quantos exemplares do teu livro encontrei? Onze.

Sorrio.

– Ela escolheu-o como leitura do clube. Deve ter comprado exemplares para todas as amigas.

Flynn diz:

– Sempre que entrava numa livraria, mudava os livros de sítio para o teu ficar em primeiro lugar.

O meu sorriso alarga-se.

– Tinha tanto orgulho em ti. – Baixa o olhar, com a boca a retorcer-se. – Não posso crer que já partiu.

Procuro a mão dele, mas Flynn retrai-se e agarra os braços da cadeira.

– Como correu o funeral?

Tinha a voz um pouco mais dura e crispada ao responder:

– Hinos. Sermão. Incenso à volta do caixão. Depois levaram-na. Deitaram-na na cova. Seguraram uma caixa metálica com terra para

despejar no caixão – disse com uma expressão firme.

– Deve ter aparecido muita gente. Todos gostavam da tua mãe.

Ele olha para cima, diretamente para mim. A expressão alterara-se.

– Mas não tinha netos para se despedirem dela, pois não? – Os olhos rebrilharam.

Retraio-me, como se recebesse uma bofetada.

– Ela só pedia isso. Ser avó.

– Não – aviso. – Não faças isso hoje. Por favor. Aqui, não.

Contudo, é óbvio que se trata do momento mais adequado. O álcool, a profundidade da sua tristeza, a necessidade de vingança por eu não ter comparecido ao funeral – tudo se acumula no pensamento de Flynn e forma a tempestade perfeita.

Um músculo no seu maxilar contrai-se e expande-se.

– Sabes – diz ele num tom nitidamente aguçado, e inclinando-se para diante –, nunca contei à minha mãe.

Durante semanas, durante meses, depois de ele ter descoberto, tentei incitá-lo a falar do assunto – mas era como se tivesse arrumado a informação num quarto, trancado a porta e não deixando ninguém entrar. Agora, pressinto que a porta vai ser aberta de par em par embora ignore se quero conhecer o interior.

– Não queria que ela pensasse *mal* de ti. Preferia ser eu o único a saber isso.

Mantenho o tom de voz neutro.

– Sei que hoje é um dia horrível e que precisas de descarregar em alguém mas, por favor, imploro-te, Flynn, não falemos deste assunto agora.

– Preferes esperar mais sete anos? Devo esperar até me encontrar novamente no gabinete do médico até ser ele a puxar o assunto... porque aquilo foi divertido, Elle. Foi uma festa a valer!

Sinto arrepios gelados na espinha quando me lembro.

Recordo-me do médico ajustar os óculos enquanto percorria as anotações, explicando:

– Encontrámos um espessamento do útero indicativo de cicatrizes. Vai dificultar a implantação. – Olhou então para cima, perguntando-me: – Já abortou?

Ouçó o ranger da cadeira de Flynn quando ele se remexe, virando-se para mim. Deve ter notado a minha hesitação.

– Elle?

Não olho para ele. Não consigo.

– Sim – respondi ao médico. – Quando tinha vinte e quatro anos.

Encaro as minhas mãos, enroladas no meu colo. *Era o teu filho, Flynn. Nosso.*

Flynn pôs-se de pé num rompante.

– Eu... tenho de... – Não conseguia abrir a porta. Praguejou.

– Empurre – disse o médico.

Ele assim fez, e com força.

Fiquei muito quieta, sentada, a ouvir as fortes passadas desaparecerem pelo corredor da clínica.

Agora o olhar fixa-se em mim.

– Porque não me disseste?

– Fazia apenas seis meses que estávamos juntos. Querias viajar pelo mundo. Não sabia se voltarias para mim.

– Mas voltei. Três meses depois... porque te amava e não queria conhecer o mundo sem ti. E não disseste nada. Aliás, isso não é bem verdade. Disseste os teus votos de casamento na igreja, a respeito de confiança e amor. Falámos de um futuro em que haveria crianças. Tentámos várias vezes tornar isso realidade... e todo este tempo escondeste-me isto. – A voz começa a subir de volume. – Mantivemos um calendário de ovulação, cortámos no álcool, tivemos sexo de acordo com uma agenda mensal, até fizeste a postura da vela pós-coito... e durante todo este processo nunca te ocorreu mencionares o assunto?

– Não queria magoar-te.

– Abortaste o *nosso* filho! – berra. – Tinha dezoito semanas. Eu vi a documentação, sabias? Com aquela idade já se movia... como se dançasse no útero. Dava-te pontapés?

– Por favor...

– Li que devia ter o tamanho de uma maçã. Começava a desenvolver as feições, lábios, olhos, orelhas pequeninas perfeitamente formadas. Devia ter sobranceiras. Acreditas? O nosso bebé já tinha sobranceiras!

– Flynn...

– Li um caso em que um aborto tardio, com algumas semanas a mais do que o nosso, quando o retiraram, a mãe ouviu um som. O bebé estava vivo.

O som era dos pulmões incompletos a tentarem respirar. Demorou trinta minutos antes de...

– CALA-TE! – ponho-me de pé num salto, com os lábios retesados sobre os dentes. – Não digas mais nada, merda! – Agarro-lhe as lapelas do casaco com as mãos fechadas, empurrando-o para a cadeira até se equilibrar sobre duas pernas.

– A escolha foi minha! Minha! E quem tem de viver com ela sou eu! Achas que não me arrependo? Já pensaste como me custou sentir o Drake a dar pontapés na barriga da Fiona? Ou pô-lo ao colo quando nasceu? Milhares de mulheres fazem abortos, mas apenas alguns provocam aquilo que me aconteceu no útero. Sabes o que penso disso? Que *mereci*. Que *mereci* ser castigada e não ter filhos, após rejeitar o primeiro. O nosso único filho.

Solto-o, virando-lhe as costas. Lágrimas quentes banham-me o rosto.

É por este motivo, recordo-me, que já não estamos juntos.

2004

– Bom turno! – berra da sala de estar uma das companheiras da residência, quando Elle abre a porta de entrada e sai para a noite.

Enfiando os braços num casaco demasiado fino, parte em direção da vila, com as sapatilhas pisando o passeio num ritmo constante.

Percebeu com um suspiro que se esquecera do livro. O seu único divertimento no turno do bengaleiro acontecia na hora morta entre a meia-noite e a uma da manhã, quando poucas pessoas entravam e ainda menos saíam. Sem casacos para recolher nem levantar, desaparecia no mundo do seu livro, enquanto os baixos ecoavam no seu peito. Pensava nisto quando ouviu: passos.

Eram lentos mas determinados. Solas de couro contra o betão a pouca distância de si.

Não gostava do caminho a pé para a vila. A iluminação era fraca, e apenas havia uma sequência de lojas praticamente desocupadas ou então de entrega de refeições ao domicílio.

Alcançou o fim da rua e virou à direita.

Os passos seguiram-na como um eco.

Este trecho da estrada acompanhava as traseiras dos edifícios da faculdade, que estavam vazios durante a noite. Perscrutou a rua escura e percebeu que se encontrava só.

Os passos soaram mais perto. Era uma passada pesada. De homem.

Os dedos procuraram o telemóvel no bolso do casaco, encontraram a forma retangular, sentiram a curva dos botões.

Queria parar, virar-se, enfrentar quem a seguia, mas receava que o confronto desse azo a uma situação perigosa.

A pulsação acelerou quando apressou o passo. O sangue latejava nos ouvidos e os passos atrás dela também ficaram mais lestos.

Na escuridão, a sua imaginação incendiou-se. Teria alguém esperado por ela à saída de casa? Estariam a segui-la?

A estrada conduzia, no final, a outra mais ampla, bem iluminada e ladeada por casas. Podia bater à porta de alguém. Chamar.

O coração trovejou enquanto caminhava, dizendo-lhe para não correr. Que estava bem, segura, que era forte.

Virando para a rua seguinte, sentiu-se aliviada por encontrar um casal de meia-idade a passear na direção dela, de braço dado. Ousou então virar-se, espreitar por cima do ombro para ver quem a seguia.

O homem encontrava-se a passos de distância, concentrado, não nela, mas no telemóvel encostado ao ouvido. Ela tentou identificar-lhe o rosto na escuridão.

Durante instantes pensou que fosse Luke Linden, mas então ele virou abruptamente e desapareceu por um acesso estreito entre duas casas e ela ficou sem saber.

Elle

*No âmago de todas as boas histórias reside a personagem.
O leitor não tem de gostar nem de confiar nela,
mas tem de torcer por ela.*
Elle Fielding (autora)

À porta da casa de Fiona, verifico as horas. Passa das oito – Drake deve estar a dormir. Bato levemente.

É Bill quem me recebe. Pensei que estivesse a trabalhar.

– Desculpa... não sabia que estavas em casa.

– Elle – diz, erguendo as sobrancelhas. – Está tudo bem?

– Sim, apenas... estava a passar por aqui.

Ele avalia-me por um instante.

– Então entra, querida. Toma um copo de vinho.

Entro em casa com algum desconforto, recordando a figura que apanhei a rondar-me a casa.

– Onde está a Fiona? – A pergunta surge de forma abrupta.

– A trabalhar no piso de cima.

– Pensei que o texto do panfleto estivesse terminado.

Ele encolhe os ombros.

– Talvez tenha um novo projeto.

Desabotoo o casaco e largo-o sobre uma cadeira. Quando me viro, Bill encara-me.

Preciso de lhe perguntar, enquanto estamos só os dois.

– Bill, estiveste ao pé da minha casa ontem à noite?

– Da tua casa?! Não. Porquê?

– Por nada, a bem dizer. Acho que vi alguém que se parecia contigo.

– Também era maravilhosamente elegante e bem vestido?

O comentário faz-me sorrir e sinto a tensão aliviar-se.

– Mas porquê o vestido preto?

– Fui ao funeral da Alison.

– Claro! Esqueci-me que era hoje. – Ele avança para mim e pousa as mãos quentes nos meus ombros. – Como te sentes? – Os olhos, de um castanho indistinto e um borriço de pestanas, enquadram-me confortavelmente.

Como posso ter suspeitado de Bill? Sinto-me incapaz de confiar no meu próprio pensamento. Discuto com Flynn, desconfio de Bill, preocupo-me com os comentários dos meus seguidores. Estou a perder o controlo da situação. É ridículo. Sinto os olhos cheios de lágrimas enquanto me debato para encontrar uma resposta.

– Um dia difícil – diz com ternura, retirando-me a necessidade de responder.

Atrás de mim, as escadas rangem enquanto Fiona desce. O cabelo preto da minha irmã encontra-se solto e inclinado, como se tivesse sido desprendido de um elástico. Os óculos encavalitam-se na cana do nariz e veste um pijama. Lembra-me tanto a nossa mãe que por instantes fico a olhá-la, examinando a linha reta do nariz, a pele papuda debaixo dos olhos.

– Bem me parecia ter ouvido a tua voz.

– Desculpa aparecer sem aviso.

Fiona afasta a desculpa com um trejeito dos dedos.

– Como foi o funeral? – Dá-me um beijo na cara.

– Perdi a cerimónia propriamente dita...

– Porquê?

– Desconfio que foi uma intoxicação alimentar. Caldeirada de peixe. Dormi no chão da casa de banho.

– Oh, Elle! Devias ter-nos ligado!

– Não conseguia sequer descer as escadas para pegar no telefone.

– Queres comer alguma coisa? – oferece Bill. – Preparo uma torrada?

– Obrigada mas como quando chegar a casa.

Bill não parece ficar convencido, mas não insiste. Confere o relógio e anuncia:

– Pronto, vou deixar-vos. Tenho de passar camisas a ferro para a semana inteira.

– Não me faças ficar malvista – diz Fiona.

– Creio que a tua irmã sabe que não casei contigo pelas tuas capacidades como dona de casa. – Bill dá-me um beijo na cara, dizendo: – Cuida-te.

Ouvimos os passos dele subirem as escadas, e o ranger da porta do quarto quando é fechada. Abato-me então no cadeirão, dobrando as pernas debaixo do traseiro.

– Estás com um ar terrível – comenta Fiona.

– Não tens papas na língua, pois não?

– O Bill falou-me do teu papel principal no filme *Adormecida no Supermercado*.

– Tantos boatos. Senti-me cansada. Precisei de fechar os olhos um pouco antes de pegar no carro.

– É seguro conduzires quando te sentes assim tão cansada?

– Estou bem – respondo com firmeza.

Fiona observa-me por um instante, depois senta-se no sofá. Muda de assunto.

– Como estava o Flynn?

– Cheguei ao *pub* quatro *whiskies* demasiado tarde.

– Muito mal, então.

– Ele trouxe o aborto à baila.

– Céus, há dois anos que tentas falar com ele sobre isso... mas ele decide que um funeral é a circunstância mais adequada.

– Eu sei.

– A opinião dele, imagino, não ficou mais favorável.

Abano a cabeça.

– O estranho é que compreendo. A sério. Não é contra o aborto... apenas...

– Contra a mentira?

Anuo.

– Se não fosse a história do aborto, acreditas que ainda estariam juntos?

Isto é próprio de Fiona: disparar um tiro certo contra o âmago do problema. Sei que os casamentos raramente terminam por causa de um único incidente. Mas talvez esse incidente baste para iluminar todas as falhas às quais não se prestara até aí a atenção devida.

– Sim – respondo por fim.

– Estás arrependida?

Arregalo os olhos.

– Estás a perguntar-me se me arrependo de ter feito um aborto?

– Sim.

– Passei o tempo todo, desde os trinta anos, a tentar engravidar, e não consigo por causa de uma decisão tomada uma década antes. O meu casamento acabou. Vivo sozinha e sem filhos. Claro que me arrependo! – Abano a cabeça. – Vim ter contigo para me animares.

– Isso não é o meu forte.

– Estou a ver.

– Então, não pediste ao Flynn a tua chave de volta?

– Não era a melhor ocasião.

– Imagino que não. – Fiona põe-se de pé para ajustar a posição da vela na cornija, usando depois a ponta do dedo para apalpar a cera que se derrete na berma. Olha-me de esguelha. Percebo que quer dizer mais alguma coisa.

Aguardo.

– Às vezes penso no teu aborto. Pediste-me a opinião, não foi?

Indico que sim. Tinha ido a Londres para falar com ela, aguardara à sua porta até ela voltar do trabalho, observando o tráfego e os autocarros passarem, as pessoas entrarem nas lojas para comprarem cigarros e jornais. Tinha feito uma visita a Fiona apenas uma outra vez no apartamento do sudeste de Londres em que vivia e partilhava com outros dois jornalistas, um recanto desmazelado, como se a importância do trabalho ali realizado correspondesse à falta de tempo para as tarefas domésticas, sendo o quarto de Fiona nitidamente o mais desarrumado.

Enquanto aguardava sentada nos degraus de cimento a ver uma senhora varrer o passeio da loja em frente, tentei imaginar Flynn algures no Pacífico do Sul. Sem fazer ideia de que, abrigado no interior do meu corpo, existia um conjunto de células com o ADN dele a crescer, a pulsar.

Estar grávida era uma ideia tão remota para mim que demorara tempo a tirar conclusões do meu cansaço, do aumento de peso, dos períodos que não

apareciam. Por fim, realizara o teste nesse mesmo dia, agarrada ao tubo que continha o meu futuro, enquanto uma colega da casa corria escadas acima a berrar «Onde está a merda do meu telemóvel?». Quando a cruz azul se materializou, causou-me vertigens. Acabei de gatas no chão, a testa assente no linóleo inchado.

Sem ter a mínima antevisão que, anos depois, estaria numa casa de banho diferente, com outro teste de gravidez entre os dedos, à espera da cruz azul que não surgia. Pela décima segunda, décima terceira, décima quarta vez...

Não fazia ideia de que o desejo de ter um bebé a crescer dentro de mim, sentir os pontapés no útero como um segredo, seria tão forte que se tornaria uma ânsia.

Não fazia ideia de que me golpearia quase diariamente – ao ver uma grávida em fim de termo sentada na mesa ao lado no café, ou quando visse uma mãe a abotoar o casaco do filho, ou quando tivesse de celebrar a notícia de uma amiga de que estava grávida com a segunda ou terceira criança.

Não fazia ideia, ao esperar à porta do apartamento de Fiona, que a pessoa que me daria conselhos – alguém que afirmava jamais se casar, jamais ter filhos – acabaria por criar a sua própria família.

Fiona apareceu, por fim, com um casaco de corte militar preto, abotoado até cima. Arrastou-me pelo corredor, diretamente para o quarto dela, que se encontrava pejado de livros e resmas de papéis anotados. Em qualquer sítio que Fiona vivesse, teria a secretária repleta de papéis, livros, *post-its*.

– Não sei o que fazer – tinha eu dito, com a cabeça nas mãos.

– Não tens marido. Nem trabalho. Nem habilitações. – Fiona usava uma franja básica na época, cortada um centímetro acima do cenho, o que conferia um aspeto mais severo. – Consegues mesmo imaginar-te com um bebé na tua casa partilhada?

Não conseguia. Já se encontrava apinhada – cinco pessoas que se acotovelavam em três quartos, com uma única casa de banho para todas. Mas o meu ordenado de empregada de bar não me possibilitava nada melhor.

– O que farias tu?

– Se fosse eu e o meu corpo – dissera Fiona, descruzando os braços e deixando-os cair – faria um aborto.

Aborto. Uma palavra brutal e abrupta. Terminal.

Tentei imaginar Flynn com o ar bronzado, a mergulhar nos recifes de coral. Encontrava-se impossivelmente distante – como se vivêssemos em universos diferentes. Porque abandonaria ele aquela vida, para voltar para mim?

Durante um longo período, após fazer vinte anos – e antes de Flynn – sentia um aperto no peito, uma sensação funesta a chegar, o peso da memória firme contra as minhas costelas. Faria o possível para aliviar essa sensação: bebia toda a noite; ouvia música aos berros com auriculares para afogar o raciocínio; calcorreava as ruas de Bristol até ganhar bolhas nos pés e um vazio no espírito. E depois conheci Flynn. Havia algo nele... uma acessibilidade, uma sensação intrínseca de integridade... que de algum modo me trouxe novamente o equilíbrio. Não podia perdê-lo, voltar a enterrar-me na pessoa que tinha sido.

Fiona marcara a consulta, com um telemóvel ao ouvido parecido com um tijolo, explicando numa voz calma e seca:

– É para a minha irmã.

Sentara-se ao meu lado na viagem de metropolitano que decorreu veloz, o meu olhar desviando-se para a grávida sentada de olhos fechados, dedos entrelaçados sobre a barriga.

Fiona fizera-me atravessar as portas automáticas, mesmo perante a minha hesitação, o vidro abrindo e fechando com impaciência enquanto eu dizia:

– Não sei... é que não sei...

A sua postura pragmática e eficiente, a sua certeza, criara um impulso e eu fui arrastada nele.

Fiona, que me encara agora, pergunta:

– Culpas-me por isso?

Já me perguntei o mesmo. Se a mãe não estivesse ausente, de visita à nossa tia, se eu tivesse voltado para a nossa casa de família e discutido, não opções mas sentimentos, entre canecas de chocolate fumegante, teria o resultado sido diferente?

– Influenciaste a minha decisão – limito-me a responder, porque é verdade. – Mas não te culpo. Pedi-te a opinião e tu deste-a.

Fiona anui, com a expressão séria.

– Mas agora eu tenho o Drake, e tu não tens...

– Ninguém. – Desvio a cara. – Eu sei.

*

Fiona vai buscar dois copos de vinho à cozinha. Retiro o telemóvel do bolso, à espera de uma mensagem de Flynn.

Não existe mensagem, apenas um SMS de Jane. Normalmente, liga ou envia um *e-mail* – e raramente entra em contacto após as horas de expediente. Abro a mensagem.

Só um comentário sobre o teu último post no Facebook: pode ser interessante criares mais falatório sobre o novo livro. Mas não espantes os teus leitores! Beijo, Jane.

Sei que Jane está sempre a par do que os seus autores colocam nas redes sociais. É excelente a partilhar textos na página principal da editora, ou a divulgá-los pela equipa, mas nunca comenta negativamente o conteúdo. A frase é estranha: *Mas não espantes os teus leitores!*

Abro a minha página de autora no Facebook para refrescar a memória do meu texto mais recente. Fico de olhos esbugalhados ao ler.

Será que esta tipa, que não escreve a ponta de um corno, ainda se pode considerar autora?

Fito o ecrã sem pestanejar, sentindo o pânico crescer. Não me lembro de ter escrito isto.

Volto a ler, mas as palavras são-me conhecidas.

– Fiona – chamo, com as faces a arder.

Ela entra no quarto, com as sobrancelhas vincadas.

– Que se passa?

Levanto-me, viro o ecrã para ela.

– Eu enviei-te este SMS?

Ela empurra os óculos pelo nariz acima e lê a mensagem.

– Não, mas não verifico o telefone há horas.

– Não foi hoje. Teria enviado isto ontem. Mandaste-me um SMS e eu respondi.

– Ontem à tarde? Quando te perguntei como ia o livro?

Indico que sim.

- Não respondeste nada.
- Respondi. Pensei que sim. Mas... – Um repente de humilhação assola-me quando percebo o que fiz. Passara a tarde a escrever, e sentia-me esgotada. Devo ter alternado entre o SMS e o Facebook sem notar. – Devo ter publicado isto no Facebook por engano.
- Apaga e pronto. As pessoas esquecem-se.
- Mas milhares já o viram. – Percorro alguns comentários.

Matth: Toda a gente tem dias maus, vais conseguir.

ChrissieEdge: Rejeitaram-me cinco manuscritos mas continuo a considerar-te autora.

SueRTerm: Vais conseguir! Adorei o teu primeiro livro.

Adorolivros101: Dizeres palavrões não te fica bem, Elle.

A fúria cresce-me na garganta. É claro que Adorolivros101 tinha de ter uma opinião. E aquele tom de voz – como um pai a repreender a filha. Adorolivros101 não faz ideia quem eu sou! Nenhum deles faz. Apetece-me gritar contra o ecrã, dizer a Adorolivros101 – e a todos eles – que este último texto é a única coisa verdadeira que escrevo há semanas!

Fiona observa-me.

Percebo que fiquei sem ponta de sangue nos dedos, de agarrar com tanta força o telemóvel.

Suavizo a expressão e guardo o aparelho.

– Desculpa... nem acredito que escrevi aquilo. A minha editora viu. Acabou de me enviar uma mensagem para «não espantar os leitores».

– Estás exausta, Elle. É assim que se cometem erros. Nos primeiros três meses da vida do Drake, nem sabia como me chamava. Tenta não te preocupares em demasia. É fácil de resolver: apaga isso, pede desculpas à editora, e escreve algo animado sobre o teu livro.

Um conselho inteligente e sensato. Respiro fundo. Depois sigo as indicações de Fiona.

Ao terminar, Fiona pousa um copo de vinho diante de mim.

– Amanhã hás de te rir disto.

Largo a mala no chão e descalço as botas. O estômago continua revirado da intoxicação alimentar e o cansaço abate-se sobre mim. Devia ter voltado diretamente para casa depois do funeral; a visita a Fiona apenas atrasou o retomar da escrita.

Tento ignorar a pulsação acelerada quando efetuo a inspeção noturna da casa. Começo pela cozinha, testando a porta traseira, as janelas, baixando as persianas para não expor sequer uma fresta de vidro. Acendo a telefonia e encontro conforto nas palavras do locutor, ao dirigir-me à adega e destrancar a porta. Não atravesso a ombreira mas espreito para o interior, enchendo as narinas com o ar frio que cheira a terra bafienta. Tranco a porta rapidamente e passo para a sala de estar, depois do corredor, ligando as luzes ao passar.

Estou ciente de que a rotina demora cada vez mais tempo e se torna mais complexa ao ter de espreitar atrás dos sofás, das cadeiras, de correr os cortinados, olhar atrás da porta. Devia deixar-me disto, sei bem, faz-me mal. Mal reconheço a pessoa assustadiça e nervosa em que me tornei.

Não, não é verdade. Reconheço bem demais esta pessoa. Tinha deixado esta jovem ditar os meus vinte anos, pois dizia-me que era fraca e vulnerável e temerosa. Agora sinto a presença destes anos estranhos e distorcidos a apanharem-me. É uma sensação sufocante, como ser perseguida e vigiada.

Termino de verificar o piso inferior e subo as escadas. Os meus pés encontram algo molhado. Olho para baixo, confusa por ver uma poça de água no degrau de madeira. Não entornara nada.

Tentando perceber qual a sua origem, bate alguma coisa no alto da minha cabeça. Levo os dedos a essa zona.

Olho para cima. Gotas pingam do teto.

Continuo a subir com o coração acelerado. De onde vem tanta água?

Os meus pés afundam-se noutra poça, e noutra, à medida que a água escorre pelos degraus, encharcando a madeira envernizada.

Desorientada, levo a mão à parede, descobrindo que também está húmida.

— Mas que...

Ouçó o jorrar de água vindo do alto. Obrigó-me a mexer, a continuar a subir os degraus letalmente encharcados. No alto, acendo a luz e ilumino a cena. A porta da casa de banho superior encontra-se aberta e descubro que a

torneira está totalmente aberta. O ralo não consegue despejar com a mesma velocidade, pelo que transborda do lavatório, inundando a casa de banho.

Abro caminho pela água, que já me dá pelos tornozelos, e fecho a torneira.

– Meu Deus! – exclamo, mão contra a boca, avaliando a devastação. A casa de banho está totalmente inundada. A água até escorre pelo patamar. Avanço e abro a porta do escritório. Também tem uma enorme poça à entrada com cerca de um metro de largura, mas felizmente o resto encontra-se seco.

Viro-me para as escadas, pensando se a água terá escorrido através do teto para outras divisões de baixo.

Caminho com cuidado pela escadaria molhada até ao patamar do primeiro piso. Entro no quarto, e acendendo a luz, fico imediatamente parada. A água cai do teto. Pingos escuros mancham o edredão como sangue derramado. Apetece-me dar a volta e fugir.

Mas não posso.

Respiro fundo, dizendo-me para ter calma. Preciso de ser lógica. De minimizar os danos.

Começo a mexer-me.

Agarrando numa esfregona, num balde e num punhado de toalhas, começo no cimo da casa, na casa de banho inundada. Percorro sistematicamente os quartos. A dimensão dos estragos é avassaladora, água nos tapetes e debaixo da mobília, deixando marcas nas paredes, pingando sobre os interruptores e tomadas.

Quando se acabam as toalhas secas, tenho de torcê-las à mão, sentindo os músculos queixarem-se do esforço. Não tenho sítio para colocar todas as toalhas molhadas e a roupa da cama encharcada, portanto, abro as portas da varanda e penduro-as sobre o corrimão, no escuro.

A lua está brilhante, esta noite, pintando as cristas das ondas com um tom prateado. Faço uma pausa para recuperar o fôlego. Olho para a praia, com a incómoda sensação de que se encontra ali alguém a observar-me.

Finalmente, pelas três da manhã, deito-me na cama dos hóspedes. Sinto os lençóis rijos e firmes na pele, enquanto me remexo de um lado para o outro, procurando algum conforto. O cheiro fétido da lã molhada polui o ar.

Algures dentro de casa ouço o pingar constante da água. O som entranha-se no meu pensamento até não conseguir concentrar-me em nada mais do que a repetição lenta e insidiosa.

Como é que fui tão estúpida? Não posso dar-me ao luxo de cometer este tipo de erros. Os meus pensamentos entram numa espiral de pânico – as carpetes terão de ser arrancadas, o chão de madeira vai ficar manchado da água, a pintura vai precisar de nova demão...

Não posso acreditar que isto tenha acontecido. Lembro-me de acordar no chão da casa de banho ontem, com a cara encostada ao tapete. Pusera-me de pé, cambaleante, apoiando-me no lavatório. Lembro-me de salpicar a cara com água, o frio contra a pele quente. Depois, lavei os dentes. Terei deixado a água a correr? Era possível. Estava desorientada, frenética para chegar ao funeral.

No entanto, há um pensamento que não me larga. Se eu lavei os dentes, porque estava a tampa do lavatório no ralo? Raramente fecho o ralo. Tento focar-me no instante em que abri a torneira; teria primeiramente procurado a tampa e encaixando-a no ralo? Não creio.

Mas como ter a certeza? Tenho cometido tantos erros ultimamente, tantas faltas de bom senso.

Endireito-me na cama, espetando as pontas dos dedos no arco do cenho. Além das paredes da casa, ouço o marulhar distante das ondas que colapsam contra a costa escura.

Se confiar em mim mesma, se acreditar inequivocamente que não coloquei o tampo no ralo do lavatório nem deixei a torneira aberta, resta apenas uma explicação: foi outra pessoa.

Elle

Na manhã seguinte, pego nas páginas do manuscrito ainda quentes da impressão e aproximo-as do rosto. Tinta, *toner*, papel de impressão. É onde os meus pensamentos têm de estar. Não devo pensar no cheiro a humidade que permeia a minha casa nem nos danos que a água causou. Tudo isso fica para mais tarde.

Silenciei o telemóvel. Desliguei a Internet. Não há distrações. Neste quarto só existe a minha história.

Empilho as páginas num monte ordenado e prendo-as com uma mola de orelha. Depois recosto-me na cadeira de leitura ao lado de uma caneca de café fumegante.

Livro 2 por Elle Fielding, anuncia a primeira página. Restam-me apenas quinze dias até ao prazo final – mas continuo sem saber como terminarei o romance. A minha função enquanto autora é unir as tramas, cingi-las, conduzir o leitor para o clímax, o momento da revelação.

O meu peito ergue-se quando respiro fundo sentindo um tremor na minha caixa torácica.

Percebo que tenho pavor da minha própria história.

Seguro nas páginas com mais força. Preciso de me sentar aqui, ler o rascunho de uma assentada, e avaliar a história de raiz. O final, estou certa, surgirá por si mesmo.

Mas se não for o final que eu pretendo?

Tenho de terminar isto. Se não o fizer perderei esta casa. E esta vida.
Tudo o que fiz – todos os sacrifícios – não servirá para nada.

Fito o horizonte com os olhos turvos. Mar e céu misturam-se numa névoa cinzento-prateada.

Estava convicta de que o final da história se desvendaria por si mesmo, as pétalas da flor abrindo-se para revelar o estame coberto de pólen no centro. Mas não existe nada – nenhum indício do caminho a tomar, como unir tudo numa resolução com significado.

És inútil.

Uma fraude.

Pego na caneca de café vazia e atiro-a contra o chão de madeira. Uma explosão de porcelana quebra o silêncio, com os estilhaços rodopiando pelo quarto.

Enrolo-me em mim mesma, braços unidos sobre a cabeça, olhos cerrados. Depois de tanto tempo isto é o que me resta, e não é suficiente.

Escrevam a verdade, dissera no Facebook Live.

Conseguirei?

Quererei?

Começo a apanhar a porcelana quebrada, sentindo as arestas na pele. O pensamento desliza para a minha protagonista, para a pele macia e jovem das suas mãos. Imagino essas mãos quando aperto o punho – e os cacos mordem-me a palma da mão.

Piso o pedal do caixote do lixo sob a secretária para levantar a tampa e deixo cair os estilhaços da caneca no cilindro de plástico. Depois, olho para a mão vazia, examinando o coração pálido da palma. A ideia forma-se sozinha, quase lhe sinto a solidez. Abro o portátil e escrevo: «Uma explosão de porcelana quebra o silêncio...»

*

Mais tarde, ouve-se uma batida sonora. Levanto os olhos do portátil, espantada por descobrir o quarto imerso na escuridão.

Vejo as horas: dezanove. Não aguardo ninguém.

Um arrepio de desconforto percorre-me.

Espreito para o manuscrito. Não quero quebrar o fluxo, abandonar as páginas. Ignorarei quem está à porta e vou continuar a escrever.

Os meus dedos regressam ao teclado, encontrando o lugar devido, olhar preso ao ecrã. Tento retomar a história, com o meu mundo preso na página.

Toc. Toc.

Cerro os punhos de frustração.

Percebo que quem estiver à porta terá visto o meu carro na entrada e as luzes acesas. Sabem que me encontro em casa.

Relutante, afasto a cadeira e percorro a divisão. No patamar, paro junto à janela, espreitando para o acesso iluminado. Estranhamente, não vejo carro nenhum a não ser o meu. A visita veio a pé?

Inclino a cabeça para tentar ver mais, pois o degrau da entrada está escondido da vista e não consigo identificar quem seja.

Encontro-me tão submersa na história, vivendo e respirando a tensão narrativa que é como se uma das minhas personagens tivesse saído da página e aguardasse à porta. Penso na frieza dos seus olhos, nos lábios finos repuxados sobre os caninos compridos.

Dou um pulo quando batem de novo, com força, insistentes.

O meu coração acelera ao descer as escadas, a madeira ainda inchada e húmida da inundação. Deslizo os dedos para o bolso apalpando o telemóvel. Tiro-o, preparada.

Alcançando a porta da frente coloco uma mão no trinco. Os dedos tremem.

Não quero ser a pessoa acobardada atrás da porta. Já não sou essa rapariga.

Já não sou.

Abro com força a porta.

– Mark.

Tem as mãos enfiadas nos bolsos do blusão de cabedal, a cabeça retraída nos ombros como se afastasse o frio.

– Vim buscar o casaco da minha mãe.

Demoro algum tempo a perceber do que está a falar. O blusão púrpura que ele me emprestara quando fiquei fechada na rua.

– Já o devolvi. – Será que sim? Sei que queria fazê-lo.

– A minha mãe andou à procura e não o encontrou.

– Foi? Vou procurar novamente, para ter a certeza de que já não o tenho.

– Não me importo de esperar. – Remexe-se, avançando um passo, colocando o pé à entrada. Fita-me diretamente, com aquele olhar perturbante. Só precisa de mais um passo para entrar na casa.

A tensão percorre-me as veias. Quero que desapareça. Quero retornar ao manuscrito – não posso dar-me ao luxo de perder o ritmo. O ar frio esgueira-se pela abertura. Tenho apenas calças de ganga e uma camisola fina por cima do corpo, e sinto a pele arrepiar-se.

– De momento estou ocupada, portanto, se não for incómodo para a sua mãe, procuro mais tarde.

É uma despedida. Contudo, Mark não faz menção de partir. Tira as mãos dos bolsos e cruza os braços. Olha para trás de mim, para a casa.

– Chegou a descobrir quem era o visitante misterioso?

– Perdão? – A palavra soa tensa e defensiva.

– Sabe, a família sem filhos e sem carro que alugou a sua casa. A pessoa que deixou a mensagem na janela.

Recordo que o tinha acusado.

– Não foi nada.

Ele encara-me, abafando um sorriso.

– Não foi isso que parecia da última vez.

– Vai regressar em breve a Londres?

– Ainda fico mais uns tempos.

Os meus dedos agarram o puxador da porta. Reconheço o tipo de homem que é: como é inseguro gosta de tentar intimidar os outros.

– Preciso de voltar para o meu trabalho.

– Claro. Tecer histórias. Imaginar vidas.

– Algo assim.

– Sabe – diz ele, debruçando-se para mim, com a voz baixando um pouco –, não se parece nada com a sua irmã.

– Como assim? Casada? Com um filho?

Ri-se.

– Isso foi para me divertir, Elle. Pode descansar, não me apetece roubar as mulheres dos outros. Já acabou. – Faz uma pausa, observando-me com atenção. – O que quero dizer é que são as duas muito diferentes. A sua irmã é direta e obstinada, e bastante orientada. Você, pelo contrário – diz, agora com olhar contemplativo – é um mistério.

Tenta seduzir-me? É o que isto representa?

– Ainda não consegui entendê-la. A autora internacional com a grande casa decorada... que se deixa abalar por uma palestra na biblioteca. Sem ofensa – acrescenta. – Isola-se no palácio no cimo da falésia... e contudo parece ser o tipo de pessoa que adora companhia. Partilha pormenores nas redes sociais... mas parece-me que não é escolha sua. Nada disto é você.

A minha respiração torna-se leve. Sinto a pele enrubescer sob o decote da minha camisola.

– Psicologia de vão de escada muito interessante – afirmo, com toda a leveza que consigo –, mas como disse, preciso de retornar ao trabalho. Boa noite.

Ao começar a fechar porta, ouço o cascalho a ser pisado por rodas. Viro-me e descubro faróis a subirem pelo acesso.

– Isto hoje está movimentado.

Semicerro as pálpebras contra os faróis, tentando ver o carro. Desligam o motor e a porta abre-se, enquanto a minha vista se ajusta à escuridão. Bill atravessa o acesso.

Obrigo-me a pensar. Teremos combinado alguma coisa? Ter-me-ei esquecido? Não, não creio.

– Boa noite – cumprimenta quando fica mais próximo. – A Fiona contou-me que tiveste uma inundação. Pensei que te podia dar uma ajuda.

– Bill. Olá.

Vira então a atenção para Mark, fitando o casaco de cabedal, os olhos estreitos, as mãos enfiadas nos bolsos.

– É o Mark, o meu vizinho.

Bill anui. Não estende a mão, não se mostra minimamente caloroso.

– É melhor regressar – diz Mark, baixando a vista. Atravessa o acesso com passos rápidos.

Observo-o até entrar na sua casa.

Quando olho para cima, Bill fita-me atentamente.

– Está tudo bem?

– Sim – digo animada. – Entra.

– Foi simpático da tua parte teres vindo, Bill.

– A Fiona disse-me que precisavas de arredar a cama para fora do tapete molhado. Pensei que precisasses de algum músculo.

– Trouxeste alguém?

Ele sorri e segue-me pelas escadas.

– Desculpa se cheira a cão molhado – digo, abrindo a porta do quarto, com o tapete húmido debaixo dos pés.

Ele solta um esgar.

– Diria que uma matilha de cães molhados esteve a rebolar num regato salobro e foram trancados, ofegantes, no banco traseiro de um carro com as janelas fechadas.

– É assim tão mau?

– Amanhã vamos ter sol. Põe o aquecimento no máximo, abre as janelas para a humidade sair. – Aponta para a cama e pergunta: – Pronto, o que vamos fazer com isto?

– Só quero deslocá-la para a zona seca do tapete, e deixar este lado respirar um pouco.

Ele indica que percebeu e posiciona-se.

– Contamos até três?

As minhas costas protestam enquanto levantamos e arrastamos a cama de carvalho, conseguindo, por fim, assentá-la no fundo do quarto.

Junto ao rodapé encontro umas cuecas de renda; devem ter escorregado da cama. Apanho-as rapidamente e guardo-as no bolso. Quando olho para cima, reparo que Bill as viu. Espero que faça um comentário jocoso mas, em vez disso, cora e desvia o olhar.

Pego num monte de toalhas e começo a distribuí-las pela carpete molhada. Bill ajuda-me a apanhar a maior parte da humidade, enfiando os calcanhares nas toalhas para que absorvam a água.

– Tenho de vir cá mais vezes – diz.

Sorrio.

Ele aponta para o livro na mesinha de cabeceira, um romance escrito por um laureado com o prémio Nobel, que já desisti de ler por duas vezes, mas que continuo determinada a chegar ao fim.

– À terceira é de vez?

– Como é que sabias?

– Deves ter colocado um texto no Facebook. Já nem consigo distinguir entre o que me contas e o que leio a teu respeito.

– Não sabia que eras meu seguidor.

– É bom ter o dedo do pé mergulhado no mundo literário.

Sorrio.

– Tomamos uma bebida rápida antes de me ir embora? Assim, escapo-me de dar banho ao puto.

Anseio por regressar ao manuscrito mas Bill foi tão prestável – e é um alívio imenso ter companhia depois de outro dia de solidão, com o silêncio da casa vazia a envolver-me.

– Claro.

Bill encontra-se à janela da sala de estar com um copo de *whisky*, fitando as águas escuras. Começou a chover.

Há algo diferente nele que não consigo realmente descrever – uma tensão na sua postura, ou a sensação de que anda preocupado. Talvez tenha discutido com a minha irmã.

– Mesmo durante a noite, a vista é incrível – diz. – Deve ser a sensação de espaço. Olhas e nada mais requer a tua atenção. – Faz uma pausa, deixando o embalar das ondas e da chuva encher o espaço. – O mar sempre me faz sentir pequeno. Está ali, simplesmente, esta imensa massa de água. As pessoas dizem que é belo, mas não concordo. Acho que é traiçoeiro. – Bill vira-se e encara-me. – Não sei nadar. Sabias?

– Não – respondo, espantada.

– Quando era pequeno nunca aprendi. E agora não vejo necessidade de aprender. Sempre em cidades.

– Então, porquê a Cornualha?

Ele fita-me como se a resposta fosse óbvia.

– Por causa da tua irmã.

Fiona sempre afirmou que a ideia fora dele – que estava farto da cidade. Que queriam criar Drake no litoral.

Lá fora, ouve-se a vibração forte de uma mota a ser ligada. Bill vira-se na direção do ruído, com o sobrolho apertado e os lábios contraídos. Depois, ergue o copo e termina o *whisky*.

– Posso beber outro?

– Claro. – Pego na garrafa e entrego-lha.

O gargalo embate no copo enquanto verte uma dose generosa. Fico a ver, indecisa, pensando que terá de conduzir de volta para casa. Não me lembro

se Bill alguma vez entrou na minha casa sem a companhia de Fiona ou Drake. Pressinto que Fiona não sabe que ele se encontra aqui.

Ele faz rodar o *whisky* no copo.

– Então – começa lentamente sem olhar para mim –, ele conduz uma mota.

– Desculpa?

– O teu vizinho. O Mark. – Olha para cima. – O homem que a Fiona anda a foder.

O choque invade-me a expressão.

– Então, já sabias.

– Eu... bem... descobri... por acidente. Como é que tu...

– O Drake encontrou o telemóvel dela e chegou às mensagens.

O meu estômago contorce-se ao pensar – o choque terrível, o esforço cruel de Bill para se conter diante do filho.

– Falaste com a Fiona?

Ele abana a cabeça.

– Tu e o Drake... são o mundo dela. Foi um caso. Nem isso. Acabou. Ela disse-mo. Ele não representou nada. – Tudo o que estou a dizer me parece errado. São meros lugares comuns.

Bill termina a bebida e pousa o copo com cautela.

– O que farias, Elle, se a pessoa que tu amas é perfeitamente frustrante? Que algo nela é destrutivo? – observa-me intensamente.

Não sei dar a resposta certa.

– Fiquei preocupado com a mudança para a Cornualha – diz Bill. – Temi que a Fiona considerasse a zona demasiado calma depois da cidade. Ela adora isto. Adora passear na praia. Adora que o Drake tenha tanto espaço para explorar. Mas sente falta do trabalho, eu sei disso. Há coisas que ela precisa, que todos nós precisamos, para nos sentirmos bem connosco mesmos. Só preferia que não incluísse ter sexo com jovens de vinte e poucos anos. – Solta uma gargalhada amarga.

– Foi um erro. Uma vez sem exceção.

– Acreditas mesmo que foi a única vez? – Observa-me. O contorno do rosto está alterado, distorcido. É como olhar para um estranho. Não deixo de imaginar a pessoa que antevi escondida ao pé da minha casa há umas noites. – As pessoas não mudam, Elle.

– Ela ama-te, Bill. Fala com ela, por favor.

– Se falarmos, o jogo acaba.
– E depois?
– Talvez eu foda outra pessoa. – Tem a voz pesada, irada. – Para ajustar as contas.

Um desconforto percorre-me a espinha: algo neste momento faz eco com o meu passado. Sinto a deslocação bizarra, a sensação de que algo se alterou. De que subestimei ou calculei mal.

Há situações na vida em que uma pessoa que pensamos conhecer se revela como o oposto, surpreendendo-nos a ponto de ficarmos sem ar nos pulmões. Esses momentos – se acontecerem – hão de alterar-nos, fazendo-nos duvidar de nós mesmos, da nossa capacidade de avaliar as pessoas e a nossa segurança.

Sinto o momento virar-se contra mim – como se estivesse em águas rasas, vendo uma onda erguer-se. Sinto-me arrastada do presente, enfiada no passado, num pequeno gabinete com uma secretária de madeira e um arquivo metálico.

Sei o que significa o medo reduzir-nos a algo estático e vulnerável. Sempre pensei que, se estivesse em perigo, iria arranhar, lutar e espinhar.

Mas não o faço.

Agora, quando Bill se aproxima – quando sinto o primeiro toque da sua pele, os dedos roçando o meu pescoço – uma reação primitiva apodera-se de mim. A raiva enche-me as veias e reajo instintiva e intensamente. Os músculos disparam e enfio os punhos fechados no peito dele.

Há um passo atrás, uma queda, uma explosão de vidro.

Depois, a quietude.

Fico a olhar, e a pestanejar, para o espaço em que estivera a mesinha de apoio. É difícil compreender a sua forma anterior porque agora só resta a base de madeira, estando o topo desfeito em milhares de pedacinhos brilhantes que inundam o chão da sala.

E no centro, ele.

Bill.

Não um estranho.

Bill, o meu cunhado.

Mexendo-se, soltando estilhaços de vidro sobre o soalho, é como se me despertasse. Os meus dedos tremem. O chão parece líquido a ondular sob mim.

Observo a boca de Bill começar a formar palavras, mas não ouço nada além do troar do sangue nas orelhas.

Agora está de pé, vidros a soltarem-se dos ombros, encarando-me com uma expressão pálida.

A minha audição regressa de repente – como se saísse de um túnel, com os ouvidos ainda a estalar.

– Mas que raios? – berra.

– Eu... pensei... pensei que ias... – Calo-me.

– Fazer o quê?

– Não sei.

– Começaste a chorar, Elle. Ia dar-te um abraço.

Levo os dedos ao rosto – explorando os papos debaixo dos olhos – e ficam molhados. Abano a cabeça, perplexa.

– Não percebi...

Ele sacode as calças, e esvazia os sapatos. Fragmentos de vidro continuam a soltar-se dele. Depois, vira-me as costas e caminha em direção da porta.

– Bill, espera!

Para. Vira-se para trás.

– Pensaste que eu estava a tentar meter-me contigo, não foi? E ESTA foi a tua reação! Atiraste-me pela sala. Nunca tinha percebido que era assim tão repelente.

– Bill, estou...

Ele levanta a mão e cala-me. Depois, vira-se e sai.

Ouçó os passos em direção da porta de entrada. O sopro do ar ao ser aberta, depois um baque forte ao ser fechada.

Fico à escuta. Um duplo sinal afastado de um fecho de automóvel, o som mais distante da respetiva porta a ser aberta e fechada. Não ouço o motor a arrancar, apenas o esmagar em surdina do cascalho debaixo dos pneus e o rasgar do carro contra o buraco à saída do acesso.

Foi-se embora.

Fecho os olhos com força. A memória está fresca, como sangue que não teve oportunidade de estancar.

Um fragmento de vidro, preso na minha camisola, cai no chão de madeira com um retinir mito suave. Dobro-me para examiná-lo entre os dedos. É

estranho pensar que fez parte de um tampo de mesa. A forma foi alterada e transformada irreconciliavelmente.

Era Bill, mas também não era Bill.

Eu, mas também não eu.

Abandono o quarto e atravesso o corredor. Ao passar pelo espelho com moldura dourada não olho para cima: não quero ver o tom macilento da pele, nem a escuridão das pupilas.

Estranhamente, o meu espírito encontra-se fixo na melhor forma de colocar este encontro em papel. A força nas minhas mãos, pulsos e ombros quando o empurrei.

Subo as escadas para o escritório.

2004

Elle emborcou o copo do *shot* e o líquido vermelho ardente escorregou-lhe pela garganta. Embateu o copo vazio no balcão do bar e lançou um sorriso expansivo para Louise. Depois, dirigiu-se para o terraço iluminado da discoteca, sentindo a noite fresca e refrescante de primavera na sua pele quente.

Ali, à saída, a fumar, encontrava-se Luke Linden.

Ela sentiu despertar uma excitação, pois a noite prometia.

– Nunca se pode pensar que nos mantemos anónimos quando saímos à noite nesta cidade. – disse ele, parando para dar uma passa demorada no cigarro. – Agora fica a saber que tenho um fraco por bares recônditos e cantores galeses de *reggae*.

Ao lado dela, a voz de Louise tornou-se excitável, enquanto se desfazia em elogios acerca da banda, de como adorava *reggae*, e que ele devia conhecer este grupo novo que ela descobria apenas há meses...

Elle não ouvia. Concentrava-se na sensação agradável das palmas da mão a percorrerem a ponta do curto vestido azul-escuro. O corpo dela tinha aquela sensação calorosa e descontraída própria de quando bebia, e sentia-se leve e desprendida.

Quando Louise se virou, apontando por cima do ombro para a banda, o olhar de Luke Linden transitou para Elle e para a bainha do vestido. O olhar dele permaneceu ali durante vários instantes e subiu para o rosto dela.

Ela apreciava a forma como ele a observava, não com os olhares de soslaio dos rapazes da idade dela, mas fixamente, sem se desculpar, sem se desviar.

Sentiu que entreabria os lábios, e formava um sorriso que não tinha ainda usado – um comprimir dos lábios.

Depois, Luke Linden fez um movimento com a cabeça, um aceno, como se tivessem feito um acordo e tomado uma decisão entre eles. Sentiu-se percorrida por um arrepio de excitação.

Louise virou-se para eles.

– Querem ir ver a banda?

– Tenho uma reunião amanhã cedo e preciso da cabeça fresca – disse Luke Linden. Apagou a beata e despediu-se delas.

Talvez fosse o ruído do terraço ou o álcool solto nas suas veias mas Elle não compreendeu a pista que ele lhe tinha dado.

Com a disposição abatida quando Linden partiu, Elle regressou ao bar e pediu nova rodada para ela e Louise. Beberam e dançaram, corpos a brilhar do suor, as pontas dos pés a doer. Quando o bar fechou, saíram para a rua, com a pele arrefecida pelo ar de fim de primavera.

O caminho errático que, embriagadas, tomaram para casa conduziu-as por um trecho de estrada habitado na maioria por alunos. Uma das casas estava iluminada por luzes de discoteca, a porta ficara aberta e um grupo de estudantes saía para o passeio. Elle puxou a mão de Louise e deixou-se atrair pela música e pela energia da festa na casa.

No interior, girava uma bola de discoteca sobre uma multidão de corpos apertados. Duas raparigas dançavam no sofá, saltos espetados nas profundezas das almofadas, mãos esticadas para tocar no teto. O ar cheirava a cerveja derramada e suor, e o som do baixo penetrava pelas paredes finas.

Elle esgueirou-se pelo corredor, sentindo o ritmo da música alterar-se enquanto subia as escadas. Torna-se mais aveludado e *sexy*. Sentia as ancas baloiçarem ao passar por uma rapariga pequena com cabelo loiro-claro e que usava batom cor-de-rosa muito vívido.

No piso superior, uma voz de *blues* jorrava algures de altifalantes. O cheiro a marijuana era forte, nuvens de fumo coloridas de púrpura pelas formações hipnóticas de um candeeiro de lava. Atrás de outra porta

encontrava-se um pequeno grupo amontoado em volta de uma secretária na qual se tinha disposto uma linha de cocaína, o traço iluminado por um candeeiro de mesa.

– Elle! Olá! Não sabia que tinhas vindo! Fixe! – Era um rapaz, Carl, que frequentava o mesmo módulo que ela, Ficção do Subcontinente Indiano, e já lera o *Deus das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy, tendo declarado: «Não prende a atenção».

Ele agarrou-a pela mão, dizendo:

– Esta linha é tua.

Ela encarou o grupo à sua volta, encolheu os ombros, inclinou-se sobre a mesa e tapou a narina com a mão, sentindo a cocaína abrir-lhe o organismo, piscar os olhos, depois arregalou-os quando o feixe dourado se acendeu no seu peito.

Mais tarde surgiram *shots* – de absinto, de tequila e de um líquido vermelho enjoativo que sabia a canela e açúcar queimado – e ainda mais tarde, a rapariga com lábios cor-de-rosa, que sabia a cereja e tabaco, enquanto se beijaram diante de um rol de aplausos.

E depois, subitamente, era dia, a luz salientava as molas expostas do sofá em que se tinha deitado, a carpete puída e o verniz estalado das suas unhas.

Foi aos tropeços pela manhã, determinada a regressar a casa, para uma cama com lençóis lavados, onde pudesse beber um grande copo de água e tomar um conjunto de analgésicos para a ressaca que tinha consciência de merecer.

Enquanto atravessava o parque Bute, as pessoas que passeavam os cães ou faziam *jogging* lançaram olhares à sua roupa da noite passada. Olhou para o relógio. Tinha a vaga noção de um compromisso. Algo que devia estar a fazer. Um compromisso, não, uma reunião.

Com Luke Linden.

Elle

*Não tenhas medo de utilizar a tua experiência pessoal;
é o recurso mais abundante ao teu dispor.*

Elle Fielding (autora)

Empurrando a porta do escritório, avanço até à parede do fundo, viro-me e regresso. Para trás, para a frente. Os meus pés castigam a madeira, os pensamentos irrompem vertiginosamente: o rosto de Bill próximo do meu, os poros do nariz cobertos de pequenas marcas de gordura; o vidro a partir-se, as notas agudas quando se estilhaçou; o contorcer dos lábios de Bill ao praguejar; o bater da porta momentos depois...

Não, um momento! Paro, dedos esticados como se empurrasse alguma coisa. Isso não está correto. Aconteceu antes. Foi um quarto diferente, um homem diferente.

As imagens esticam-se e ficam turvas, misturadas pelo calor da emoção. As feições de Bill distorcem-se, reformam-se numa cara mais magra com olhos mais negros. Olhos que não consigo entender.

Retomo o andamento, com os pés a bater contra o soalho.

A narrativa não é clara. Tem pontos de interrogação, pedaços que poderão ter duas versões: a dele, a minha.

Paro de calcorrear a divisão e assento as mãos nas ancas, respirando com força. Não sou capaz de desenovelar a situação.

Tenho uma ideia e aproximo-me da secretária. Não me sento enquanto abro um documento Word e escrevo.

Não. Está mal.

Apago. Escrevo uma frase diferente, depois outra.

Continuo a escrever, e entretanto encontro a cadeira, recosto-me, joelhos dobrados debaixo da secretária.

Os dedos voam sobre o teclado como uma dança, apalpando a história, a vista nunca abandonando o ecrã.

Passa da meia-noite quando me recosto na cadeira, com os dedos livres do teclado.

Há horas que estou aqui sentada, não querendo interromper o ímpeto sequer para beber um copo de água.

O quarto mergulhou na escuridão, com exceção do brilho do portátil. Acendo o candeeiro, e pisco os olhos contra o brilho súbito. Estou ciente de que, caso se encontre alguém na baía escura, poderá olhar para cima e descobrir-me no enquadramento da luz. Sozinha.

Os meus pensamentos regressam à visita anterior de Bill e ficam ali a rodar loucamente.

As pessoas não mudam, dissera ele.

Mas não tenho a certeza de que seja verdade. As pessoas mudam. Eu mudei. Já não sou a estudante descontraída do passado, possuída por uma energia inesgotável, querendo romper a superfície do mundo e explorá-lo. Nem sou a rapariga posterior, aquela que se extraviou durante anos, que calcorreava as ruas sempre em busca de algo, que mal se alimentava, que não dormia. Nem sei se sou a mulher que emergiu gradualmente – a versão de mim que prefiro – e casou com um bom homem, que se deitou num oceano quente, cabelo esticado à sua volta, sentindo a imponderabilidade, maravilhada, *Isto é tão belo*.

Não, agora sou uma mulher totalmente diferente.

Arrasto a vista para o ecrã, guardando o trabalho e desligando o portátil. Levanto-me, com as pernas entorpecidas. O aquecimento ter-se-á desligado há uma ou duas horas, e estou enregelada até ao tutano. Sinto uma dor de

cabeça da tensão apertando-me o crânio. Tenho de me habituar a trazer um jarro com água para a secretária.

Mal comi desde a intoxicação alimentar e sinto o cóis das calças largo enquanto atravesso o quarto. Tenho de me alimentar para manter as forças.

Alcanço a porta, com os dedos agarrando o puxador de peltre. Empurro para baixo mas a fechadura não abre. Tento novamente, assumindo que o movimento foi incorreto. Mas nada acontece. Nem um estalido. Não se abre. A porta permanece fechada.

Um desconforto desce pelo meu pescoço, qual inseto que se intromete na gola da camisola. A porta está emperrada.

Tento uma terceira vez com ambas as mãos.

A porta não me mexe. Não cede um único milímetro.

Ligo a luz de cima do quarto e agacho-me para espreitar de perto o mecanismo do puxador. Pestanejo. É impossível – e, contudo, é o que vejo.

Há um bloco retangular de metal enfiado no mecanismo: a porta foi trancada.

Seguro-me com as palmas das mãos abertas contra o chão. Fico muito quieta, à escuta.

Só ouço a minha respiração, rápida e rasa.

O meu raciocínio dispara. A chave do escritório encontra-se no piso térreo, na escrivaninha. É uma porta que se fecha por fora – não conseguiria trancar-me a mim mesma, ainda que quisesse.

Alguém me terá trancado?

A minha garganta fica amarga da bÍlis.

Convenço-me de que é uma ideia parva, e concentro-me na possibilidade de ser uma tranca solta, um eixo partido.

Afasto-me da porta, percorro o quarto. As passadas rápidas fazem eco no silêncio. Deixei o telemóvel na cozinha. O *router* de Wi-Fi do piso térreo está desligado. Não tenho forma de ligar para ninguém.

O que faço?

Tenho de sair à força. Observo a porta, examinando-a: carvalho sólido, sem pontos fracos. Não vou conseguir abri-la com o ombro. E se usar a cadeira do escritório como arÍete, irá partir e desfazer-se antes de a porta ceder.

Tenho de me concentrar no mecanismo da fechadura.

Puxando com força a gaveta, identifico todos os instrumentos potenciais: canetas, um par de tesouras, cliques de papel, uma régua metálica. Agarro nesta e volto de imediato para a porta, agachando-me e tentando passar a régua pelo intervalo entre a ombreira e a porta.

É demasiado grossa! Não há espaço para a enfiar. Mesmo se houvesse, não faço ideia como empurrar a tranca metálica.

Deixo cair a régua e espalmo as mãos contra a porta, alisando-a sobre a superfície polida como se intuísse uma resposta divina.

Tenho a boca seca e a língua espessa contra o céu da boca. Um copo cheio de água torna-se um desejo agudo. A sede despoleta um repente de pânico: e se não conseguir sair?

Pode demorar dias até notarem a minha ausência.

Agarro no puxador e puxo, empurro, sacudo-o.

Esta merda não funciona!

Lanço-me contra a porta, atirando o ombro com força. Uma dor profunda invade-me o braço. Recuo e lanço-me uma segunda vez contra a porta.

Repito e repito até sentir os músculos e os ossos e a pele do ombro a arder, pisados.

*

Estremeço de frio junto à porta, apertando o peito. O vento investe contra a parede envidraçada, e o ar frio da noite penetra no quarto. Deve ser uma da manhã. O aquecimento só voltará a ligar às seis.

Esfrego os braços para me manter quente, e algures lá em baixo ouço um ruído. Um batimento suave, como um livro que cai ou uma moldura que tomba para trás. Algo sólido.

O pânico toma conta de mim. Estou ciente da minha respiração, superficial e rápida.

Aguardo, à escuta. Surge uma rajada de vento contra vidro e, muito ao fundo, outro som – como o queixume da madeira que é pisada.

Fico muito quieta e atenta.

Nada mais.

Minutos depois, tentando mexer-me, ouço o ranger suave do metal, como as dobradiças de um armário ou de uma porta que se abre.

Alguém caminha no piso térreo.

A minha cabeça começa a rodopiar.

Mas quem?

Flynn ainda tem a chave... da última vez entrou sem avisar.

Ou Mark, que costuma vigiar a casa. Terá encontrado uma forma de entrar?

E Bill? Podia ter tirado a chave extra da escrivaninha ao sair.

Cerro as pálpebras, com o pensamento às voltas, perigosamente. Penso nele. Luke Linden. Mas digo a mim mesma que não é possível. Não pode ser.

Recordo aquela mensagem apagada e insidiosa escrita na janela: *Estou na tua casa.*

Depois ocorre-me um pensamento terrível que me assola. A pessoa que alugou a casa tinha a chave. E se fez uma cópia? Poderá entrar quando quiser.

Agarro nos grossos braços da minha cadeira de leitura, puxando-a e arrastando-a contra a porta do escritório. As pernas sólidas raspam no soalho, deixam marcas na madeira. Encosto-a contra o puxador e assim barrico a entrada.

Fico ali parada, mãos nas ancas, com a respiração entrecortada. E agora?

A tremer, corro para a parede de vidro. Afasto o portátil, subo para a secretária, e abro a janela o mais que consigo. A chuva fustigada pelo vento entra no quarto, e as páginas dos meus livros dançam loucamente nas prateleiras.

Avançando em bicos dos pés, estico a cabeça para fora, a chuva fustigando a minha cabeça, o vento enchendo os meus ouvidos. Seria inútil gritar a pedir ajuda: não estará ninguém na baía a esta hora da noite, e a minha voz não se sobrepõe ao vento. Aperto os ombros para passar pela janela, a chuva entranhando-se na gola da camisola. Serei capaz de sair pela janela se for preciso.

No segundo piso, em baixo, uma varanda acompanha a curva do quarto. As luzes estão acesas e iluminam a varanda, bem como a altura vertiginosa da queda. Quatro metros? Talvez menos? Se não aterrar corretamente, posso partir a perna – ou pior. Não sei sequer se consigo aterrar na varanda. Se me enganar ao saltar, ou for levada pelo vento, talvez nem sequer alcance a varanda.

E acerte nas rochas.

Rios de chuva escorrem pela minha testa, pelo queixo. Tremo sem parar, o caixilho da janela espetando-se desconfortavelmente nas minhas costas. Agarro-me com mais força, com os dedos dormentes do frio, inclinando-me para avaliar as minhas alternativas, procurando vigas ou pontos de apoio que possa usar para descer – mas não existem. Não há forma de escapar.

A minha atenção é atraída pelo movimento no piso inferior. A chuva turva-me a visão mas estou certa de que vejo o balançar de alguma coisa – talvez a borda de um casaco – quando uma figura percorre o meu quarto e desaparece.

Anteriormente

É o penúltimo dia na casa. Estou prestes a partir.

Terei saudades de algumas coisas. A vista será a mais difícil de abandonar. Mantive as janelas abertas quase toda a semana – a novidade do ar fresco do mar invadindo a casa não se desvaneceu. Também sentirei falta da máquina de café. Embora as cápsulas sejam um hábito caro.

Sabem do que não sentirei falta? De todo este espaço. Dos quartos que sinto vazios a ponto de ouvir neles um eco. A tua voz, as tuas próprias passadas, que te seguem para toda a parte. Não sei como aguentas.

Olho para as minhas mãos, examinando os três objetos criteriosamente escolhidos que seguram.

Entro, em primeiro lugar, na sala, enfiando a girafa de brinquedo debaixo do sofá, e deixando um casco à vista. Depois, subo para o teu quarto e coloco um frasco pequeno de cera masculina para o cabelo no fundo da gaveta da mesinha de cabeceira. Por fim, entro no quarto mais pequeno – presumivelmente destinado a um bebé – e deixo o creme para as assaduras da fralda na prateleira debaixo da janela em forma de portinhola.

Pronto. Está feito.

Após a satisfatória minúcia, subo as escadas para o teu escritório. Empurro o puxador, pensando se terei de voltar a trancar a porta antes de partir.

Decido que não, não o farei. As pessoas veem apenas o que querem ver. Quando enfiar a chave do escritório na porta, vais assumir que sempre esteve fechada tal como a deixaste.

Atravesso o quarto e coloco-me diante do baú de carvalho. A tampa continua aberta após a minha visita matinal. Encontrando-me com uma estranha disposição apreensiva, decido espreitar pela última vez as fotografias.

Percorro os álbuns à vez, pensando que os terei examinado a todos, quando encontro outro encaixado no fundo do baú. Não escondido, mas de difícil acesso. Imagino que não o abres há muito tempo.

Tiro-o para fora. Tem uma capa robusta, uma encadernação de pele macia e consumida pelo tempo. Quando o abro noto imediatamente o meu erro. Afinal, não se trata de um álbum de fotografias.

O crepúsculo envolve-me e as tábuas do soalho enregelam-me, mas não me mexo. Permaneço na escuridão calada a sós com este novo conhecimento.

Não posso acreditar.

Mas... faz todo o sentido.

Os meus joelhos estão hirtos quando me endireito. Os pés enchem-se de agulhas e alfinetadas.

Isto muda tudo. Sinto-me idiota, imbecil.

Devia ter desconfiado!

Avanço para a tua secretária, com a raiva enchendo-me o peito, retorcendo-me os músculos, fazendo os dedos curvarem-se sobre si mesmos.

Diante de mim vejo um pisa-papéis – sólido, reluzente, uma joia brilhante no teu escritório. Pego nele.

MENTIROSA. MENTIROSA. MENTIROSA.

Atiro-o para o chão, o baque surdo do vidro sólido contra a madeira. Não se desfaz nem tilinta, como teria sido gostado que acontecesse. Fica apenas parado, com uma fenda nova, um fragmento partido separado do corpo principal.

Elle

O caixilho da janela raspa-me a anca, quando volto para trás. Fecho a janela com um puxão e desço da secretária.

Remexo na gaveta, até os dedos encontrarem o metal duro das lâminas de uma tesoura. Agarro-as, encostando-as ao corpo, atravesso o quarto em busca de mais formas de me defender.

O sangue corre com força pelas minhas veias. Estou a ferver de energia.

Agacho-me ao lado da caixa antiga em que guardo os artigos elétricos e, abrindo-a, descubro um cabo de eletricidade velho. Tem um metro de comprimento, é grosso e apresenta algumas dobras. Puxo-o e envolvo a minha mão nele. Sim, posso usar isso. Imagino o cabo em volta de um pescoço, tornando as veias salientes.

Farei o que for preciso.

Depois encontro um velho *router*, cheio de poeira. Tinha sido relegado para aqui por causa de um fio solto. Perdi horas de vida a tentar ajustar e revirar o cabo sempre que a ligação caía. Ainda posso tentar ligá-lo. Arrasto a secretária para a afastar da parede e aceder à tomada do telefone atrás dela. As mãos tremem-me com tal força que só à terceira tentativa é que consigo encaixar o cabo. Pouso o *router* na secretária e espero que a luz verde se acenda, indicando o acesso à Internet.

Nada acontece.

Trouxe o *router* de Bristol há seis ou sete anos. Sacudo ligeiramente o cabo para tentar realinhar a ligação solta. Costumava usar a técnica de envolver o *router* com o cabo. É o que tento agora, com as mãos trémulas e a respiração pesada.

Uma luz verde solitária começa a piscar tremulamente.

– Sim! – sibilo.

Lançando um olhar por cima do ombro, verifico que a porta está presa e abro o portátil. Sinto as mãos peganhentas do suor, e limpo-as contra as coxas antes de navegar para a configuração do Wi-Fi. Tenho de colocar o candeeiro ao lado do *router* para ler o código minúsculo. Ofegante, escrevo-o no portátil e primo *Enter*.

Fico muito quieta.

Dos pisos inferiores não surge um único ruído.

Por favor, por favor.

O ícone do Wi-Fi aparece na barra de ferramentas. Tenho ligação!

Despacho-me, dedos correm velozes sobre o teclado, abrindo o Skype e ligando para o 112.

Uma mensagem surge no ecrã, indicando que o serviço não aceita chamadas de emergência.

Não!

Raramente utilizo o Skype e não tenho contactos na minha lista. Cerro as pálpebras, ao tentar pensar.

Fiona. Sei o número de telemóvel de Fiona. Escrevo-o no computador e ouço o toque do Skype.

Atende, sim? Atende!

– Elle? – Tem a voz embargada.

– Fiquei trancada no escritório. Está alguém em casa. Por favor. Chama a polícia.

– O quê?!

– Chama a polícia, Fiona. Estou em casa. Trancada no escritório. Ouço alguém no piso de baixo.

– Vou já fazer a chamada! Depois vou ter contigo.

– O Bill está aí?

– O Bill? Claro. Está a dormir aqui ao lado. Ele fica em casa com o Drake.

Desliga a chamada. Sento-me muito quieta à secretária, imaginando Fiona a ligar para a polícia e os agentes a chegarem nos carros com as luzes azuis intermitentes.

E se algo me acontecer antes de eles chegarem?

O medo ronda-me, e ganha terreno.

Recordo o conselho que dei no vídeo do Facebook Live há uns dias. *Para uma escritora, não há más situações: apenas material inspirador.*

Encaro o meu reflexo na parede envidraçada. Sou uma personagem. Isto é uma cena. O enredo desenrola-se à minha volta. Apenas isso. Estou aqui e não estou aqui.

O meu olhar desce para o portátil aberto. Deslizo o cursor para a linha seguinte, coloco os dedos sobre o teclado e começo a escrever.

Ouç o gemer débil da sirene da polícia à distância. O som aparece e desaparece, levado pelo vento.

Graças a Deus, estão a chegar.

A sirene fica mais forte – e cala-se. O acesso, penso. Devem estar no acesso. Não precisam de sirenes no acesso.

Pronto. O som dos pneus no cascalho quando o carro entra no acesso. Ouvem-se portas de carro, passadas longas, vozes abafadas. Respiro de alívio.

Depois, ouve-se um estrondo forte, e sinto a casa abanar. Mais um.

Percebo que se trata da porta da entrada. Estão a arrombá-la.

Ao terceiro estrondo, a porta terá cedido pois ouço-a bater no banco de carvalho.

– Senhora Fielding? – chama o polícia do piso térreo.

Depois ouço a Fiona.

– Elle?

– Aqui em cima! – berro. Afasto o cadeirão da porta, ao sentir as passadas crescerem pela casa.

– Estou trancada! – exclamo. – A chave encontra-se na escrivaninha à entrada...

A porta escancara-se.

Um agente da polícia com cabelo ruivo espesso entra no escritório e varre o espaço com o olhar.

– Está bem, senhora Fielding?

Olho para a porta aberta, espantada com a fechadura. Não encontro chave alguma.

– Como é que fez isso?

O agente encara-me.

– Não estava trancada.

Corro para a porta.

– Claro que estava! Há horas que me encontro aqui presa! Tentei sair... tentei tudo... estava totalmente trancada.

Fiona dá um passo em frente, perguntando:

– Sentes-te bem?

Não respondo. Saio do quarto e fecho a porta. Preciso de testá-la, demonstrar à polícia que estava trancada. Mas quando empurro o puxador, abre-se sem problemas.

Os olhos de todos fixam-se em mim.

– Estava trancada – murmuro.

O agente apresenta-se como Steven Cart.

– É possível que se tenha enganado?

– Não. Trancaram-me aqui dentro! – sustenho o olhar dele, com o maxilar retesado. – A chave do meu escritório, verificaram a escrivaninha? Alguém a usou, sei que sim.

Passando por todos eles, desço as escadas a correr. Abro a escrivaninha, levando a mão ao pote de barro – mas a chave encontra-se ali, precisamente onde a deixei.

Passo os dedos pelo cabelo. Não acreditam em mim – mas foi real. Estava trancada. Vi a tranca corrida, senti a resistência do puxador.

Deparo-me com o meu reflexo no espelho do corredor. A minha vista afundou-se nas sombras das minhas olheiras. Levo as mãos às faces. O rosto parece oco, como se a falta de dormir tivesse esculpido a carne a partir do osso.

Aliso o cabelo, enfiando-o atrás das orelhas, e endireito a camisola. Voltarei acima, e explicarei à polícia.

Nas escadas, paro, ouvindo a voz baixa da minha irmã em tom de confidência.

– Ouve, Steven, ela tem estado sob muita pressão ultimamente. A Elle não consegue dormir. Está a divorciar-se. E está cheia de stresse no trabalho

também.

Dizem outras coisas, que não consigo discernir. Subo as escadas para me acercar, com os dedos deslizando pela parede fria.

– Já aconteceu algo parecido no passado?

Surge uma pausa. Depois escuto a voz de Fiona, baixa, urgente – mas não percebo o que diz.

Fico imóvel, com a respiração suspensa, esforçando-me para escutar.

O momento interrompe-se quando o agente desce as escadas, passando por mim e anunciando:

– Vou verificar se há sinais de entrada forçada.

Quando alcanço o cimo, componho a expressão para parecer calma. Fiona sorri-me, apertando-me rapidamente a mão.

O agente Steven Cart pede:

– Gostava que me contasse o que aconteceu. – Retira uma agenda eletrónica do bolso. – Durante quanto tempo estive no quarto?

Noto a ausência da palavra *trancada*.

– Não sei... fui para lá no início da tarde. Ainda havia luz. Talvez umas dezasseis horas. Mas depois descí para abrir a porta. O meu vizinho Mark fez-me uma visita breve. Depois o meu cunhado, o Bill. Seriam talvez oito quando voltei ao escritório.

– O que a fez crer que havia um intruso?

– Trabalho com os auscultadores nos ouvidos. Foi só mais tarde, quando terminei e tentei sair do quarto, não conseguindo, que ouvi um barulho.

– Que tipo de barulho?

– Como se algo caísse ao chão, talvez um livro. E tenho a certeza que ouvi uma porta a fechar-se.

Mantém-se impassível, mas percebo que não ficou convencido.

– Também vi uma figura. Um movimento pela janela. Alguém estava no meu quarto.

– Através desta janela? – pergunta o agente Steven Cart, aproximando-se da parede de vidro.

– Sim.

Examina-a, como se contribuísse para identificar o intruso.

– Conseguiu ver o seu quarto a partir daqui?

– Inclinei-me para fora.

Ele sobe para a secretária, com o peso dele fazendo estalar o móvel. Abre a janela, deixando entrar novamente chuva e vento.

– Cuidado com o portátil – peço, mas ele estica a cabeça para fora da janela e espreita.

Alguns instantes depois recolhe a cabeça e fecha a janela.

– O meu quarto fica diretamente por baixo, na zona da varanda. Vi alguém andar pelo quarto. Vi a silhueta contra a luz.

Ele observa-me.

– A luz está apagada.

Hesito.

– Mas estava ligada. A luz do meu quarto estava sem dúvida ligada. Talvez... talvez tenha sido desligada pelo outro agente? Ou talvez tenha sido o intruso. Não sei.

O agente Steven Cart desce com cuidado da secretária. Faz uma pausa, olhando para o meu portátil aberto.

Quando se vira para mim, a expressão alterou-se.

– O que é isto?

– Oh... apenas... sou escritora – digo, como se explicasse tudo.

Os olhos estreitam-se, avaliando-me.

O outro agente regressa, dizendo:

– Tens de ver isto.

Sinto uma pontada de satisfação. Haverá provas – algo que fará com que me levem a sério.

O agente conduz-nos para o piso térreo, com o odor da carpete molhada envolvendo-nos ao passarmos pelo patamar do primeiro piso, desaparecendo a seguir quando chegamos ao rés-do-chão. Virando para a esquerda no final das escadas, o agente abre a porta da sala.

Sob as luzes do teto, o chão brilha com os fragmentos dos estilhaços. A estrutura de madeira da mesa encontra-se exposta, como se preparada para receber um peso. O resto da divisão apresenta-se imaculado.

O agente Steven Cart pergunta:

– O que aconteceu aqui?

Hesito, com o pensamento voando para Bill. Olho para a minha irmã. A expressão dela não revela nada. Terá o Bill contado o que aconteceu?

Volto-me para o agente Steven Cart, encarando a sua pele pálida e balofa e as veias salientes na ponta do nariz. Da última vez que falei com um

polícia, há mais de uma década, debaixo de luzes fluorescentes, estava sentada numa cadeira de plástico de uma sala de interrogatórios, sentindo o suor alheio no ar.

Tal como então, este homem vai analisar-me, avaliar se for de confiança, se a minha palavra tem valor. O que verá ele quando olha para mim?

Se teimar na verdade, acreditarão em mim?

Olho para a mesa desfeita.

– Não sei o que aconteceu.

O agente Steven Cart desloca-se cuidadosamente pela sala, examinando-a.

O colega diz:

– Não há sinais de entrada forçada. Está tudo fechado.

– Mais alguém tem chave?

– Ninguém – explico claramente.

– E não deu a chave a ninguém recentemente? A um vizinho? A uma amiga? Ou deixou uma chave extra debaixo de um pote ou algo assim?

– No mês passado coloquei a casa para alugar no Airbnb. É a primeira vez que faço isso. Talvez os arrendatários tenham feito uma cópia e entrado em casa.

O agente Steven Cart pergunta:

– Quem alugou a propriedade?

– Uma mulher chamada Joanna Elmer. Tenho tentado entrar em contacto com ela mas a conta do Airbnb foi cancelada.

Ele anui.

– Sabe de algum motivo pelo qual ela quisesse voltar para a propriedade?

– Que me ocorra, não.

Atrás de mim, Fiona pergunta:

– E o Flynn? Ele não tem ainda a chave?

– Flynn? – repete o agente Steven Cart.

– O meu marido. Bem, ex-marido, mais ou menos. Estamos separados. Sim, esqueci-me. Ele tem uma chave.

Arqueia a sobrancelha, como se este fosse o primeiro elemento interessante.

– E as coisas estão amigáveis entre vocês?

Sinto o olhar de Fiona em mim.

– Bem, não precisamente. Mas ele jamais entraria na minha casa.

– Ele não usou a chave há quinze dias? – pergunta Fiona.

Lanço-lhe um olhar.

– A mãe acabara de falecer – explico aos agentes. – Foi uma circunstância invulgar. Entrou em casa minutos antes de eu chegar.

– Gostava de ficar com os dados dele, para dar seguimento.

– Não, não quero que lhe liguem. O Flynn jamais entraria na minha casa assim. Sei disso.

Foi um erro ter mentido sobre a questão da mesa. Agora, só me apetece que a polícia se vá embora.

– Obrigada por terem vindo, mas preciso de descansar um pouco.

Sinto os olhos de Fiona atentos em mim.

O agente Steven Cart troca um olhar com o colega e diz:

– A fechadura da sua porta de entrada está partida porque tivemos de arrombá-la. Era aconselhável ter alguém que lhe faça companhia esta noite, e amanhã chame um serralheiro.

– Não tens de ficar – digo a Fiona, cingindo-me com os braços. Vesti uma camisola grossa e liguei o aquecimento, mas não consigo afastar o frio.

– Claro que fico – Fiona pega numa garrafa de *gin* e em dois copos. Desloca-se sem atrapalhões pela minha cozinha, vertendo bebida nos copos, tirando cubos de gelo da gaveta do congelador. Escolhe uma faca do suporte e corta duas rodela brancas de pepino, enfia-as nos copos, e o líquido fica efervescente. Empurra um copo para mim.

Não me apetece mas bebo um golo, o travo amargo golpeia-me a garganta. Pouso o copo.

Fiona encosta-se ao balcão, avaliando-me. O olhar fixo é enervante. Tira a rodela de pepino com os dedos e coloca-a na boca, mastigando-a calmamente.

– A pergunta é esta, Elle. O que me intriga é o seguinte: porque mentiste à polícia?

– O quê?

– A tua mesa de apoio não foi partida por um intruso. – Tem o olhar direto e inamovível. – Quando o nosso marido volta para casa com fragmentos de vidro no pulôver, normalmente queremos saber porquê.

Ali está, o instinto jornalístico dela para sacar a história.

Fiona pega na faca da tábua de cortar. Vira o cabo entre os dedos.

– Oferecemos-te este conjunto, eu e o Bill. Foi uma prenda de casamento. O Bill passou horas a fio à procura das melhores, das mais adequadas, das lâminas mais resistentes. São feitas de cerâmica para a faca não reagir com a comida.

Um silêncio frio espalha-se como gelo que se parte.

Fiona avança na minha direção – estou ciente do meu corpo ficar hirto – mas passa por mim, dirigindo-se para o lava-louça, abrindo a torneira e lavando a lâmina. Pega numa toalha e, cuidadosamente, seca a faca, antes de a repor no suporte. Encosta-se ao lava-louça e cruza os braços.

– Porque mentiste à polícia?

– Queria que acreditassem que houve um intruso.

– E houve?

– Não acreditas em mim?

– Devia? Ligas-me a dizer que estás trancada no escritório, mas a porta estava aberta. Depois, levas a polícia a pensar que este intruso misterioso partiu a tua mesa de apoio, quando foste tu quem empurrou o meu marido.

Engulo em seco com dificuldade. Relembro a explosão de vidro, o choque na expressão de Bill.

– O Bill está bem?

Fiona examina-me.

– Pensaste que ele estava atirar-se a ti.

– Eu...

– Nem todos ficam apanhadinhos por ti, Elle.

Retraio-me, magoada.

– Foi um erro. Apenas uma reação.

– Excessiva. – Segue-se uma pausa. – Tudo isto... pensares que estavas trancada no escritório, desconfiares do Bill, teres uma fixação por pisa-papéis partidos e broches roubados... está tudo na tua cabeça.

Ela encara-me demoradamente. Não sei o que vê, porque a expressão dura suaviza-se e é substituída por algo pior.

Pena.

Sinto a repercussão daquelas palavras quando dá um passo em frente e aperta as minhas mãos, assegurando-me de que as coisas irão melhorar, *Está tudo na tua cabeça*. As ondas espalham-se, despejando-se sobre a

memória, soltando os sedimentos acumulados. Portanto, quando encaro o fosso do meu passado, a memória encontra-se ali, sólida e concreta.

2004

Elle abriu a porta da residência de estudantes, tendo de desviar o monte de cartas para o lado. Caminhava há horas, tendo saído dos limites da vila, passando pelas docas, com os pés esmagando o cimento. Começara a chover – tinha saído sem casaco – e agora tinha o cabelo ensopado até às raízes e os ténis completamente encharcados.

Desviando-se da bicicleta de Louise no corredor, entrou na sala, onde o ar cheirava a comida. Da cozinha vinham o silvo de uma chaleira a ferver e as vozes das colegas. Disse «olá» em voz alta, parando junto ao radiador onde abriu espaço ao lado de uma toalha de ginásio para secar as meias. Enquanto as descalçava, ouviu a voz de Lousie. Tinha uma tonalidade de surdina, alertando-a para o facto de a conversa não se destinar a ouvidos alheios.

– A mulher dele está grávida de oito meses. Imaginam como se deve estar a sentir?

– É horrível! Quanto tempo é que julgam que ficará suspenso de dar aulas? – A pergunta vinha de Claire, uma rapariga calada de Northumberland que Elle reconfortara durante os fortes ataques de saudades de casa.

– Talvez até se resolver o caso.

Seguiu-se uma pausa. Depois Claire perguntou:

– Contaste-lhe? O que disse ela?

Elle ficou muito quieta. Ouviu um armário a ser aberto, o tilintar de duas canecas a serem pousadas, o arrastar da gaveta dos talheres.

Louise deve ter dito que sim com a cabeça, porque Claire voltou a falar, a voz suave com empatia.

– Não te sintas mal. Era a tua obrigação.

– Eu sei, eu sei. É a polícia.

Claire perguntou:

– Acreditas nela?

Houve um silêncio demorado. Elle sentiu a pulsação na garganta enquanto aguardava.

Depois a resposta de Louise.

– Está tudo na cabeça dela.

Elle

Na escuridão púrpura das cinco da manhã, pingos de suor acumulam-se entre os meus peitos. Desvio o edredão e endireito-me, afastando o cabelo da cara. A minha respiração é apressada, como se tivesse concluído uma corrida.

Oxalá não tivesse despachado a Fiona para casa. Devia ter aceitado a oferta dela.

Aproximo-me da porta do quarto e empurro o puxador. Abre-se sem problemas. Precisava de confirmar.

Teria estado trancada no escritório?

Algo nesta casa se encontra diferente desde o Airbnb. Sei disso, mesmo não sendo capaz de articulá-lo com clareza. Uma sensação gélida nas entranhas do lugar. A atmosfera... mudou. É a única forma de descrevê-lo, como se a casa me tentasse passar uma mensagem.

Quem quer que tenha aqui pernoitado vasculhou os quartos, abriu as minhas gavetas, espreitou nos meus armários da cozinha, bebeu das minhas canecas, dormiu na minha cama.

Nesta cama.

Que mais terão feito que ainda não descobri?

Todos os vestígios de dedadas é uma indicação de que esteve aqui uma pessoa estranha.

Ainda aqui está.

*Estou
na
tua
casa.*

O cansaço arde como uma luz brilhante atrás dos meus olhos. Não sei se é seguro conduzir, mas é o que faço. Preciso de sair da casa. Mantenho as janelas abertas para sentir o ar húmido da manhã no rosto. O rádio berra enquanto agarro com força o volante.

O serralheiro apareceu ao nascer do dia e substituiu as fechaduras das duas portas, a de entrada principal e a das traseiras, enquanto lhe passava um cheque que não garanto que tenha fundos.

Sinto-me aliviada por não ter indicado os dados de Flynn ao agente Steven Cart. A última coisa de que precisa na vida é de ser assediado pela polícia. Ligo para o número de Flynn no telefone do carro e ouço o sinal de chamada, o clique ao saltar para o correio de voz, a sua voz arrastada pedindo para deixar uma mensagem.

– Flynn. Sou eu. Novamente. Preciso de saber que estás bem. Que *nós* estamos bem. Por favor, liga-me...

Estaciono diante da farmácia. Olho-me no retrovisor – notando as sombras profundas em volta dos olhos e o ar pálido da pele. Desço o olhar bruscamente.

O odor dos produtos antissépticos mistura-se com os sabões perfumados quando entro na loja. Soporíferos, é o que preciso. Não posso adiar mais. Preciso de ajuda química.

Escolho uma embalagem, mais alguns artigos de higiene pessoal, e levo-os para a caixa. A empregada, uma senhora na casa dos sessenta anos, com cabelo preto curto, sorri-me.

– Elle Fielding, certo? A escritora.

Pestanejo repetidamente, sentindo-me tão afastada desse papel neste instante.

– Sim – respondo, adornando a minha expressão com um sorriso.

– A minha filha emprestou-me um exemplar do *Medo Selvagem* nas férias – diz ela, passando os artigos pelo leitor da caixa. – Adorei. Não conseguia parar de ler. Encomendei meia dúzia de livros para oferecer aos amigos no Natal.

– Que simpático da sua parte. Obrigada. Quando voltar, autografo-os, se quiser.

– A sério? É muito atenciosa.

Entrego-lhe o cartão de crédito.

Após alguns instantes, ela olha para cima, corando ligeiramente.

– Peço desculpa mas o seu cartão foi recusado.

– A sério? – As minhas faces enchem-se de cor. Vasculho na bolsa. – Pago em dinheiro. – Retiro a carteira, conto as moedas e percebo que não é suficiente. – Vou deixar isto aqui – indico, afastando para o lado o champô e o condicionador de cabelo.

Entrego-lhe uma mão cheia de moedas para os soporíferos mas apresso-me, constrangida, e o dinheiro espalha-se pelo balcão.

– Oh, desculpe! – Fico ainda mais vermelha, enquanto tento apanhar as moedas.

É um alívio finalizar a transação. Ao afastar-me, ouço passinhos atrás de mim.

– Tia Elle!

Drake corre pelo chão da loja, com os braços baloiçando e rosto radiando alegria. Ponho-me de cócoras e envolvo-o com um abraço. Sinto o cheiro doce a biscoitos. A proximidade física do miúdo desata um nó no meu íntimo e sinto as lágrimas surgirem. Concentro-me num ponto fixo atrás de Drake para não chorar.

– É a tia Elle! – anuncia Drake com vivacidade quando Fiona e Bill se aproximam.

– Pois é – diz Fiona.

Segue-se um momento constrangedor, pois ninguém sabe como reagir. Bill concentra-se nos quadrados do chão.

– Pensei que estarias a escrever – diz Fiona.

– Estou a caminho da biblioteca. Hoje vou trabalhar lá.

Fiona arqueia o sobrolho.

– Por causa da noite passada?

– Mudança de cenário – respondo, sem a encarar nos olhos. Não sou capaz de admitir à minha irmã que não quero estar em casa. Não sou capaz de aguentar mais um dia, mais uma hora, sozinha. Preciso de ter pessoas à volta. De concentrar-me. Eu...

A mão de Fiona agarra-me o braço.

– Sentes-te bem?

Tenho a respiração audível e entrecortada. Como se não houvesse ar suficiente no espaço. Concentro-me intensamente em respirar de forma lenta e regular.

– Estou ótima – consigo responder.

Ela olha para os soporíferos que ainda seguro na mão. Não faz comentários.

Não quero sentir esta tensão horrível com a Fiona – nem com o Bill. São demasiado importantes para mim.

– Mais uma vez obrigada por teres aparecido ontem à noite. Desculpa estar em baixo de forma nos últimos dias. Mal cumpra o prazo, voltarei ao normal. Prometo.

A expressão de Fiona suaviza-se.

– Ouve, vamos almoçar numa pizaria. Apetece-te?

Adorava acompanhá-los e ouvir o Drake falar sobre as suas escavações, vê-lo desfazer a piza em pedacinhos, retirando criteriosamente todos os vestígios de orégãos, pensando que são, afinal, vegetais.

– Adorava, mas...

– O livro.

– Desculpa.

Drake puxa a mão de Fiona, dizendo:

– Anda, mãe, olha. Ben-u-ron!

Os dois desaparecem, e Bill e eu ficamos sozinhos.

Bill finge estar concentrando no conteúdo da prateleira ao lado dele, repleta de fraldas para a incontinência.

– Ouve, ontem... eu estava... – começo, nem sabendo como explicar. – Totalmente desvairada.

– Não precisas de pedir desculpas.

– Mas quero. Desculpa, Bill. Não sei o que me deu. É como... não sei... como se ficasse fechada na minha cabeça às vezes e...

– Está tudo bem.

– Não. Não, não está. Passei-me... e quem pagou foste tu. Não é justo.

– Se vamos ser completamente sinceros – diz, soltando um relance por cima do ombro para o fundo da loja, onde Fiona anui a um comentário de Drake –, fica a saber que tinhas razão em me teres visto a rondar a tua casa há umas noites.

Pisco os olhos.

– Fiz uma espera ao Mark. Queria discutir com ele, mas vi que a mãe estava em casa e não me pareceu que fosse correto. – Encolhe os ombros. – Ainda bem. Decidi não contar à Fiona que sei tudo sobre o Mark.

– A sério?

Ele anui.

– Se preferes assim.

– Prefiro.

Depois a expressão alegra-se como se tivesse ficado aliviado pelos esclarecimentos.

– Amigos novamente?

– Sem dúvida.

Bill dá um passo em frente, estendendo os braços.

– Vou dar-te um abraço. Sem empurrões, pode ser?

É uma brincadeira, mas o assunto ainda está fresco e as palavras magoam.

O ar parado no interior da biblioteca acolhe o odor mofento dos livros de bolso. Laura e Maeve atendem no balcão principal. Laura olha para cima, vê-me, acena-me. Aceno em resposta. Ao afastar-me, vejo que trocam um olhar e sinto o espanto no rosto de Maeve.

Fico intrigada com aquela expressão por um instante. Talvez se perguntem porque trabalho aqui e não em casa.

Encontro uma mesa encostada à parede do fundo. Quero sentir-me rodeada de pessoas – mas sem ser incomodada.

Agarro no telemóvel e tiro uma fotografia da mesa para a publicar no Facebook. *Hoje trabalho na biblioteca porque às vezes precisamos de um cenário diferente.*

Preparo-me para premir «Publicar» mas hesito. As palavras de Flynn ecoam-me no íntimo.

Tudo o que escreves deixa um rasto.

Se publicar isto, não só informo o mundo de que estou a trabalhar na biblioteca como também que não me encontro em casa.

Uma ideia irrompe, com um peixe, nos meus pensamentos. Uma experiência. Guardo o texto, sabendo que só precisarei de o publicar amanhã.

Depois, levanto a tampa do portátil e enfio os auscultadores.

Falta uma semana.

O pânico invade o meu peito, apertando, comprimindo-o.

Preciso de me manter calma e concentrada.

Escolho a lista de música para ouvir. Uma canção etérea neoclássica pulsa nos meus ouvidos e pouso as mãos na mesa. Os olhos ardem-me, como se tivessem areia, quando baixo as pálpebras, para olhar para o ecrã.

Uma combinação de música envolvente, o cenário da biblioteca, a ausência da minha casa, parece unir-se e eu, felizmente, encontro-me e começo a escrever, regressando aos poucos à história.

Não sei há quanto tempo estava a escrever quando sinto passos ligeiros nas minhas costas. Com os auscultadores postos, não sou imediatamente alertada para a presença de alguém – só quando reparo no reflexo do ecrã é que paro e olho em volta.

Maeve encontra-se a poucos passos de mim. Tem o olhar fixo no ecrã.

Retiro os auscultadores.

– Maeve?

– Não queria interromper-te... parecias tão concentrada. O segundo livro é outro *thriller* psicológico?

Anuo, baixando o ecrã do portátil.

– Deve ser difícil, manteres-te num estado de tensão constante, de *suspense*.

Que comentário bizarro, penso.

– O *suspense* existe apenas na escrita.

Algo na sua postura – na forma como me observa – é-me familiar mas não consigo localizar de onde. Tudo demora a formar-se, a lentidão de outra noite mal dormida, de percorrer o quarto de hóspedes durante as profundezas da noite, de me contorcer em lençóis quentes e enovelados.

– Como te sentes? – adianta Maeve. – Depois da noite passada?

– Desculpa?

– Steven falou-me do ocorrido.

Steven?

Preparo-me para lhe dizer que não entendo a pergunta dela quando se faz luz. Maeve é casada com um agente da polícia. Steven. O agente Steven Cart.

Deve ser contra as regras da confidencialidade partilhar com a mulher os pormenores de um pedido de socorro. O que lhe terá contado? Que sou uma escritora histórica que julgava ter ficado trancada no escritório?

– Está tudo bem. Foi um equívoco – sorrio, mas começo a pensar a quem ela terá contado. Laura? Ao resto do clube de leitura? Acrescento com vivacidade: – É tudo diferente à luz do dia.

– Isso é verdade – concorda com um tom de voz tão pesado que fico intrigada, sem saber o que significam estas palavras para ela.

Elle

Confia nos leitores. Sussurra as pistas e não adiantes mais nada.

Elle Fielding (autora)

No túmulo selado das três da manhã, ouço o trovejar do meu coração. Demasiado acelerado, como se tivesse corrido. Como se não conseguisse respirar devidamente.

Tenho a forte sensação de algo desalinhado.

O manancial de coisas que me preocupam a esta hora: o prazo do livro; os pagamentos do empréstimo que não cumpro; a possibilidade cada vez mais certa de perder a casa.

Mas o que me prende e impede de adormecer, o que me faz suar na dobra dos joelhos, é mais profundo e fundamental do que tudo o resto.

É como se o passado estivesse quase a alcançar-me.

É uma corrente que corre pelos canais mais recônditos da minha pessoa. Uma sensação aguda de apreensão, de expectativa.

A sensação de que irei pagar por aquilo.

A casa enche-se de sol; entra nos quartos, arejando-os, iluminando-os. Mas permaneço na sombra do corredor, fitando a porta de entrada.

Está trancada. Verifiquei duas vezes. Tal como a da cozinha. As janelas. A adega. Todas, verificadas duas vezes, fechadas.

Ninguém pode entrar.

Tenho o carro estacionado numa estrada lateral a dois quilómetros da casa. Deixei-o ali durante a manhã e voltei a correi pela baía.

O acesso não tem carros.

Estou pronta.

Retiro o telemóvel do bolso e abro o Facebook, avançando para o rascunho que escrevi ontem. Mudo a legenda e primo *Publicar*.

Vou trabalhar na biblioteca o dia inteiro. Armada apenas com o portátil, um par de auscultadores e uma garrafa de água. Medidas austeras em ação. Não me levanto da mesa nem ligo o telemóvel nem vou buscar café até ter escrito três mil palavras. Desejem-me sorte!

Se alguém seguir os meus movimentos através dos textos nas redes sociais, é praticamente um convite.

Passo a manhã a tentar perder-me nas vidas das personagens, mas a cada ruído que a casa emite – o suspiro do aquecimento a ser ligado, um ranger da madeira, as vibrações dos painéis de vidro quando os aviões rasgam o céu – obriga-me a parar, virando a cabeça para a origem do som.

Talvez fosse ridículo ter estacionado tão longe da casa, para fingir que me encontrava na biblioteca. Agora, terei de ir buscar o carro ao final do dia.

Se pudesse ao menos conseguir dormir uma noite inteira – quatro ou cinco horas seguidas, sem interrupções – seria como premir um botão de «atualizar». Tomei um comprimido para dormir ontem à noite, mas pouco efeito surtiu, deixando-me mais sonolenta do que descansada.

Tamborilo os dedos na secretária, e levanto-me. Preciso de fazer um intervalo. Espairecer da minha própria cabeça.

Desço a escada, com as tábuas de madeira ainda manchadas da água. O fedor a humidade da carpete piorou e sei que terá de ser levantada para o soalho respirar. Demasiadas coisas em que pensar. Tudo é demasiado para mim.

Na cozinha, encho a chaleira. Enquanto aguardo que ferva, encaro o mar. As ondulações correm para a praia, os corpos envoltos em neopreno dos surfistas pontilham a rebentação. Na costa, alguém caminha com passos largos.

Recordo que não tenho mantido a disciplina dos meus banhos de mar. Tenho-me esquecido de tudo. Esqueço-me de fazer aquilo que me torna feliz, que me prende ao mundo. O círculo de referências encolhe, aperta-se, e é como se fosse apenas esta casa, o meu livro, as minhas personagens. Eu.

Quando a água na chaleira começa a ferver, preparo uma chávena de chá. O olhar regressa à figura na praia. Observo com interesse desprendido o seu progresso até ao final da baía, debaixo da minha casa. Mas, ao invés de voltar para trás e fazer o caminho de volta, a figura aproxima-se da linha da falésia, parando em frente da pequena placa junto aos degraus de pedra que indica: *Limitado a Acesso Privado*.

Talvez seja o Mark. Vi a mota dele ao início do dia, portanto ainda não partiu para Londres.

O vulto começa a subir pelos degraus de pedra com passadas fortes e determinadas, e os olhos no caminho. Só quando alcança o topo e olha para cima, é que noto o ângulo do rosto, a barba rala do queixo, a curva do cenho: Flynn.

O meu primeiro impulso é de levantar a mão e acenar-lhe através da janela. Flynn está cá!

Mas algo me impede. Intriga-me o facto de ter escolhido deixar o carro tão longe da casa, bem como usar a entrada das traseiras e não a principal... e porque não me ligou a dizer que viria?

Vendo-o percorrer a parede lateral da casa, escondo-me atrás da mesa da cozinha, atenta à janela.

Ouço os passos dele pelo trilho – depois param à porta da cozinha. Vejo-lhe o rosto junto ao vidro, formando uma nuvem de condensação.

Mantenho-me totalmente imóvel, com a respiração suspensa. Ele ainda não me viu.

Mais alguém tem chave?, perguntara o agente Steven Cart.

Recordo o final de dia em que voltara para casa e descobrira que Flynn tinha entrado sem permissão. Tinha-o ouvido no escritório. O que tinha ele dito? Procurava fotografias da mãe – mas não trazia nenhuma na mão.

Regresso à imagem da palavra *MENTIROSA* gravada na secretária. Flynn dedicara horas a restaurar a secretária para demonstrar o seu amor por mim. Talvez o tivesse magoado a ponto de querer substituir essa mensagem por outra.

Irrompe, então, uma memória vívida: *Mentiste-me, Elle*, dissera Flynn. Quase em cima de mim, o peito dele forçando-me contra a berma da mesa do restaurante. O encontro fora sugerido por mim, para falarmos. Pareceu-me uma boa solução; o lugar público manteria a discussão controlada, enquanto a intimidade do nosso apartamento permitiria que a conversa derrapasse para territórios mais arriscados.

Flynn viera diretamente de um trabalho, trazendo umas botas com biqueira metálica e uma *t-shirt* rasgada no decote. Tivera tempo suficiente para passar pelo apartamento, tomar duche e trocar de roupa, mas percebi que estava a passar uma mensagem. Dizia, *Vês, não fui eu quem mudou*.

Fiquei cinco noites em Nova Iorque, na digressão do lançamento do meu livro, autografando centenas de exemplares em lojas fortemente iluminadas, enquanto o meu casamento se desfazia em casa. No voo de regresso, escrevi uma lista de temas que abordaria com o meu marido. Contar-lhe-ia que tinha encontrado uma pastelaria que vendia dónutes com sabores distintos para cada um dos estados norte-americanos; que a minha relações públicas nos EUA também estava casada com um *cirurgião de árvores* e – vê bem – *chama-se Woody!* Iria dizer-lhe que os construtores haviam falado comigo e que terminariam no final do mês. Iria perguntar-lhe calmamente se teve oportunidade de procurar trabalho mais próximo da Cornualha.

Mas quando alcancei essa parte da conversa, Flynn afastou o prato, olhou para as mãos entrelaçadas e anunciou:

- Não tenho a certeza.
- Sobre o quê?
- Se quero isso. A Cornualha.
- Desculpa?

O meu tom foi o errado. A resposta saiu-me com arrogância, como uma professora a castigar o aluno. Vi a mudança nas feições de Flynn, a forma como a cabeça se virou e o olhar ficou tempestuoso.

– Não quero isso – venceu. – O casarão. A cozinha modernaça. A merda da cama enorme. Alguma vez sonhámos com isso?

Pisquei os olhos, espantada pela súbita confissão. Tinha trabalhado incansavelmente na casa, pondo de lado a minha escrita para tomar decisões sobre as luzes e os azulejos e os sistemas de aquecimento.

– Devias ter dito mais cedo, então.

– Quando? Nunca te vejo. Estavas em Nova Iorque. E antes disso, Frankfurt. Depois de ida e volta da Cornualha...

– ... para tratar da casa. Prepará-la para nós. – O *jet-lag* combinado com o vinho tornava a conversa algo surreal, como se a assistisse remotamente.

– Tem cinco quartos, Elle – disse ele, olhando para mim, com as pupilas iradas, retraídas.

Era inútil termos vindo para um restaurante; sabia para onde a conversa se encaminhava. O mesmo destino que marcava todas as interações.

– Pensei que viveríamos numa casinha simples e cheia de miúdos – disse ele.

Deu um murro na mesa.

– Cometi um erro!

– Não é o aborto. Nunca foi isso. É que conseguiste mentir-me com... com tanta facilidade. – Inclinou-se para mim, fazendo a mesa baloiçar. – Mentiste, Elle. Sempre.

Agora ouço o pisar das botas de Flynn ao percorrer o trilho empedrado.

Será que me guarda tanto rancor que pretende desfazer a casa que consegui construir? Forçar-me a largá-la? Sei que lucraria no acordo de divórcio se eu a vendesse. Talvez se resuma apenas a dinheiro?

Batem à porta. Três embates do batente: um lento, dois rápidos. A forma de Flynn se anunciar.

Fico muito quieta.

Flynn não sabe que troquei de fechadura recentemente. Espero pelo som da chave, o raspar do metal.

Passado um minuto, bate novamente.

Não respondo e ele recua. Desloca-se pelo caminho lateral. Desta vez não para na porta da cozinha mas regressa pelo caminho que tomou e desce os degraus de pedra para a baía.

Vai-se embora.

Saio do esconderijo e aproximo-me da janela. Vejo-o alcançar a praia, mãos enfiadas nos bolsos, ombros esticados contra o frio.

É apenas Flynn. O meu Flynn. Quis ver-me – e eu escondi-me dele.

Desço os degraus rochosos a correr.

– Flynn! Espera! – chamo-o mal os pés alcançam a areia.

Ele vira-se, o rosto mostrando espanto.

– Elle! Estavas em casa. Bati... mas...

– Não tens carro?

– Estacionei no outro lado da baía. Queria dar um passeio. Precisava de clarear as ideias, encontrar uma forma de te dizer que me portei como um imbecil no funeral da mãe – sorri timidamente.

– E conseguiste?

– A bem dizer, não, mas podemos caminhar um pouco e tentar falar?

Chovera fortemente durante a noite, mas a manhã apresenta uma paisagem limpa, o céu de um azul brilhante e nítido. À nossa volta, tudo está húmido, o vapor que se ergue da areia banhada pelo sol, subindo pelas dunas, os compridos caules da vegetação esticados em direção da luz dourada de inverno. A temperatura descera e há uma claridade gélida no ar. Presencio as notas salgadas da rocha molhada, sinto o ozono da brisa marítima, o aroma salgado da areia molhada.

Enterro as mãos nos bolsos do casaco, acompanhando o passo de Flynn.

– Como te sentes? Suponho que a Rea se terá ido embora.

– Voltou para casa há uns dias. Conseguimos esvaziar a casa enquanto cá estive. Vai ser posta à venda durante a próxima semana.

– Já? – pergunto, espantada. – Foi difícil tratares das coisas da tua mãe?

Ele fita a água.

– O mais difícil foi ter entrado e saber que ela não se encontrava, nem nunca mais iria voltar.

Anuo.

– Guardámos bastante – diz Flynn. – Recordei todas as caixas da tua mãe que enfiámos no apartamento.

– Flynn – digo, virando-me para ele. – Só quero que saibas, lamento imenso não ter estado presente no funeral da tua mãe.

– Por favor. Esquece. Fazes-me sentir pior. Sou eu quem tem de pedir desculpas. Tudo o que eu disse não tem desculpa. – Tira o gorro de lã da cabeça, passa os dedos pelo cabelo e volta a enfiá-lo.

Caminhamos em silêncio. Ocorre-me uma frase do meu romance, depois um parágrafo – e quero sustê-los no pensamento, examiná-los – mas também os quero largar, para não me ausentar deste instante.

Flynn afasta-se do caminho que seguimos, dobrando-se para examinar algo na areia. É um nó de linhas de pesca, os pedaços brilhantes da roldana, um anzol enferrujado. Pega neste amontoado e enfia-o no bolso para o deitar no lixo mais tarde.

Com esse gesto calado – que fizera centenas de vezes ao retirar garrafas, sacos de plástico e embalagens de comida de todas as praias que visitámos – percebo o homem que é.

Ondas joviais banham a costa, e tudo à nossa volta se torna visceral, acutilante. Ouço o esfregar do tecido entre o braço de Flynn e o seu tronco, o pisar da areia sob as minhas botas, a inspiração das ondas que regressam ao mar e que reviram pedras e conchas, a efervescência da espuma branca.

Caminhando por esta beleza anunciada, encontro-me muito consciente de que algo correu mal. A minha vida devia estar cheia daquilo que agora me rodeia: Flynn, o mar, a escrita – mas não assim. Muito pelo contrário. A agulha saltou do disco e toca a música errada. Mas mais ninguém na sala reparou. Todos continuam a dançar e eu fico parada no meio, à espera de que alguém, qualquer um, perceba que o meu sorriso é falso.

– Elle? – Ele virou-se e observa-me, com a cabeça inclinada de lado.

Tenho lágrimas no rosto.

– O que foi, Elle?

À nossa frente, um corvo pula pela areia molhada, o bico preto esticado ao grasnar. Reparo na minha casa ao longe. Fico subitamente espantada com a sua dimensão, a sua escala. Tem um ar obscuro de tão perfeita que é nesta falésia natural e escarpada. Uma marca de riqueza, de desejo, de propriedade. Sinto-me com lentes novas, percebendo as coisas de forma mais clara. Não é espaçosa, mas vazia. Tantos quartos por usar destinados às pessoas que me faltam na vida.

– Não tenho a certeza de me encontrar onde devia.

Ele encara-me durante um instante demorado.

– Sabes o que sempre admirei em ti, Elle. – Volta a tirar o gorro de lã da cabeça, passa os dedos pelo cabelo e volta a enfiá-lo de novo. – A forma como deste voz a todos aqueles empregos merdosos em *part-time* que tivemos aos vinte anos.

Rio-me com a alteração brusca da conversa, o acaso do elogio.

– Como assim?

– Trabalhavas sem queixas, como criada de quarto, caixa, rececionista, empregada de bar, mas não gostavas de nenhum. Quando começaste as aulas noturnas de escrita criativa, foi diferente. Chegaste a casa uma noite com um caderno, e disseste que não querias ver um filme, mas escrever. Era como se um fogo tivesse aparecido, de repente. Descobriste que aquela era a tua vocação.

Flynn sempre tinha acreditado em mim, encorajando-me. *Não digas que é um sonho mas um plano*, dizia.

– Tinha a certeza de que publicarias um livro. Nunca imaginei outro fim. Era o que querias. Estavas motivada. Tinhas talento. – Faz uma pausa, respirando fundo. – Mas quando aconteceu, não foi como imaginei. Imagino que pensava nos escritores como ganhando mal mas cheios desta paixão sobre a sua arte. Era algo que para nós funcionaria. Podíamos viajar. Trabalhar em qualquer parte. Podia compensar-nos nos períodos em que estivesses entre livros. Mas então... assinaste aquele contrato, e depois os contratos com o estrangeiro apareceram... céus, Elle. O dinheiro! Foi uma loucura. Nenhum de nós teria previsto aquilo. Depois, as *tournées*, as conferências de imprensa, as sessões fotográficas... e parte de mim estava orgulhosa, querendo contar a toda a gente... vejam o que a Elle fez... mas ao mesmo tempo senti a distância crescer entre nós.

Também a tinha sentido, um vazio criado por mim.

Por causa do que eu tinha feito.

– E depois... quando fiquei a saber do aborto... – Abana a cabeça, e eu sinto as minhas entranhas contraírem-se. – Quando tivéramos hipótese de constituir família, mas sem eu saber, senti que não querias a vida que imaginei para nós os dois. Esta vida, com o casarão da falésia e o escritório com vista, era a que, afinal, sempre quiseste ter. E já não sabia como encaixar nessa vida. – Engole em seco. – Culpei-te por causa disso. Responsabilizei-te. Porque podia ver a Elle que eu conheci, mudar. E eu não seria capaz de acompanhá-la.

Olha para o cimo da falésia.

– Talvez estejas destinada a viver aqui. Mas talvez eu não seja a pessoa com quem devas estar.

Anteriormente

Corro o fecho do saco e ponho-o sobre os ombros. Chegou a hora.

Abro a porta da frente da tua casa, e paro.

Em breve, voltarás para Inglaterra, para a Cornualha, para aqui.

Ao entrares em casa, será que, por um segundo que seja, sentirás ser tu a intrusa?

Penso em ti, sozinha nesta casa. Tu e o silêncio, mais ninguém. Tu e o conhecimento do que fizeste. Ocorrer-te-á, nas profundezas da noite, com o peso comprimindo-te o peito até seres obrigada a afastares os lençóis, e levantares-te, e andares pela casa?

Talvez seja hoje, ou noutra noite, em que a luz se desvaneça e os teus sentidos despertem, alarmados, que pensarás em mim.

Fecho a porta atrás de mim e enfio as chaves pela abertura da caixa do correio, ouvindo o tombar do metal contra madeira, ao embaterem no soalho.

Saí da tua casa. Agora vou entrar na tua cabeça.

Elle

Na desconfortável escuridão das duas da manhã, continuo acordada.

Três da manhã. Acordada.

O meu pensamento revolve-se em torno de Flynn. Flynn. Flynn.

Tenho tanto para lhe contar.

Tanto que não lhe posso contar.

Preso no silêncio do meu segredo.

Cinco da manhã. Acordada.

Escorrego cada vez mais para o abismo desperto da insónia.

Seis da manhã. Sete.

Acordada.

Não consigo adormecer.

Deitar-me – mas sem acordar, porque não há sono do qual desperte – é tão desconcertante que sinto o chão inclinar-se e as paredes apertarem-me, contraindo-me o peito.

Caféina, duche, ar fresco – os meus truques de algibeira – não resultam. Portanto, aqui estou, novamente na biblioteca com o portátil. Encarando o ecrã.

Demora tempo, uma hora ou talvez duas, mas por fim embrenho-me na narrativa. Música clássica jorra pelos auscultadores enquanto escrevo. Os dedos voam pelo teclado e não ousa tirar os olhos do ecrã. A biblioteca desaparece da minha vista; não reparo nas estantes cheias de livros, nos apitos suaves da fotocopiadora, do pisar leve de pés sobre a carpete quando alguém passa por mim e pelo portátil.

Só consigo escrever.

Cumprir o prazo tornou-se a minha razão de existir. A minha forma de sobreviver.

Quando acabar de despejar a história, esta sairá do meu espírito.

Tenho de corrigir o que está errado.

Quase vejo o final do romance – mas se tentar olhar demasiado perto, a ideia desvanece-se. Tenho de aguardar. Compreendo que nesta etapa da história não consigo antever todos os volteios e retrocessos do enredo; há que confiar nas personagens e deixar que me conduzam até ao fim.

Agora que faz calor, tiro o cachecol. Escrevi três mil palavras pela manhã. Nem sei como. Se continuar concentrada e não perder o ritmo... talvez seja possível cumprir o prazo.

Levanto-me, espreguiço-me, sentindo os nós de tensão entre as omoplatas.

Afasto-me da mesa por um instante, para que o sangue circule.

Do outro lado da sala, Laura atende leitores no balcão e Maeve enche um carrinho de livros. Lamento não as ter cumprimentado à chegada. Logo que haja menos pessoas, passarei por ali para saber como estão.

Vagueio pelo corredor da secção de Ficção. Encontro um conforto imenso nas bibliotecas. Talvez seja o cheiro caloroso a livros ligado a sentimentos nostálgicos do passado – eu e a Fiona correndo pelo passeio à frente da minha mãe para vermos quem seria a primeira entrar na biblioteca. Nos fins de semana de inverno, a biblioteca era uma saída ansiada – escolhíamos livros, depois passávamos pelo café do outro lado da rua, que servia chocolate quente em canecas grandes como taças, e despejando pequenos *marshmallows* numa taça de natas. Depois, nós as três voltaríamos para o apartamento, e Fiona e eu preparávamos um refúgio de leitura durante a

tarde, uma montagem elaborada que envolvia lençóis, almofadas e camadas de grossas mantas, rapidamente pejadas de migalhas de biscoitos.

Passo os dedos pelas lombadas até encontrar Fielding, Elle. Existem dois exemplares do *Medo Selvagem*. Pego num deles. Nunca apreciei a capa – a figura da mulher não retrata minimamente a personagem que idealizei. O tipo de *lettering* também está errado. Letras grandes e berrantes, contrastando com a sutileza do texto. Não fiz questão de pedir alternativas, ainda demasiado assombrada pelo processo para sentir que podia opinar. Deixei-me ser arrastada numa enchente de decisões que outros me garantiam serem as corretas para o mercado atual. Afinal, estavam certos.

Abro a capa para descobrir se o livro tinha sido recentemente reservado. Uma marca vermelha abarca a página do título. Uma palavra escrita à mão, mesmo ao lado do meu nome impresso.

O livro escorrega-me dos dedos e cai no chão, com as páginas abertas. Um homem idoso, num casaco de *tweed*, vira-se com o barulho.

Apanho rapidamente o livro, com o coração aos pulos. Volto a abri-lo. A palavra encontra-se ali, na sua plena acusação.

Mentirosa.

Os cantos ressequidos das páginas raspam contra o meu polegar enquanto folheio o resto do livro, em busca de mais vestígios vermelhos. Mas o romance está intocado.

Pego no segundo exemplar, a pulsação latejando no meu pescoço como se alguma – coisa estivesse ali presa, tentando furar-me a pele. Ali, no mesmo lugar da página do título encontra-se a palavra devastadora: *Mentirosa*.

O pavor invade-me e fixa-me no lugar.

Fecho o livro num ápice.

Alguém descobriu.

Percebo que me observam. Os pelos na nuca arrepiam-se. Viro-me. O homem do casaco ao fundo do corredor desapareceu.

Algo se move além das prateleiras, no corredor seguinte, apenas um ligeira cambiante de cor de escuro para luminoso, uma sombra que se desloca e afasta. Espreito, tentando ver quem era, mas as prateleiras estão demasiado apinhadas de livros para conseguir espreitar. Correndo até ao

final do corredor, espreito para o outro lado – mas está vazio, só tem um carrinho com livros.

A minha pele está pegajosa, quente. Não foi a minha imaginação. Alguém me observava daquele lugar. Desloco-me pelo corredor seguinte e pelo outro, percorrendo com passos rápidos o espaço silencioso.

Há pessoas a espreitar para os livros. Uma mulher de meia-idade com *collants* e botas cor de cereja. Um jovem magricela usando um pulôver largo e calças de ganga claras com um corte fora de moda. Ninguém repara em mim – contudo, garanto que há pouco alguém se encontrava precisamente aqui, no outro lado da estante, a ver-me.

Ele manifesta-se no meu pensamento, como habitualmente. Linden. A biblioteca. O cheiro a tabaco de mentol no meu nariz. Está tão presente e real que é como se sentisse o bafo dele contra o pescoço.

Mas não é possível. Obviamente que não.

Observando os livros que tinha na mão, percebo que, se os arrumar na estante, quem os levar a seguir verá a palavra *Mentirosa* escrita na página inicial, ao lado do meu nome.

Posso pedir a Maeve ou Laura para verificarem no computador quem foi a última pessoa a requisitá-los, mas não será boa ideia. Chamará a atenção, dará azo à especulação.

Livrar-me deles. É o que tenho de fazer. Enfio-os debaixo do braço, corro para a mesa, guardo-os no saco e fecho o portátil.

– Elle?

Viro-me e vejo o Mark atrás de mim.

– O que faz aqui?

Ele mostra um conjunto de livros de capa dura.

– Venho devolver os livros que a minha mãe requisitou à biblioteca... se não se importar?

– Desculpe – balbucio. Só consigo pensar em livros rasurados. Terá Mark visto? Foi ele quem me observava anteriormente por entre as prateleiras?

– Amanhã regresso a Londres – informa. – Pedir-lhe-ia para tomar conta dos meus velhotes mas...

– Claro que o farei.

Avalia-me.

– Muito bem. – Encolhe os ombros. – Bem, até à próxima. A não ser que a sua casa esteja trancada.

– Perdão?

– Fevereiro... é o mês mais temido pelas gentes daqui. Veremos se aguenta. – Sorri.

Depois, percorre a biblioteca e deposita os livros da mãe na caixa de entrega. Espero um minuto completo, arrumo o portátil e as minhas coisas e dirijo-me também para a saída, mantendo a cabeça baixa.

Ao atravessar as portas, sobressalto-me com os apitos infernais de um alarme. Uma voz automática ordena:

– *Por favor dirija-se a um funcionário.*

Paro, com o calor subindo à flor da pele.

– Elle! Olá! – Laura aproxima-se de mim. – O nosso sistema de segurança parece estar a funcionar: não deixamos as autoras saírem do edifício sem nos cumprimentarem!

Demoro algum tempo até perceber que é uma brincadeira. Adequo a expressão. Sorrio.

– Sim, desculpa!

– Vi-te há pouco mas não quis interromper o teu raciocínio. Parecia que estavas embrenhada. Está muito próximo, não é?

Pisco os olhos.

– O prazo do livro. A biblioteca segue a tua conta de Facebook. O teu prazo é na próxima semana, não é?

– Oh! Certo, sim.

– Bem, boa sorte! Estamos entusiasmadíssimas para ler o segundo livro. – Recupera o fôlego. – É melhor deixar-te ir. Desculpa o alarme. Não deve gostar de ti. Às vezes acontece, não é? – pergunta a Maeve, que se aproxima de nós.

– Que bom é ver-te, Elle. Sim, desculpa, o alarme é demasiado sensível às vezes. Tenta novamente.

O homem do casaco mantém-se por perto, fingindo olhar para os livros. Sinto-me enrubescer debaixo da camisola quando me aproximo da porta. O alarme apita prontamente quando passo por elas.

– Oh! – diz Laura, espantada. – Realmente não entendo. Tens algum livro na mala?

Obrigo-me a continuar a sorrir.

– Livros, não. Só vim aqui para trabalhar.

– Eu vi-a.

Viro a cabeça num ápice.

O homem do casaco aponta para mim.

– Guardou dois livros da biblioteca nessa mala.

A minha cara irrompe em chamas.

– Podias atender esse senhor? – diz Maeve a Laura. Para o homem, acrescenta: – Presumo que queira levar os livros que tem na mão?

Ele fica com um ar arreliado, ao seguir Laura para o balcão de atendimento.

– Isto é desolador – sussurro para Maeve quando estamos a sós –, mas ele tem razão. – Retiro os dois exemplares do meu romance.

Se Maeve ficou espanta, não demonstra.

– Foram estragados. Fiquei demasiado embaraçada para os levar ao balcão, pelo que... bem, pretendia levá-los para casa.

– Estragados?

Sinto os dedos contraírem em volta dos livros. Não quero que veja o que foi escrito. Não quero que ninguém veja.

– Posso? – pergunta, estendendo a mão.

Não tenho escolha. Passo-lhos.

– Na frente.

Observo a expressão dela ao abrir o frontispício e ver o meu nome com a palavra *Mentirosa* ao lado.

Abre o segundo livro mas eu digo:

– É a mesma coisa. Nos dois livros.

O olhar desliza para mim. Parece querer comentar – mas muda de ideias. Desvia a vista.

– Nunca aconteceu nada parecido com os nossos livros. Hei de averiguar o assunto.

– Não, por favor. Não te preocupes. Não é problema nenhum. Só não quero armar confusão.

– Vou encomendar novos exemplares para a biblioteca. Lamento muito que isto tenha acontecido. Espero que esta situação não impeça que nos voltes a visitar.

Saio da biblioteca, grata por estar na rua e sentir o ar fresco na cara.

Quando me afasto, julgo ouvir a voz de Maeve a sussurrar nas minhas costas: *Mentirosa*.

Viro-me, mas a Maeve já está de costas para mim, cabeça inclinada para os exemplares do meu livro, que examina.

2004

Elle ouviu a porta bater, quando a última das colegas de casa saiu para as aulas do dia. Ninguém lhe perguntou se viria. Ninguém veio perguntar-lhe se se sentia bem. Era como se não existisse, como se a Elle com quem bebiam e se divertiam e estudavam tivesse... desaparecido.

Saiu da cama completamente vestida. Não trocava de roupa há dias. Sentia o cabelo emaranhado e negligenciado, a pele balofa quando lhe tocava. Já não se assustava com a sua visão ao espelho pois tinha-o tapado com um lenço.

Abriu um pouco a porta da casa de banho, espreitando para o patamar estreito. Tinham saído. A casa estava completamente deserta. Precisava de um copo de água, mas até isso era uma tarefa que requeria mais energia do que a que dispunha.

Ao fundo das escadas, o correio estava espalhado sobre o capacho. A vista foi atraída por um envelope grosso creme que se destacava dos panfletos lustrosos com anúncios de seguros e vales de descontos nas pizzas.

Virou-o ao contrário, com o coração batendo contra o peito ao ver o seu nome escrito à mão na frente. Hesitante, passou o dedo pelo canto do envelope, rasgando-o e tirando um cartão A5.

Escrita com batom vermelho, a palavra *MENTIROSA* enchia o espaço. Ficou pálida.

Rasgou o cartão com os dedos a tremer, em pedaços cada vez mais pequenos, até ficar uma chuva de confetes aos seus pés, e vestígios do batom vermelho na ponta dos dedos.

Elle

Nas trevas de breu das duas da manhã, estou deitada de olhos fechados, ouvidos atentos aos sons incessantes do mar. Se conseguisse manter-me concentrada nestes sons, acompanhar a água, o ritmo das marés, talvez me sentisse bem e o sono surgisse.

Mas os meus pensamentos dão à costa. Arrastam-se pela praia negra, pelos degraus inclinados da rocha, espreitam com o seu pendor terrível pelas janelas deste quarto, à minha procura.

Colocam perguntas a que não quero responder.

Porque mentiste, Elle?

É esta a vida que queres?

Mesmo quando tento explicar, não me ouvem.

Pelo contrário, reúnem uma multidão, e pela janela do quarto encontro Flynn, a minha mãe, Fiona. Olham-me como se não fosse eu, mas uma estranha, alguém que não reconhecem.

Faltam cinco dias para o prazo. O tempo é uma corda que me aperta o pescoço. Preciso de concentrar-me e permanecer calma.

Estou a meio de escrever uma frase quando ouço o batente. O som sobressalta-me – e deixo fugir as palavras de que tanto necessito. Cerro as

pálpebras, com as mãos ainda pairando sobre o teclado, suplicando às células cinzentas que agarrem o texto antes que se perca completamente.

O batente soa uma segunda vez – e com ele a frase desvanece-se como fumo.

Pouso as mãos abertas na secretária. Resmungo. Mais vale atender.

Corro pelas escadas e abro a porta, pestanejando contra o brilho do sol de dezembro.

Laura encontra-se à entrada, sorrindo, com a pele rosada e o cabelo despenteado pelo vento. Segura um objeto – uma peça de lã com remoinhos de hera e tinta.

– O teu cachecol – Laura irradia alegria. – Deixaste-o na biblioteca. Estava caído debaixo da tua cadeira.

– Oh, certo! – Aceito o cachecol. – Obrigada.

Atrás de Laura reparo numa bicicleta verde-menta apoiada no suporte do pedal, sacola encavalitada no cesto de vime.

– Vieste de bicicleta?

– Tento fazer algum exercício nos dias de folga.

– É simpático da tua parte trazeres-me o cachecol mas não devias ter-te incomodado.

– Não há problemas – diz ela animada. – Deu-me um motivo para apanhar ar fresco – Laura sorri, pousa as mãos de lado, indicando que não tem intenção de partir.

– Convidava-te para entrar mas estou a escrever. O prazo aperta.

– Mas é claro! Não quero incomodar. Embora tenha um favorzinho rápido para te pedir. Vou visitar a minha irmã esta tarde. Acabou de dar à luz. O bebé tem três dias. Alfie. Queria levar-lhe um presente. É sempre o bebé que recebe a atenção toda, não é? Mas a mãe também merece uma prenda. Foi um parto difícil... portanto estava a pensar no de que ela gostaria, e pensei num livro, para lhe fazer companhia nas noites em que amamenta, e então lembrei-me do teu! A Helen vai adorar o teu romance. Será que posso comprar um exemplar e pedir-te um autógrafo? Passei pela livraria a caminho daqui, mas estava esgotado, obviamente! Se tiveres um exemplar a mais, ficaria muito grata. A Helen iria adorar.

Depois da solidão do escritório, a velocidade da conversa de Laura deixa-me atordoada. Abro os olhos, tentando concentrar-me nela.

– Isto é, se não te importares... – diz, agora incerta.

É um pedido tão irrisório – um exemplar autografado do meu livro – e Laura veio de bicicleta até aqui.

– Sim. Obviamente.

Faço-a entrar para o corredor.

– Aguarda um pouco no quentinho. Vou buscar um livro ao meu escritório.

– Aquele no alto? Nunca estive num gabinete de escritor. Posso subir contigo?

Hesito.

– Sim.

Laura dobra-se e descalça os sapatos.

– Não te preocupes, é um instante.

Parece indiferente à minha reação, pois retira o casaco e pendura-o no gancho por cima do banco antigo com uma familiaridade que me faz hesitar. A mão de Laura desce e passa pelo meu casaco de inverno, fazendo-me recordar o broche perdido.

É tudo demasiado visceral e insistente. Não confio nas arestas afiadas do meu pensamento neste momento, e contudo, ao subirmos as escadas, não evito pensar que, quanto mais Laura penetrar na casa, mais difícil será livrar-me dela, como verme que abre caminho pelo solo.

Arrependo-me do rumo grosseiro do meu pensamento quando assisto ao deleite frívolo de Laura ao entrar no meu escritório. Bate palmas.

– Este é literalmente o gabinete mais bonito que já vi. E olha! A tua secretária! É como se flutuasse no ar. Oh, a Maeve tinha razão.

– A Maeve?

Laura sobressalta-se com o meu tom brusco.

– Assistimos aos teus vídeos em direto no Facebook... sabes, em que falas das dicas de escrita? A Maeve disse que o ambiente adorável e minimalista do teu gabinete devia ser bastante calmo para escrever.

Ambas assistem?

Aproximo-me da estante e retiro um exemplar do *Medo Selvagem*.

– O nome da tua irmã... é Helen? – pergunto, tirando uma caneta preta da gaveta.

– Sim. Vai ficar completamente entusiasmada com isto!

Escrevinho uma mensagem rápida, desejando a Helen felicidades com o bebé.

– Pronto – digo, entregando o livro a Laura.

– Quanto te devo?

– Fica por conta da casa, como agradecimento por me teres devolvido o cachecol.

– A sério? É muito generoso da tua parte. Obrigada. Não sei o que dizer. Helen vai adorar... gostamos sempre dos mesmos livros. É próprio das irmãs. Uma de nós descreve o livro que está a ler, e metade das vezes a outra já estava a ler o mesmo. Não é de espantar; nós adoramos livros.

Nós adoramos livros. Repito a frase várias vezes na mente.

Alguma coisa tenta estabelecer ligações no meu pensamento.

Concentro-me no comentário – por fim, ocorre-me. Adorolivros101. Recordo a imagem de perfil, a fotografia da bicicleta com a cesta cheia de livros.

Laura?

Ela contempla a vista.

– É hipnótica. É tão agradável poder ver esta paisagem durante o dia. Agora percebo porque construístes o teu escritório aqui em cima. Deves sentir-me a um milhão de quilómetros da vida real.

Encontra-se próxima da secretária, onde o portátil aberto expõe o manuscrito no ecrã.

– Embora – continua Laura – deva ser um pouco assustador durante a noite. Sem cortinados. Toda aquela água escura ali em baixo – estremece. – Aquilo que aconteceu com os teus livros na biblioteca foi muito estranho, não concordas? *Mentirosa* – diz, sussurrando a palavra. – Oxalá tivesse descoberto a tempo, para tu não veres. Não deixo de pensar naquilo. É tão direto, tão incisivo. De tempos a tempos encontramos algum vandalismo, mas aquele parece um ataque orientado. Pessoal. Porquê a palavra *Mentirosa*? – Encara-me fixamente, como se tentasse encontrar a explicação no meu rosto.

– Não sei – pigarreio e continuo. – Laura, lamento mas preciso de continuar a trabalhar. Acompanho-te à porta.

Ela segue-me para o piso térreo.

Quando abro a porta da entrada, vejo novamente a bicicleta dela.

– Laura – digo, virando-me para ela. – Como se chama o teu perfil do Facebook?

Segue-se uma pausa.

– Laura Allan, obviamente. Porquê?

Abano a cabeça ligeiramente, dizendo:

– Por nada.

Ela observa-me com a expressão impenetrável. Depois, encolhe os ombros.

Ao descer os degraus de laje, exclama:

– Até quinta!

Terei ficado inexpressiva, pois acrescenta:

– Clube de leitura. Na casa da Maeve.

– Certo. Até lá.

Fecho a porta com alívio. Pego no cachecol que me devolveu e envolvo-o ao pescoço, depois, começo a subir as escadas para o escritório.

Hesito, com a mão assente no corrimão. Baixo o queixo para o cachecol e inspiro profundamente. Entranhado no tecido, sinto distintamente o perfume de Laura.

De regresso à minha secretária, procuro recapturar a minha concentração, mas a visita de Laura deixou-me agitada. Volto a ler a cena anterior para tentar reentrar na história.

Fico aliviada por sentir que a linguagem é clara e o ritmo tenso. A protagonista irrompe das páginas, vívida e verosímil. Ouço a voz dela na minha cabeça, visualizo os pormenores ínfimos da sua forma de andar, o revirar expressivo dos lábios, a tensão dos ombros.

É apenas quando chego ao final da cena que me sento pesadamente e encosto os dedos aos lábios.

Não me lembro de tê-lo escrito. Entranhado no romance, ao invés do nome da protagonista, encontro – a preto e branco – o meu.

2004

Sentiu os olhares fixos em si enquanto recolhia os últimos pertences – a pilha de DVD na sala, o castiçal no parapeito, as peças de cerâmica no fundo do armário – ao mesmo tempo que as colegas de casa soltavam desculpas vagas e desapareciam para os respetivos quartos.

Encheu o banco traseiro do carro da mãe, ciente de que há poucos meses tinham feito a viagem contrária. A voz da mãe estava confusa ao perguntar:

– Tens a certeza?

Elle anuiu. Tentou sorrir para a mãe.

– Não estou a gostar do curso – dissera ao telefone, explicando que pretendia desistir da faculdade.

Quando a última caixa foi enfiada no carro, Elle entrou.

A mãe fitou-a, com o cenho vincado.

– Não vais despedir-te das tuas colegas?

Ela engoliu em seco.

– Oh, sim.

No interior, ela subiu as escadas pela derradeira vez. A porta do quarto de Louise estava aberta e encontrou-a sentada de pernas cruzadas na cama de solteira a olhar para a Claire.

As duas viraram-se para Elle à entrada.

Elle pigarreou.

– Só me vim despedir.

– Adeus – disse Claire.

Louise não respondeu.

Elle encolheu os ombros, preparava-se para partir, quando notou uma mudança na expressão de Louise, ombros esticados ao cruzar os braços, lábios comprimidos. Elle já tinha visto aquela expressão – sabia que ela se preparava para dizer o que pensava.

– Não nos voltaremos a ver – disse Louise –, portanto posso dizer-te. O que fizeste foi errado.

Elle ficou muito quieta, sentindo a pulsação acelerar.

– És do piorio.

Aguardou.

– Inventas coisas.

Tem as faces coradas de vergonha. Um repente da memória queima-lhe o pensamento – o cruzar lento das pernas expostas, o brilho do olhar quando cruzou com o dele.

– Podias ter retirado a acusação mas preferiste estragar a vida dele. As pessoas só se recordam do mal.

Elle virou-lhes as costas.

Já se encontrava no patamar quando ouviu a voz de Louise berrar:

– Também só recordarão o mal em ti.

Elle

*A inspiração dá o tiro de partida,
mas para chegar à meta precisas de ser tenaz,
determinada e dura.*
Elle Fielding (autora)

A casa de Maeve tem uma porta vermelha lustrosa com um batente simples de bronze. É geminada, encaixando-se numa fila de casas estreitas tradicionais da Cornualha. Uma marquise com plantas ainda floridas estica-se, orgulhosa, da parede de argamassa.

Levo a mão ao batente, mas hesito. Não ouço vozes no interior e fico na dúvida se não me terei enganado na noite do clube de leitura.

Praguejo baixinho, ao perceber que me esqueci da garrafa de vinho. Tinha um *Sancerre* no frigorífico que tencionava trazer. Não posso aparecer de mãos vazias. É certamente um sinal para retornar a casa. Estou exausta e preocupada com o prazo. O único sítio em que deveria estar é diante da secretária.

Regressando ao carro, componho mentalmente a mensagem que enviarei a Maeve, desculpando-me com o prazo de entrega do livro. Ninguém se importará.

Pego no puxador da porta do carro, mas ouço uma correria de pés atrás de mim. Mãos agarram-me o pulso.

– Não, nem penses!

Sobressaltada, viro-me para trás.

No passeio escuro, demoro alguns segundos a reconhecer o rosto que me sorri do interior do capuz forrado a pelo de um casacão.

– Espero que não estejas a pensar escapar-te – diz Laura.

– Não... bem, é que... deixei a garrafa de vinho em casa.

– A tua sorte é que eu trouxe duas. – Abre o saco das compras e tira uma das garrafas. – Seja como for, esta era para te oferecer.

Terei ficado confundida, pois Laura explica:

– Para agradecer teres autografado o livro da minha irmã. Ela ficou tão contente. Até chorou! Embora talvez seja das hormonas.

– Não era mesmo preciso – digo, embaraçada pela oferta. Aceitando o vinho, reparo na marca: *Sancerre*.

– O teu favorito.

– Como é que...

Laura bate com a ponta do dedo no nariz. Depois, entrelaça o braço no meu e conduz-me com firmeza para a porta de entrada de Maeve.

– Bem-vinda! – Maeve conduz-nos por um corredor estreito adornado de fotos a preto e branco de objetos típicos dos anos de 1950: uma *jukebox*, uma máquina de escrever, um par de sapatos com sola de borracha.

Maeve pendura os nossos casacos no bengaleiro e encaminha-nos para a sala, onde a mesa de jantar de cerejeira tinha sido encostada à parede para aumentar o espaço.

Fiona ainda não chegou mas a maior parte do clube de leitura já se encontra sentada, e a sala está quente e abafada, com um pequeno aquecedor elétrico a despejar calor.

– Falai no mal – diz Ana, ocupando um sofá *Ercol* azul-claro. Tem um ar descontraído, mas elegante, com umas calças de cintura subida. – Falávamos precisamente de ti, Elle.

– De mim?! – exclamo, juntando-me a ela.

– Não sabia se poderias vir. Penso que li no teu Facebook que tinhas um prazo para cumprir.

– Faltam quarenta e oito horas.

– Ena! E vais cumprir?

– Nada como a pressão para manter uma pessoa compenetrada.

Maeve enche os copos de vinho e oferece-me um:

– Se precisares de leitoras antecipadas, sabes que encontras aqui muitas voluntárias.

– Sem dúvida – concorda Laura.

Ouve-se novamente o batente e Maeve sai da sala. Pelo corredor surge a voz de Fiona.

– Sou a última? Odiava perder o meu hábito. Lasanha de merda. Demora sempre a preparar o triplo do tempo que pensávamos.

Entra na sala e sorrio, contente por a ver. Talvez seja da luz, mas tem um ar cansado. Novas rugas vincam a testa e o rosto mostra-se pálido e cansado.

– Já leste o livro? – pergunta Laura a Fiona. – O novo da Elle. Acabámos de nos oferecer para as primeiras leituras.

Fiona solta ar pelos lábios.

– Estão a brincar. Esta aqui – diz, dando-me uma cotovelada nas costas e depois sentando-se ao meu lado no apertado sofá – é uma mestre dos segredos. Nem sequer sei do que trata o livro.

– Não gosto de fazer revelações antecipadas – sorrio. – Cozinhaste realmente lasanha?

– Não te mostres tão espantada. De vez em quando alimento a minha família.

– E onde está o Steven? – pergunta Ana a Maeve.

– Hoje, o turno termina mais tarde. A Phoebe está no quarto... supostamente a fazer os trabalhos de casa.

É um alívio saber que não se encontra em casa. Não me apetecia vê-lo depois da humilhação do pedido de socorro.

Tomo outra bebida, espantada por já ter terminado o vinho. Inclino-me sobre a mesinha de apoio e pego na garrafa. Verifico os copos de todas elas à procura de quem precisará de bebida, mas estão todos cheios. Portanto, trato do meu, decidindo que talvez deixe aqui o carro durante a noite e peça boleia a Fiona.

– Só estou a um quarto do livro – diz Katherine, a professora-assistente. – O trabalho na escola anda uma loucura. O Ofsted voltou na semana passada. Mal me ponho a ler, adormeço logo.

Adormecer. Não seria maravilhoso? Aqui, no calor da sala com o vinho a relaxar os músculos das minhas costas, sinto o cansaço apoderar-se de mim. Apetece-me fechar os olhos agora mesmo.

Pestanejo rapidamente para me manter desperta. Ajudaria se abrissem uma janela. Olhando em volta, vejo persianas a tapar a janela saliente. Na estante por debaixo desta, admiro o conjunto de plantas suculentas em pratos de terracota. No meio, vejo uma moldura com a fotografia de duas mulheres sentadas numa camada de pétalas debaixo de uma árvore em flor. A mais nova é parecida com a Maeve, e tem o braço por cima da outra – talvez a mãe. Ao fundo encontra-se um palácio branco com ar requintado e colunas na fachada. Demoro algum tempo a reconhecê-lo: o edifício Bute, da universidade de Cardiff. Lembro-me de passear no parque numa manhã primaveril, com as lágrimas ardendo nos cantos dos olhos. Um repente de calor invade-me o corpo, ao sentir Luke Linden entrar no meu pensamento como um murro no estômago.

Quando olho para cima, Maeve fita-me com muita atenção.

– O edifício Bute – digo, apontando para a foto. – Conheces bem Cardiff?

– Vivi lá.

– A sério? Onde?

– Na periferia, ao pé das docas.

– Não trabalhavas na biblioteca da faculdade? – perguntou a Laura.

– Sim, durante algum tempo. Foi antes de ter a Phoebe.

Talvez me tenha cruzado com ela no ano que ali estudei. Terá a Maeve ouvido os rumores a meu respeito? Espalharam-se como um incêndio pelos corredores e salas de aula.

Ana endireita-se, dizendo:

– A respeito das fotos, alguém é amiga do meu ex-marido no Facebook? Viram as fotografias que tirou em Goa?

– Queres dizer que foi com *ela*? – pergunta Maeve.

– Sim. Devem ter feito uma cirurgia para unirem os corpos, ou se calhar têm medo de que os órgãos internos apodreçam, porque aqueles dois nunca se separam. Ele queixava-se tanto de mostrar afeto em público, e agora tira fotografias com ela aos beijinhos. Graças a Deus que não temos filhos ou morreriam de vergonha.

– O Pete? Não acredito! – exclama Fiona.

Ana estende o telemóvel.

– É melhor avisar-te que arriskas cuspir o vinho.

– Não me conheces.

Ana encontra a fotografia que acabou de mencionar e mostra o ecrã.

– Vejam, ele está a usar um fio com missangas, por amor de Deus. Tem quarenta e dois anos.

Depois, vira o ecrã para si mesma e começa a rolar a página. Momentos depois, franze o cenho e olha-me de lado.

– Que coisa estranha.

– O quê?

– Aqui indica que estás no Facebook neste mesmo instante.

– Deve ser um texto antigo.

Ana abana a cabeça.

– Não. Indica que começaste uma emissão em direto às vinte e cinco. Há quinze minutos?

– Deves ter carregado acidentalmente no botão enquanto estava no bolso

– diz Laura. – Oh, se calhar aparecemos todas!

– Não. Estou a ver a emissão – diz Ana, com voz baixa e tom sério. Todas se calam de imediato. – É a tua casa, Elle. O teu escritório.

Elle

Noto que o meu peito acelera e o rubor sobe pelo meu pescoço.

Olho para o telemóvel de Ana procurando absorver o que vejo.

O meu escritório encontra-se iluminado pelo candeeiro da secretária, cujo feixe de luz aponta para a parede do fundo. Parece encontrar-se tal qual o deixei. Cadeira vazia. Caderno aberto sobre a secretária e lápis pousado na dobra das folhas.

É colocada uma questão por alguém ao meu lado mas as palavras desfazem-se no ar. É como se o mundo desacelerasse até travar por completo. A minha atenção resume-se ao ecrã retangular nas minhas mãos.

O vídeo em direto, por ser estático, parece uma fotografia. Mas quando olho mais atentamente, reparo num pormenor. O meu baú, no canto da divisão. A tampa de madeira está aberta, tombada, qual boca que grita.

Não o deixei aberto – há dias que não espreito o conteúdo.

Ou deixei?

Engulo em seco, passando a língua pela bochecha, tentando criar saliva.

O ecrã apresenta um corrupio de comentários.

Olá! Olá! Alguém em casa?

Deves ter um problema técnico – não conseguimos ver-te.

Belo quarto – mas onde paras?

Estás bem?

Foi um acidente! Lol! Também me acontecem dessas coisas!

O vinho desperta-me uma sensação tenebrosa. Encosto os dedos aos lábios, às voltas com o pensamento. Estou remotamente ciente do telefone ser-me retirado das mãos.

O baú aberto, só penso nisso. Porquê?

Fiona examina o ecrã.

– Antes de sair ligaste o modo «Em direto»?

Abano a cabeça.

– Não. – Tento afastar o pânico da voz, mas sei que as outras mulheres trocaram olhares.

– Desligaste o computador?

– Ficou apenas em pausa.

Do outro lado da sala, Maeve comenta:

– Talvez seja uma anomalia e tenha começado automaticamente a emitir em direto.

Quero acreditar nessa possibilidade mas nunca ouvi tal coisa. Os computadores não se ligam do nada, sem assistência, e começam a emitir vídeos.

– Consegues entrar no Facebook pelo telemóvel? E desligar? – pergunta Ana.

Levanto a mala até ao joelho, tenho as mãos trémulas enquanto tiro o telemóvel e abro o Facebook. Ao iniciar sessão, uma mensagem avisa-me de que a minha conta está a ser usada, com uma opção para recuperar o controlo e terminar a sessão em direto. Clico na opção.

Um segundo depois a emissão em direto desaparece. Sento-me calada a fitar o ecrã vazio.

– Deve ser um problema informático esquisito, daqueles sem explicação – sugere uma das mulheres.

– Sim – respondo, esfregando a nuca onde sinto a pele a arder. – Preciso de um copo de água. – Abandono a sala, ciente dos olhares fixos em mim.

Sigo o corredor até encontrar uma cozinha bem iluminada.

Fiona segue-me a poucos passos de distância.

– Estás bem?

Viro-me.

– Não. Isto foi muito estranho. Não viste? Um direto do Facebook a partir da minha casa na minha ausência. Mas que merda é esta? O baú do quarto de escrita estava aberto. Não o deixei assim. Alguém entrou lá. Alguém mexeu nas minhas coisas. E eu...

Fiona aproxima-se, pousando as mãos nos meus ombros.

– Respira.

Inspiro com força, e deito a cabeça para trás ao expirar. Entretanto, digo:

– O pisa-papéis partido, a torneira aberta, ficar trancada no escritório... é como se vivesse um *poltergeist* na minha casa.

– Usaste mesmo o termo *poltergeist*?

– Como é que explicas, então?

– Não faço ideia como funcionam estas coisas, mas é provavelmente o que a Maeve disse, um problema técnico.

Não respondo.

– Vê as coisas pela positiva: o teu escritório estava arrumado. Se eu fizesse uma emissão em direto do meu, toda a gente passaria meia hora a olhar para o bolor que cresce nas minhas canecas de café.

Estou sem vontade de sorrir.

– Olha, há coisas bizarras. É um facto. Mas não queimes um fusível no cérebro a pensar demasiado nisto. Não quero voltar a ouvir a palavra *poltergeist*, e se comesças a imaginar que as pessoas do Airbnb saíram das paredes e ligaram aquela emissão, então quem te oferece um cão sou eu. – Fiona sorri. – E que tal tomares um bom copo de vinho, e voltarmos para a sala para fingir que temos o mínimo interesse no livro que vão debater?

Sinto-me grata a Fiona pelo incentivo. Sei que está a fazer o melhor esforço para me afastar da ansiedade, mas não vai ser possível. A minha cabeça está a transbordar de tudo o que não partilhei. Cedo sob a pressão.

– Há mais coisas – sussurro.

Ela olha diretamente para mim.

– Desconfio... alguém fez de propósito. Para passar uma mensagem.

– Diz-me, por favor, que até tu percebes que isso é paranoico.

Encaro as minhas mãos.

– Há coisas que nunca te contei, Fiona.

Quando levanto a cabeça, a minha irmã fita-me com muita atenção.

O ar comprime-se até ser difícil respirar.

Ouço passos nas minhas costas.

– Está tudo bem? – pergunta Laura com vivacidade.
Desvio o olhar, indico que sim.
O momento passou.

Subo a escada estreita de Maeve em busca da casa de banho. Preciso de salpicar a cara com água fresca, e tentar baixar as pulsações.

Ao alcançar o patamar, abro a porta da casa de banho e recuo de imediato, sobressaltada.

– Desculpa! – Peço desculpas a uma adolescente sentada de pernas cruzadas na cama com o telemóvel na mão. – Procurava a casa de banho.

– Porta ao lado. – A rapariga observa-me por um instante. – É a escritora?
– Sou.

– Fixe – diz, com um pequeno sorriso.

– És a Phoebe?

– Pois.

O quarto dela contrasta fortemente com o resto da casa, um antro adolescente com cestos de vernizes para unhas e bolas de algodão; frascos de perfumes e loções corporais em embalagens coloridas dispostas num toucador; colares de contas pendurados nos cantos do espelho. Contudo, é um local calmo, normal.

– Espero que o nosso clube de leitura não te perturbe a noite?

Ela encolhe os ombros.

– Li o seu livro. Até gostei.

– Oh! Muito obrigada – respondo, surpresa. Phoebe não terá mais de... treze anos? Catorze?

– Está ali – diz, apontando para a prateleira mais alta da estante, adornada com uma grinalda de luzes pequenas em forma de estrelas.

– Lês bastante – comento, percorrendo os títulos com o olhar. – *As Raparigas*. Adorei esse livro. E tens *Eleanor & Park*!

– É um dos meus preferidos – informa-me, com os olhos a brilhar.

– E leste *Quando Éramos Mentirosos*? É fabuloso, lembra-me um pouco *As Raparigas*.

Phoebe desloca-se para a estante e apresenta um exemplar desse mesmo livro.

– Tens um ótimo gosto! Devias recomendar a próxima escolha do clube de leitura – digo, e ela sorri.

A rapariga repõe o livro na estante e o meu olhar é atraído para uma fotografia numa moldura prateada. Encaro um rosto que há catorze anos não encontrava, um rosto que me visita nos sonhos mais pesados e convolutos, um rosto que me contorce o estômago e interrompe o fôlego.

Luke Linden.

*

Na fotografia ele veste um casaco de bombazina castanho, o mesmo que costumava usar no palco do auditório, deslocando-se facilmente pelo espaço, com as solas dos sapatos escoceses guinchando na madeira polida.

Na fotografia, ele segura uma bebé de carinha redonda com uma massa de cabelos pretos. A cabeça da bebé apoia-se na dobra do cotovelo dele enquanto o observa.

Na fotografia, ele sorri, os cantos dos olhos vincados de alegria para a câmara, um ar de contentamento enchendo a sua expressão.

– Quem? – só consigo dizer.

– Eu e o meu pai – responde Phoebe. – Morreu quando eu tinha quatro anos.

Não lhe digo que sei isso. Sei que se afogou no Gower durante um outono invulgarmente quente. Soube da sua morte através de um artigo de jornal.

Encontrava-me num comboio com destino a Bristol, ao lado de Flynn, quando soube. Estávamos sentados diante um do outro, a falar dos planos para o Natal. Tencionávamos dar uma escapadela – refugiarmo-nos num alojamento local no Lake District.

Espreitara para fora da janela, imaginando-me a passear por uma colina coberta pela geada ou almoçar num *pub* com telhado de colmo. Na janela do comboio, um jornal aberto, deixado por outro passageiro, refletia-se no meu enquadramento, um rosto sorridente no vidro escuro.

Para espanto de Flynn, agarrei no jornal bruscamente.

Ali estava ele. Uma fotografia a preto e branco, sentado atrás de uma secretária, olhos pretos espreitando detrás do cabelo espesso, uma perna cruzada sobre a outra. Há anos que não via aquele rosto.

O corpo de um homem apareceu na praia de Llangennith nas primeiras horas da manhã de domingo. Foi identificado como sendo Luke Linden, professor da Universidade de Gales, Cardiff.

Passei os olhos pelo resto do artigo, cada palavra aguçada e perigosa, quais estilhaços de vidro: *afogamento accidental; correntes perigosas; deixa mulher e filha.*

Comecei a tremer. Foi a imprevisibilidade da situação. Tivera o máximo dos cuidados para não o deixar entrar na minha cabeça.

Flynn chamara-me pelo nome quando me levantei do lugar e fugi a correr pela carruagem. Bati com a mão contra o sinal iluminado de saída. *Deixem-me sair!*

A porta permaneceu trancada. A carruagem começou a avançar pelos carris, saindo da estação.

– Desculpa – digo a Phoebe, e depois começo a andar, recuando, com as mãos em busca da porta e os olhos incapazes de abandonar a fotografia até regressar ao patamar e fechar a porta atrás de mim.

O sangue corre feroz nos meus ouvidos ao perceber a implicação: Luke Linden foi o primeiro marido de Maeve.

Os meus pés parecem-me desligados do resto do corpo enquanto desço os degraus com as pernas trémulas. Uma voz dentro de mim tomou o controlo preciso das coisas. Casaco. Chaves. Vai-te embora.

No fundo das escadas, ouço as conversas da sala de estar, o riso canino da minha irmã, o retinir de uma garrafa de vidro contra um copo. Pegando no meu casaco do bengaleiro, visto-o, rebuscando as chaves do carro nos bolsos.

Sei que devia informar Maeve de que vou partir, e que tenho de o fazer, caso contrário irão pôr-se a especular. Respiro fundo, estico os lábios num sorriso forçado, depois espeto a cabeça pela porta.

– Peço desculpa a todas, mas tenho de partir mais cedo. O prazo não me sai da cabeça.

Percorre-as um murmúrio coletivo de espanto. *A sério? Mas acabaste de chegar.*

Fiona diz:

– Eu acompanho-te.

Mas abano a cabeça, estendo a mão e digo:

– Não, estou bem.

E já saí da sala de estar, alcançando a porta de entrada, entrando na noite.

O passeio encontra-se debaixo dos meus pés, o ar nos meus pulmões.

Ao chegar ao carro, paro, coração aos pulos. Pouso as mãos no chassis frio, respirando profundamente. O vento levantou-se, entrando pelo meu casaco aberto.

É como se o chão rodopiasse, vertiginoso. Baixo da cabeça, concentro-me em respirar.

– Elle.

Fico rígida, como se o meu nome na boca de Maeve fosse um murro.

Viro-me devagar.

Maeve encontra-se atrás de mim, com a cabeça inclinada para o lado.

– Está tudo bem?

– Perfeito. Lamento ter saído a correr. Tenho de acabar o livro.

O olhar dela mantém-se fixo a olhar para mim, uma desconfiança na sua expressão.

– Pareceu-me que estavas a falar com a Phoebe.

Engulo em seco.

– Enganei-me no quarto.

Maeve perscruta-me por um instante mas acaba por anuir.

– Conduz com cuidado.

Viro-me e atrapalho-me com o comando do carro, acionando o alarme. O passeio começa a piscar com luzes laranja e a noite é assolada por uma série de apitos. Praguejo em surdina, voltando a carregar nos botões para silenciar o alarme.

Entro no carro e bato com a porta.

Enfiando a chave na ignição, a expressão fria de Maeve encontra-se gravada na minha mente. *Ela sabe perfeitamente quem sou.*

Elle

Os finais representam um dos maiores desafios para a escritora.

*Mas lembrem-se: as pistas para o final encontram-se ali,
escondidas nas páginas dos primeiros rascunhos.*

Basta procurá-las.

Elle Fielding (autora)

Entro no acesso e estaciono de frente para a casa. Permaneço no carro, com as luzes desligadas, chaves na ignição, o motor a soltar estalidos ao arrefecer.

A casa no cimo da falésia parece solitária e majestosa. As luzes de segurança lançam sombras contorcidas dos arbustos nos vasos que ladeiam a porta de entrada, dando-lhe um ar gótico.

Olho para cima, e noto que as luzes do andar de cima da casa estão acesas. Penso no meu escritório vazio em direto no Facebook, a tampa do baú de carvalho escancarada ao fundo.

Não quero sair do carro nem entrar.

Tudo está enredado entre si: a casa... o meu livro... Maeve... Linden.

Ele devia ter sido o meu professor e eu, uma aluna. E nada mais.

Inventora de histórias. Acusação falsa. Mentirosa.

Nas profundezas de uma esquadra de polícia de Cardiff, tinha dobrado a esquina e encontrado Luke Linden e a mulher a avançarem para mim. Sabia

que ele era casado, no sentido mais desapegado do termo «mulher». Ouvira rumores de que era mais velha do que ele, pequenina, atraente. Reparei em primeiro lugar nas botas púrpuras de cano alto, de camurça, com um fecho elegantemente colocado. Usava um penteado diferente – curto e pintado de cor de corvo. Quando ficou mais próxima, vi a curva redonda e saliente da barriga de grávida. Trazia uma mão debaixo dela, como se tentasse sustentar parte do peso. Dirigia-se ao marido, mas uma mudança no ambiente tê-la-á alertado para a minha presença, pois de imediato virou o olhar para mim e um sopro de gelo soltou-se do rosto pálido.

Era novidade para mim – a sensação de ser odiada por outra mulher. Recordei aquela expressão durante muito tempo. O que terá pensado a mulher de Luke Linden da estudante com ancas estreitas e os olhos grandes como os de um fauno cheios de maquilhagem?

O que terá pensado da mesma rapariga que entrou na sua vida apenas quatro semanas antes de estar pronta para acolher um bebé ao mundo, e lançou uma acusação devastadora sobre o homem que escolhera para começar uma família?

Em que acreditava a mulher de Luke Linden?

O que estaria preparada para fazer para se fazer justiça?

Endireito-me no assento, com o olhar levantado para o espelho retrovisor. Um carro aproxima-se com os faróis saltitando enquanto o condutor se orienta pelos buracos da chuva no acesso estreito e escuro. Vejo o veículo passar pelo desvio para a casa de Enid e Frank. Dirige-se para a minha.

O carro estaciona precisamente atrás de mim, tapando-me a saída.

A minha pulsação acelera.

Os faróis apagam-se nas minhas costas. A porta do condutor abre-se – o vento fá-la deslocar-se com força. Isto aciona uma luz interior, que expõe o condutor ao sair.

Maeve.

Um temor gélido tomba para o fundo do meu estômago.

Ouve-se o pisar lento do cascalho sob os seus pés. Afundo-me no assento.

Mas as passadas continuam e passam pelo meu carro.

Maeve não me viu. Encaminha-se para a entrada da casa. A franja do casaco vermelho é agitada pelo vento. Para nos degraus iluminados, e toca

com o batente.

Foi a Maeve, penso. Foi Maeve quem vandalizou os exemplares do meu livro na biblioteca, marcando a palavra *Mentirosa* junto ao meu nome. E deve ter sido a Maeve quem, no dia da minha palestra, assinalou as duas palavras no meu romance, subtil mas vincadamente: *Tu Mentiste*.

Vendo-a à minha entrada, de queixo erguido, penso na figura solitária que Enid descobriu no meu escritório. Algo emerge da minha memória, uma conversa... Maeve contou que tinha voltado de um retiro de uma semana no final de outubro. Durante o mesmo período em que estive em França.

Mas, terá havido realmente um retiro? E se ela descobriu que a minha casa se encontrava disponível no Airbnb? E se abriu um perfil falso com o nome Joanna?

Encurralada no invólucro escuro do meu carro, o sangue pulsando nas veias, percebo tudo.

Dei-lhe a chave. Preparei-lhe flores e uma mensagem de acolhimento. Abri-lhe a porta.

Maeve pega no batente da porta e bate. Depois, volta a pôr a mão no bolso, à procura de algo.

Uma chave?

Aguardo, praticamente sem respirar, encolhida no assento.

O meu telemóvel aproveita então para acordar, vibrando sobre o *tablier*, a luz intermitente refletindo-se no para-brisas. Agarro-o para tentar calá-lo – e vejo o nome no ecrã.

Maeve.

Lentamente, ergo o olhar.

Maeve virou-se para trás, à porta da minha casa. Tem o rosto coberto pelas sombras mas sei que me viu.

– Sim? – sussurro para o telemóvel.

Ouçó os passos sobre o cascalho quando ela começa a vir na direção do meu carro, com a voz estranhamente distendida no telemóvel, dizendo:

– Estás aqui.

Posso trancar o carro. Posso desligar e ligar para o 112.

Não o faço.

Sinto uma determinação que me endurece o peito.

Encontro o puxador. Abro a porta.

Saio para a escuridão amarga, com o coração aos pulos. O vento fustiga o meu cabelo.

Entreolhamo-nos. Maeve enrugando os lábios, com uma expressão vazia de sorriso.

– Entraste no quarto da Phoebe.

– Sim.

A voz é feita de aço.

– Viste a fotografia dele.

– Luke Linden. – Há dez anos que não digo o nome dele em voz alta.

Maeve deve ter percebido quem eu era no próprio dia em que cheguei à vila. Mas não disse nada. Ficou à espreita. À espera.

De quê?, pergunto-me, com o pânico invadindo-me o peito.

Os acontecimentos do passado distorceram-se tanto a ponto de não ter mais certezas. A verdade é uma criatura obscura e mutável, um rio incessante que não para.

Terei mentido?

E ele? Mentiu?

As luzes de segurança apagam-se e o acesso mergulha numa escuridão profunda. Atrás de mim o mar revira-se e alterna, ondas agitadas fustigam a praia com um estrondo avassalador. Se me virar, presenciarei a vastidão cinzento-escura da água revolta, sentirei o cheiro da tempestade que se avizinha no ar salgado.

Depois, sinto o aperto de uma luva de cabedal na pele exposta do meu pulso.

– Eu sei a verdade.

As palavras agridem-me, fazem-me regressar, atravessar os anos, para os tempos em que eu era outra rapariga, numa cidade diferente, acreditando que a verdade era uma única coisa: uma linha bem visível, ou preta ou branca, sem nada de intermédio.

2004

Porque se marcavam reuniões de alunos antes do meio-dia? Cogitava Elle ao atravessar os corredores da faculdade de Letras, dedos enfiados no saco à procura de pastilha elástica. O sabor a menta espalhou-se pela boca, e ela lançou o cabelo para trás ao subir as escadas para o gabinete de Luke Linden, praticando a sensação de sentir-se sóbria.

Bateu uma vez e fez-se entrar, ainda elétrica com a efervescência de uma noite de festa e o sangue cheio de toxinas.

Fechou a porta atrás de si.

Luke Linden envergava uma camisa lavada, o cabelo apresentava-se limpo. Cheirava a *aftershave* e cigarros. Era nitidamente mais velho do que os rapazes que deixara na festa.

Ele avaliou-a com o olhar, ali sentado, talvez reparando no vestido da noite passada, ou nas manchas de delineador debaixo dos olhos, ou nos vestígios de perfume na sua pele.

– Foi uma noite boa, presumo? – disse com um sorriso na voz.

– Sem dúvida – respondeu ela, contorcendo os lábios a cada sílaba. – *Reggae* galês foi só o começo.

Ela deixou-se descontrair na cadeira de plástico, como se estivesse acompanhada por um amigo num café: um encontro íntimo e relaxado. Era uma brusca transição entre ambientes – uma hora antes estava deitada num sofá debaixo de luzes cintilantes, pessoas à sua volta acolhiam a manhã a

dançar, e agora, de repente fora transportada para a formalidade do gabinete do professor de literatura inglesa.

Sentiu o olhar atento que ele lhe lançara.

Olhou para cima e encontrou o olhar dele.

– Estás a sorrir sem motivo.

Ela tocou nos lábios. Linden observava-a intensamente, boca entreaberta, olhos despertos. Ela percebeu, então, o que apenas tinha desconfiado: sentia-se atraído por ela. Descobrir esse facto foi para si um desalento, como numa feira, em que jogar pelo prémio é mais entusiasmante do que ganhá-lo.

Ele sorriu lentamente, mostrando uns caninos compridos. A imagem de um lobo veio-lhe à mente.

A cabeça dela começara a latejar, e desejou ter faltado à reunião e ido diretamente para a cama. Precisava de comer e de tomar um duche.

O ar abafado do gabinete deixava-a tonta. Levantando-se, avançou para a parede do fundo, que estava coberta de citações impressas a preto e branco de Shakespeare. Olhou para a mais próxima de si.

«E sendo ela pequena, era também feroz.»

Sonho de Uma Noite de Verão.

– És? – perguntou ele.

Ela não o ouvira mexer-se, levantar-se da cadeira, contornar a secretária. Agora encontrava-se diante dela, com a boca próxima da sua orelha.

Sentiu-se incomodada: a proximidade dele, a porta fechada, a sugestão do tom de voz. Queria recuar mas foi impedida por um arquivo à sua direita, pela parede à esquerda, e atrás dela, encontrava-se ele.

Sentiu a respiração contra o pescoço.

Recordou aquela boleia bizarra até casa que Linden lhe oferecera há semanas. Aquela noite estranha em que fora perseguida no caminho para o trabalho, descobrindo-o quando se tinha virado. Da figura escondida nos carris do caminho de ferro, olhar atento à sua janela. O estômago contraiu-se quando percebeu, de súbito.

– Tenho de...

As palavras foram interrompidas quando sentiu o cabelo puxado num torcer dos dedos dele, agarrando uma mão cheia com o pulso. A cabeça dela

saltou para trás. Um ardor no centro da cabeça, o raspar dos dedos dele na sua perna, quando lhe levantou a saia e puxou as cuecas para baixo.

Ela tinha a garganta tão esticada que o grito «Não» resultou num murmúrio. Sentiu o canto afiado do arquivo de metal contra a anca, o travo a mentol do elixir bucal misturado com tabaco. Depois a dor penetrante.

O pensamento dela pareceu desligar-se do corpo, e ascender. Fixou os olhos numa ponta da luz fluorescente, vendo uma traça presa no caixilho de plástico. Sentiu o bater das asas quando ela tentava, incessantemente, fugir, com as fibras delicadas do corpo embatendo no plástico inclemente. Tentava encontrar a abertura por onde entrara mas estava presa, impotente. Imaginou as patas da traça pousadas gentilmente no seu peito, a cobertura poeirenta das asas negras descansando silenciosamente no seu coração. Morreria ali, apercebeu-se.

Ouviu um grunhido, um suspiro junto ao ouvido.

Momentos depois, o punho libertou o cabelo dela. Ele recuou. Ela ouviu o fecho a ser corrido. O cinto. O raspar do couro quando se voltou a sentar atrás da secretária.

Bateram à porta. Luke Linden fitou-a, sorriu e levou um dedo aos lábios.

– Chiu.

Entrelaçou os dedos sobre uma pilha de papéis, antes de dizer:

– Sim?

Uma assistente trazia a mensagem da mãe de um aluno. Não transpôs o limite do gabinete. Se o tivesse feito, encontraria Elle ainda encaixada contra o arquivo, o rosto pálido, a manga do vestido tombada de um ombro.

– Obrigado, Lynn – disse ele, afável. – Pode deixar a porta aberta, obrigado.

O que a deixou abismada foi o facto de, quando a assistente se foi embora, Luke Linden ter apontado para a cadeira diante da secretária, dizendo:

– Então, o seu trabalho...

Vagueou pelo parque Bute, sentindo os sons estranhamente intensos – a voz roufenha de um transeunte a falar ao telefone, o latido de um caniche a empurrar uma bola para os pés do dono, o enterrar de uma espátula na terra escura de um canteiro.

Ao alcançar a residência de estudantes, dirigiu-se de imediato para o quarto e trancou a porta. Ouviu as sacudidelas de um comboio que passava pelos carris nas traseiras da casa – e fechou a persiana. Atirou um cachecol para cima do espelho, tapando-o por inteiro. Todo o corpo tremia ao despir-se. Depositou tudo o que vestia num saco do lixo: vestido, roupa interior, sapatos. Deu três nós.

No duche cobriu de sabão todos os centímetros da sua pele, enquanto Claire esmurrava a porta a berrar:

– Despacha-te, porra!

Elle rodou a torneira até a água esquentar-lhe a pele como agulhas a ferver. Virou a cara para cima, para receber o jorro líquido e deixá-lo penetrar-lhe as narinas, a boca aberta e os cantos dos olhos.

No final, enxaguou-se com calma. E depois... depois não tinha mais nenhum plano. Não sabia o que fazer agora. Pegou num livro e tentou ler mas descobriu não ser capaz. Sentou-se na sala de estar e ficou a ver televisão durante o dia enquanto as colegas de casa saíam e voltavam das aulas, faziam tostas de queijo e incontáveis canecas de chá. Disse a quem perguntava que estava resaca – riam-se e não perguntavam mais nada.

Nessa noite não dormiu. A televisão fez-lhe companhia, uma maratona da série *Friends* durante as horas negras, risos enlatados como um berbequim na cabeça.

Na manhã seguinte, deixou-se ficar no quarto até as colegas terem saído para as aulas e depois levantou-se, calçou os ténis e começou a andar.

Sem rumo, sem plano, sem destino. Apenas os pés a pisar o passeio, a virar para outros caminhos, a andar na sombra dos prédios, passando por uma ponte, por uma doca, por um parque de betão, por uma série de lojas.

O ritmo dos passos parou, por fim. Tinha bolhas nos calcanhares, e a barriga das pernas dorida. Olhou para o edifício. Blocos cinzentos manchados da chuva, contundentes. Uma tabuleta baloiçava ao vento pendurado do telhado plano. A placa dizia.

Polícia Heddlu

Subiu pelos degraus de cimento, abriu as portas. Desinfetante, suor de vários dias, comida requentada. Uma receção. Cadeiras de plástico. Um

dispensador de produtos alimentares.

Depois, a seguir, numa sala sem janelas. Dois agentes, um homem e uma mulher. O homem recostou-se na cadeira, afastando uma película rala de cabelo louro. Observou-a com atenção.

– É uma acusação muito séria.

A frase indicou que não passava disso: uma acusação. Nem a verdade nem uma mentira. Apenas uma acusação.

Elle

Maeve observa-me no acesso escuro, com os dedos envolvendo o meu pulso.

– Tu mentiste.

Estou ciente do mar atrás de nós, do latejar do meu pulso naquela prisão da mão alheia.

– Foi o que pensei, que tinhas inventado tudo. Uma chamada de atenção... – A mão solta-se. – Mas estava enganada, não estava?

Pestanejo. É uma pergunta distante, como se colocada de outro mundo.

– Quando perguntei ao Luke o que tinha acontecido, ele olhou-me nos olhos e jurou inequivocamente que não te tinha tocado. – Engole em seco. – Acreditei nele. Era o meu marido. A filha dele crescia na minha barriga. O futuro da nossa família estava planeado. Tinha de acreditar nele.

Fico muito quieta. Nem falo.

– E vários dias depois, retiraste a acusação. Abandonaste o curso. Desististe da faculdade.

Recordo os olhares de esguelha das minhas colegas de casa, os comentários em surdina dentro de paredes da residência de estudantes.

– Ninguém acreditou em mim – digo por fim, com a voz sumida, uma mera sombra.

Maeve fita-me.

– Conteí à polícia que pensava que ele me seguia. Que rondava a minha residência de estudantes. E que me tinha dado boleia uma vez no carro dele, mas ele negou. Apresentou um álibi.

– Eu.

Anui.

– Mentiste por causa dele.

– Trabalhava na biblioteca da faculdade de Letras e via as alunas meterem-se com ele, tentarem impressioná-lo. Ouvia os comentários murmurados entre as estantes. – Faz uma pausa, o olhar fixo no meu. – Até te ouvi a ti, sabes? Conversavas com outra rapariga. Eu estava ao lado a arrumar livros num carrinho. A rapariga com quem estavas perguntou-te se tinhas vontade de o foder.

O comentário faz-me retrair. Recordo o dia, recordo a bibliotecária perto de nós, virada de costas. Sei que resposta dei, palavra por palavra.

– A meu ver, eras uma rapariga que deixara a imaginação à solta. Acreditei tão profundamente no meu marido que quis estragar-te a vida.

Pestanejo.

– Como assim?

– Discuti a situação com as minhas colegas em voz alta para os alunos ouvirem. Quis que as opiniões se virassem contra ti. Que duvidassem de ti.

A minha cabeça abana para um lado e para outro, começando a compreender.

– Foste tu quem colocou um envelope ameaçador na caixa de correio da minha residência?

Maeve encara-me enquanto acena que sim. Informa-me qual a palavra que estava escrita no interior com batom vermelho.

– *Mentirosa.*

Sinto as lágrimas a escorrerem dos cantos dos olhos.

– Quando descobriste a verdade?

Ela remexe-se, pisando o cascalho.

– Quatro anos depois. Uma rapariga apareceu na biblioteca, devia saber que eu era a mulher do Luke. Disse-me: *Peça ao seu marido que pare de me perseguir!* Contou-me que tinham ido para a cama algumas vezes, mas que ele andava obcecado, e que não parava de a seguir para o trabalho e para a residência. Que a tinha até encostado à parede.

A bÍlis sobe-me à garganta.

– Foi então que percebi que ele tinha mentido a teu respeito.

Tapo a boca com os dedos, respirando o ar quente e húmido preso nas mãos. O chão parece ondular.

– Pensei que eu estava errada – sussurro. Que me lembrava... incorretamente. Ninguém acreditou em mim. Nem a polícia. Nem as minhas amigas. Nem sequer contei à minha família. Estava com medo que também não acreditassem em mim.

Quando fiz a denúncia na polícia, senti que as minhas palavras eram questionadas. Preocuparam-se com o álcool e as drogas, com a roupa que eu trazia vestida, os comentários atrevidos que fizera nas semanas anteriores. Mas não o que aconteceu naquele gabinete, não o momento em que eu disse «Não». Fiquei profundamente perplexa, vítima de uma dúvida tão profunda que me questionei, e à minha capacidade de recordar devidamente do que acontecera, da minha própria culpa.

Se tivesse alterado a verdade – não lhes dizendo que: Sim, houve um momento em que me senti atraída por ele; Sim, tinha-me drogado com cocaína pouco antes; Sim, tinha-me metido com ele num bar na noite passada; Sim, fiz-lhe uma vénia num auditório cheio de estudantes – se tivesse omitido estes pormenores, dando-lhes um contorno mais explícito e apontando mais firmemente para a «Verdade», talvez tivessem acreditado em mim.

Aprendi, desde então, que a verdade varia, é escorregadia, e que por vezes as mentiras ajudam a esconder as áreas mais problemáticas da verdade. Esse conhecimento mudou-me, fazendo-me avaliar as situações incorretamente e tomar decisões erradas – a torcer os factos a ponto de não conseguir repô-los na posição inicial. O branco e preto tornaram-se camadas de cinzento.

– Ainda pensei em localizar-te, para te dizer que acreditava em ti – comenta Maeve. – Mas não o fiz. Tive medo de despertar o assunto, por causa da Phoebe. Passados tantos anos, deparei-me com a tua fotografia na contracapa de um livro que recebemos na biblioteca. Nem podia acreditar que eras tu. Uma escritora de sucesso. – Faz uma pausa e abana a cabeça. – Conseguieste recuperar a tua vida. Ele não te roubou isso.

Os meus dentes enterram-se na carne quente do lábio inferior.

Ela não faz ideia de como ele mudou a minha vida.

– Quero que saibas – diz Maeve – que o deixei no dia em que a segunda rapariga falou comigo na biblioteca. Fiz as malas, fui buscar a Phoebe ao jardim-escola e fomos de carro para a casa da minha mãe na Cornualha. Deixei uma mensagem a Luke dizendo que se viesse à nossa procura, eu própria iria à polícia.

– E foi?

Ela abanou a cabeça.

– Nunca mais o vimos.

– Afogou-se.

Maeve enfia as mãos nos bolsos fundos do casaco.

– Suicídio.

Arregalo os olhos.

– Recebi uma carta dele na casa da minha mãe no dia em que encontraram o corpo. Escreveu que não conseguia reconciliar os dois homens que nele viviam: o pai e o «outro», como se referia a si mesmo. Não referi a carta à polícia. Não contei a ninguém, nem à minha mãe, nem ao Steven e jamais à minha filha.

Faz uma pausa, encarando-me diretamente.

– Não quero que a Phoebe descubra quem ele realmente era. Jamais. Na sua ideia, o Luke Linden é um pai amoroso que morreu tragicamente afogado. É essa a história – respira fundo. – Sei que não me deves nada, mas peço-te, imploro-te, que isto não saia daqui.

Penso no manuscrito guardado no meu portátil, a história de uma rapariga em quem ninguém acreditava, de um homem que abusou da sua posição de poder. Penso na mulher grávida sobre quem escrevi, e nas cenas trabalhadas, refinadas.

Vividas.

– Promete-me – pede Maeve.

Elle

*Muda a lente que apontas às tuas personagens.
Ajusta o ângulo dessa lente para revelar, ou expor,
as suas verdadeiras personalidades.*

Elle Fielding (autora)

O mar estende-se perante mim, plano e imperturbado pelo vento, vítreo ante a fraca luz matinal. Atrás de mim, a alta vegetação das dunas não treme nem ondula. Pegadas na areia permanecem cimentadas. Uma quietude permeia o ar. Sinto-me pairar, suspensa nela, na extensão dos segundos.

Largo a toalha, caminho em frente. O mar divide-se e dobra-se, envolvendo-me no abraço gelado. Não controlo a respiração e debato-me contra o frio com braçadas desiguais, pontapés frenéticos, os músculos contraindo-se e encolhendo.

A luz entra na água e os meus membros surgem remotos e pálidos, como fantasmas.

Demora mais do que o habitual mas, por fim, encontro um ritmo a seguir. Com cada braçada, cada pontapé, a minha respiração recupera o controlo. A clareza de pensamento encontra um rumo, fica mais acutilante.

Penso em Luke Linden. Aqui, na água, este é o meu espaço, aplico as minhas condições. Onde estaria eu agora se tivessem acreditado em mim. Se eu tivesse acreditado em mim. Permaneceria na universidade e

terminaria o curso? Teria encontrado Flynn sequer? Viajaria? Entraria na clínica para fazer o aborto? Ou teria tido confiança em mim própria, nas minhas decisões, e pensaria de forma diferente? E se Luke Linden nunca tivesse existido? Quem seria eu agora?

A minha mente transita para o manuscrito inacabado. Teci um enredo sobre os lugares funestos dos quais nunca falei, e a rapariga de dezanove anos e o professor com o casaco de bombazina.

Pondero o pedido de Maeve.

Não pretendo magoar a Phoebe. Utilizei nomes e lugares falsos e uma nova linha temporal. Os leitores irão considerá-la mera ficção. Apenas eu e Maeve conheceremos a verdade daquelas páginas. Afinal, esta é a minha história. Compete-me a mim a forma como a conto.

Nado até à margem.

Agora sei precisamente como terminar a história.

Este romance, que me tem atormentado – tentando esquivar-se, entrando nos meus sonhos e fazendo-me rasgar resmas de papel dos cadernos e desfazê-las em pedacinhos – desvenda-se agora perante mim. Sei precisamente como unir as tramas.

E tenho dois dias para o fazer.

Corro para o escritório, com os pés descalços a pisarem os degraus de madeira. Abro a porta e nem reparo no mar, posicionando-me de imediato diante da secretária, cabelo ainda molhado, sem café para me dar energia. Sinto o ímpeto da inspiração. É como um incêndio interior.

O meu telemóvel toca no piso térreo. Ignoro-o. Não tenho espaço para mais nada. Apenas para a história.

Os dedos fervilham de antecipação ao entrar no computador e abrir a minha pasta *Autora*, e clicar no manuscrito. Abre-se para mostrar uma página em branco.

Percorro o documento mas encontra-se vazio.

Pisco os olhos, confusa. Não pode ser. Ainda ontem à tarde estive a escrever. Gravei o meu trabalho. Deve ser um erro de permissões.

Respiro fundo. Fecho a pasta e volto a abri-la.

O documento Word encontra-se ali mas, novamente, quando clico nele, as páginas continuam totalmente vazias.

Não faz mal, digo a mim mesma, sentindo entretanto o pânico arrastar-se pelo peito. Tudo é automaticamente gravado na *cloud*, e além disso tenho uma pasta chamada *Errata* onde são colocadas as versões anteriores do manuscrito para poder conferir as várias alterações. É ali que procuro primeiramente, pelas versões mais recentes guardadas.

Mas quando abro a pasta de documentos... também ela se encontra vazia. Não resta uma única versão do manuscrito, nem da cópia mais antiga.

Os meus dentes mordem os lábios ao recordar o Facebook Live que emitira ao vivo na noite passada do meu quarto vazio. *Como se alguém estivesse presente.*

Tenho as palmas das mãos cobertas de suor ao entrar na *cloud* e aceder à versão *online* dos meus ficheiros. Ao abri-los sou acometida pela terrível sensação de que o manuscrito também não se encontrará ali.

Clico em *Autora, Livro 2.*

Vazio.

A cópia de segurança da pasta de documentos *Errata*: vazia.

Tudo: vazio, vazio, VAZIO!

Esmurro a secretária, fazendo o copo de água saltar e o líquido derramar-se pela borda.

Fica calma, digo a mim mesma, lutando contra o pânico que faz ricochete no meu peito. *Pensa.*

Respiro fundo várias vezes, sentindo a caixa torácica expandir-se. Isto é um erro. Apenas um erro. O romance deve existir algures. O computador terá um vírus que se espalhou para as cópias de segurança. Gravei o meu trabalho. Obviamente. Deve existir algures.

Envio por *e-mail* o manuscrito para mim mesma, pelo menos uma vez por semana, com o intuito de que o documento permaneça num servidor, e não apenas no meu disco rígido. É uma questão de segurança. Talvez não o faça há vários dias mas pelo menos a última versão há de se encontrar ali, guardada na pasta de arquivo dos *e-mails* enviados.

Abro a conta de correio eletrónico, ignorando o manancial de mensagens que entra, e vou direta aos *Arquivos*.

— Não... — murmuro, ao ver o ecrã vazio. Não há nada ali. Nem um único *e-mail* guardado. Clico na pasta de *Enviados*, mas também se encontra vazia.

Pestanejo sem parar ao passar para a pasta de *Eliminados*, depois para a *Reciclagem*, mas também não contêm mensagens de mim própria.

Afasto-me da secretária, e levanto-me. Percorro o quarto, fechando e abrindo as mãos, tentando perceber o que está a acontecer.

Terei sequer escrito a merda do romance? Estará... tudo na minha cabeça?

Rio-me perante o pensamento lunático. Claro que escrevi! Ontem passei o dia a escrever. Vivi-o. Respirei-o. Sentada aqui mesmo, juntei frases, moldei-as, tentei conduzi-las a um final.

Escrevi um livro. Mas agora já não existe.

Maeve. O nome dela manifesta-se nos meus pensamentos como um disparo.

Recordo o tom cortante na voz ao avisar que Phoebe jamais poderia saber a verdade sobre Luke Linden. Teria ela apagado o meu manuscrito?

Foi capaz de criar um álibi falso e manchar o meu nome para proteger o marido. Até onde iria para proteger a filha?

Enquanto escrevia na biblioteca, abandonei o portátil durante alguns minutos – o suficiente para Maeve ler algumas cenas, e decidir que não podia deixar que fosse publicado.

Forço a base das mãos contra as órbitas dos meus olhos, procurando raciocinar. Revisito a ideia de Maeve ter alugado a casa com o perfil falso de Joanna. Estaria o marido, o agente Steven Cart, envolvido de alguma forma? As minhas ideias rodopiam cada vez mais lestras, mas não se conseguem encaixar para fazer algum sentido.

Preciso de falar com Maeve. Sem demoras.

Corro para o piso térreo, enfio os pés nas botas, tiro o casaco do gancho. Ao enfiar os braços nas mangas e levantar a gola para o pescoço – é quando o sinto. Algo sólido, mas frágil, debaixo das pontas dos dedos.

Olho para baixo. E grito.

Arranco o casaco do corpo, libertando os braços. Abro subitamente a porta e atiro-o para fora. Cai nos degraus, esvaziado, inanimado.

Bato a porta e fico no corredor, com as mãos agarradas ao pescoço e o coração aos pulos.

Uma traça morta, com as suas asas fugazes coladas ao corpo, encontrava-se espetada no meu casaco.

Um berro gutural abandona a minha garganta.

Encosto-me à parede. As pernas tremem-me e ameaçam ceder.

Ouço um ruído, e viro-me depressa. Mas é apenas a minha respiração, desigual e incerta.

Vejo a minha imagem no espelho – estou branca como um fantasma. A forma da minha cara parece mudada: maçãs do rosto demasiado proeminentes, olhos encovados. Encosto a palma da mão à testa como se conferisse a temperatura de uma criança – mas sinto a pele demasiado fria ao toque.

Lembro-me de que Maeve aceitou o meu casaco no clube de leitura na semana passada e pendurou-o no bengaleiro de madeira. Terá feito isto? Ou foi alguém que ali se encontrava? O clube inteiro conhece a minha motefobia.

Fecho os olhos com força. Talvez esteja tudo na minha cabeça. Outros enganos recentes espalham-se como o calor pelos meus pensamentos: os apontamentos da palestra em falta; a torneira da casa de banho aberta; o funeral a que faltei; a minha convicção de que fui trancada no escritório...

Abro os olhos, forçando-me a mexer. Os meus dedos agarram o puxador. Abro-o, com o coração aos pulos. O meu casaco encontra-se caído no degrau. Aproximo-me devagar, como se esperasse vê-lo pular. A gola está tapada. Com o pé, viro o tecido para me assegurar.

Olho para baixo.

Ei-la. A traça morta presa na lapela. Asas castanho-escuras, corpo raiado a preto e cor-de-rosa. Um alfinete de dama trespassa-lhe o abdómen, segurando-a no exato lugar do broche perdido.

Não está na minha cabeça.

É real.

Elle

– Podes passar aqui por casa? – sussurro para o telemóvel.

Não hesita. Não coloca perguntas.

– Estou a caminho.

Quinze minutos depois, Fiona encontra-se à entrada da minha casa, com o meu casaco pendurado na sua mão.

– Estás a limpar a casa?

Recuo.

– Olha para a lapela.

Fiona aproxima o casaco da cara, e contorce a expressão.

– Mas que raio é isto?

– Alguém a espetou no meu casaco.

– Estás a brincar... – Cala-se quando vê a minha expressão.

– Deixa-o aí fora – indico.

Puxo a minha irmã para dentro de casa e conto-lhe apressadamente a situação do manuscrito apagado. Estou ciente de que é uma explicação surreal e esbaforida, mas as palavras jorram-me dos lábios.

Por fim, Fiona levanta as mãos.

– Tenho de ver por mim mesma. Deixa-me espreitar o teu computador.

Fiona fita o ecrã, cenho vincado ao examinar os documentos em branco que continham o meu manuscrito.

– Não entendo...

Sinto-me justificada pelo facto de ela também testemunhar esta situação.

Fiona abana a cabeça enquanto diz:

– Não estou a ver...

– Como é que isto terá acontecido?

Descemos as escadas.

O dia tornou-se crepúsculo, mas a cozinha tem luz a mais, o ambiente ficou demasiado vívido, o som dos meus passos contra a madeira, o tiquetaque do relógio, o rugir das ondas pela janela aberta.

Falo, caminho, falo, caminho.

Fiona observa-me sem comentários.

– O prazo termina amanhã. Não tenho livro para entregar, nem uma parte sequer. – A minha cabeça abana ao percorrer as implicações. – O romance está previsto ser lançado no próximo verão. O revisor já foi contratado. A equipa de *design* encontra-se pronta para começar a trabalhar na capa. Tempo e dinheiro perdidos. Vão largar-me. O contrato será anulado. Perderei a casa. Perderei tudo.

Fiona aproxima-se do frigorífico e vejo-a retirar uma embalagem de leite. Depois, encontra um tacho num armário inferior. Vai preparar chocolate quente. A mãe fazia o mesmo quando éramos pequenas.

– Senta-te.

Enfio-me num banco da cozinha. É uma sensação reconfortante, ter a minha irmã às voltas na cozinha a deitar chocolate em pó no tacho e procurar uma colher de pau.

– Na tua opinião, o que me está a acontecer? – pergunto.

Quero que ela gracieje, que solte um comentário seco e mordaz para anular a minha ansiedade, mas o olhar afasta-se do meu e, então, percebo.

Endireito-me, e digo com uma voz expressiva:

– Não acreditas em mim.

Vira-se lentamente para me encarar. Tem um ar intrigado, como se procurasse um elemento reconhecível no meu rosto.

– Julgas que espetei uma traça morta no meu próprio casaco? Que apaguei o meu manuscrito? – Esmago os dedos contra o balcão de granito, que logo ficam brancos.

Passado um instante ela pergunta:

– Porquê, Elle? Porque haveria alguém de querer fazer-te essas coisas? – Olha-me expectante.

Porque mereço, penso.

Sinto a ameaça das lágrimas no canto dos olhos.

– Não quero dormir aqui esta noite.

Ela anui lentamente.

– Eu monto o sofá-cama.

– Obrigada.

Pega no telemóvel, envia uma mensagem rápida para informar o Bill de que a acompanharei e pousa-o no balcão.

– Queres que te leve?

– Vou atrás de ti, só tenho de fazer uma mala pequena.

Fiona encara-me.

– Vai correr tudo bem, Elle.

Engulo em seco, anuo.

Ela passa-me a colher de pau.

– Vai mexendo. Preciso de ir à casa de banho.

Apoio-me ao fogão, mexendo ritmadamente. O aroma do chocolate quente invade-me e é acompanhado de uma onda de cansaço. Só me apetece fechar os olhos e dormir, deixar que tudo desapareça.

Algo toca na cozinha. É o telemóvel de Fiona.

– Eu atendo – digo, passando o dedo pelo ecrã. – Está?

– Fala do número da Fiona Henley?

– Sim. Sou a irmã dela, a Elle.

– A Elle da casa no cimo da falésia?

– Sim...

– Joanna Elmer. Do Airbnb. Esperava...

– Joanna? – grito, espantada. Encho-me de um alívio brilhante e puro de que a mulher exista, que seja verdadeira. – Tenho tentado entrar em contacto consigo – digo a correr. – Enviei-lhe uma mensagem mas a sua conta foi encerrada.

– Sim. Foram *hackers*. Muito frustrante.

Tem uma voz bastante articulada e culta – uma voz que corresponde na perfeição à sua imagem de perfil. Aqueles pensamentos tenebrosos sobre a pessoa misteriosa que alugou a minha casa desvanecem-se. Joanna e a sua família pernотaram aqui, nesta casa.

– Ainda bem que é consigo que eu falo – comenta Joanna, e noto que a voz se encontra um pouco tensa. – Falei com uns amigos que usam bastante o Airbnb e disseram-me que foi incorreto da minha parte ter pago o valor por inteiro. Não quero armar problemas, e devia ter pensado no assunto antes, mas com tudo o que aconteceu tinha a cabeça noutro lugar, como deve compreender... seja como for, tive oportunidade de rever os termos e condições, os quais indicam expressamente que, no caso de um cancelamento ser informado com mais de vinte e quatro horas de antecedência do início da ocupação, que cinquenta por cento do valor original deve ser devolvido – respira fundo. – E foi antes das vinte e quatro horas, foram vinte e seis horas antes, para ser exata.

– Cancelamento? – O meu coração para.

– Sim. Quando liguei a cancelar, a sua gerente não me disse que tinha direito a uma devolução parcial.

Fito o tacho, a película de leite formando-se na ponta da colher de pau.

– Então, a senhora não ficou na casa no cimo da falésia?

– Conforme expliquei à gerente – diz, com um tom exasperado na voz –, a minha cunhada teve um ataque de apendicite aguda e tivemos de ir para as Midlands cuidar dos filhos dela e...

– E disse tudo isso à minha... à Fiona?

– Ela foi muito simpática e disse que não havia problema. Mas não se falou numa devolução nem em mudarmos a data. Com o drama em curso, nem pensei no assunto. Só agora, quando tive oportunidade de analisar o assunto, é que considero a situação, bem, muito injusta.

Sinto-me enregelar. Se a Joanna e a sua família não ficaram aqui em casa, porque é que Fiona não me contou isso? Terá ficado com o dinheiro do aluguer?

Não, claro que não – a transferência entrara diretamente na minha conta. Tal como aparece no meu extrato de conta.

Mas porquê?

Lembro-me do dia em que voltei de França. A casa estava limpa e no mesmo estado em que a tinha deixado, a não ser alguns artigos esquecidos

pela família de Joanna – um frasco de creme para as assaduras da fralda, uma girafa de brinquedo, e cera para o cabelo. Se não pertenciam à família de Joanna, então, eram de quem?

– A devolução?

Volto a prestar atenção à chamada. Joanna aguarda uma resposta.

– Sim... sim, claro que lhe devolvo o dinheiro. Vou já tratar isso.

Termino a chamada e pouso o telemóvel de Fiona no balcão.

Diretamente por cima de mim, ouço os passos de Fiona. Não tinha dito que ia à casa de banho? Mas esta não fica por cima da cozinha... ali é o meu quarto!

O meu coração acelera quando a ouço no patamar e depois enquanto desce os degraus. Mantenho-me ao balcão quando regressa à cozinha.

– O meu telemóvel tocou?

– Foi o meu.

Olho para cima e descubro a Fiona a examinar-me atentamente.

– Está tudo bem?

Obrigo-me a anuir. Avanço para o fogão, para manter o tacho debaixo de olho.

– Vai andando. Eu bebo o chocolate quente, faço as malas e sigo-te.

Fiona aproxima-se, até ficar colada às minhas costas. Inclina-se por cima do meu ombro a ponto de os nossos queixos quase se tocarem.

– Oh! – diz ela. – Estragaste tudo.

Fico hirta.

– O chocolate quente... Deixaste queimar o leite.

Subo as escadas sem acender as luzes. Paro junto à janela do patamar e vejo a minha irmã atravessar o aceso em direção ao carro.

O ar escapa-se dos meus pulmões em sopros superficiais. Encosto o rosto com tanta força contra a janela que uma nuvem de condensação se forma no vidro.

Porque a Fiona não me contou que a Joanna cancelara a reserva?

Alguém ficou na minha casa, tenho a certeza. Teria Fiona alugado a outra pessoa? E ficado com o dinheiro de outra família?

Outra possibilidade me surge: Drake esteve na casa dos pais de Bill na semana da minha ausência. Fiona ficou sozinha. Ao saber que a Joanna

cancelara a reserva, talvez tivesse decidido ficar aqui em casa na vez da mulher.

Ao ver Fiona entrar para o carro, recordo o comentário de Enid de que presenciara uma figura no último piso desta casa.

Fiona?

Quando era criança, lembro-me de Fiona entrar no meu quarto, mexendo descontraidamente nos meus objetos, os dedos a passar pelas páginas do meu caderno de exercícios ou a virar a caixa dos lápis para ver os rabiscos no fundo. Tirava-me a carta que eu estivesse a escrever para uma amiga, e lia-a, encostada à parede, como se as minhas coisas fossem suas.

Se Fiona tinha encontrado uma forma de entrar no meu escritório, a curiosidade dela estaria ao rubro. Imaginei-a a percorrer a divisão, vendo os títulos na estante, abrindo as gavetas da secretária. E mais? O que mais viu?

A pele na base da nuca contrai-se ao imaginar a palavra entalhada na perna da secretária. *Mentirosa.*

Um único pensamento invade-me: *ela descobriu.*

Corro para o último andar da casa, subindo os degraus dois a dois.

Bato no interruptor da luz. Avanço diretamente para o baú de carvalho, abro a tampa, e começo a retirar diários, cadernos antigos, anotações. Procuro uma pasta de pele curtida, gasta pelo tempo, macia.

Afasto para o lado o maço de cartas de Flynn, uma cassete antiga, um caderno cheio de Polaroides, uma pasta com um padrão geométrico de margaridas.

Onde estará?

Devia estar no fundo do baú, escondida debaixo dos álbuns de fotografias e dos cadernos. Há meses que não abro essa pasta... é mais fácil fingir que não existe.

O chão à minha volta é uma confusão de cartas, fotografias e diários. Depois encontro-a – uma aresta de pele, com a marca do tempo visível nos cantos moles da pasta. Ainda está no baú! O meu coração salta de alívio.

Retiro a pasta, mas noto de imediato que alguma coisa não está bem. O peso nas minhas mãos é diferente, a espessura está incorreta.

A minha respiração fica entrecortada ao abrir a capa.

Não...

A pasta encontra-se vazia.

Viro-me bruscamente, em alerta. Não ouvi o som dos pneus a pisarem o cascalho.

Pondo-me de pé, atravesso o escritório e desço rapidamente as escadas escuras. Alcançando a janela do patamar, paro, debruçando-me, com as mãos encostadas no vidro frio.

O carro de Fiona continua estacionado no acesso. A luz interior está acesa e vejo-a pegar no telemóvel, o ecrã projetando um brilho frio no seu rosto. Confere alguma coisa.

O olhar sobe para esta casa, como se soubesse que me encontro ali a observá-la.

Um instante depois, a porta do carro abre-se.

Foda-se!

As luzes de segurança acordam. Um arrepio percorre-me a espinha ao ver a minha irmã aproximar-se da entrada.

Preparo-me para o som do batente. Não tenho de deixá-la entrar. Posso fingir que não ouvi, que estava a tomar um duche...

Preciso de tempo para pensar e pôr as ideias em ordem.

Mas ela não bate à porta.

Ouçó o som baixo de uma chave na fechadura. Depois, uma brisa fria que sobe pelas escadas. Vejo as pontas das persianas a agitarem-se, os cordões a baterem contra os caixilhos das janelas. A porta é fechada.

Fiona está na minha casa.

Elle

*Tenham a noção de como vai terminar a história,
mas permitam-se colocar no lugar da personagem
e surpreenderem-se.*
Elle Fielding (autora)

Aguardo à janela, mal respirando. Sinto a pulsação latejar nos ouvidos ao escutar os saltos das botas de Fiona pisarem ritmadamente os degraus enquanto ela sobe.

Vejo o deslizar do casacão dela nas escadas, o escorregar das pulseiras contra o corrimão de madeira polida.

É então que me movo, correndo para o cimo da casa à procura de luz. Coloco-me na ombreira iluminada, braços esticados, bloqueando a entrada do meu escritório.

Fiona surge lentamente nas escadas: o alto da cabeça, as sobrancelhas arqueadas, a linha reta do nariz, o corte do casaco preto, a bolsa ao ombro. Faz uma pausa no patamar. Fita-me fixamente, com os olhos brilhantes, uma expressão pálida contorcida.

Não diz nada.

O silêncio contorce-se à nossa volta, fazendo-nos tombar no olhar alheio. Somos da mesma altura, e a vista dela parece estar ao nível da minha.

O meu coração pulsa com força. Como se tentasse saltar do peito, fazendo pressão contra uma costura que ameaça ceder.

Por fim, digo:

– Entraste na minha casa.

– Tenho uma chave. – Não lhe reconheço a voz. Está neutra e despida de emoções. Uma voz defunta.

– Troquei as fechaduras.

– Guardas uma chave na escrivaninha.

Meu Deus.

Fiona enfia as mãos ossudas de dedos compridos nos amplos bolsos do casaco.

– Atendeste a chamada da Joanna.

A minha voz manifesta-se como algo estranho e débil.

– Ela nunca pernitou aqui.

– Pois não.

– Quem foi, então?

A boca de Fiona recurva-se com um sorriso ténue.

– Desconfio que já descobriste.

Encaro a minha irmã.

– Foste tu.

Um aceno de confirmação.

– Porquê?

– A Joanna tinha cancelado. A casa estava completamente vazia e paga. Porque não?

– Não é motivo.

– Preciso de um melhor? Então experimenta este: o Drake estava com os pais do Bill. Eu tinha os textos da brochura para concluir e sabia que não me concentraria na minha casa, portanto, decidi ficar na tua. A casa da escritora.

A frieza da última frase golpeia-me como um bloco de gelo.

– Se tivesses pedido, ter-te-ia deixado ficar.

– Liguei-te para França. Três vezes.

– Não tinha sinal. Mas podias ter-me contado depois...

Fiona ri-se, uma gargalhada aguda. Espero que continue a explicar-se, mas não diz mais nada.

Ouço o distante marulhar das ondas além da casa.

– O teu carro não estava cá – digo no silêncio.

– Vim de táxi. Queria que fosse tudo diferente. Queria entrar nesta casa como outra pessoa, e não como irmã, esposa, mãe... apenas eu. – A voz está vazia de emoções, uma faca embotada. – Queria entrar neste espaço sereno e calmo, para experimentar o privilégio com que vives diariamente: sentar-me na tua secretária, ver a água, escrever.

– O quarto estava trancado.

Fiona encolhe os ombros e nesse gesto percebi que para ela arrombar a porta não teve qualquer significado. O meu peito enche-se de pavor: se Fiona entrou no meu escritório, sei precisamente o que terá encontrado.

Aproxima-se de mim, e eu recuo.

Fiona evita-me, mãos enterradas nas profundezas do casaco de inverno. Vejo-a invadir o meu escritório, e recordo que também costumava entrar assim no meu quarto, quando éramos crianças, varrendo com o olhar as estantes, passando pelo guarda-roupa, percorrendo os brinquedos amontoados na cabeceira da cama. Algo lhe chamava a atenção – um livro de colorir favorito, uma caneta brilhante – e decidia apropriar-se do objeto, levando-o para o seu quarto, porque *Temos de partilhar as coisas, Elle*. Fora a imposição de uma irmã mais velha e determinada? Ou sempre existira aquela ideia de prerrogativa – como se Fiona considerasse que podia tomar o que quisesse?

– Sabes que – começa Fiona, com voz de aço – desde que compraste esta casa, só entrei uma vez no escritório? Antes de o teres terminado de construir. Quiseste mostrar-me esta secretária.

Pousa a mala sobre a secretária. Percorre a madeira com as pontas dos dedos.

– Imagino que o Flynn deva ter tido um trabalhão para restaurá-la. Uma secretária de escritor, para a escritorzinha. Ele acreditava em ti plenamente. – Abre a gaveta de cima, como se admirasse a suavidade das calhas, a qualidade do fabrico. Não a fecha.

– Sempre me perguntei por que razão nunca me deixaste entrar aqui. Talvez por te sentires constrangida, pensei. Aqui estavas com o melhor sítio para escrever de sempre. A secretária de carvalho resplandecente e a vista para o mar. A bonita cadeira de leitura estofada. É perfeito, Elle. A sério.

Criaste um santuário. Talvez fosse melhor se não te vangloriasses disto, pensei eu, pois quem não sentiria alguma inveja?

Fito a minha irmã, ciente da minha respiração desigual.

– Sentei-me aqui, na tua secretária. Pela primeira vez, desde que o Drake nasceu, tinha tempo para mim mesma, para escrever. Claro, ao contrário de ti, não posso escrever o que me apetece. Esse ato, conceber uma história a partir de imagens na cabeça, é um truque de magia. Um privilégio.

Faz uma pausa, com o olhar deslizando para a estante.

– Lembras-te dos livros que costumava montar quando era criança? Pegava num monte de papéis da impressora da mãe, dobrava-os ao meio, agrafava-os para formar a lombada de um livro. Escrevia histórias intermináveis, depois arrumava-os nas estantes, imaginando que eram meus e que tinham sido publicados.

Ouçõ com atenção, atenta às inflexões do tom de voz.

– Terminei o texto do panfleto em dois dias. Incrível, o trabalho que se despacha quando não há distrações. Ao terminar, fiquei sentada aqui, a olhar para a vista, sentindo uma bizarra falta de propósito. Perturbou-me... o Drake longe, o Bill a trabalhar, tu em França. A mãe, falecida.

Faz nova pausa, como se os pensamentos encontrassem um novo rumo.

– Quando limpámos o apartamento da mãe, não quis ficar com quase nada. Duas joias rosa-douradas, fotografias, aquele cachecol do pavão que adorava. Deves ter pensado que estava a ser implacável quando encaixotei o resto. Mas não queria as roupas dela nem os livros nem a mobília nem a coleção de discos: queria-a a ela. Oxalá soubesse que, depois, sentiria falta dessas coisas. Sabia que tinhas guardado mais do que eu e, portanto, abri o teu baú – diz, atravessado o quarto, dirigindo-se para o visado. – Queria ver fotografias da mãe ou se tinhas guardado alguma coisa especial.

Fiona ajoelha-se diante do baú entre a dispersão de fotografias e cadernos.

– Há um álbum aqui que não via há anos. De uma das nossas viagens pela Cornualha. Passámos por esta baía. Fizemos aqui um piquenique.

Estende a mão para o álbum azul-marinho, e os dedos viraram as folhas até encontrar a fotografia.

– Olha – diz, mostrando-a. – Vê-se a casa original do pescador no cimo da falésia.

Fiona tem razão, não me tinha apercebido disso e agora sinto uma ligação estranha, um fio que une presente e passado.

– A mãe desejava-a. Apontou para ela e disse-nos que gostava muito da casa, e que devia ser encantadora para escrever.

Pisco os olhos devagar. *Ela dissera isso?* Tenho uma vaga lembrança de uma toalha vermelha com borlas na baía e a nossa mãe olhando para a falésia.

– Mas tivestes de derrubá-la e construir algo maior e mais grandioso.

Tento falar, mas Fiona mostra-me outra fotografia. A nossa mãe sentada no banco da janela da caravana que costumávamos alugar, um caderno equilibrado nos joelhos, a cortina de cabelo a tapar-lhe um lado da cara enquanto escreve. Percebe-se que não reparou que a fotografia tinha sido tirada. Já não me lembro se fui eu ou a Fiona atrás da câmara.

Fiona olha para cima, com uma expressão inamovível.

– A mãe sempre quis ser escritora. Era o sonho dela, não te lembras?

Fico calada.

– Continuei a vasculhar o baú. Há tantos objetos preciosos ali dentro, fotografias, diários, cartas, cadernos. E depois descobri algo que me deixou totalmente perplexa.

Tornou-se difícil respirar.

– Uma pasta com capa de pele. Pensei que fosse outro álbum de fotografias.

Capa de pele curtida, gasta pelo tempo.

– Mas abri-a e percebi que era algo completamente diferente. Não tenho de te dizer o que estava dentro, pois não?

Fico sem pinta de sangue no meu corpo. Tenho as pontas dos dedos dormentes.

A voz de Fiona não se altera, não se enerva.

– És capaz de imaginar o desgosto quando descobri que tinhas escrito um livro sem me dizeres nada? Não me pediste ajuda nem encorajamento, foi tudo feito em segredo. Quando desabafei com o Bill, ele disse-me para não me aborrecer, era natural que quisesse tentar sozinha, esperar até teres algo sólido para mostrar. Mas para mim foi um desgosto. Era humilhante quando as minhas amigas me perguntavam, e eu tinha de admitir que *A bem dizer, não fazia ideia*. Revelava os problemas do nosso relacionamento.

Lembro-me de ligar a Fiona para partilhar as novidades do acordo. Suava tanto das palmas das mãos que o telemóvel escorregava. Foi com uma voz invulgarmente descontraída que anunciei: «Olá, tenho uma coisinha para contar!» Não mencionara que estava a escrever um romance mais cedo pois preocupava-me que ela comentasse ou fizesse uma daquelas expressões, a qual denunciaria a sua opinião: *Elle, isso não é a sério*.

— Portanto, admito que fiquei intrigada para conhecer o ponto de partida da história que te lançou — continua Fiona. — Pois num momento és a minha mana mais nova que vive sem rumo, a empregada de bar em *part-time*, sempre de cabeça no ar.

Respira fundo e a dureza do aço apodera-se da sua voz.

— Mas no instante seguinte, és uma autora. Uma escritora cujo primeiro livro conquistou um rol de prémios. E pensei para comigo: como é que aconteceu essa transição? Foi como se tivesse perdido um episódio da tua vida.

Fiona tinha-se levantado. Encara-me intensamente e as próximas palavras enchem o quarto:

— E perdi, não foi?

Fiquei totalmente imóvel. Desde que tinha começado, que aguardo este instante. O momento em que a verdade é desnudada, e as centenas de mentirinhas que contei saltam para fora, a contorcerem-se, quais vermes que se alimentaram do caroço podre.

— Não escreveste aquele livro, pois não?

Elle

Os leitores querem sempre saber como foi. Compreender a transição de potencial escritor a autor publicado.

Para mim, sucedeu numa série de instantes, um fio de interações, pérolas de entusiasmo, ansiedade, escolhas, as quais, quando enfileiradas, formam o peso que carrego ao pescoço.

Aconteceu quando Flynn estava em viagem. Aceitara um trabalho de quatro semanas numas filmagens em Espanha, para criar um bosque assombrado para um filme independente. Conseguiu-o através de um engenheiro florestal seu amigo, e era demasiado bom para recusar. Se ele tivesse permanecido em Bristol, as coisas seriam diferentes? Talvez.

Flynn deu-me um beijo de despedida, agarrando os meus antebraços, inclinando a cabeça para me encarar, olhos nos olhos.

– Boa sorte com a editora. Liga-me mal saias da reunião. Quero saber tudo.

Assim fiz. Atravessara as portas giratórias, saindo para as ruas movimentadas de Londres, pegando no telemóvel. Estava ansiosa por partilhar todos os pormenores: as rececionistas com as suas fardas pretas feitas à medida e fones nos ouvidos; o elevador de vidro que subia pelo edifício como um foguete; a vista do décimo segundo piso do Tamisa castanho serpenteando pela cidade. Contar-lhe-ia que a editora-chefe tinha

adorado a minha história, que falámos das minhas personagens e que, pela primeira vez, a história se ia tornar verdade. E depois iria contar: *tenho de pensar noutra ideia para uma história até amanhã! Querem conhecer «a amplitude das minhas ideias»*. Flynn iria rir-se, dar-me os parabéns e responder que era uma notícia fabulosa.

Mas Flynn não atendera o telefone.

De volta ao nosso apartamento em Bristol, preparei um café e sentei-me no sofá com um bloco de notas no joelho. Tinha de ter uma ideia para um segundo livro até amanhã! Era absurdo, mas ao mesmo tempo era estranhamente vitalizante ter aquele objetivo súbito – uma espécie de prazo. Tornava o meu sonho muito imediato.

Comecei a anotar conceitos, a escavar nos recantos da minha memória. Surgiram ideias antigas, pássaros esvoaçando na periferia da visão – demasiado rápidos para ver a sua plumagem inteira.

Recordei a ideia de uma mulher a conduzir uma carrinha empoeirada pelas planícies canadianas, com um bebé no lugar do passageiro, uma mancha de sangue nos faróis e cabelo humano colado no para-choques. Mas quando tentei examinar a ideia mais em pormenor, não conseguia ver a expressão da mulher nem outras particularidades que indicassem o decorrer do enredo.

Preparei mais um café e calcorreei o apartamento enquanto o bebia, escaldando o lábio superior. Só precisava de algo solto, um parágrafo ou dois. Um conceito. Tal como dissera a minha agente, a intenção era demonstrar a amplitude das ideias.

«Mesmo se te oferecerem um acordo para dois livros, não tens de ficar amarrada à ideia.»

Um acordo para dois livros. Meu Deus, só de pensar nisso!

Afundei-me no sofá, afastando uma caixa de cartão contendo os álbuns de fotografia da mãe. Uma onda renovada de desgosto insurgiu-se, feroz e súbita. Adoraria poder falar com ela, ficar noite dentro a trocar ideias, a desmontar os enredos das histórias que adorávamos, a discutir formas de as tecermos com um aspeto renovado.

Ponderei – e rejeitei – a ideia de ligar a Fiona. Imaginava o tom seco da sua voz, o seu espanto de que eu tivesse abordado um editor sem nada lhe dizer. Não, isto conquistei sozinha.

Um intervalo de dez minutos, e depois regresso ao caderno – decidi.

Peguei num antigo álbum de fotografias da mãe e percorri as imagens nas suas bolsas plásticas. Era um álbum natalício com tons inverniais, eu e a Fiona sentadas num tapete cor-de-rosa, rodeadas por um mar de papel de embrulho. Passei para o álbum seguinte, encadernado a pele curtida e macia, mas ao abri-lo, espantou-me encontrar, não imagens mas uma resma de papéis repletos da caligrafia inclinada da nossa mãe. Inicialmente pensava tratar-se de um molhe de cartas, mas ao folhear as páginas notei que os capítulos tinham títulos.

Pousei-o no colo, esperando que fosse uma das suas histórias, que já conhecia; mas ao começar a ler, as palavras eram desconhecidas. Era um tesouro, uma parte da minha mãe que eu não gastara de tanto recordá-la.

Minutos depois embrenhara-me na história. Mergulhara num sonho efervescente – personagens tão verosímeis que me apetecia entrar nas páginas, sentar-me com elas, conversar, chorar.

A luz esvaíra-se do quarto, e as horas passavam. Apenas me mexi para ligar o candeeiro e tapar os joelhos com uma manta. A história consumia-me, a sua beleza, o enredo formado por várias tramas numa única narrativa pejada de textura. O ritmo imparável.

Li a última página quando a manhã acordava. Lá fora, ouvia pássaros a chilrear, o apito de um veículo em marcha atrás, o soprar do camião do lixo. Sentia-me exausta mas exultante. Vejam o que a nossa mãe fez! Não podia esperar para contar a Fiona. Pus o manuscrito de lado, decidindo tomar um duche rápido, clarear as ideias, e continuar. Tinha poucas horas para responder ao agente.

Quando a água quente me atingiu a cabeça, vi o sangue. Observei o padrão hipnótico ao espalhar-se antes de cair pelo ralo. Conhecia o ritmo dos meus períodos, estava muito ciente das pequenas flutuações do meu organismo – uma dor na zona lombar, a barriga inchada – que indicava a sua vinda. Era preferível saber antecipadamente que o meu corpo me tinha falhado novamente, do que ser testemunha da prova vermelha.

Mas nesse mês – talvez pela intensidade de um conjunto trabalhoso de turnos no café ou a excitação da reunião com a editora – não notei os sinais habituais e permiti-me sentir uma ínfima esperança.

Tentávamos há dois anos e cinco meses. Vinte e nove menstruações – todas terminaram da mesma forma. Comecei a perceber que o futuro ansiado, um futuro que orbitava na minha transformação em mãe, teria de

ser revisto. Admitir a possibilidade de ser outra pessoa, alguém que não dobraria pequenos conjuntos de pijamas com figuras de dinossauros debaixo das almofadas nem seguraria uma mãozinha fofa no passeio alertando para olhar sempre para ambos os lados.

Terminei o duche, envolvi o cabelo molhado numa toalha e regressei ao portátil. Talvez, disse a mim mesma, lendo a mensagem do meu agente – «Tens pronta uma ideia que eu possa transmitir?» – *talvez o meu destino seja tornar-me escritora.*

Nesse instante, senti-me visceralmente ligada à minha mãe, como se me observasse do alto, oferecendo-me aquelas páginas, dizendo, *Toma! Realiza este sonho!*

E, aliás, só tinha de enviar dois parágrafos ao meu agente. A essência da história da minha mãe. Não teria de ir mais longe – apenas para mostrar que eu tinha ideias.

Não foi uma ocasião portentosa. Nem parecia um rumo que escolhi. Transcrevi aqueles dois curtos parágrafos, vesti a farda e saí para o trabalho.

*

– Saí para o trabalho – continuo a explicar a Fiona. – Não me sentia culpada de enviar a ideia da mãe porque o livro que eu tinha escrito, aquele ao qual dedicara dezoito meses da minha vida, era o foco de interesse da editora.

Fiona encontra-se imóvel, atenta.

– O meu agente ligou-me ainda nesse dia para informar que a editora queria apresentar uma oferta.

Atendera no armazém, de costas para a porta, com o telefone encostado ao ouvido. Recordo o entusiasmo especial, como se algo dentro de mim subisse para respirar, enchendo-me os pulmões com a possibilidade gloriosa de um futuro novo – e que não envolvesse um avental preto atado à cintura, nem o lava-louça que tinha de ser liberto de canecas sujas.

Enquanto escutava, anuindo com atenção, esperando que a ligação não falhasse durante a chamada que era a minha salvação, o meu agente disse:

– A equipa editorial gostou do teu romance e disse que o estilo é fresco e bonito... mas não acreditam que a ideia seja suficientemente forte para o mercado tal como se encontra. A bem dizer, sentiram que a história era

demasiado calma e que lhe faltava o engodo que os ajudaria a vender o livro. Contudo, adoraram a tua ideia para o segundo romance. Esse, sim.

A agradável sensação de algo que sobe, que se levanta, foi interrompida em pleno voo. Colapsou em meu redor.

– Então, que dizes? – perguntou o meu agente, na expectativa que eu dissesse, obviamente, *Sim!* Era o que todos os potenciais escritores pretendiam, um contrato de edição sólido com um dos maiores e mais respeitados editores do setor.

Como podia eu dizer ao meu agente que a ideia para a segunda história – aquela que apaixonou a equipa editorial – não era minha? Não só perderia o contrato como também o meu agente literário.

Só queria ver o *meu* livro publicado. Fiz o trabalho todo. Escrevera uma história com noventa mil palavras. Mas naquele gabinete com parede de vidro num arranha-céus em Londres, uma equipa de pessoas sentara-se em volta da mesa a discutir tendências e formas de promover a ficção, e tinham decidido que a história por mim escrita não era a que venderia. Mas sim a outra ideia, aquele conceito minúsculo que lhes enviara num *e-mail* escrito à pressa.

E estavam corretos.

Encaro Fiona.

– Aceitei a oferta. Disse a mim mesma que era apenas o pontapé de arranque. O livro da mãe garantia-me o contrato de edição, e depois voltaria a escrever as minhas próprias histórias.

Foi um negócio menor. Ofereceram-me um adiantamento de quinze mil libras. Não fazia ideia de que o meu agente conseguiria vender os direitos internacionais, que a história da minha mãe seria alvo de leilão na Alemanha com doze editores e três rondas. Que na Holanda os editores enviaram «cartas de amor», nas palavras do meu agente, exortando os motivos pelos quais os devia escolher. Nem que na América, num arranha-céus nova-iorquino, um editor já informava a equipa de comunicação sobre a melhor forma de apresentar o romance indigitado para se tornar o primeiro das vendas do verão.

– Foi como se tivesse carregado no botão de *Start* e depois não pudesse parar os sucessivos acontecimentos – expliquei. – As pessoas solicitavam entrevistas. Organizaram-se digressões. Tinha de falar sobre a minha inspiração para o romance, e como dei vida às personagens.

Ter enviado o manuscrito da mãe foi apenas a primeira mentira. Outras se lhe seguiram, escavando um buraco tão fundo que não me permitiu escapar.

– Voltei a ter insónias. Ataques de pânico antes das entrevistas, pois, como podia eu apresentar-me diante das pessoas e falar de um livro que não escrevi? Toda a gente me dava os parabéns, que devia estar orgulhosa, que tinha escrito um romance maravilhoso.

Encaro a minha irmã.

– Fiquei presa numa vida que nunca ambicionei ter.

O olhar de Fiona é implacável.

– De certeza que nunca foi essa a tua ambição?

Elle

– A mãe tinha dois empregos – diz Fiona, olhando em frente, com a vista sombria, quase turvada. – Mesmo assim, acordava mais cedo para poder escrever antes de sair de casa.

Sustento-me no baú de carvalho. Sob o aperto do meu maxilar, sinto o latejar do coração.

Quando era pequena, levantava-me cedo e encontrava a minha mãe sentada à mesa da cozinha, cabeça inclinada sobre um caderno. Recordo o fluxo perfeito da sua caligrafia ao encher as páginas, e a concentração vincada no rosto. Se reparasse em mim, olharia para cima, com a caneta pairando sobre a página ao oferecer-se para me preparar o pequeno-almoço – mas eu percebia que a oferta lhe custava.

– A mãe dedicava-se à escrita – continua Fiona. – Não teve meios para frequentar a universidade, nem sequer um apoio financeiro. Aproveitava os minutos possíveis do dia a dia para escrever.

Virando-se para a mala, retira um envelope grande, do qual extrai um conjunto de páginas que reconheço: o manuscrito da nossa mãe.

– Nunca nos disse que trabalhava num romance – comenta, pousando o manuscrito na secretária, como uma peça de exibição. – Porque será?

A pergunta não esperava resposta.

– Ela nunca acreditou que prestasse. Falava da escrita como sendo um *passatempo tolinho*. E não contava a ninguém. Publicou um par de contos, mas, acima de tudo, escrevia para si própria, por gosto. Escrevia porque não podia passar sem escrever.

Fiona espeta o indicador no centro do manuscrito, como uma seta prendendo-o contra a minha secretária.

– Quando a mãe morreu, não sabia que tinha deixado algo de tão espantosa beleza, que o mundo inteiro iria ler e apaixonar-se pelas personagens, e recomendá-lo. Ela não viu isso acontecer nem soube que todos os anos dedicados ao seu *passatempo tolinho* valeram a pena.

Sinto a culpa, ardente e peganhenta, subir pela garganta.

– Quando descobriste o manuscrito que ela deixou, tiveste uma oportunidade de honrá-la. Publicar a história em nome dela, postumamente, realizar o sonho que sempre teve. Seria o legado da mãe, aquilo que deixou ao mundo. – Faz uma brevíssima pausa. – Mas ficaste com ele para ti. Ninguém sabia da história, portanto, *aproveitaste-te dela*.

Os meus dentes cerram-se dentro das bochechas, prendem a carne quente e húmida. As palavras são duras, calculadas.

Desde que enviei o manuscrito da minha mãe que me tenho debatido contra a desgraça das minhas ações, tentando empurrá-las para o fundo da mente, como uma pressão enorme, que se acumula e expande.

As palavras de Fiona abrem as comportas, e a culpa e o arrependimento jorram, libertos. Cubro a cara com as mãos, um soluço soltando-se no quarto. Dos olhos escorre um rio quente de lágrimas.

A minha mãe adorava-me, acreditava em mim.

E eu traí-a.

A expressão de Fiona permanece imóvel e rígida.

– O Flynn sabe?

A pergunta é simples. Passível de resposta. Limpo a cara com as costas das mãos.

– Não.

– O Flynn nunca leu o teu manuscrito original, ninguém leu, portanto, pensavas que conseguirias ir avante com o teu plano.

– Nunca tentei ir avante com nada. Ele estava no estrangeiro quando vendi o livro. Quando regressou, já tinha tudo acontecido. Não sabia como desfazer a situação. Estava...

– Lembro-me de que me ligaste para contar as boas-novas – interrompe-me ela. Encosta-se à minha secretária, de pernas cruzadas, queixo erguido, lábios retesados. – Estava eu grávida de oito meses, ajoelhada diante de uma mochila, tentando perceber que artigos se levam para a maternidade. Queria tanto conversar com a mãe, para me dizer o que escolher, o que fazer, para me dizer que ia correr tudo bem. E então ligaste tu. Fiquei muito aliviada ao ouvir a tua voz. Comecei a contar-te os meus dilemas com o que devia levar para o hospital. Tu escutaste durante uma eternidade e só no fim é que me contaste.

A expressão de Fiona comprime-se, com os músculos tensos no maxilar.

– Fiquei arrasada. Um contrato de edição para um livro? A merda de um contrato para vender um livro! A escrita sempre foi a minha carreira. Era uma forma de me definir, de me identificar perante os outros: Fiona, a jornalista. Mas quando desliguei o telefone, percebi que tínhamos, de alguma forma, trocado de vidas.» Vieste visitar o Drake pouco depois de nascer. Viste como me foi difícil adaptar-me à maternidade. Pensei que sentiria um amor instintivo e dominador do qual falam as novas, mas... não senti nada disso. Não fazia ideia de qual era o meu dever. E este corupio de êxito em que te encontravas... o elogio dos críticos, a riqueza súbita... tudo sublinhou aquilo que me faltava. Só sabia que tinha falhado. Com o Drake. Com o Bill. Comigo própria.

Afasta-se da secretária, colocando-se diante da parede envidraçada, de costas para mim. A baía está encoberta pela escuridão, exceto pelos traços esbranquiçados das ondas que assolam a praia. No reflexo, noto a expressão empedernida de Fiona.

– Semanas depois de o Drake ter nascido, decidiste-te mudar para a Cornualha. Quis sentir-me feliz com essa decisão. A sério que quis. Sabia que adoravas o Drake e querias estar perto dele, mas também senti, até certo ponto, que este espaço que tentei montar para mim mesma ficaria comprometido.

Fiona deixa a cabeça tombar para a frente, até a testa embater no vidro.

– Os ciúmes são toscos e previsíveis como a merda. Odiava senti-los, mas estavam lá. Depois de ter estado na tua casa, com tanto espaço, luz, esta

sensação de paz por ti criada, é difícil voltar para a nossa sem notar a tinta estalada e a carpete desfiada.

Fiona vira-se, encara-me.

– A tua presença na Cornualha devia ter representado uma influência positiva e maravilhosa, e contudo... não foi.

Uma profunda tristeza invade-me o peito.

– Desde que te mudaste para aqui, as pessoas cumprimentam-me como sendo a *irmã da Elle*. És o ponto de referência da minha pessoa. – A amargura sobe na voz dela, fica com um tom mais intenso. – Meia vila segue as tuas contas nas redes sociais. Toda a gente está embrenhada na tua casa fotogénica, na tua carreira fabulosa, no estilo de vida tranquilo que construístes... mas é tudo mentira.

Ela dá um passo em frente, o maxilar cerrado, os olhos quase fechados.

– Sabias que eu e o Bill temos tido dificuldade em sobreviver com um único ordenado, que a nossa casa está a cair aos pedaços... mas montavas superfícies de granito, portas de fole e as paredes envidraçadas de merda, com o dinheiro que não te pertencia.

– Tentei dar-te algum... ofereci-me para pagar a renovação da casa de banho... e a tua hipoteca...

– Uma esmola! O que pensei era que nos davas uma esmola! Claro que *recusei*. Não sabia que o dinheiro pertencia realmente à mãe. – Os lábios retesam-se sobre os dentes. – Então e o Drake? Podias ter posto de parte dinheiro para ele, para quando fosse crescido. Mas não: foi tudo enfiado na casa. E agora vais perder tudo... quanto tinhas tanto. – Contorce a boca. – Pegaste nos sonhos da mãe. Fizeste-os teus. Enganaste-a. Enganaste-nos a todos, Elle!

Está tão próxima de mim que consigo cheirar o travo amargo do bafo, misturado com uma sugestão de perfume. Ouço-a inspirar de forma rápida e baixa. Penso no teu rosto. Quem és tu? Veias que se esforçam para saltar do pescoço, dentes expostos, uma madeixa de cabelo colada à boca.

Mas a expressão de Fiona parece, então, mudar-se, alterar-se. A boca contorcida suaviza-se, os vincos da testa desfazem-se. O olhar fica neutro – não turvo mas ausente – e o rosto fecha-se, torna-se impenetrável.

Já não é a minha irmã que vejo mas uma versão distante dela.

– Tu – anuncia Fiona, a voz como um sussurro de aço – mereces todo o sofrimento que te aguarda.

Elle

É como se fôssemos duas estranhas.

Tento reconciliar esta Fiona com aquela que costumava fazer tranças no meu cabelo, sentada de pernas cruzadas no chão, a cantarolar. Ou com a Fiona adolescente que me levava ao parque enquanto a nossa mãe trabalhava. Ou com a Fiona que levantava o canto do edredão e me deixava dormir com ela se tivesse um pesadelo.

Contudo, a Fiona diante de mim entrou na minha casa, arrombou a porta do meu escritório, bisbilhotou os meus pertences... Para quê?

O meu pensamento revive os acontecimentos das últimas semanas, remoendo nos pormenores incómodos que senti dentro de casa, a paranoia e as dúvidas que se acenderam em mim.

– Trancaste-me ali dentro. Não foi imaginação minha. Tinhas a chave.

Fiona fita-me nos olhos.

– Sim.

– Porquê?

– O Bill apareceu na tua casa para te ajudar a deslocar a cama.

Certo.

– Antes de ir, tomou banho, vestiu uma camisa lavada e pôs *aftershave* na cara. Tive de ver o meu marido arranjar-se como se fosse ter com uma namorada. Só que ia encontrar-se contigo.

Do lado de fora do escritório, o vento fustiga a água e sulca a falésia.

– Já sei há meses – indica Fiona.

– O quê?

– Que ele tem uma queda por ti. Oh, é tão óbvio; a forma como fica por perto quando apareces, ou como está sempre atento quando apareces. É claro que tenta esconder, tenta não olhar para ti mais tempo do que o necessário, mas é mais forte do que ele. Encontrei-o a assistir a uma das tuas sessões do Facebook Live há semanas e ele ficou vermelho como um pimentão, como se o apanhasse a ver pornografia.

– Fiona...

Ela levanta um dedo para me calar.

– O Bill contou-me o que aconteceu na tua sala – inspira. – Naquela noite, queria falar contigo. Não sabia o quê. Bati à porta mas não atendeste. Pelas luzes acesas, sabia que estarias a trabalhar no escritório com os auscultadores postos, portanto abri a porta – diz.

Arrepios percorrem os meus braços.

– Subi as escadas, e aqui estavas tu, absorta no novo romance sem qualquer suspeita do que me tinhas causado. Fiquei tão furiosa e magoada que fechei a porta. Virei a chave. Não tinha qualquer plano. Nem grande ideia. – Dá, então, uma gargalhada curta e amarga. – Mas claro, quando tentaste sair, não conseguiste e, portanto, ligaste-me.

Afinal, Fiona encontrava-se na minha casa. Recordo que ouvi a sirene da polícia, o pisar dos pneus no cascalho – mas percebo agora que só ouvi o aparecimento de um veículo. O carro de Fiona já devia estar no acesso.

Fito a minha irmã, totalmente perplexa.

– Trancaste-me, mas antes de a polícia aparecer, destrancaste a porta.

Os meus pensamentos aceleram, tropeçam e recuperam na pressa de unirem as pontas soltas.

– Tudo o que acontecia dentro de casa... as palavras riscadas no meu romance, o pisa-papéis partido... julguei que enlouquecia, que imaginava coisas. O texto do Facebook que te enviei como SMS... aquilo... foste tu...

Fiona suspira de impaciência.

– Fazes ideia da agonia que é ler a porcaria que ali escreves? As imagens com filtro da casa, as *selfies* desfocadas, as legendas sobre o quanto escreveste e a tua paisagem que te inspira. E não esqueçamos as dicas de escrita do Facebook Live. – Ela imita a minha voz na perfeição: – «Nunca

me sinto habilitada para dar conselhos...» *mas tomem lá carradas desta treta*. Espanta-me que milhares de pessoas queiram assistir. Que possas sentar-te aqui, no teu escritório de vidro, e te ponhas a tagarelar, dando às pessoas, escritores a sério, que escrevem no duro sem adiantamentos com seis Algarismos e contratos internacionais, o teu conselho. Que grande anedota!

Ela atira um dedo contra o meu peito.

– Eu ouvi, Elle. Todas as sessões. Fixei um conselho. – Para por um segundo. – «Muda a lente. Ajusta o ângulo dessa lente para revelar, ou expor, as verdadeiras personalidades das personagens.» – Encara-me nos olhos. – Conselho inteligente.

A amargura de Fiona é tão inclemente que recuo novo passo.

– Como descobriste a minha palavra-passe?

– Pelo teu disco rígido – responde, inclinando a cabeça para a caixa em que guardo os objetos eletrónicos.

Subitamente entendo como o terá feito. O disco rígido contém todas as minhas palavras-passe, incluindo os pormenores da minha conta na *cloud*, da minha página do Facebook, e as credenciais dos meus *e-mails*. Com uma sensação de pavor, percebo que terá dado a Fiona acesso a absolutamente tudo.

Há trinta e três anos que a conheço. Corríamos juntas para as lojas para escolhermos as gomas. A forma como, nos restaurantes, corrige o pedido no último instante. O seu ar de menina quando nada, com a cabeça a saltitar à superfície.

Uma parte do meu cérebro revolta-se, dizendo, *Esta não é a tua irmã!* Mas é, infelizmente. A jornalista implacável. A sua capacidade de pôr a emoção de parte e concentrar-se na tarefa que tem em mãos. A determinação em ter êxito e vencer.

A situação começa a adquirir contornos mais nítidos. Os meus dedos apertam-se e esticam-se com a descoberta de que foi a Fiona quem montou a emissão do Facebook Live no meu escritório vazio, com a tampa do baú aberta. Uma mensagem, um prelúdio de acontecimentos vindouros. Malvadez criativa. Deve tê-lo feito antes de aparecer no clube de leitura.

– Meu Deus – exclamo, compreendendo por fim. – A traça morta. – Imagino-a no vestíbulo, a examinar o inseto. – Foste tu quem a espetou no meu casaco.

– Sim – confessa, com o olhar negro, uma expressão tão impassível como nunca, uma perfeita máscara.

– Onde o broche da mãe costumava estar.

– Não te recordas, pois não? A mãe comprou o broche quando publicou o seu primeiro conto. Nunca comprava nada para si própria. Todo o dinheiro era gasto em nós, em sapatos novos ou nas malas que os outros miúdos usavam. Ficou tão feliz que ofereceu uma prenda a si mesma. Perguntei-lhe por que escolheu o gavião de prata, e ela respondeu que, quando escrevia, era como se voasse. – Os lábios cospem as palavras que me dirige: – Não merecias usá-lo.

– Então tiraste-o.

– Sim.

– Mas não te limitaste a isso – digo, com a voz mais alta, garganta a pulsar de raiva. – Espetaste uma traça morta em sua substituição! É mesmo uma coisa... mesquinha.

A luz reflete a curva do pisa-papéis na secretária. Pego nele, virando o vidro frio na mão, sentindo a fenda que o atravessa.

– E isto... – comento.

Tinha contado a Fiona a respeito do meu receio de que tivessem entrado no escritório, partido o pisa-papéis. Rira-se com desprezo. *Está tudo na tua cabeça.*

Mas não estava.

– ... foste tu quem o partiu. – Aperto o pisa-papéis com mais força, ao recordar o bocado em falta que foi parar ao meu quarto. Não levado por acaso na sola do sapato, mas enfiada propositadamente na malha do tapete, diante do espelho. – Colocaste o estilhaço no preciso lugar em que sabias que eu me poria.

– Sim. – A resposta é apresentada com firmeza e sem desculpas.

A violência passiva do ato, a mera crueldade do plano, a ameaça implícita...

O ar do escritório torna-se impossivelmente denso, difícil de respirar. O mundo rodopia, desaba. A minha irmã quis fazer-me mal, magoar-me de propósito. E repetidamente...

O peso do globo de vidro nas minhas mãos, o meu polegar enfiado na fenda.

As trevas dentro dela sobem à superfície, o ódio que noto refletido em mim.

O meu braço recua, com os tendões retesados.

Ela repara no pisa-papéis, no ângulo do pulso. Vejo as sobrancelhas subirem de espanto mesmo quando tenta desviar-se, braços levantados para proteger a cara.

Lanço o pisa-papéis com força – mas no instante em que abandona os meus dedos, rodo.

A parede de vidro desfaz-se. Um pingente perfeito de fragmentos estilhaçados mantêm-se unidos, como se colados numa teia de aranha.

Segue-se o silêncio. Enche o quarto, a ponto de só a brisa marítima entrar pela parede de vidro arruinada, contorcendo-se entre as pequenas aberturas.

A voz de Fiona surge num tom mais baixo do que anteriormente:

– Ias atirá-lo contra mim.

Penso nas horas que perdi neste quarto, tentando escrever um romance que expie aquele que roubei à minha mãe, as palavras que aperfeiçoei, reneguei e reescrevi.

– O meu manuscrito? Apagaste-o? – pergunto, embora conheça a resposta. Fiona vasculhou os meus ficheiros, os meus *e-mails*, a minha conta da *cloud*. Esperou até chegar a véspera do meu prazo para garantir que me arruinava o contrato do livro.

– Todas as cópias.

Ranjo os dentes, a pressão cresce no meu maxilar. Inclino a cabeça para trás e abro a boca, soltando um gemido.

– O que queres? – Atravesso o quarto, pegando no manuscrito da minha mãe. – Estás a guardar isto como um plano de reserva? Pretendes mostrar à imprensa, expor-me publicamente para que vejam que sou uma fraude? Ou o que queres é outra coisa? Dinheiro? Vingança? O que é, Fiona?

– Olha para o envelope.

Debaixo do manuscrito retiro um envelope grande, viro-o para mim. Está endereçado a Janey Riley, a minha editora.

– O que quero – diz Fiona – é que tu lho envies.

Cerro os olhos com força, imaginando como decorrerá. Todos os exemplares à venda do meu livro terão de ser retirados. Irei a tribunal. Ficarei arruinada financeiramente. Jamais conseguirei publicar novamente. Todos os meus conhecidos ficarão a saber.

– Acreditas que esta é a vida que escolhi para mim? – digo, abrindo os olhos, encarando a minha irmã. – Queria escrever, mas não desta forma. O que queria era uma casa, filhos, uma família.

– Fizeste muitas escolhas. Contaste muitas mentiras. Viveste e perpetuaste um erro que nos afetou a todos. Não tentes reescrever a história para te tornares a vítima.

– Se preferes acreditar nessa versão, é contigo; convence-te de que todas as ações foram planeadas e calculadas. Mas parece-me que sabes bem que não fiz nada disso. – Faço uma pausa, encarando-a fixamente. – Isso foi o que *tu* fizeste, Fiona.

Aperto o manuscrito contra ao peito. As páginas escritas à mão contêm horas infindáveis dos pensamentos da nossa mãe, dos momentos em que parava para pensar, a ponta da caneta pousada no papel, nos locais em que a tinta se entranhou na superfície fibrosa.

Quando comecei a passar a história para o computador, tencionava fazer alterações – torná-la em parte minha – mas foi impossível. A voz era tão marcante, todas as palavras raras e devidamente escolhidas, contidas mas envolventes. A história, como era, estava completa. O manuscrito tornou-se o mais importante objeto da minha coleção – mostrava o brilho, o talento e a empatia da nossa mãe.

Mas era também aquilo que jamais devia ter guardado.

Elle

Fiona estende a mão.

– Dá-me isso.

Não me mexo.

As sobrancelhas de Fiona arqueiam-se vincadamente, como se dissesse, *Já*.

Virando as costas à minha irmã, abro a gaveta da secretária e procuro no interior. Sei que se encontra ali. Os meus dedos tocam no invólucro de plástico e encosto-o ao fundo do manuscrito, rodando o acendedor com o polegar.

Uma chama azul de contornos amarelados irrompe do isqueiro, que seguro sem tremer. Bastam poucos segundos...

O papel pega fogo, os cantos inferiores do manuscrito começam a enrolar-se, a escurecerem. As chamas sobem, engolindo palavras, frases, parágrafos. O caixote de metal encontra-se sob a secretária; só preciso de mais uns segundos para as chamas ganharem terreno.

Espero que a minha irmã se lance contra mim. Que peça para parar. Mas não reage.

– Deves pensar que só tinha essa cópia!

Claro que teria feito mais cópias! Tudo seria planeado ao pormenor. Nada deixado ao acaso. Subitamente, as chamas queimam-me os dedos – e solto um berro, largando o manuscrito.

As páginas a arder levantam-se no ar como asas em chamas. Observo, transfigurada, a sua dança no ar, caindo aos poucos.

Ao pousarem no soalho, o quarto parece arder.

Atuo de imediato, pisando as chamas. O calor queima-me os tornozelos, quando faço descer as solas dos sapatos sobre as páginas.

Apago uma folha e passo para a seguinte, forçando os calcanhares contra o chão – mas quando uma chama é sufocada, outra parece nascer.

Existe um extintor na cozinha. Posso descer e voltar em menos de um minuto. Corro para a porta – mas paro. Atrás de mim, Fiona começou a gritar.

Viro-me. A bainha do casaco dela pegou fogo. As chamas consomem o material sintético e começam a subir. Ela tenta libertar os braços com movimentos assustados e frenéticos, olhos esbugalhados de pavor. Corro para a ajudar, retiro-lhe o casaco, e deixo cair o material em chamas.

Piso o casaco dela de uma ponta à outra, e o tecido fica a largar fumo, que me faz tossir.

– Estás bem? – pergunto sem fôlego.

Fiona não responde, o rosto está vincado do choque. Pelo canto do olho, noto que uma página do manuscrito incendiou a base da minha cadeira de leitura.

Pego no jarro de água que tenho na secretária – apenas sobra o suficiente para um copo – e despejo-o no material, o qual chia, apagando de imediato as chamas. Solta uma nuvenzinha de fumo, desperta uma labareda resistente que sufoco com a sola do sapato.

Pouso o jarro e recupero o fôlego.

– Elle...

No reflexo da parede de vidro, deparo-me com a imagem de Fiona, levando as mãos à cara. Viro-me.

– Que foi?

É quando vejo.

No canto do quarto, junto à porta, algo arde. No início não entendo. Mas ao focar a vista, descubro as chamas a lamberem a minha estante. O fogo alastrou pela prateleira inferior, onde ardem abundantemente livros de bolso, mapas e livros de viagem.

– Meu Deus... – solto. A estante começa a arder.

Viro-me e reparo que o fogo alastrou para o baú de carvalho. Chamas azuis e vermelhas consomem, implacáveis, os álbuns de fotografias, soltando um fumo acre.

– Não – berro, correndo para o baú, ajoelhando-me, tentando salvar um álbum. Mas o calor obriga-me a recuar. Levanto-me, trôpega, assistindo impotente à destruição do fogo: o monte de cartões de Flynn, as fotos da mãe, os meus diários e apontamentos. Tudo arde em segundos. O quarto está pejado de sons incontrolláveis, a madeira que expande e estala, o rugir das chamas.

– Temos de sair daqui! – berra Fiona, agarrando-me o pulso e afastando-me.

Uma nuvem de fumo quente e negro sobe para o teto. Queima-me as narinas.

Instintivamente, puxo a camisola para tapar a boca. Aproximamo-nos da porta mas o calor infernal faz-nos mudar de ideias. As chamas já consumiram a ombreira e formam um anel de fogo letal.

O fumo negro acumula-se no teto, enegrecendo-o.

Baixamo-nos. Fiona berra:

– O que fazemos agora?

Rodo sobre mim mesma, tentando pensar. Observo o painel estilhaçado da parede de vidro – e percebo qual é a nossa única opção.

– Ajuda-me – grito, pegando na cadeira da secretária, feita de madeira maciça com pernas sólidas.

Arrastamo-la contra a parede, e posicionamo-la de modo a apontar as pernas contra o vidro.

– À contagem de três – berro.

Atiramos a cadeira contra o vidro. Uma perna atravessa o vidro fragilizado, e expande o buraco.

Investimos contra o vidro uma segunda vez, e uma terceira, até conseguir retirar o resto aos pontapés, fragmentos caindo nas minhas calças de ganga.

Já sinto o sabor do ar salgado – mas ajuda a atirar as chamas quando entra no quarto, e o calor e o fumo são puxados para a parede de vidro.

– Temos de saltar – grito.

Olho para baixo e vejo a varanda do quarto. Acompanha o escritório mas com um intervalo de um metro. Temos de saltar a direito, para o alcançar sem cairmos na escarpa lá em baixo.

– Não sou capaz! – berra Fiona.

Agarro-lhe a mão, puxando-a para a berma, pisando o vidro partido.

– Quando eu disser, temos de saltar! Com toda a força que conseguires, está bem?

Fiona não responde. Tem os olhos vidrados de medo.

Ajudo-a a colocar-se na berma da parede de vidro, mas é uma posição incómoda: ficamos semiagachadas contra o vidro partido, rodeadas pelo fumo. Sustenho-me na estrutura metálica, mas queima-me a mão.

Já não há tempo – temos de saltar.

– Pronta?

Agarro com força na mão dela.

– Um... dois... três!

No instante em que os meus pés saltam da estrutura, a mão de Fiona larga a minha. A noite insurge-se contra mim. Lanço um grito. E atrás de mim, solta-se outro.

Sozinha, tombo nas trevas, com o escritório a arder nas minhas costas.

Aterro mal, sem ar nos meus pulmões.

Demoro segundos a recuperar, a sentir novamente o ar no peito. Consigo pôr-me de pé, atordoada, passo a mão pelo cabelo à procura de sangue.

Olho para cima, e, só vejo as chamas inclementes. Consomem já o meu quarto, engolindo o cadeirão, a estante. Não encontro a minha irmã...

Fiona!

Terá saltado – e falhado o alvo?

Por favor, não...

Então, lentamente, a vista começa a focar-se. Distingo uma figura agachada na ponta da parede de vidro desfeita, braços por cima da cabeça. As labaredas aproximam-se pelas suas costas, soltando uma nuvem de fumo pela noite dentro.

– Tens de saltar!

Fiona não mostra ter-me ouvido.

– Por favor, Fiona! Já!

Uma rajada de vento ergue-se do mar, subindo pela falésia e entrando pela janela estilhaçada e atijando as chamas.

Fiona grita, sentindo-se arder.

Acontece demasiado depressa. De súbito, Fiona levanta-se, e pula para o vazio.

Percebo imediatamente que o fez mal. O ângulo do corpo está demasiado pronunciado, os braços agitam-se no ar. Devia ter saltado com mais força. Mais para a frente.

Ela cai para noite, com o cabelo esticado, olhos esbugalhados, aterrorizada.

Pernas a pedalar no ar...

Cai, tenta agarrar-se – mas o pé bate no corrimão da varanda e fica preso. Fiona cai para a frente e embate no chão da varanda – de joelhos – com um agonizante som de ossos a embaterem na madeira.

Solta um grito lancinante.

Está tombada na varanda, cabeça de lado, rosto branco ao luar. Corro para ela e encontro sangue nos lábios e os olhos brancos, revirados para dentro.

– Fiona!

Geme, um lamento profundo que se desprende da garganta.

Olho por cima do ombro, para o quarto. Pela porta aberta, vejo o fumo no patamar, a cobrir as escadas. Temos de sair dali. Passo o braço em volta de Fiona, tentando levantá-la – mas ela grita, com as pernas incapazes de susterm o peso dela. Volto a deitá-la para recuperar o fôlego. Por cima de nós, uma peça de material em chamas tomba do escritório. Bate na ponta da varanda e enche-nos de cinzas. Sacudo-as freneticamente. Não temos tempo a perder. Preciso de tirar Fiona dali.

Envolvo-a pelo peito e recorro à energia que me resta para a arrastar para trás, tirando-a da varanda, em direção ao quarto. Os braços e as costas protestam do esforço, mas cerro os dentes e continuo a arrastá-la até entrarmos no corredor.

Paro por um segundo para recuperar o fôlego, mas o fumo é demasiado espesso e pesado. Engasgo-me, tusso. Sinto o calor infernal do piso superior a penetrar pelas portas, a percorrer as aberturas invisíveis da estrutura da casa, a entrar nas paredes interiores.

Agarrando Fiona com força, transporto-a pelas escadas, recorrendo ao ímpeto da descida. Em cada impacto nos degraus, espero ouvi-la gritar, mas não solta som algum.

Por fim, alcançamos o piso térreo. Paro apenas para pegar no telemóvel em cima da escrivaninha, escancaro a porta de entrada e com um esforço

final, puxo Fiona pela ombreira, para o acesso encantadoramente frio.

Ligo para o 112, e descrevo a situação ao mesmo tempo que tento sentir a pulsação no pescoço de Fiona. Está fraco mas encontro-o. O meu casaco continua caído nos degraus. Pego nele, deito-o sobre a minha irmã. Fico de cócoras a seu lado, à espera da sirene da ambulância, da luz intermitente azulada banhar o acesso escuro.

Além da dança das chamas, o vento marítimo contorce-se, puxa, e as ondas gerem e ecoam contra a falésia. Aconchego o casaco em volta dos ombros de Fiona.

A minha irmã jaz imóvel no chão, e a pele dela apresenta um tom pálido assustador.

Fecho os olhos, desejando que a ambulância se apresse. Ao fundo, no mar, as ondas inclementes continuam a investir.

Penso no sonho da minha mãe: um lugar para escrever com vista para o mar.

O sonho dela.

O meu sonho.

O sonho da minha irmã.

Abrindo os olhos, reparo na traça morta encostada ao pescoço de Fiona, e, mais além, o meu escritório vermelho do fogo.

Epílogo

Um ano mais tarde

Ouç o ranger da caixa de correio. Um objeto está a ser enfiado pela boca de metal. Segue-se o baque surdo do envelope a cair no tapete, seguido do queixume metálico das dobradiças quando a lingueta se fecha.

Flynn continua a história. Fala-me do engenheiro florestal que se encontra a ensinar enquanto enche uma garrafa com água da torneira. Enfia-a na mochila, juntamente com uma maçã e um pacote de biscoitos.

Inclina-se para me dar um beijo. Os nossos lábios encontram-se. Sinto a energia que se transmite entre nós. Não esqueceremos a nossa separação – quase nos perdemos um ao outro de vez. Pego-lhe no decote da *t-shirt* e puxo-o para baixo, com o algodão preso no calor das minhas mãos.

Contei tudo a Flynn – todos os pormenores difíceis. Demorará o seu tempo, mas aos poucos vamos lidando com a circunstância, contornando o centro complicado, esperando que possamos remendar o nosso relacionamento.

Ouç-o calçar as botas de trabalho e batê-las no chão, o chocalhar das chaves quando as tira do parapeito da janela, a porta que se abre.

– Encomenda para ti – anuncia, antes de fechar a porta.

Foi-se, então, desapareceu no traço azul da manhã.

Espreitando pela janela, contemplo o dia que se avizinha. Vejo o mar, ao fundo, depois do terreno cultivado. Ilha Norte, Nova Zelândia, o lugar que

escolhemos para viver. Iremos mudar para outro sítio, um dia, mas para já, sinto-me feliz, mais do que me sentia há muito tempo. Escrevo, nado, adormeço ao lado de Flynn.

Revejo, como habitualmente faço, a noite do incêndio. Esforço-me para a ter presente, e não a relegar para um canto onde infetaria o meu espírito. Portanto, penso nela, discuto-a com Flynn.

Será que Fiona também faz o mesmo?

Ela, Bill e Drake continuam na Cornualha. Não nos falamos, mas soube por terceiros que está a recuperar. Partiu as pernas ao saltar do meu escritório. Ainda consigo ouvi-la, o grito de agonia, o som terrível dos ossos a desfazerem-se.

Fiquei sem a casa no cimo da falésia. Vendi-a a um comprador rico de Londres que, soube, reconstruiu o escritório destruído para montar um ginásio. Afinal, não sinto saudades dela. Talvez seja um indicador fiável de que não estava destinada para mim.

Depois do incêndio, a editora falou comigo. Percebeu que o romance fora destruído pelo fogo, embora ficasse espantada por não ter uma cópia de segurança num servidor remoto algures. Como é que podia explicar a situação? Talvez pudesse ter suplicado e pedido novo adiamento, uma hipótese para reescrever o livro. Mas não o fiz. A história pertence a um tempo, a uma parte da minha vida, e tenho de deixá-la ir.

Assim, comecei um novo romance. Sementes de ideias soltas, e não algo que se tornou ainda uma narrativa completa. Mas estou a esforçar-me e a aprender, e lá chegarei. Gosto de escrever sem um contrato de edição, sem prazos. A pressão desapareceu, e sinto-me desinibida e livre para criar.

Já não uso a secretária: sento-me de pernas cruzadas no chão da sala, ou numa mesa de café ou encostada à casca solta de um eucalipto. Não me interessa onde esteja. Escrever é como meditar, uma forma de abrir caminho pela página e por mim mesma.

Decidindo que me dedicarei ao jardim nesta manhã, passo pelo corredor quando me ocorre a lembrança do pacote no tapete. Não recebemos muito correio nesta zona – só algumas pessoas conhecem o meu endereço.

Dobro-me para pegar no envelope almofadado, sentindo o peso e a sua forma familiares: um livro. Umas provas para ler, é o mais certo. O carimbo do correio é britânico. O meu agente continua a enviar livros, com uma frequência decrescente. Rasgo a embalagem e procuro a carta escrita do

editor mas não encontro. Estranho. Tiro o livro e examino a capa. Um exemplar publicado pela HarperCollins.

A capa é perturbadora. Tons cinzentos e brancos, mostrando uma escadaria vazia atravessando o centro de uma casa. Só quando vejo com mais atenção é que reparo na sombra de uma figura no extremo da escadaria. A observar. À espera.

O medo começa a nascer em mim.

O nome do autor está embebido na margem escura da imagem.

O meu coração dá um pulo e depois acelera; a minha respiração fica mais rápida.

Não pode ser.

As letras ondulam e tremem, brilham difusamente com o calor do meu choque. Hesito ao abrir a capa. Tenho as pontas dos dedos húmidas ao segurarem no livro, enterrando-se no papel.

Começando a ler, sinto uma sensação de repetição – uma familiaridade fugaz, uma realidade ligeiramente distorcida, como se mantida à distância ou vista por uma lente embaciada.

As palavras têm um ritmo que reconheço. O meu olhar percorre as frases, os parágrafos, as páginas. Nem pestanejo. Descubro que as pernas me conduziram para o quarto, e me fizeram sentar na ponta da cama. A minha concentração está focada apenas no que leio.

É a história de uma mulher que vive numa casa no cimo da falésia. Uma mulher cujo primeiro romance não lhe pertencia. Uma mulher que existiu na sua própria ficção durante anos por causa de um acontecimento inesperado no gabinete do professor de literatura inglesa que mudou a sua forma de ser, do que acreditava e do que devia ser omissos. Essa história – a que escrevi – encontra-se nestas páginas.

Enquanto leio com a cabeça inclinada, a história desenrola-se perante mim. Recordo cada uma das palavras que escrevi. Quase sinto a firmeza da minha secretária debaixo dos braços, o soalho de madeira contra os pés. Passei horas no escritório, tentando criar algo inolvidável, um romance que ombreasse com o manuscrito da minha mãe, um romance para me absolver.

É a minha história, o romance que tinha sido apagado.

Mas Fiona terá guardado uma cópia.

Não se trata apenas da história sobre Luke Linden. Misturado com o manuscrito apagado encontra-se uma segunda narrativa – que não escrevi –

mas que vivi.

Encontra-se tudo aqui dentro. A descoberta do pedaço de vidro do pisa-papéis partido; a palavra *Mentirosa* gravada na perna da secretária; o passeio na praia com o miúdo da barba feita de espuma do mar; a forma como a costa da Cornualha apresenta uma peculiar qualidade de luz ao início da manhã.

Lembro-me de Bill dizer que Fiona estava ocupada com um projeto novo – muito depois de ter concluído o texto do panfleto. Percebo que o livro que tenho entre mãos era o projeto de Fiona. Esperou pacientemente, desenvolveu a narrativa, estruturou o enredo, aguardou – com o instinto jornalístico – pela conclusão da história.

Fiona sempre teve a capacidade de ver mais além, uma mestre do xadrez com cada jogada planeada. Claro que um autor só controla parte de uma história: faz ideia do arco e do seu rumo – mas há um ponto no qual tem de permitir que as personagens tomem as rédeas e controlem o que acontece. Quando as personagens começam a existir, a respirar.

Fiona esperou. Observou.

A história neste livro descreve-nos às duas. Alterou os nomes e os pormenores, os locais são fictícios – mas a nossa verdade encontra-se aqui.

Pergunto-me em que momento Fiona terá decidido usar partes do meu manuscrito para misturar no seu? Teria apelado ao seu sentido de justiça inclemente: tirar as minhas palavras e intitulá-las suas.

Olho por olho.

Sinto o eco, o apelo que teria atraído Fiona, por ser perfeito, simbólico e vingativo.

Afinal, a quem pertence a história? À pessoa que a conta? A quem se refere?

Ou a todas elas?

Ao ler a última página, volto ao início, procurando um postal ou uma mensagem da minha irmã.

Não encontro nada.

Olho para a janela, o dia quase consumido, e sou acometida por uma sensação de paz interior. Esta história resulta de uma tecedura de momentos – meus, da minha irmã, da nossa mãe. Uma história sobre escolhas e erros,

verdade e ficção, anseios e fracassos – e toda a demais parafernália que a vida nos dá e nos retira, como as ondas que embatem no mar e logo recuam.

As minhas palavras não foram apagadas nem perdidas. Estas páginas repletas de verdade foram postas em liberdade – tal como as da minha mãe – e poderão voar na imaginação de outra pessoa.

O crepúsculo escurece e levo a mão ao candeeiro. A luz banha as páginas do livro – e é quando reparo na dedicatória.

Ao ver as quatro palavras que enquadram o romance, pergunto-me se foram escritas com veneno, a investida final de Fiona, talvez uma despedida?

Mas espero que, talvez, ao passar as pontas dos dedos por elas, tenham sido motivadas por uma emoção mais profunda.

A compreensão.

Para a minha irmã.

Agradecimentos

Agradeço à minha editora, Kim Young, que ouviu a ideia para esta história quando não passava de uma sugestão num telefonema, e me disse: «Estou toda arrepiada.» Kim e a brilhante Charlotte Brabin, com quem trabalho em todos os rascunhos, colocam perguntas, encorajam-me a aprofundar, a explorar mais. O livro está muito melhor por vossa causa.

Tenho a sorte de possuir a agente literária mais fabulosa, Judith Murray, bem como a equipa da Greene & Heaton. Trabalho com a Judith desde que pus os pés nesta vida de autora, e os conselhos, a amizade e o apoio que me tem dado são indispensáveis. Um igual agradecimento a Kate Rizzo por tratar dos meus direitos internacionais – e providenciar ideias e opiniões pensadas ao ler o manuscrito deste livro, e muitos anteriores a este.

Obrigada às minhas leitoras antecipadas – Faye Buchan, Becki Hunter, Laura Crossley, Maria Evans e Rachel Trotter. As vossas opiniões foram imprescindíveis para moldar a história.

Um grande agradecimento para VOCÊS, leitores, por me animarem e recomendarem e partilharem os meus livros. A sério, é o vosso entusiasmo que me faz querer continuar.

Obrigada aos meus pais e sogros pelo apoio prestado enquanto escrevia. E quando o prazo se aproximava velozmente, com os níveis de stresse elevados, eles só perguntavam: «Podemos ajudar?»

O meu marido James é a minha linha da frente em todos os aspetos. Sempre disponível para discutir ou debater ideias, ele conhece todos os recantos dos livros que escrevi. Também é por causa dele que consigo escrever e ser mãe – dádiva pela qual sempre estarei grata.

Por fim, aos meus filhos, Tommy e Darcy. Obrigada pelas interrupções a meio da cena para um abraço, por todo o barulho e todo o caos e todas as cores. São vocês as minhas melhores criações.